ALEXANDRE BRAGHINE

O ENIGMA DA ATLÂNTIDA

PONGETTI

16-7-2001

O ENIGMA DA ATLÂNTIDA

TÍTULO DO ORIGINAL:
THE SHADOW OF ATLANTIS

Copyright by RIDER & C.º — London.

Todos os direitos de reprodução para a língua portuguêsa reservados a Irmãos Pongetti editôres. Rio de Janeiro.

Cel. ALEXANDRE BRAGHINE

O ENIGMA DA ATLÂNTIDA

Tradução de
MARINA BASTIAN PINTO

Segunda Edição

Irmãos PONGETTI editôres
RIO DE JANEIRO
1959

PREFÁCIO

A técnica do trabalho histórico, que parecia estar fixada definitivamente há cêrca de um século, acha-se aparentemente em via de passar por uma transformação radical. A história e a arqueologia apóiam-se atualmente em ciências que até então só tinham poucas relações com aquelas: a antropologia, a etnografia, a toponímia e até a paleontologia contribuem diàriamente com um contingente de subsídios, que alteram radicalmente a idéia preconcebida durante muito tempo acêrca da existência da humanidade primitiva. Concomitantemente as descobertas arqueológicas tornam-se cada dia mais numerosas; cidades inteiras são despojadas de altas camadas de lama e de escombros, que há milênios as ocultavam aos nossos olhares; epigrafistas logram decifrar inscrições redigidas em caracteres não mais empregados há tempos imemoriais, enquanto que lingüistas diligenciam por encontrar as ligações entre as línguas mortas, e destas com as vivas. As investigações dos eruditos chegaram por esta forma a recuar de milhares de anos as épocas que outrora se atribuíam aos primitivos inícios da história e da civilização. Certos períodos da vida humana, classificados dantes na pré-história, passaram a pertencer à história pròpriamente dita.

Se me fôsse permitido empregar uma metáfora poética, eu desejaria comparar a humanidade atual com um adolescente que procura desvendar o mistério de sua origem, através do véu nebuloso de suas recordações infantis. E' assim que o mundo dêste século aplica tôda a sua inteligência com o fim de formar idéia das suas longínquas origens, procurando reviver tudo aquilo que tinha olvidado do seu passado, no decorrer dos seus primeiros anos. Ora, certas imagens confusas dêsse passado ainda subsistem na consciência coletiva das massas populares... E' o que denominamos mitos ou lendas. Mas acontece que, inopinadamente,

uma descoberta arqueológica, o encontro inesperado de um objeto, a decifração de uma inscrição qualquer, vêm confirmar a exatidão do conto que era tido como fabuloso; o mito reveste-se de uma substância real e o acontecimento histórico se manifesta sob a lenda.

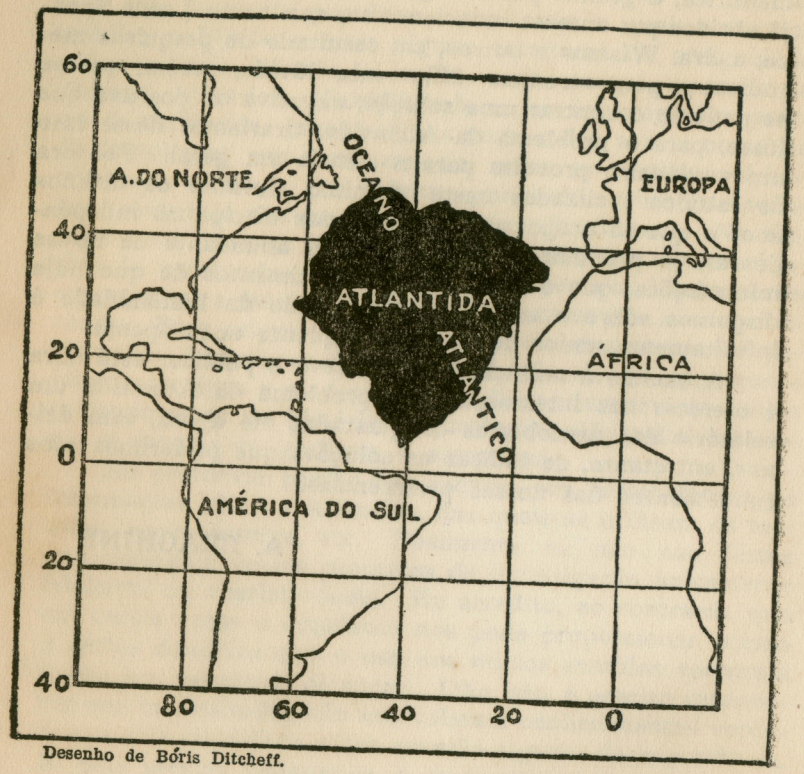
Os últimos cem anos assistiram ao despertar de uma ansiosa curiosidade pelo misterioso continente — ou ilha que seja — muito populosa e civilizada, a qual, a darmos crédito a Platão e mais alguns escritores da antiguidade clássica, teria existido há muito, muito tempo, no meio do Oceano Atlântico. Multiplicando-se as investigações acêrca da Atlântida, passou-se a compreender sob o nome de "atlantologia" um ramo especial entre os estudos pré-históricos; e a relação dos volumes publicados sôbre êste sedutor assunto já contém vinte e cinco mil números. Na Europa e na América foram fundadas sociedades com o objetivo de aprofundar êstes problemas e revistas inteiramente consagradas a êsse palpitante assunto começam a ser publicadas. Para orientar-se em meio dessa abundância de publicações é indispensável servir-se não só de numerosos idiomas antigos e modernos, mas dispor também de vastos conhecimentos de história, arqueologia, etnografia, mitologia e mesmo de geologia e astronomia.

Eu preferiria passar em silêncio por certas fontes de informações sôbre a Atlântida, das quais se utilizam os teósofos, antropóssofos, etc. Realmente, eu não sou dêsses que enxergam nesses processos de investigação ùnicamente frioleiras ou charlatanismo. Eu acredito, ao contrário, que em certos casos o ocultismo nos pode proporcionar acesso a certos domínios que o uso dos nossos sentidos corporais nunca nos permitiria alcançar. Dito isto, é preciso reconhecer que tais métodos não nos valeram conhecimentos verdadeiramente científicos sôbre questão alguma de importância. E' pois preciso resignar-se a confessar que o ocultismo é de todo incapaz de nos ministrar informações sôbre sucessos que se passaram há milhares de anos...

Assim também, não me decido a ligar a mínima importância às informações oriundas das "Lojas Brancas" ou de clarividentes, sonâmbulos extralúcidos etc. A nosso ver os trabalhos de H. P. Blavatsky, de Scott Elliot, Leadbeater e mais alguns dos seus confrades, não passam de efeitos de imaginação, mais ou menos bem sucedidos, mas que não contêm informação verificável pelos processos científicos. Minhas teorias são fundadas exclusivamente em fatos precisos que se podem todavia interpretar ou comparar e aproximar, enquanto não deixem de ser plausíveis. Em todo o caso não se pode deixar de lamentar que êsses fantasistas e romancistas, ocupando-se com demasiada solicitude da Atlântida tenham afastado muitos estudiosos conscientes, envolvendo êste magnífico assunto em uma atmosfera de ficção. Desorientado entre a literatura de imaginação e a científica, o grande público ignora o alcance dos resultados já obtidos por autores conscienciosos tais como Lewis Spence, a Sra. Wishaw e outros, em resultado de pesquisas metódicas e perseverantes. Não resta dúvida, porém, que se se pudesse encontrar uma solução, negativa ou positiva que fôsse, para o problema da Atlântida, tiraríamos dêsse fato um verdadeiro proveito para a ciência em geral. Por ora os estudos realizados neste domínio durante os últimos anos e que se ocuparam de numerosas disciplinas independentes, já produziram uma safra tão abundante de novas informações, que o total dos conhecimentos de que hoje dispomos sôbre o mais remoto passado da humanidade é infinitamente maior do que há cinqüenta anos apenas.

A exclusiva ambição que nos leva a publicar esta obra é oferecer aos interessados no problema da Atlântida um relatório das descobertas conquistadas até agora, sem deixar, entretanto, de indicar as soluções que preferimos e os fundamentos das nossas preferências.

A. BRAGHINE



Desenho de Bóris Ditcheff.

Disse-me um viajante vindo de uma terra antiga:

"Duas enormes pernas de pedra, separadas do corpo a que pertenceram, ainda se encontram de pé no deserto. Bem a seu lado, meio enterrada na areia jaz uma cabeça humana, que pelo olhar suspeitoso, altivo e desdenhoso, atesta que o artista que a esculpiu soube reproduzir as paixões que animavam o seu modêlo e que ainda subsistem nos fragmentos inanimados. No pedestal ainda se pode ler:

"Meu nome é Ozimândias: Eu sou o rei dos reis."

"Por mais poderosos que fordes, se pensais "no que eu realizei, haveis de estremecer."

E nada mais... Em tôrno dêstes formidáveis destroços, o deserto de areia se estende, despido e monótono, a perder de vista."

Shelley

CAPÍTULO I

Os diálogos de Platão. Hipóteses acêrca da Atlântida manifestadas durante a Idade Média e nos tempos modernos. A civilização atlanteana. A África do Norte. Antigas civilizações da América e do Mar Mediterrâneo. O que sabemos da ação dos atlantes. Ideogramas e hieróglifos. O Códex Troano e a pirâmide de Xoxicalco. Os iniciadores da América. Quetzal-Coatl. O culto de Tlaloc. Manco-Capac. Bochica. A civilização dos Chibchas. Alusões à Atlântida. O Códex Popul-Vu. As tradições venezuelanas. Os negros da América pré-histórica. A misteriosa tribo dos Saramacas. Os documentos indus. O relato de Timágenes sôbre os gauleses. O Livro dos Mortos. O testemunho dos autores clássicos. A narração de Teopompo. Expedição ultramarina de antanho. Chegada de um grupo de índios à Europa no ano 62 da nossa era. As conjeturas de L. S. Shwennhagem e de H. Onffroy de Thoron. A narração de Platão. O que diz o filósofo grego da cidade de Posseidônis.

Até época relativamente recente a ciência oficial só mostrou menosprêzo pelas lendas que dizem respeito à Atlântida.

Se os geólogos consentiam em mencionar a existência, em uma certa era, do continente situado entre a Europa e a América, faziam-no entretanto remontar a um tempo muitíssimo remoto, afastado do nosso por milhões de anos. Além disso, os limites que lhe eram assinalados em nada coincidiam com as fronteiras que lhe eram atribuídas por Platão. Os sábios abandonavam tôdas as conjeturas relativas a essa terra ignota aos romancistas, aos poetas, aos teósofos e outros sonhadores.

Estavam as cousas neste ponto, quando, inopinadamente, as investigações levadas a cabo e descobertas realizadas por certos especialistas, arqueólogos na maioria, no decurso dos últimos anos, revelaram que não era desarrazoado pre-

sumir que tenha podido existir no Oceano Atlântico, em época relativamente próxima à nossa, um grande centro de civilização, até então desconhecido. Hoje em dia parece provável que Platão e os outros filósofos que dêste problema cogitaram não laboravam em êrro ao considerar como correspondendo até um certo ponto à realidade dos fatos as lendas brumosas que corriam a seu tempo, entre as populações marginais do Mediterrâneo.

Na sua História da Grécia, refere-se o sábio historiador G. Glotz (pg. 113), nos seguintes têrmos, ao papel que representam os mitos nas investigações históricas: "E' um fato universalmente conhecido que a lenda precede a história; mas uma crítica atenta e rigorosa, sobretudo quando ela apela para o auxílio do método comparativo, é apta para distinguir os elementos históricos na própria lenda."

Assim também, o professor P. Gaffarel, na obra que consagrou à Atlântida, não vacila em afirmar que os Atlantes representaram um papel saliente na história da humanidade e que não se pode contestar a influência que a sua civilização exerceu sôbre o desenvolvimento ulterior da nossa espécie. Quanto ao professor E. F. Gautier, êle presume que a solução do problema da Atlântida é de importância primordial. (1)

Antes de expor o meu ponto de vista acêrca desta questão, acho indispensável discutir, antes de tudo, as copiosas informações que nos ministra Platão, nos seus célebres diálogos, de TIMEU e CRÍTIAS. No TIMEU êles são expostos no decorrer de uma conversa entre Sócrates, Timeu, Hermócrates e Crítias. Êste conta a Sócrates, como verdadeira, a curiosa história que segue:

"Eu ouvi, dizia Critias, contar esta história pelo meu avô, que a ouvira de Sólon, o célebre filósofo. No delta do Nilo eleva-se a cidade de Sais, outrora capital do faraó Amásis. Foi fundada pela deusa Neit, que os gregos chamavam Atena. Os habitantes de Sais são amigos dos atenienses, com os quais julgam ter uma origem comum. Portanto Sólon foi acolhido com grandes homenagens pela população de Sais. Os sacerdotes mais sábios da Neit iniciaram-no nas mais antigas tradições da história da humanidade e especialmente da de Sais. Assim foi que manifestou a Sólon que êle e os outros gregos ignoravam tudo a respeito dos períodos mais remotos da história. Os sacerdotes explicavam tal ignorância pelo fato de diversas catástrofes, inundações e terremotos terem destruído as recordações do passado."

1) "Le Sahara" (Payot) p. 217.

"E, acrescentavam os sacerdotes: Calamidades ainda mais horrorosas, causadas às vêzes pelo fogo do céu. Assim é que, a história de Faetonte o qual, querendo dirigir o carro de seu pai Febo, teria abrasado metade do mundo, é autêntica, embora pareça inverossímil à primeira vista. Algumas se dão periòdicamente, com o movimento dos corpos celestes, que causam a morte a milhões de entes vivos. Depois dêstes cataclismos a humanidade torna a cair na barbárie, e chega até a olvidar a escrita. Foi por isto que os atenienses só conservaram a lembrança de um dilúvio, dos quais houve diversos na realidade. Ignorais até as vossas próprias origens e não sabeis que sois os descendentes degenerados de uma grande raça."

Depois os sacerdotes fizeram saber a Sólon que conheciam a história de Sais, a partir de 8000 anos antes daquela data. "Há manuscritos", disseram-lhe, "que contêm o relato de uma guerra que lavrou entre os atenienses e uma poderosa nação que habitava uma ilha de grandes dimensões situada no Oceano Atlântico. Nas proximidades dessa ilha existiam outras e mais além no extremo do oceano, um grande continente. A ilha chamava-se Posseidônis ou Atlântis, e era governada pelos reis aos quais pertenciam também as ilhas próximas, assim como a Líbia e os países que cercam o mar Tirreno. Quando se deu a invasão da Europa pelos Atlantes, foi a cidade de Atenas, como cabeça de uma liga de cidades gregas, que, pelo seu valor, salvou a Grécia do jugo daquele povo. Posteriormente a êstes acontecimentos houve uma tremenda catástrofe: um violento terremoto abalou a terra que foi logo depois devastada pelas torrentes de chuva. As tropas gregas sucumbiram e a Atlântida foi tragada pelo oceano."

O outro diálogo de Platão, CRÍTIAS, nos fornece a data dêste memorável acontecimento, o qual se teria produzido cêrca de 9000 anos antes. Mais adiante o filósofo nos ministra pormenores acêrca da maneira como a Atlântida era dirigida, como também sôbre a sua história. Sabemos assim que o primeiro rei de Posseidônis foi Atlas, filho mais velho de Posseidon, e que seu irmão Gadir era soberano em uma outra parte do país, situado próximo às colunas de Hércules, isto é, de Gibraltar. Êste país ficou-se chamando Gadirícia, denominação de que podemos encontrar vestígio no atual nome de Cádiz. A Atlântida era um país muito

rico e fértil, que continha florestas de árvores valiosas, férteis planícies, jazidas diversas e de pedras multicores. Um metal denominado oricalco, que tinha o brilho do ouro, era celebrado pelos escritores da antiguidade.

Segundo Crítias, o trágico fim da civilização da Atlântida teria sido causado pela cólera dos deuses, revoltados diante da soberba dos Atlantes. A dar crédito a outros textos clássicos, os mesmos deuses, indignados por verem aquêles povos praticar a magia negra, teriam resolvido exterminar a raça dos pecadores. E aí está a razão por que desapareceu a Atlântida para sempre nos abismos do oceano. Conta-nos Proclo, comentador de Platão, a viagem de um certo Crantor, que visitou Sais trezentos anos depois de Sólon, ao qual os sacerdotes de Sais mostraram colunas revestidas de hieróglifos. Eram velhos textos, que narravam a história da Atlântida e dos seus habitantes, a qual, segundo Crantor, estaria de acôrdo com a narração de Platão. Com exceção de Aristóteles, todos os autores da antiguidade foram de opinião que os diálogos tinham relatado fielmente os acontecimentos de que tinha sido teatro o Oceano Atlântico, milhares de anos antes.

Muitos dos escritores daquele tempo, como da Idade Média, romancistas, historiadores e sábios, tentaram resolver êste problema da Atlântida. Quem, a nosso ver, mais se aproximou da verdadeira solução dêste enigma histórico, foi o padre Kircher, sábio jesuíta que viveu no XVII° século da era cristã. Em uma obra muito interessante, intitulada "Mundus Subterraneus", êle localiza o continente desaparecido, a oeste de Gibraltar. Na sua opinião, os Açores e as Canárias representam os píncaros do mesmo. Deixou-nos êle também um mapa hipotético da Atlântida, que êle figura semelhante a uma pêra, com a parte mais estreita para o sul. No centro da ilha teria existido uma montanha, da qual se precipitavam cinco rios. Uma sexta corrente teria tido nascimento em outra montanha, mais para o sul.

Platão menciona as dimensões da ilha, que deveria medir três mil estádios de comprimento, por dois mil de largura, o que daria uma seperfície de duzentos e quatro mil e oitocentos e oitenta quilômetros quadrados. O abade Moreux, porém, reputa êstes algarismos demasiado elevados e pensa que o filósofo se equivocou ao transformar as medidas egípcias em gregas. Um arqueólogo alemão, o dr. A. Herrmann, manifestou idêntica opinião. Adiante examinaremos minuciosamente as descobertas dêste sábio. Que nos

seja suficiente dizer, por ora, que a hipótese do abade parece não dever prevalecer, já que Platão diz formalmente que a Atlântida era maior que a África Setentrional (Líbia) e a Ásia Menor, somadas. Daí se pode deduzir ao contrário que as dimensões mencionadas pelo filósofo devam antes ser inferiores à realidade. Quanto a mim, presumo que a Atlântida deve ter sido um verdadeiro continente, tal como a Austrália ou a Groelândia.

No parecer do ilustre naturalista Buffon (nas suas: "Provas da Teoria da Terra") a narração de Platão nada contém de improvável. "Pode ser, diz êle, que a América tenha sido outrora ligada por uma faixa de terra estreita aos Açores e à Irlanda". Esta opinião é reforçada pelo fato de terem sido encontrados na Irlanda — e em mais nenhuma outra parte da Europa — animais fósseis e conchas que só existem na América. Idêntico parecer foi esposado pelo sábio Lamettrie, do fim do século XVIII.

O abade Moreux refere igualmente curiosas investigações empreendidas por Bory de Saint-Vincent em 1803, nas paragens das ilhas Canárias, que teriam confirmado o que contavam os antigos acêrca das dificuldades da navegação nesta parte do Atlântico. As ilhas da Madeira, dos Açores, e do Cabo Verde, as Savages produzem a impressão de serem restos de um continente submerso. Bory de Saint-Vincent presume até terem sido outrora mais numerosos os vestígios dêsse continente; e que um considerável número de rochedos e ilhotas deve ter desaparecido pouco a pouco, sob a ação constante das fôrças naturais. E cita finalmente o juízo de Diodoro da Sicília, o qual pretende que existira antigamente na África do Norte um vasto lago, chamado o lago de Tritão, desaparecido conjunatmente com a Atlântida. O mesmo cataclismo, que destruiu o continente descrito por Platão, teria também aniquilado a estreita faixa de terra que separava o lago do oceano.

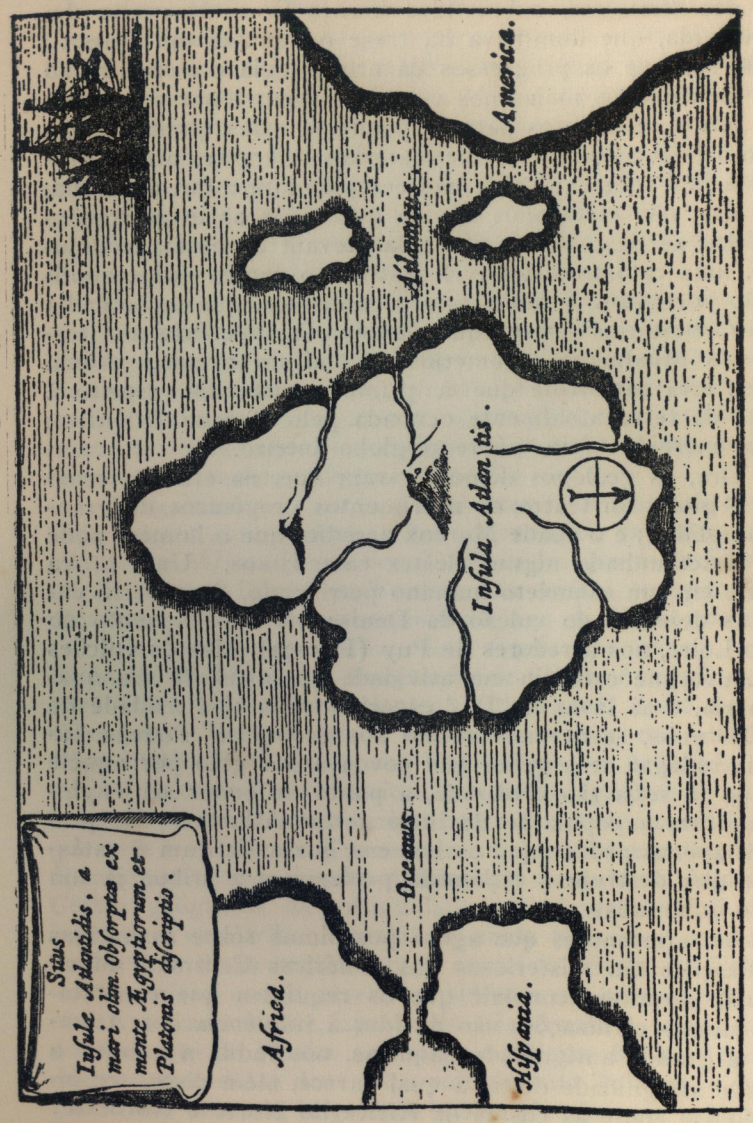
Outro sábio, o bispo Tollerat, contemporâneo de Bory de Saint-Vincent, acrescenta que o mesmo terramoto deve ter destruído o istmo que ligava a Europa à África, o que fêz com que as águas do Mediterrâneo concorressem para a submersão da infeliz Atlântida. Afirma ainda o mesmo que o lago do Tritão cobria todo o Saara, e que o atual deserto só apareceu depois da catástrofe. O padre Moreux não põe em dúvida a fidelidade da exposição de Platão; mas não quer admitir a data indicada pelo filósofo, para a catástrofe. Esta deveria ter-se dado, segundo o abade, muito antes do XI° milênio antes de Cristo. A Atlântida devia existir

desde os primeiros tempos da era quaternária, na qual atualmente vivemos, e não é de surpreender afinal que a memória do seu trágico destino ainda fôsse viva entre os contemporâneos de Sólon.

Conforme já fiz ver, muitos fatos apontados no decurso da presente obra permitem concluir que em época muito remota vivia em uma certa região da superfície dêste globo uma raça que atingira um alto grau de civilização. Certos fatos, que adiante analisaremos, levam a supor ter esta civilização alcançado o seu apogeu no XV° ou no XVI° milênio. Quanto ao seu trágico desenlace, conseqüente a uma catástrofe de desmedida amplidão, teria tido lugar há cêrca de 11.000 anos, ou sejam 9.000 anos antes da era cristã. Não admitindo êstes algarismos, cumpre, conforme considerações que vamos expor ulteriormente, transferir a data da catástrofe para cêrca de 4.000 anos antes de Cristo.

Seria essa civilização obra da raça dos Atlantes? Constituía o continente descrito por Platão o seu centro? E era dêsse centro que as correntes de civilização se disseminaram até os extremos limites do mundo, tal como êste existia então? E' difícil dar contestação precisa a uma pergunta como esta, mas, pela minha parte, eu seria levado a responder afirmativamente. Assim também, é só aproximadamente que se pode traçar os limites dessa civilização. Seriam: ao norte a latitude da Grã Bretanha; a oeste o meridiano que passa pela cidade de Guatemala, na América Central; ao sul o paralelo que passa na altura das ruínas de Tiuanaco, na Bolívia; a leste, enfim, pelo meridiano que passa pelo Cairo. Fomos levados a adotar êsses limites em atenção à semelhança verificada entre os objetos resultantes das escavações arqueológicas, das lendas, das afinidades linguísticas e antropológicas, das remanescências históricas e de todos os demais documentos que nos fornece a arqueologia. Dentre êstes documentos, alguns foram descobertos em nossos tempos, outros nos foram legados pelos povos que outrora habitaram aquelas regiões. Tentarei, por fim, relatar as migrações que impeliram para leste as raças pré-históricas, a partir dum ponto ignoto do oceano, e bem assim os ímpetos que dirigiram em sentido inverso, para a América, as tribos européias.

Admitindo que os Açores e as Canárias são os últimos vestígios da Atlântida, seremos forçados a reconhecer que essa terra ocupava mais ou menos o centro da região que acima procuramos demarcar. Porém não sabemos se a Atlântida foi realmente o centro cultural e político desta



A ilha da Atlântida, baseada na descrição de Platão, apresentada no **Mundus Subterraneus**, por Athanasius Kircher (1644).

antiga e hipotética civilização que se foi daí irradiando pelo resto do mundo então conhecido, ou se não era mais do que um dos territórios submetidos à raça já então muito desenvolvida, que dominava há treze ou quinze mil anos... Pode ser que os progressos da arqueologia e a decifração dos manuscritos maias nos venham proporcionar em próximo futuro, elementos para responder a estas questões. Em todo o caso a quantidade de materiais referentes a êste problema já é considerável, e não cessa de aumentar, dia a dia. Por ora, não resta mais dúvida que tôdas as investigações e tôdas as descobertas efetuadas levam à mesma conclusão: uma catástrofe terrível destruiu o centro duma civilização portentosa e ainda pouco conhecida, que se estendia sôbre territórios quase equivalentes em superfície aos territórios atualmente submetidos à cultura ariana. Ainda mais; esta catástrofe que à primeira vista diz respeito à parte da terra atualmente ocupada pelo Oceano Atlântico, teria exercido efeito sôbre o globo inteiro.

Ora, os geólogos demonstraram que, na era quaternária, o globo foi teatro de movimentos orogênicos de grande amplidão; e o abade Moreux acredita que o homem pode ter testemunhado alguns dêstes cataclismos. Uma prova vê êle em um esqueleto humano petrificado, descoberto entre as dejeções do vulcão da Denise, no departamento do Alto-Loire, nos arredores de Puy (França). Mas os vulcões de Auvergne estavam em atividade no início da era quaternária, e as lavas do Puy especialmente, têm a idade de 60.000 anos, se dermos crédito aos geólogos. Pode-se todavia indagar se a gente que povoava a região por aquêle tempo já seria tão civilizada, a ponto de poder ser englobada entre a população do império dos Atlantes. Eu pretendi apenas provar que os homens que assistiram à catástrofe que destruiu a Atlântida pertenciam a tribos já um tanto adiantadas.

As informações que agora possuímos sôbre as antigas civilizações tão misteriosas das Américas Central e Meridional, permitem concluir que os requintes que constatamos nessas civilizações são devidos à influência dos Atlantes; a grande antiguidade daquelas, nos induz a admitir a grande antiguidade desta, a qual parece, além disso, ter influído até sôbre as costas da África do Norte e Noroeste. O célebre arqueólogo alemão Leo Frobenius encontrou, com efeito, no país dos Iorubas, nas proximidades das bôcas do Níger, uma estátua de bronze do deus Olocum, o Netuno africano. Ora, o país dos Iorubas corresponde ao

reino de Ufa que se estendia por tôda a costa da Guiné e que, na opinião de diversos sábios, não era realmente mais que uma colônia atlanteana; e sabemos que o culto de Netuno era muito prezado na Atlântida e em suas colônias. Leo Frobenius descobriu mesmo na Costa d'Ouro admiráveis monumentos pré-históricos cuja arquitetura não pode ser classificada em estilo algum conhecido.

A influência da civilização atlanteana parece ter sido especialmente sensível nos dois extremos da vasta zona cujos limites já demarcamos, a saber: na América e no vale do Nilo. Vamos ter ocasião de tratar dêste assunto minuciosamente em outro capítulo desta obra.

No que diz respeito à difusão desta civilização no continente africano, limitar-me-ei, por enquanto, a assinalar as investigações de dois arqueólogos alemães, os doutores A. Hermann e Borchardt. O primeiro é representativo do grupo dos sábios que se mostram muito cépticos a respeito do relato de Platão; por isso dedicarei um capítulo especial ao estudo das suas descobertas e teorias.

Contentar-me-ei por enquanto com mencionar as conjeturas dêsses dois eruditos sôbre os vestígios deixados pelos atlantes na África Setentrional. E' assim que as jazidas de sal de Shott-el-Djerid, na Tunísia, não seriam, segundo Borchardt senão o fundo ressequido do lago do Tritão, do qual nos fala Diodoro da Sicília, e que figura nos mapas árabes da Idade Média com a designação de "Bahr Attala", o que quer dizer "Água dos Atlantes". Borchardt é até de opinião que o Bahr Attala é realmente o mar dos atlantes, onde Platão localizava a sua Posseidônis ou Atlântida.

Os historiadores clássicos nos falam igualmente duma certa tribo dos Atarantes, que morava outrora no sítio em que está a cidade de Túnis hoje. Como não admitir nessa denominação uma simples deformação da palavra Atlantes? Certos geógrafos da antiguidade, notadamente Ptolomeu, intitualam esta tribo: "Atalá", e, ainda hoje, uma cadeia de montanhas dessa região tem o nome de "Serra de Talae."

As tribos que lá vivem consideram um certo Posseidon como seu ascendente, apesar de não terem a menor idéia dos diálogos de Platão, nos quais o filósoso faz os Atlantes descenderem dêsse deus. Ao contrário de Tollerat, o bispo que acima citamos, julgam os sábios alemães que o lago do Tritão secou definitivamente no ano de 1250 da nossa era, em consequência de um violento terramoto. Em todo o caso, não resta dúvida quanto à existência na África Setentrional de vastas extensões de água até tempo relativamente

recente. Há alguns anos, ao ser perfurado um poço artesiano no forte Flaters, no Saara, por uma missão francesa, foram trazidos à superfície, desde que a perfuração atingiu uma centena de metros de profundidade, quantidade de peixes, moluscos e caranguejos, provenientes de lençóis dágua subterrâneos, que se formaram quando o Saara ainda era um grande mar interior. Êste desapareceu em seguida a um cataclismo, cuja lembrança subsiste nas lendas um tanto nebulosas dos povos do Mediterrâneo. Cumpre-nos, porém, registrar que alguns geólogos são de parecer que êstes peixes e moluscos poderiam ser provenientes de lençóis dágua que ainda se encontram em diversos pontos da Argélia e Marrocos, e que daí teriam passado para o lençol subterrâneo.

E' interessante ligar as conjeturas formuladas pelos atlantólogos quanto à universalidade da civilização atlanteana com uma descoberta recentemente feita no Sind (Índias Britânicas) pelo professor Heras, da universidade de Bombaim. Êste arqueólogo encontrou naquela região vestígios duma civilização muito adiantada, que floresceu no VII° milênio. A gente que habitava êsse país possuia, ao que parece, conhecimentos relativamente profundos em astronomia. Mas esta raça misteriosa não pertencia à família ariana. O professor Heras presume que é desta velha civilização pré-histórica que se originaram sucessivamente as diversas civilizações do velho mundo. Não seria esta cultura do Sind um eco longínquo da grande civilização atlanteana?

O arqueólogo Hans Fischer opina que em uma certa época esta civilização se estendia até à China; e considera uma prova disso a escrita ideográfica dos chins e as lendas brumosas concernentes ao mais distante passado do Império do Meio.

Como não ficar espantado, por outro lado, perante as analogias existentes entre certos símbolos sagrados dos Americanos do passado e os símbolos correspondentes em uso entre os Europeus antigos? E' assim que, por exemplo, encontramos a "suástica" ou cruz gamada, não só sôbre os mais antigos monumentos arianos, mas igualmente sôbre os monumentos pré-históricos da América; — que a cabeça de Górgona, símbolo da oniciência divina nos monumentos da antiguidade clássica, figura também em ruínas do México, como sôbre a magnífica relíquia da civilização Tiuanaco, ainda indecifrável por ora, denominada a pedra de Chavin. A "falsa-abóbada" da arquitetura primitiva é

encontrada tanto nos velhos monumentos da América Central, como nos monumentos etruscos e nos ciclópicos edifícios da Grécia pré-histórica. Em seus livros sôbre o México antigo, conta Lord Kinsborough que os Mexicanos, os Cheroquees e as tribos indígenas de Michoacã e Honduras empregavam nas cerimônias religiosas uma arca santa, parecida com a dos antigos judeus; e que ninguém, também como entre os judeus, tinha o direito aproximar-se ou tocá-la, com exceção dos sacerdotes. Os ritos religiosos dêstes indígenas parecem-se com os dos antigos Bretões e Irlandeses.

O professor Leo Frobenius descobriu certos símiles entre os Etruscos, povo ainda tão misterioso, e certas tribos americanas. Parece verossímil que uma parte do folclore dos europeus antigos tenha sido adquirido pelos povos que viviam outrora nesse continente, de certas velhas raças americanas; e, neste caso, teriam os Atlantes servido de ligação entre Europeus e Americanos. Não é curioso, por exemplo, constatar as grandes analogias no que se refere aos mitos da criação — especialmente o mito do dilúvio; bem como nos métodos ocultistas praticados pelo povo humilde — entre os antigos Gregos, Celtas, Escandinavos e os Índios; como também entre êstes e os Sumerianos, os Judeus, os Fenícios e Egípcios?

O mito de Atlas (Atlan?), o gigante que sustentava o universo inteiro sôbre os seus potentes ombros, afigura-se-nos uma espécie de hipérbole poética, ou talvez o símbolo do poder político e espiritual dos Atlantes. O mundo pré-histórico pode ter sido influenciado não só pela superioridade das armas, mas também pela superioridade cultural dêsse povo. O deus mítico Quetzal-Coatl, primeiro chefe e pregador da raça mexicana, é representado da mesma maneira nas velhas pinturas astecas, e o mesmo acontece com o velho Bochica que foi o iniciador dos Chibchas que o exibem em antigos baixo-relevos sob o aspecto de um gigante suportando o universo. Convém salientar que, segundo as antigas lendas mexicanas, Quetzal-Coatl, chega ao planalto de Anauac, procedente do Oriente. Encontram-se mais alusões a êste mesmo Atlas nas esculturas achadas entre as ruínas de diversos portos antigos da costa do Brasil, assim como nas Canárias e Açores.

Os Atlantes de certo transmitiram aos povos do Mediterrâneo e da América, seus herdeiros, algumas noções de matemáticas, de astronomia e de ocultismo. Segundo certos eruditos, os mistagogos do antigo Egito adquiriram o

seu hermetismo dos Atlantes. Penetrando pelas diferentes partes da Europa e da Ásia, êstes teriam entrado em contato com algumas tribos cuja linguagem ainda era primitiva e deficiente, e as necessidades resultantes dêste contato, para transações por exemplo, obrigaram êstes povos a adotar algumas expressões atlanteanas. E' ocioso acrescentar que a maioria dessas palavras têm relação com o tráfico, religião e relações internacionais. E' graças a êsse processo de assimilação que nós estamos em condições de destacar as afinidades impressionantes que subsistem entre certos têrmos em línguas de nacionalidades separadas por enormes distâncias. Ainda que, na ausência de provas mais sólidas, as parecenças lingüísticas não são suficientes para evidenciar a existência de laços étnicos autênticos, acho que não é inútil apresentar desde já alguns exemplos destas semelhanças.

Por exemplo: a palavra grega THEOS (Deus) é nos idiomas tolteca e maia TEO; o têrmo árabe MALKA (rei ou chefe da tribo) encontra-se sob a forma de MELEK em hebreu e, fato ainda mais surpreendente, sob a de MALKO entre algumas tribos indígenas; entre os Uzbek (tribo da Ásia central) a expressão TEPÊ (montanha ou colina) corresponde ao TEPEK dos Zapotecos da América Central etc. Poder-se-ia ainda citar outros exemplos análogos: Le Plongeon achou que uma têrça parte dos têrmos da língua maia relacionam-se a palavras do grego antigo e que os Xiapanecos do Iucatã empregam muitos vocábulos que lembram têrmos hebreus. Alguns filólogos americanos observaram esta analogia com o hebreu nos dialetos de diversas tribos da América do Sul.

Se esta semelhança entre algumas línguas americanas e semíticas pode, em rigor, ser atribuída a simples coincidência, mas coincidência estranha pelo menos, a afinidade entre o grego antigo parecer-nos-ia de todo inexplicável, sem admitir um contato qualquer. Não esqueçamos que o grego faz parte dos idiomas indo-europeus e que deriva aparentemente do sânscrito.

Os mitos conservados pelas raças do Mediterrâneo transmitiram-nos vagas informações sôbre os conhecimentos de uma certa nação pré-histórica, e legendas análogas sobrevivem em algumas tribos americanas, como, por exemplo, o do tapête voador, e do velho mito grego de Ícaro, que é o mais caraterístico dêles.

Na ilha de Creta foram descobertos os vestígios de uma civilização florescente e muito adiantada, do tempo do rei Minos, há seis ou sete mil anos, que nos valeram, além da revelação de ruínas majestosas e magníficos afrescos, alguns mitos familiares às populações de Creta primitiva. Um dos mitos conta que Ícaro tinha construído um aparelho voador com o intuito de atingir o resplandescente Febo, isto é o Sol. Mas cometeu um êrro fatal, soldando as penas das asas com cêra; de modo que quando atingiu certa altura, bastou que o astro dardejasse sôbre êle seus raios ardentes para que a cêra se derretesse, as asas se demanchassem e Ícaro se precipitasse ao chão, morto. Não se pode vislumbrar nesse conto a reminiscência de uma tentativa muito elementar da aviação? Quem sabe se a ilha de Creta não era uma das províncias orientais do império dos Atlantes e se a misteriosa civilização dos cretenses não foi herança da grande civilização dêstes?

Em apoio desta opinião tenho a citar uma descoberta arqueológica muito interessante: tive oportunidade de ver em S. Salvador, na América Central, em uma coleção particular, um prato de argila ornamentado de desenhos representando homens voando por sôbre palmeiras, em singulares aparelhos, que desprendiam fumo e fogo. A menos que êsses desenhos não sejam a representação de uma história local, será preciso admitir que uma raça ignorada na América pré-histórica tenha presenciado os primitivos ensaios feitos pela humanidade para voar.

Se nos recusarmos admitir que os antigos egípcios, os Maias e os Tolteques sejam de certo modo os herdeiros da civilização atlanteana, ser-nos-ia preciso aceitar que as culturas dêsses diferentes povos surgiram sùbitamente, de um modo difícilimo de conceber, e sem serem precedidas de um período prolongado de barbárie. Mas a história da civilização ignora êstes saltos. Por outro lado, não conhecemos, nem na Europa, nem na América, qualquer outra civilização à qual se possa fazer remontar a origem destas culturas diversas. Mesmo admitindo que as duas civilizações americanas a que acima nos referimos são derivadas da misteriosa civilização Tiuanaco, não se pode contestar que certos traços desta última demonstram sua afinidade com a civilização do antigo Egito. Portanto, em falta de hipótese mais razoável, vemo-nos forçados a supor que estas três civilizações, bem como talvez as civilizações egípcia e cretense, sejam procedentes da civilização atlanteana. No decorrer desta obra encontrará o leitor informações em abun-

dância em apoio da hipótese relativa à existência, em uma época muito remota, de um poderoso centro de civilização em um certo sítio no meio do Oceano Atlântico.

Alguns hieróglifos do México pré-histórico parecem-se aos velhos hieróglifos egípcios e aos "trigramas" do legendário imperador chinês Fo-Hi, encontrados nos mais antigos monumentos da China. Como explicar estas semelhanças? Cumpre-nos ver nisto a prova de que as escritas primitivas dos chins, dos egípcios e dos antigos americanos provêm de uma origem comum? A menos que encontremos uma explicação muito mais simples: entre todos os povos primitivos, o processo psicológico da simbolização das idéias fundamentais foi sempre o mesmo.

Esta hipótese parece estar confirmada pelo fato, importantíssimo sob o ponto de vista arqueológico, de se encontrarem em quase tôda a parte na superfície do globo êstes "ideogramas", sob a forma de petróglifos. Foram descobertos na Sibéria sôbre as rochas que margeiam os rios Irtich, Lena e Jenissei; na Rússia Européia sôbre os rochedos do lago Onega; em Chipre e em Creta; na Mandchúria e na Coréia; na Índia; nas célebres ruínas de Zimbabue, na África do Sul; na Argélia; nas matas virgens do Brasil etc.

Talvez convenha incluir na mesma categoria as inscrições descobertas em Mohenjo-Dâro, na Índia septentrional, assim como as "tábuas falantes", igualmente misteriosas da ilha da Páscoa.

Estas inscrições e desenhos são esculpidos profundamente na pedra dura e às vêzes são realçadas por um certo material vermelho. Strahlenberg descobriu inscrições análogas na Islândia, mas que são de origem rúnica. E' surpreendente que esta matéria colorante tenha resistido durante milhares de anos à ação destruidora da natureza.

As florestas brasileiras são repletas dêstes ideogramas e desenhos primitivos, que são encontrados sobretudo nos Estados da Bahia e Piauí. Na ilha do Marajó acham-se ideogramas que se assemelham aos dos antigos mexicanos e egípcios, assim como aos trigramas chins de Fo-Hi e às misteriosas inscrições da ilha de Chipre. Foi Humboldt quem pela primeira vez notou a semelhança existente entre os velhos trigramas chins e os hieróglifos maias.

Nos Estados Unidos encontram-se êstes ideogramas ao longo dos percursos seguidos pelos misteriosos "Construtores de montículos", em suas migrações. A tribo não menos misteriosa dos Tchud assinalou a sua passagem pelo noroeste da Rússia, gravando ideogramas do mesmo gênero sôbre as rochas que estendem ao longo das margens do lago Onega. Nas montanhas do Atlas (Argélia), no país dos Tuaregues e dos Berberes encontram-se também numerosos ideogramas e petróglifos, chamados "tifinar" pelos indígenas. Tais inscrições são igualmente abundantes na África Austral, na região dos Bosquímanos e dos Cafres.

Por tôda a parte essas inscrições têm os mesmos caraterísticos. No livro "Aquém da Atlântida", o erudito Gustavo Barroso consagrou algumas páginas à reprodução de várias inscrições análogas reunidas nos países os mais diversos. Êstes textos são compostos de linhas irregulares ou tortuosas, de desenhos de símbolos ou mesmo de letras de um alfabeto desconhecido. Os desenhos, em geral bastante grosseiros, representam animais, mãos, pés e cabeças de pessoas. As letras e símbolos são de caráter hieroglífico e representam combinações dos mesmos desenhos, acompanhados de linhas retas ou onduladas, pontos, círculos etc.

Esta uniformidade é perturbadora. Depois de ter verificado que os ideogramas dos rochedos do lago de Onega, por exemplo, e as inscrições que figuram sôbre rochas em plena floresta virgem no sertão brasileiro servem-se do mesmo processo de expressão do pensamento, é-se involuntàriamente levado a crer que as inscrições provêm da mesma origem, que são a obra de uma só raça.

Entretanto existe a tentação de afirmar que essa uniformidade não passa de ilusão, talvez, e que a aparência de identidade de todos os ideogramas é o resultado da nossa incapacidade de decifrá-los. Mas se ,ao contrário, esta uniformidade é real, eu sou levado a esposar uma conclusão de caráter revolucionário, que é: em uma era muito remota, pode ser que mesmo antes do último período glaciano, a terra tôda era habitada por uma mesma e única raça. Esta raça exerceu uma influência poderosa sôbre a posteridade. Não presumo que esta raça desconhecida tenha sido a dos Atlantes, porque é provável que êstes já estivessem munidos de uma escrita hieroglífica, ulteriormente adotada pelos seus sucessores os antigos egípcios, os maias e pode mesmo ser os fenícios. Neste âmbito de idéias temos infelizmente que nos circunscrever a conjeturas, porque não dispomos, por ora pelo menos, de prova alguma da transmissão da cultura atlanteana aos povos mencionados. Mas quem aprofunda êstes problemas não pode deixar de aceitar o parecer de Bréal, que opinava que o mundo é muito mais

idoso do que geralmente se admite, e que o progresso humano comporta muito mais encadeamentos lógicos e mais continuidade do que se presume de ordinário.

Relativamente aos textos hieroglíficos do México, devo mencionar as descobertas, muito discutíveis, de dois investigadores franceses: Brasseur de Bourbourg e Le Plongeon.

Um dos mais valiosos documentos, o Códex Troano, dos maias, um dos raríssimos documentos desta ilustre raça, que nós devemos à época da conquista, atualmente se acha conservado no British Museum. Brasseur de Bourbourg que afirma ter decifrado um seu fragmento, pretende também ter nêle encontrado um testemunho, a propósito da catástrofe que causou o desaparecimento do continente a que se refere Platão. Êste trecho relata que um cataclismo cósmico aniquilou, em época muito afastada, certas terras desconhecidas chamadas Mu e Mud... e calcula ter isso acontecido 8.060 anos antes da redação do Códex Troano. Entretanto a interpretação adotada por Bourbourg foi acolhida pelo mundo erudito com muitas reservas. E' a seguinte a sua tradução: "No sexto ano de Cã, no undécimo Muluc do mês de Zac sobrevieram terríveis terramotos que se prolongaram até o décimo-terceiro Chuem. A terra nas colinas de argila de Mu e a terra de Mud foram sacrificadas. Elas foram duas vêzes abaladas e desapareceram repentinamente, em plena noite. A crosta terrestre foi seguidamente suspensa e rebaixada pelas fôrças subterrâneas em muitos sítios, tanto e até que não pôde mais resistir a êstes impulsos e enfim muitos lugares ficaram separados uns dos outros por profundas cavidades; e por fim os dois países, não podendo resistir mais tempo a tão pavorosos abalos, submergiram no oceano, com 64.000.000 de habitantes. Isto foi há 8.060 anos."

A decifração da inscrição hieroglífica que figura sôbre a célebre pirâmide de Xoicalco, no México, feita por um outro francês, Le Plongeon, parece tão digna de ressalva, como a de Bourbourg. Le Plongeon afirma ter empregado nesse trabalho os métodos usados pelos antigos escribas egípcios. Esta inscrição consiste em um retângulo no interior do qual se vê um rosto humano, de bôca aberta e seis hieróglifos; por baixo estão algumas figuras de animais. Le Plongeon traduz o hieróglifo "ppay" por: "feito em pó"; e da inscrição inteira dá a seguinte interpretação: "uma terra do oceano é destruída e seus habitantes mortos a fim de serem reduzidos a pó."

Le Plongeon pretende que os maias do antigo império se serviam de um alfabeto fonético, porém mais tarde adotaram uma escrita hieroglífica, da qual treze sinais eram inteiramente idênticos aos sinais egípcios correspondentes. Êste fato, se fôr verdadeiro, é enigmático; dando lugar a indagar do motivo que teria induzido os indígenas a substituir um alfabeto fonético, relativamente simples, por um sistema de escrita hieroglífica muito mais complicada.

As lendas difundidas entre os indígenas da América acêrca de grandes reformadores, de chefes ou de missionários, que de tempos em tempos teriam aparecido entre as populações, reforçam a suposição por nós formulada, do papel civilizador desempenhado pelos Atlantes no mundo pré-histórico. Parece que se podem enumerar até oito dêsses reformadores, que são Manco-Capac, Viracocha e Pachacamac para o Peru; Bochica na Colômbia, e Sumé entre os tupis; no Iucatã, Itzamna ou Zamna; no México, Quetzal-Coatl (chamado Gucumatz na Guatemala e Cuculcã no Iucatã); enfim no Brasil e Paraguai, Sumé (chamado Tamu pelos Caraíbas, Camu pelos Arovaques e Caboi pelos Caraias). O mito peruano de Viracocha parece-se com o colombiano acêrca de Bochica. Todos êstes vultos ou deuses são sábios, vindos todos dum país ignoto situado a leste da América; todos tinham longas barbas, pele clara e o seu intuito é sempre idêntico. Terminada a sua missão, desaperecem misteriosamente, deixando a promessa de voltar um dia para o meio de seu povo bem amado. Tôdas estas lendas da América central e meridional revestem, no fundo, os mesmos fatos: de tempos em tempos missionários atlantes vinham parar à América, e posteriormente a recordação de sua propaganda ficou transfigurada pela poesia ou pela religião. Em apoio desta hipótese posso citar o fato seguinte. Foi um dêstes reformadores, Quetzal-Coatl, que desenvolveu no México o culto de Tlaloc, o Netuno mexicano, deus dos mares, águas e das chuvas. Ora nós sabemos que o culto de Posseidon ou Netuno era particularmente honrado na Atlântida, que também se chamava Posseidônis.

As lendas maias relatam que Quetzal-Coatl tinha aportado ao planalto de Anauac, vindo de um certo país "Tlapalã", o que significa: A terra do Sol nascente. Mais tarde tornou-se o deus principal dos Toltecas e, depois da invasão das tribos Naoa, estas também o adotaram como seu deus. O seu nome significa no México, como em Guatemala (Gucumatz) e no Iucatã (Cuculcã): "Serpente com plumas". O mito asteca conta que, quando o deus Tezca-

tlipoca logrou enxotar com os seus encantos o deus Quetzal-Coatl, êste foi refugiar-se de novo em Tlapalã. Pretendem outros mitos que Quetzal-Coatl suicidou-se, atirando-se a uma fogueira e que seu coração subiu aos céus, onde se tornou a estrêla da manhã.

Quetzal-Coatl usava uma longa veste branca e uma grande barba. Suas imagens o representam como um peregrino, com um bastão de pastor na mão, e às vêzes o disco ou meio-disco solar. Isto prova a origem oriental de Quetzal-Coatl. Sua chegada às altas terras de Anauac foi de todo inesperada, pois que ninguém o tinha visto aportar às praias do México. Desde logo pôs-se a pregar uma nova religião e nova moral. Era de uma infinita bondade, tinha horror à violência e tapava os ouvidos com algodão sempre que alguém se punha a falar, em sua presença, em guerra ou proezas guerreiras. Êle instituiu no México uma ordem social melhor, ensinou aos indígenas as artes e manufaturas mais úteis, e contribuiu grandemente para suavizar os seus costumes.

Não resta dúvida que com o tempo o culto de Tlaloc-Posseidon se modificou lentamente — sem melhorar — e que as sucessivas gerações acabaram por esquecer completamente os preceitos tão suaves e humanitários de Quetzal-Coatl. A prova está no rito bárbaro e cruel que os Astecas celebravam anualmente, denominado "bodas de Tlaloc." Cada ano se consagravam a Tlaloc o mais belo adolescente e a mais linda donzela que se podiam achar. Os consorciados passavam três dias na felicidade mais perfeita, em aposentos os mais suntuosos, alimentavam-se com os víveres mais requintados e as bebidas mais deliciosas; depois do que os sacerdotes de Tlaloc os lançavam nos seus vestuários festivos ao fundo de um grande poço, situado ao lado do templo e aí os deixavam sucumbir às torturas da fome e sêde. Ao passar por Teotiuacã, pude ver, entre as ruínas do templo êste lugar de suplícios: é um poço profundo que se reputa estar cheio de ossos até à metade da altura.

Tendo atirado uma pedra, só depois de um intervalo considerável percebi o ruído de sua queda no fundo. A configuração irregular dêste poço faz crer que é constituído pelo canal de um gêiser extinto. E' certamente impossível que o meigo Quetzal-Coatl tenha instituído êste rito tão impiedoso.

Estamos atualmente impossibilitados de estabelecer com precisão a época da chegada de Quetzal-Coatl ao México, porquanto as opiniões divergem consideràvelmente.

Certos escritores cristãos imaginam que Quetzal-Coatl era um missionário de sua religião, que visitou o México pelo ano 544 da nossa era; outros pensam que se trata do apóstolo São Tomé, que andou pregando por tôda a parte, e assim também no México e América do Sul. A maioria dos autores, porém, pensa que a predicação de Quetzal-Coatl data de muitos milênios atrás.

As lendas peruanas a respeito de Manco-Capac contam que existiu outrora na região do lago Titicaca um povo muito civilizado. Eram de certo os antepassados dos índios Aimarás atuais, a não ser que estas lendas tenham sido transmitidas pela raça, ainda mal conhecida, dos Tiuanaco. Em todo o caso os mitos aimarás contam que esta nação ignorada era governada pelos reis, chamados "Tupacs". De súbito um estrangeiro misterioso, chamado Manco-Capac, apareceu em uma das ilhas do lago, em companhia de sua irmã Mama-Oelo, que era também sua espôsa. Em breve Manco-Capac apossou-se do poder, e dêste casal surgiram as diversas dinastias de Tupacs que desde então governaram o país. A primeira destas dinastias subiu ao trono cêrca de 1.300 anos antes de Cristo, sob o título de Pirua-Pacari-Manco. Desta dinastia o mais notável soberano parace ter sido o Tupac Capac VII. A segunda dinastia abrange os misteriosos Amauta, palavra que no idioma quíchua significa os sábios. Os incas só apareceram muito mais tarde, depois da extinção dos Amauta.

Se a data da chegada de Manco-Capac ao Peru em 1300 antes de Cristo, é exata, é necessário afastar a suposição de sua origem atlanteana. Mas podia ser oriundo de uma das numerosas colônias de Atlantes que sobreviveram à grande catástrofe. Êle pretendia ser, como sua espôsa, descendente direto do sol. Mas é de crer que esta pretensão devia fundar-se no fato de ambos terem vindo do país "por onde o sol penetra no mundo" e que com o tempo o mito se foi avolumando gradativamente. E' assim que os habitantes dos países hoje denominados Bolívia, Peru e Equador passaram então a adotar o culto do sol.

Como quer que seja, Manco-Capac organizou uma jerarquia sacerdotal, criou um sistema religioso inteiramente novo, e por fim ensinou artes e ofícios às tribos que habitavam as montanhas andinas... O sábio peruano Francisco Loaisa propõe uma hipótese curiosa concernente ao fundador das dinastias pré-históricas dos Tupacs. Êle pensa que Manco-Capac veio simplesmente do país do sol nascente, isto é, do Japão. Os simples suditos teriam levado

a sério os seus contos. Uma dificuldade, porém, se apresenta: Manco-Capac era branco e usava barba, enquanto que os japonêses pertencem à raça amarela e raramente têm barba. Quanto a mim, estou inclinado a pensar que os japonêses ou a sua raça viviam naqueles tempos muito afastados em uma terra a leste do seu atual "habitat", e que a sua denominação de País do Sol Nascente não é mais que uma recordação dêsse longínquo passado. E' evidente que para os japonêses o sol parece levantar-se do lado da América.

Outro herói peruano, Pachacamac, o que significa "Pai da Terra", muito fêz em prol do desenvolvimento dos conhecimentos do seu povo e foi rival do terceiro dos reformadores peruanos, Viracocha ao qual conseguiu afinal suplantar. Com o tempo tornou-se Pachacamac o deus dos terramotos e o seu templo em Pachacamac numa espécie de Delfos peruana: os seus sacerdotes percebiam os estrondos do solo e os interpretavam como palavras do próprio deus.

O grande reformador da península de Iucatã, Itzamna, é considerado pelos índios maias como o fundador de sua ecivilização e como "Senhor da Aurora". Êste sobrenome permite supor que êle também viera de alguma terra situada ao Oriente.

O apóstolo Sumé que é tido em tôda a América do Sul como um grande reformador, também tinha vindo de leste. Em um livro consagrado por Ehrenreich às tribos caraias, a expressão "vinda do oriente" é interpretada como uma indicação do culto solar, como em todos os mitos (p. 39); mas eu prefiro considerá-la como uma lembrança da origem atlanteana de todos êsses missionários e reformadores.

Sumé é o nome que os tupis e guaranis dão a êste iniciador, mas os caraíbas chamam-no Tamu, os Arovaques; Camu, e os Caraias: Caboi. Acreditam êstes que Caboi os fêz surgir do fundo da terra. Não conterá êste mito uma vaga recordação do formidável cataclismo ao qual assistiram os antepassados dos caraíbas? Contam os caraíbas do Brasil que Tamu ou Sumé, o qual tinha a pele branca, viera do oriente, êle ensinou a agricultura a seu povo e depois desapareceu, sempre na direção de leste.

O deus Tupã, adorado pelos tupis, ensinou-lhes a agricultura e o uso do fogo, como também às outras tribos do Brasil. Voltarei a tratar mais minuciosamente da origem do culto de Tupã, um dos ramos mais curiosos da mitologia sul-americana.

Limitar-me-ei por agora a consagrar algumas palavras ao apóstolo dos chibchas (Muísco) na Colômbia. Esta raça conheceu uma civilização própria e o historiador colombiano Miguel Triana acha que, sem a invasão espanhola, ela teria podido progredir brilhantemente.

Contam as lendas chibchas que um homem misterioso e venerável chamado Bochica foi o iniciador, o apóstolo e o criador da civilização chibcha, tão interessante sob todos os pontos de vista. E' uma história muito atraente, que resumiremos segundo a exposição de A. d'Orbigny.

Há alguns milênios, quando ainda não existia a lua, apareceu inesperadamente na Colômbia, chegado do Oriente, um velho com uma longa barba branca. Tinha êle três nomes: Bochica, Zuqha e Nemquetaba. Vinha acompanhado de uma mulher mui linda, que possuía igualmente três nomes: Chia, Huitaca e Ubecaiuara. Um e outra montavam camelos. Chia era sedutora, cheia de encantos, mas de natureza perversa, ao passo que seu marido revelava, ao contrário, uma bondade infinita, em quaisquer circunstâncias. E' assim que ela não trepidou um dia em provocar uma terrível inundação: obedecendo ao seu encantamento o rio Funza transbordou de seu leito, inundando todo o vale de Bogotá. Os chibchas pereceram em número avultado, só se podendo salvar os que tiveram tempo de alcançar as proeminências. Revoltado com êsse procedimento, resolveu Bochica separar-se de sua encantadora mulher, e devolveu-a ao céu, onde ela se transformou em lua. Depois do que, conseguiu êle afastar os rochedos que barravam o curso do Funza e dêste modo salvar da enchente todo o vale.

Bochica civilizou as tribos que vivem sôbre o planalto de Bogotá. Ensinou-lhes a edificar cidades, instituiu o culto do sol, organizou, enfim, a nação, estabelecendo dois chefes, um religioso sob o nome de "Zague" e outro civil, subordinado ao primeiro. Segundo a lenda, o primeiro zaguê governou os chibchas pelo espaço de duzentos e cinqüenta anos. Terminada a sua missão, Bochica retirou-se para um sítio isolado chamado Iraca onde viveu ainda dois mil anos, sob o nome de Idacansas, jejuando e orando pelo seu povo bem amado durante todo êste imenso período. O fim de Bochica foi tão misterioso quanto a sua chegada: desapareceu sùbitamente. Em seguida fizeram-no deus do sol.

Muitos séculos após, pelo segundo século da era atual, um sacerdote vindo do extremo oriente e chamado Nengueteba apareceu entre os Chibchas. Dizia-se êle enviado pelo grande Bochica-Nengueteba a fim de melhorar ainda as

condições de seu povo amado. Nengueteba ensinou os indígenas a cultivar a terra, a tecer, a astronomia e a previsão do tempo; introduziu modificações na organização da classe sacerdotal, ergueu um templo ao sol e pregou severa moral. Se dermos crédito a M. Triana, os chibchas ainda conservam viva a lembrança dêste emissário de Bochica.

Os conquistadores espanhóis ficaram espantados do grau de civilização que os chibchas tinham em seu tempo atingido. Êstes índios fabricavam, efetivamente, objetos de cobre e de ouro, muitíssimo artísticos, esculpiam baixo-relevos em pedras, fabricavam lindos tecidos, que decoravam com pinturas, usavam moedas de ouro maciças e conheciam o calendário. O seu ano de 365 dias era dividido em doze meses e festejavam a sua festa nacional no dia do equinócio da primavera, que era consagrada ao sol e comportava o sacrifício de crianças. Os ritos observados nesse dia provam que se tratava de uma festa de significação francamente agrícola.

O sistema do govêrno dos chibchas consistia em uma sorte de teocracia despótica na qual os reis (Zipas) eram respeitados como soberanos estabelecidos por deus. Antes de ascender ao trono, devia o novo zipa passar por uma série de provas que se pareciam, diz Triana, às impostas aos faraós do Egito ou aos reis da antiga Índia. A legislação dos chibchas era severíssima: o adultério era punido com a morte de ambos os cúmplices, e vigorava a lei de talião. O luxo era considerado crime, as heranças eram regulamentadas por lei, os covardes e traidores submetidos a penas infamantes. Os chibchas usavam uma escrita ideográfica da qual ainda se encontram vestígios na Colômbia, em forma de petróglifos que datam dos tempos em que lá existia essa nação independente. Para gravar suas inscrições escolhiam os indígenas de preferência pedras de côr negra; e, quando não encontravam senão pedras claras, coloriam seus ideogramas.

Utilizavam-se da maior parte dos sinais que se encontram em monumentos similares da Europa, Ásia, África e do Brasil; e faziam muito uso da cruz suástica (gamada). Esta semelhança entre os ideogramas pré-colombianos e os de outras partes do globo, serve de apoio à opinião que atribui a todos uma origem atlanteana. Nas aldeias de El Infernito, Tunja e Ramiriqui acharam-se monólitos originários do tempo em que esta civilização sul-americana atingira o

apogeu, cobertos de relevos e esculturas muito interessantes e bem executadas, mas cuja significação ainda é ignorada até hoje.

A lembrança dêste velho Bochica, de longas barbas, de tão bom coração, ainda está viva nos vales andinos. Quando um viandante perdido na montanha entrevê no nevoeiro a sua própria imagem ampliada em proporções gigantescas — é o fenômeno conhecido pelo nome de espectro de Brocken * — acredita ver o espírito do divino ancião, reaparecido a fim de visitar seu povo e aliviar seus males presentes.

Em numerosos monumentos indígenas da América, assim como no folclore das suas tribos, encontram-se alusões mais ou menos confusas à Atlântida e ao seu trágico fim.

O Códex Tolteco Tira (ou Livro das Migrações) menciona, por exemplo, as migrações de oito tribos que tinham alcançado as praias do Pacífico, vindas duma terra situada a leste, a chamada Aztlã. Por outro lado, as lendas mexicanas falam duma terrível catástrofe, duma inundação tremenda que obrigara as tribos Naoa e Quichê a emigrar para o extremo sudoeste. Nos velhos desenhos mexicanos, a misteriosa pátria de origem dos Toltecas e dos Astecas, a terra Aztlã, está representada por uma ilha montanhosa; uma dessas montanhas está cercada por um muro e um canal. Se acreditarmos em Clavigero, os olmeques ou ulmeques do México pensam terem os seus antepassados vindo duma terra situada muito longe, ao Oriente.

Os índios da América do Norte julgam também que seus antepassados chegaram de leste. O major Lind, que se especializou no estudo do folclore dos peles-vermelhas, encontrou no Dakota e no Iowa uma lenda indígena segundo a qual tôdas as tribos habitavam no passado uma ilha no Oriente, formando uma única e mesma nação. Um dia êles construíram uma embarcação de forma especial, com a qual, depois de uma travessia de algumas semanas, alcançaram as costas da América.

Parece, porém, que esta lenda contém um êrro, pelo menos: as diferenças de côr da pele entre as diversas tribos são tão acentuadas que não se pode admitir pudessem elas jamais ter formado uma única nação. Com efeito, encontram-se entre elas tôdas as variedades de côr. Enquanto que os "menominos", os "dacoits", os "zuni" e outras tri-

(*) Montanha granítica da Alemanha, no Harz. N. T.

bos têm pele quase branca, os "caros" de Kansas e os índios da Califórnia (hoje em dia quase extintos) são de côr muito carregada, e entre êstes extremos acha-se gente vermelho-pardo, outros côr de azeitona, amarelo vivo ou bronzeados.

O professor Retzius opina que todos os índios dolicocéfalos são parentes próximos dos guanches das Canárias e das raças que vivem nas praias africanas do Atlântico. Tôdas as raças que acabamos de citar, bem como os caraíbas dolicocéfalos, têm pele vermelha- escura. E' caso de recordar que os homens da misteriosa tribo dos mazintis, que figuram nos velhos afrescos egípcios são de côr idêntica.

Por outro lado, encontram-se às vêzes em Venezuela e na península de Darien, índios brancos, que têm cabelos e olhos azuis; de modo que certos sábios pensam descenderem estas tribos dos atlantes. Enquanto os índios da América tinham em geral cabelos pretos, os antigos peruanos tinham-nos castanho claro. Não encontrou Short tribos peruanos que ainda hoje têm essa côr de cabelo?

Os "warrau", tribo arovaque, afirmam que os seus antepassados moravam, há muitíssimo tempo, num "Paraíso Terrestre" onde não havia homens maus nem animais malfazejos.

Os "quichês" da Guatemala possuem um documento muito interessante acêrca da história de sua tribo, o qual data de altíssima antiguidade. E' o célebre Códex Popul-Vu (um ramo de fôlhas). E' considerado o seu livro santo e foi descoberto em 1854 pelo doutor Scherzer. Nos quatro volumes que o compõem, está tôda a mitologia dos maias, em idioma quichê. O Popul-Vu conta que os antepassados dos quichês vieram, há muitíssimos anos, de um país situado muito a leste, em pleno oceano. Mais tarde, três filhos do rei dos quichês foram ter ao país de onde tinham vindo os seus antepassados e de lá trouxeram a arte da escrita. O Códex refere-se a essa maravilhosa terra do Oriente como a um verdadeiro paraíso: brancos e pretos viviam em perfeita paz e falavam o mesmo idioma. Conta o livro adiante que o deus Huracã, irritado contra os homens, resolveu afogar o mundo com um dilúvio, ao mesmo tempo que um abrasamento descia dos céus. E' evidente que o referido cataclismo só poderia ter sido a conseqüência duma pavorosa catástrofe cósmica, e é por aí que o mito guatemalense se liga ao mito grego de Faetonte, por culpa do qual metade da terra foi abrasada pelo fogo celeste.

Ainda se pode ver em Venezuela os remanescentes duma tribo de índios de pele branca. Trata-se dos Párias que ainda há poucos anos viviam em plena floresta virgem, entre o Apure e o Orenoco, numa aldeia chamada Atlã. Esta tribo que já desapareceu quase completamente, conservava há anos a tradição de uma catástrofe que destruíra seu país de orgiem, uma grande ilha no Oceano, habitada por uma raça próspera e "notável", da qual alguns grupos puderam alcançar Venezuela e assim escapar ao desastre. Seus descendentes viveram muito tempo entre os índios da Venezuela, formando, porém, uma tribo à parte. Suas mulheres eram muito apreciadas pelas outras tribos e contam crônicas espanholas do tempo da conquista, que certos caciques tinham nos seus haréns concubinas brancas. Seus senhores não lhes permitiam aparecer a quem quer que fôsse; e centenas dessas infelizes acabavam cegas, depois de passarem a existência nos serralhos obscuros. Um escritor venezuelano, o sr. M. B. Nuñez, disse-me que nas florestas de sua pátria se encontravam numerosos monólitos cobertos de hieróglifos e invulgares esculturas. Foi o notável naturalista alemão Alexandre de Humboldt, quem, no seu livro sôbre as excursões ao Orenoco e Amazônia, pela primeira vez revelou a existência dêsses curiosos monumentos.

O fato, assinalado pelo Códex Popul-Vu, de existirem negros entre a população do continente desaparecido é da maior importância. Até então pensavam os etnólogos que os pretos só tinham aparecido no Novo Mundo nos tempos modernos, trazidos pelos traficantes de escravos. Mais recentes investigações demonstraram que êles já tinham vindo em tempos passados. O Popul-Vu relata que, após o cataclismo que desabara sôbre o país de origem dos quichês, uma parte da gente restante tinha vindo para o oeste, isto é para a América, enquanto que outros se dirigiam para leste, quer dizer: Europa ou África. Pode ser que entre êstes estivessem os antepassados dos Berberes e dos Tuaregues. E' possível que entre os negros da África ainda existam descendentes dos Atlantes pretos.

Quatrefages, Le Plongeon e Bancroft provaram que existiam na América, há pouco tempo, tribos negras aborígines. Estátuas de deuses indígenas, achadas na América Central, têm traços caracteristicamente negróides e certos monumentos pré-históricos daquela região representam indubitàvelmente negros. E' êste o caso de certas estátuas existentes em Teotiuacã, em Palenque e duma colossal cabeça esculpida no granito, na encosta do vulcão Taxila, no Méxi-

co. Eu vi uma estatueta representando um prêto, em Quito, na coleção do sr. Ernesto Franco, a qual segundo a opinião de arqueólogos locais deve ter cêrca de vinte mil anos.

Os negros autóctones da América foram aos poucos mesclando-se aos índios ou completamente absorvidos, mas em um passado muito remoto êles já foram abundantes no Novo Mundo. E' todavia possível que alguns indivíduos isolados fôssem arrastados até a América pelas correntes marinhas que percorreram o oceano: esta era a opinião de Quatrefages. O'Donnely é da mesma opinião que animais e homens podem ser levados pelas correntezas.

Eu tive, há tempos, ocasião de passar um mês inteiro nas margens do Oiapoque em um lugarejo isolado nas florestas equatoriais da Guiana Francesa. Pude então observar numerosos indígenas pertencentes à tribo negra dos Saramacas, tribo quase independente que vive sua própria vida sob a direção de chefes da mesma raça. Os Saramacas dividem-se em clãs, cada um dos quais tem uma espécie de brazão, que é tatuado no rosto negro. Os etnólogos discordam quanto à origem dos Saramacas. Alguns os consideram uma tribo autóctone americana, enquanto outros pensam que são descedentes de negros trazidos como escravos no decorrer dos últimos quatrocentos anos, e fugidos dos seus donos para se refugiarem na floresta. O dialeto saramaca assemelha-se às línguas faladas na Costa d'Ouro, na Guiné, que se acham sob a mesma latitude, mais ou menos. Não creio que a última hipótese tenha fundamento: como se poderia escravizar e transportar uma tribo inteira, e como poderiam os seus membros fugir juntos, com mulheres e crianças? As cargas de escravos eram formadas ocasionalmente, de diversas procedências e tribos. E os Saramacas atuais são de costumes moderados e muito acolhedores para com os brancos. Como poderia assim ser, caso os seus antepassados tivessem vivido em escravatura, sujeitos ao cruel domínio dos fazendeiros? E' por isto que eu sou levado a crer que os Saramacas são a última tribo aborígine negra da América.

Um dos característicos mais curiosos desta população é a prática dos métodos de feitiço que ela herdou talvez de uma cultura especial que floriu em época muito remota. Penso que se pode aproximar esta hipótese da opinião expressa por Tilac acêrca da antiguidade dos Vedas. Êle presume que os indus receberam os Vedas de outra raça muito civilizada que habitava um país coberto de gelos. A ser isso verdade, só há duas possibilidades: ou o autor ou autores dos Vedas pertenciam a uma raça ignota, que se poderia dizer uma raça ártica, ou êles seriam coevos do último período glaciário. Esta última hipótese destruiria as teorias modernas da relativa juventude da civilização, que deveria então ser reputada muito mais antiga.

E' fora de dúvida que os primitivos assistiram a grandes cataclismos. Lemos no sexto capítulo do Bagavat-Purana, que as rodas do carro de Priavata sulcaram as ondas de sete oceanos e repartiram a terra firme em sete grandes regiões. Conforme esta lenda, o primeiro dêstes continentes seria o antigo, o segundo a América do Norte, o terceiro a América do Sul, o quarto a Austrália, o quinto o continente antártico, o sexto a Atlântida, enfim o sétimo a Gonduana (Lemúria) ou talvez a Groenlândia.

Dois sábios franceses, M. de Launay * e o dr. Hamy, estão inclinados a aceitar por verdadeiras as lendas relativas à existência da Atlântida. O dr. Hamy especialmente pensa que a Atlântida deve ser suposta entre a Espanha, a Irlanda e a América do Norte. Durante a época terciária poderia ter servido de ligação entre êstes diversos países, e seria assim que se teriam feito transportes de homens, animais e plantas do continente mais antigo, para os novos.

A julgar por monumentos existentes na América Central, pode se concluir que o continente americano se estendia muito mais para leste e que uma sucessão de tremendos cataclismos destruíra uma grande porção do conjunto. Lendas bretãs, por outro lado, contam que há milênios a Bretanha se estendia na direção de oeste; no País de Gales também se conservou a tradição de catástrofes, que teriam destruído uma grande ilha no oceano.

O historiador Timágenes escreveu no primeiro século da nossa era, que várias tribos gaulesas mantinham lendas sôbre a origem insualar de sua raça, o que prova que algumas tribos eram compostas de imigrantes vindos da Atlântida. Parece que os antigos davam o nome de gauleses a três raças muito diversas, a saber: os gauleses de origem ária, que vinham da Ásia, aos descendentes dos autóctones da Europa ocidental, e a colonos aí chegados de um país situado a oeste. No que se refere aos gauleses e celtas, a terminologia dos autores antigos não tem precisão. Eu por mim acho que se deveria reservar estas duas denominações aos povos oriundos da Atlântida.

(*) "La Terre", pág. 136.

Segundo o parecer de Paul Gruyer, * os monumentos denominados célticos (dólmens, menirs, "cromlechs") devem datar, não do neolítico, mas da idade de bronze. Julga Gruyer que os dólmens eram templos ao sol — e que os menirs, que são dispostos em feitio de avenidas, conduziam a túmulos pré-históricos. Nos arredores de Quiberon estas avenidas de menirs parecem prolongar-se até as águas do mar, do que se deduz que a terra se rebaixou depois que êstes monumentos estavam concluídos. Estas extensas alamedas, que eram consideradas sepulturas e que são tidas hoje como signos astronômicos, produzem aos que as percorrem ao luar, pelas calmas noites da Bretanha, uma estranha impressão de misticismo. Certos celtizantes atribuem até um senso profético a êsses misteriosos edifícios.

Sabe-se que os Atlantes sacrificavam cavalos à sua principal divindade, Posseidon, e que nos documentos mais antigos esta divindade é representada governando um carro, puxado por seis dêsses animais. A deusa Cibele, cujo culto era assaz difundido nos tempos pré-históricos, era, às vêzes, representada sob os traços de um cavalo. Observemos a propósito, que na aldeia bretã de Kervedal existe uma cabeça de cavalo tôscamente esculpida, acrescentando que Kervedal é próximo de Penmarch, cujo nome no linguajar gaélico (**) significa cabeça de cavalo.

Pierre Termier e Lewis Spence pensam que a raça de Crô-Magnon era originária da Atlântida e que se estabeleceu na Europa, há cêrca de vinte mil anos, trazendo consigo suas antigas tradições. A. Meillet acha que tôdas as línguas da Europa são derivadas da que falavam os Atlantes. As surpreendentes descobertas devidas a Mme. Whishaw corroboram a opinião dos que pensam que os primitivos habitantes do sul da Espanha eram Atlantes.

Os fatos e hipóteses que acabamos de lembrar, permitem imaginar que os povos chamados Celtas e Gauleses são os que emigraram da Atlântida, antes e depois da catástrofe.

Afirmam os mitos célticos que as almas dos mortos se vão para um país longínquo situado a oeste, sob o mar e chamado Avalon. Quer a tradição que o famoso rei Artur, transportado em um barco até Avalon foi ali repousar em um estado intermédio entre a vida e a morte, até

(*) "Visites d'art".
(**) Relativo aos celtas do país de Gales, Irlanda e Bretanha. N. T.

o dia da ressurreição. Não se poderá interpretar nesta alusão à cidade de Avalon submersa no oceano, a indicação da Atlântida? A palavra Avalon significa Ilha dos Pomos. Não se trataria das laranjas que se encontrariam sem dúvida na Atlântida? Segundo a mitologia grega, Hércules encontrou em suas viagens ao ocidente pomos de ouro nos jardins das Hésperides. Êstes jardins estavam situados no extremo Oeste, perto do oceano Atlântico.

Para os gregos os Campos Elisios, morada das almas bem-aventuradas, de clima delicioso e solo fértil, eram situados no extremo ocidente. Não quererá esta crença designar a ilha de Posseidon, cuja recordação, quase obliterada na idade clássica, tinha-se conservado vagamente no espírito dos Pelasgos, predecessores dos gregos e prováveis descendentes dos Atlantes também.

Um dos mais velhos papiros, o "Livro dos Mortos", também supõe a morada das almas bem-aventuradas naquela posição, no país misterioso de Amenti, que era parte do reino de Osíris. Encontra-se o Livro dos Mortos em muitos túmulos egípcios e as versões variam consideràvelmente de um para outro exemplar. O texto mais importante, que consta de 165 capítulos é conhecido sob o nome de "papiro de Turim". Há anos o (British Museum) publicou em ("fac-simile") a versão chamada de Ani.

Manuscritos egípcios intitulam esta mansão dos bem-aventurados AARU ou AALU. Dos mais velhos documentos constam os nomes de SEKHET-HOTEP (o campo da Paz) ou SEKHET AARU (Campo das Plantas). Êles o descrevem como uma terra fértil e irrigada, atravessada por caudaloso rio que é o "Nilo Celeste". Nos tempos primitivos, os egípcios imaginavam que o reino de Osíris era situado no Delta, e a fertilidade dêste foi que lhes deu, sem dúvida, a idéia da fertilidade de Aaru.

Os finados que residiam em Aaru desfrutavam a companhia dos deuses, continuando a ocupar-se como na vida terrestre: lavravam, semeavam, caçavam e entretinham-se com jogos vários. Com o tempo, porém, a situação de Aaru foi-se mudando, acabando por estacionar na constelação da Grande Ursa. Ainda outros colocam Aaru a oeste do país misterioso de Tuat, o qual era dividido em doze partes, correspondendo a cada uma das horas da noite, e ligadas por portas as quais eram vigiadas por serpentes.

Às noites, RÁ, deus do sol, atravessa TUAT na sua barca. "O extermínio da Humanidade", papiro encontrado

no túmulo do faraó Séti I (1366 a. C.) contém uma descrição minuciosa de Aaru. Sabemos por êle que Aaru era cercada por uma muralha de ferro, atravessada por muitas portas, às quais iam ter muitas estradas secretas, que convergiam para esta terra sagrada.

A situação de ARALU, paraíso dos babilônios, é descrita nos mitos dessa nação com ainda maior clareza que nos mitos egípcios. Segundo aquêle, Aralu encontrava-se no extremo oeste, no meio do oceano. Era lá que residiam UT NAPISTIM, o Noé babilônico e sua mulher.

O historiador grego Proclo refere que um escritor antigo, Marcelo, enumerara um grande número de ilhas situadas para além das Colunas de Hércules. Tratava-se de certo dos Açores e Canárias; mas o que nos importa, do que disse Marcelo é que na época em que êle vivia os habitantes das ilhas ainda conservavam lembrança da Atlântida e seu trágico fim. Marcelo, descrevendo os arquipélagos do Atlântico diz que um dêles se compõe de três ilhas grandes e sete menores. Uma das maiores tinha mil estádios de comprimento e era consagrada a Posseidon, enquanto que o culto de Proserpina predominava nas outras.

Na Odisséia faz-se menção da ilha Ogígia, onde residia Calipso, linda filha do gigante Atlas, em cuja gruta o astuto Ulisses se demorou algum tempo. Conta Homero que uma alterosa montanha se elevava no centro da ilha (Pico de Tenerife?), em tôrno da qual se desencadeavam violentos temporais. Tudo indica que Homero quis descrever uma das Canárias.

Diodoro da Sicília diz que os intrépidos marinheiros, que eram os fenícios, descobriram uma ilha imensa no Oceano Atlântico. Talvez tivessem arribado a Cuba ou a Jamaica. Pausânias, escritor exato e escrupuloso, fala de um arquipélago no Atlântico, que êle chama de Satírides, sem dúvida as atuais Antilhas.

O mesmo autor descreve as aventuras de um certo Eutímio, que uma tempestade forçou a arribar a estas ilhas e aí encontrou homens de pele vermelha, que usavam longa cabeleira, tal como crinas. Pausânias não explica como Eutímio tornou à pátria, nem porque a sua descoberta ficou sem resultado.

Segundo Estrabão não foram poucos os audaciosos navegadores que se aventuraram para o oeste pelos mares afora. Plutarco relata que o general Sertório, exilado, encontrou no sul da Espanha corsários que voltavam de ilhas

distantas de 1.600 quilômetros e tanto lhe gabaram a doçura do clima e do solo, que êle pretendeu ir refugiar-se lá, contra a tirania de Sila, ficando na Ibéria porque os seus asseclas se recusaram a acompanhá-lo. Estas ilhas (sem dúvida as Canárias) eram apelidadas pelos gregos as "Abençoadas" e pelos romanos as "Afortunadas". A seu respeito escreveu Horácio:

> Nos manet Oceanus circum vagus — arva, beata
> Petamus arva, divites et insulas,
> Reddit ubi Cererem téllus inarata quotannis.
>
> (Epod., XVI-41).

(Chama-nos o Oceano, que cerca o mundo. Vogamos para as abençoadas campinas das Ilhas Afortunadas, onde a terra mesmo sem cultivo, produz cada ano os frutos de Ceres).

Diz Plínio (Hist. Natural, IV, 31-32) que estas Ilhas Afortunadas eram situadas a 1.200 quilômetros a oeste de Gades (Cádiz) e que Uba rei da Numídia (da Mauritânia) as visitara, com intenção de empreender a criação dos mariscos de que se extraía a púrpura.

Além da descrição minuciosa de Platão, é a Atlântida mencionada em obras de Diodoro da Sicília, Plínio, Estrabão, Timágenes, Homero, Aélio, Cosme Indicopleuste, Proclo, Possidônio, Plutarco, Arnóbio e Pompônio Mela. Não se pode mais duvidar de que os povos do Mediterrâneo da antiguidade sabiam da existência, para além do oceano, de uma terra, que é impossível afirmar se era a Atlântida ou a América. Entretanto, em certos casos é fora de dúvida que se tratava do Novo Mundo. Não está claramente anunciada nos seguintes versos de Sêneca, a descoberta da América?

> Venient annis saecula seris
> Quibus oceanus vincula rerum
> Laxet, et ingens patebit tellus
> Thetisque novos deteget orbis
> Nec sit terris ultima Thule
>
> (Medéia, 376-380).

(Passados muitos séculos, virá o tempo em que o Oceano soltará as cadeias que prendem o mundo e um imenso continente há de surgir.
Tétis, então, desvendar-nos-á novos territórios e Tule não será mais o último).

Não resta dúvida que os fenícios mantinham tráfico com certas partes da América há cêrca de três mil anos atrás. Alguns autores clássicos, baseados em narrações dos navegadores fenícios, fazem alusões diretas à América. Platão declara nos seus diálogos que existia, muito além das Colunas de Hércules, um vasto continente; e, ainda mais além, um mar imenso. Êle não ignorava portanto a existência da América, nem do Oceano Pacífico. Tinha sido informado pelos fenícios ou pelos egípcios, pois êstes podiam saber da existência da América e do Pacífico pelos próprios habitantes da Atlântida. De resto, segundo adiante veremos, há arqueólogos que sustentam mesmo serem os egípcios de origem americana.

Refere Aélio na sua VÁRIA HISTÓRIA livro III, cap. XVIII) que segundo uma lenda por êle encontrada entre as obras, hoje extraviadas, do historiador Teopompo, o famoso Sileno revelou um dia a Midas, rei da Frígia, a existência de um vasto país, muito para o oeste, habitado pelos "Mérops", nação misteriosa, que tinha por cabeça a rainha Mérope, filha do gigante Atlas. Hércules encontrara, em uma de suas viagens para o Ocidente, o pai de Mérope. Êste encontro é também relatado por Plutarco em seu tratado das MANCHAS DA LUA.

Referindo-se a Atlas, assim se exprime Homero: "Atlas conhece todos os sorvedouros do mar e é senhor absoluto na região das Elevadas Colunas que se erguem entre o céu e a terra." Quanto à expressão: "Atlas sustentando o universo", convém não ver nisto mais que uma figura poética; mas o império dos Atlantes era tão poderoso que lhe convinha esta denominação. As "filhas de Atlas", como Calipso e Mérope, designam evidentemente as colônias ou províncias dos Atlantes. Como a Atlântida já não existia ao tempo de Homero, o ilustre rapsodo incorporou ao seu canto quantas lendas circulavam sôbre ela, enquanto êle compunha, e que não passavam do pálido reflexo de uma glória desaparecida. Pode ser, não obstante, que ainda existissem alguns destroços do ex-poderoso império, tal como a cidade de Tartesso por exemplo.

Se Plutarco designa com o nome de Reino de Mérope um território da América, é claro que os atlantes tinham aí os seus estabelecimentos. Não obstante é bem possível que Hércules nunca tenha estado lá, e que os méropes tenham morado em qualquer parte do incerto continente desaparecido. Tal não é, porém, a opinião de um ilustre filólogo brasileiro, o dr. Henrique Onffroy de Thoron.

Êste sábio desvenda a origem da palavra Mérope do idioma da tribo dos Quíchuas (que não devem ser confundidos com os índios Quichês, da América Central), tribo fixada no ângulo noroeste da América do Sul e que conta cêrca de três milhões de indivíduos. O idioma quíchua é muito pobre de consoantes das quais só conta quatorze, no máximo, segundo o lingüista Tchudi.

Explica Thoron que o substantivo quíchua MARO (Lugar, terra, região) tem um genitivo MAROP usado no sentido de "indígena, aborígene, natural da terra" etc., correspondendo ao têrmo grego CHEGEN. Provàvelmente, cada vez que os fenícios perguntavam aos indígenas: "Quem sois? De onde vindes?" tinham como resposta: "Somos daqui, somos MAROP". Daí os fenícios voltavam com a impressão de terem estado no país dos MAROP, que se transformou depois em: Mérop, quando chegou aos ouvidos de Teopompo e Plutarco.

Veremos porque nos julgamos autorizados a situar as viagens de Hércules ao oeste no quinto milenário antes de Cristo, embora Teopompo, na conversa de Midas e Sileno, acrescente que teve lugar após a guerra de Tróia.

No século XIX, foi descoberto no Panamá um vaso repleto de moedas de bronze do III° e IV° século da nossa era. Esta descoberta provocou interêsse nos meios científicos, apesar de indivíduos céticos, que indagavam porque êste aventureiro desconhecido carregava consigo moedas de bronze, de pouco valor, em uma viagem tão longa, podendo levar ouro ou prata. A resposta é fácil: E' provável que o viajante não aportasse ao Panamá por sua vontade, porém arrastado pelos temporais e que o dinheiro que trazia não era destinado a compras entre os indígenas dêste país, que de certo ainda ignoravam então o valor das moedas. Houve críticos que pretenderam mesmo ter descoberto o antiquário fornecedor das velhas moedas ao desconhecido autor dêste embuste.

Não foram os europeus os únicos aventureiros da antiguidade que voluntàriamente, demonstrando grande ousadia, ou em conseqüência de contratempos, contribuíram para a ligação entre o Velho e o Novo Mundo. Possuímos um testemunho de uma experiência em sentido contrário, acontecida a habitantes da outra costa do Atlântico. Pompônio Mela, na sua CHRONOGRAPHIA (III, 5, VIII) que é o mais antigo tratado de geografia de que dispomos, e Plínio na sua História Natural (XX, 67) relatam que no ano 62 a. C. uma embarcação cheia de gente de pele vermelha, foi lançada pelo mar às costas da Germânia. O rei dos Suevos presenteou alguns dêsses homens como escravos a Metelo Celero, procônsul da Gália. Plínio e Pompônio Mela pensavam, como todos naquele tempo, que o mar Cáspio comunicava com o Báltico pelo Oceano Ártico; e concluíram que os tais índios tinham vindo da Ásia, contornando o Norte da Europa. Mas demonstrou-se posteriormente que os homens desembarcados na Germânia eram índios do Labrador (Gomara: HISTORIA GENERAL DE LAS INDIAS, 1553; e Wytfliet: DESCRIPTIONIS PTOLEMAICAE ARGUMENTUM). O rei de França, Carlos X, adquiriu para o museu do Louvre um busto em bronze representando um dêstes índios. A autenticidade do busto foi estabelecida pelo arqueólogo Egger e não se pode duvidar que êle represente um dos náufragos do ano 62. Êle, figura, com efeito, um homem com orelhas muito salientes e a testa baixa e fugaz, crânio dolicocéfalo, as arcadas do sobrecenho muito proeminentes, os lábios espessos e o nariz com feitio de águia, nariz perfeito de índio.

Os sacerdotes da deusa Neit tinham relatado a Sólon, como, ao tempo dos Pelasgos, a cidade que viria a ser Atenas, fôra invadida pelos Atlantes. Não podemos infelizmente saber, se se tratava de uma guerra de conquista ou de uma expedição punitiva a fim de conter uma colônia longínqua. Esta invasão pode também ter sido a última vaga das emigrações atlanteanas, que, segundo Lewis Spence deram lugar à instalação da raça Crô-Magnon na Europa, formadas dos que puderam escapar à grande catástrofe. Como quer que seja, êste exército, se dermos crédito a Platão, depois de ter invadido o Egito e a Líbia, foi afinal aniquilado pelos atenienses (pelasgos), pelos egípcios e os getúlios da África.

O professor Ludwig Schwennhagen afirma que a invasão de Tartesso e de Gades, cêrca de 1300 anos antes de

Cristo, pelos misteriosos Iberos-Geriões, desfechou um golpe fatal na prosperidade dessas colônias. Tartesso, importante e rica cidade na Espanha, na embocadura do (Guadalquivir) tinha sido, segundo as aparências, fundada pelos Atlantes, e os seus habitantes, afirma Estrabão, tinham arquivos que alcançavam seis mil anos. Os autores clássicos pretendem que Tartesso gozava de independência, fazia sua política exterior própria e que seus cidadãos empreendiam com freqüência expedições para ultra-mar.

Se os Fenícios e Cários não eram da mesma raça, deve-se pelo menos admitir que eram confederados e ligados por tratados comerciais. Pouco afastada de Tartesso havia outra colônia, cuja capital Gades (Cádiz), fôra fundada, ao dizer dos sacerdotes de Neit, por Gadir, segundo filho de Posseidon, a qual dominava tôda a região que cerca Gibraltar. Êste mito significa apenas que Gades foi estabelecida pelos Atlantes, pois que Posseidon era a divindade suprema e o símbolo da nação. Em todo o caso, há documentos sôbre Gades que permitem remontar sua existência até dois mil anos a. Cristo.

Parece-nos provável que os Atlantes das duas colônias, sob a pressão dos Iberos-Geriões, recuaram para Leste, invadindo a Hélade e o Egito, até serem finalmente batidos pelos Getúlios e o faraó Ramsés II.

Quanto aos pelasgos que povoavam a êsse tempo a Grécia, é provável que descendessem, tal como os fenícios, de outro ramo da mesma raça que tinha emigrado séculos antes. E' verossímil que após a catástrofe, as antigas colônias, inclusive a da África Setentrional, as da Etrúria, Dalmácia e Albânia de hoje, em suma: tôdas as enumeradas pelos sacerdotes de Sais, aspiraram a agrupar-se de novo em um estado poderoso.

O nosso filólogo H. Onffroy de Thoron presume que, de combinação com os "Antis" isto é os Quíchuas, que vivem hoje nas regiões andinas, os Atlantes invadiram a Europa. Entretanto, se tais migrações eram possíveis enquanto ainda existia a Atlântida é preciso não esquecer que lá pelo ano de 1300 antes da era cristã tinha desaparecido o continente que podia servir de ponte entre o velho e novo mundo.

Acredita o mesmo sábio que, pelo estudo aprofundado das linguagens americanas, poder-se-ia elucidar o problema da Atlântida. Analisando êste nome em suas partes componentes, êle achou que em idioma quíchua, como no antigo egípcio significa "o país dos vales elevados". No egípcio

antigo, com efeito, "anti" quer dizer "vale de grande altitude". Ora, segundo Platão, nas montanhas do continente submerso existiam muitos vales situados a uma grande altura acima do mar. Parte da cadeia dos Andes ainda é denominada "anti" pelos quíchuas e os seus habitantes se chamam os "antis". E' certo que o nosso nome Andes vem do quíchua "anti". Por outro lado, segundo o sr. H. de Thoron a palavra Atlas é composta de: "Atl" que no velho egípcio significa país; e "as", que é comum ao quíchua e velho egípcio. A última língua emprega esta partícula na acepção de "próprio" e também para exprimir o sentido de continuidade. Mas, pode-se também decompor "atlas" de maneira diferente, porque "atl" em idioma berbere quer dizer água e tem o mesmo sentido entre os índios quichês da América Central, que é preciso não confundir com os quíchuas.

O leitor deve ter presente que tôdas estas conjeturas se apóiam sôbre uma base frágil, que não comporta uma teoria rigorosamente científica.

Os diálogos de Platão, nossa principal fonte de informações, fundam-se nas declarações dos sacerdotes de Sais a Sólon, que as transmitiu ao avô de Crítias. Três gerações tinham passado entre a primeira revelação e a sua narrativa em presença de Platão. Estas narrações sucessivas decerto alteraram a interpretação primitiva, com a supressão de pormenores e acréscimo de outros, pelos narradores.

E realmente, como a organização social dos Atlantes, como os Diálogos nô-las descrevem, coincidem impressionantemente com as concepções políticas do próprio Platão, certos críticos opinaram que êle tivesse inteiramente arquitetado a história tôda, com o intuito de demonstrar por um exemplo concreto que as suas teorias se poderiam enquadrar às necessidades da administração. Entretanto Crantor que visitou Sais trezentos anos depois, afirma ter visto lá mesmo a história da Atlântida representada em uma inscrição hieroglífica, tal como nô-la deixou o filósofo.

Em suma, a narração de Platão permanece, após dois mil anos, de debates, um problema emocionante, e é preciso reconhecer que as descobertas modernas concordam em confirmar que é em grande parte verdadeira. Vamos citar alguns exemplos sòmente:

Descrevendo as costas da Atlântida, diz-nos Platão que eram constituídas de rochas brancas, negras e vermelhas e que as mesmas tinham servido para construir os principais edifícios da capital. A constituição geológica dos Açores e das Canárias coincide com esta descrição e tem impressionado todos os viajantes que as percorrem. De fato as montanhas dessas ilhas, que não são senão os píncaros da Atlântida, emergindo das águas, são constituídas de rochas calcárias ou vulcânicas, tôdas daquelas côres.

Diz também Platão que na Atlântida existiam férteis planícies, rodeadas de altas serranias, com abundantes jazidas de metais; e menciona, entre outros, um metal ignoto, o oricalco, cuja composição nos é desconhecida, mas que, a meu ver, devia ser uma liga resistente de cobre ou bronze talvez.

Descobertas arqueológicas recentes demonstraram realmente que certos povos pré-históricos sabiam temperar o bronze. Os índios caraíbas, bem como os astecas, conheciam a fórmula e parece que certos indígenas do México conhecem hoje processos para temperar o bronze, que êles ocultam cuidadosamente aos brancos.

Pelas descrições antigas era o clima da Atlântida tão agradável, a atemosfera tão pura e transparente, que seus habitantes desconheciam o inverno. Isto não pode causar surprêsa a quem conhece o clima da Madeira, dos Açores e Canárias considerado salubérrimo, o que contribuiu para o estabelecimento das numerosas estações climáticas lá existentes.

Há anos, um erudito francês, Paul le Cour, dirigiu-se aos Açores com o fim de procurar provas de serem estas ilhas na realidade, restos da Atlântida. Em seu parecer, certas particularidades da estrutura geológica dêsse arquipélago, tal como basaltos, areias negras, os rios de água quente, concordam com a exposição de Platão, no ("Timeu"). Le Cour ousa mesmo crer que o grande lago das Sete Cidades, na ilha de S. Miguel talvez oculte, em suas águas, ruínas pré-históricas.

O mesmo viajante, porém, assinalou outras particularidades interessantes. E' assim que os indígenas do grupo dos Açores serviam-se de uma espécie de trenós, apesar da neve ser lá desconhecida, lubrificando os patins dos trenós, para êstes melhor deslizarem pelas ruas e estradas, que são calçadas com pedras lisas do mar, sôbre as quais os nativos chegam a alcançar com seus trenós considerável velocidade. E' sabido que os maias, que se diz terem chegado ao Iucatã depois do desaparecimento da Atlântida, ignoravam o uso das rodas até à chegada dos espanhóis. Le Cour explica o fato, supondo que a grande catástrofe se tivesse consumado antes da invenção da roda, vendo no processo ain-

da hoje em uso nos Açores, o exemplo da persistência de uma tradição milenária, a despeito do progresso da técnica moderna.

Conta o "Crítias" como Posseidon, ferindo com o seu tridente o chão da ilha descrita por Platão, fêz dela surgir duas vertentes: uma quente e outra fria. Hoje ainda se pode ver nas "Furnas" da ilha de S. Miguel duas fontes pouco distante entre si, uma das quais verte água de temperatura muito baixa, que na outra é quase fervente.

O filósofo grego descreve pormenorizadamente a capital, a soberba Posseidônis; suspeito, porém, que êle se tenha deixado arrastar um tanto pela fantasia, custando-me crer que existissem tantas estátuas de ouro e telhados de oricalco na referida cidade. Na verdade, o quadro que êle nos oferece assemelha-se às vêzes à descrição feita por Cortez ao rei de Espanha, da antiga Tenochtitlã, hoje capital da república do México. E' de crer que, ao edificarem a sua capital, se tenham os toltecas ou astecas inspirado no que outrora tinham visto em sua pátria primitiva. Encontravam-se, na verdade, tanto em Tenochtitlã, como em Posseidônis, diversas cidadelas com vastas praças, das quais irradiavam um sistema de ruas e canais. As barragens levantadas sbre os canais serviam para a ligação das ruas, como para a defesa, em caso de guerra.

As fortificações que cercavam Posseidônis eram cobertas de cobre, mas o recinto principal era forrado de oricalco, brilhante como ouro. Ao centro da cidadela central, que se estendia por sôbre a montanha dos três vértices, erguia-se o templo de Posseidon, revestido de ouro, e interiormente ornado de um grande número de estátuas de marfim e ouro. Afirmava Platão que eram numerosos os elefantes existentes na ilha.

Uma estátua colossal e alterosa, representava Posseidon dirigindo seis cavalos alados. A cabeça do deus atingia a cúpula do templo e em volta numerosas esculturas figurando nereidas cavalgavam delfins. O edifício era todo rodeado de estátuas de ouro, representando os reis e rainhas dos atlantes. Não era permtido penetrar no santuário, sem concessão especial, e os que esta regra infringiam ficavam sujeitos à morte, por sacrilégio.

A capital, poderosamente fortificada e inteiramente cercada por uma tríplice muralha, era edificada sôbre as encostas de três altas montanhas, de conformidade com as tradicionais efígies de Posseidon e o seu tridente.

Segundo Platão e outros, o sistema político era teocrático, do que ainda se encontravam vestígios em nações americanas, antes da penetração espanhola; sendo de presumir que estas tivessem calcado suas instituições nas da antiga metrópole. As nações dos maias, tolteques, aimarás e chibchas estavam organizadas por êste modêlo e praticavam o culto do sol e às vêzes também o de Tlaloc-Posseidon.

O grão-sacerdote dos atlantes dispunha de poder ilimitado, sendo suas ordens interpretadas como a vontade divina. O país era submisso a uma jerarquia complicada de sacerdotes numerosos. A adoração de Posseidon e a do sol formavam a base da religião.

Sabemos que a catástrofe da Atlântida foi precedida de tremendas inundações e violentos terramotos, depois do que o continente soçobrou durante uma noite de horrores, segundo Platão. Em muitos autores clássicos, encontram-se claras alusões ao cataclismo, e alguns, dentre os quais Marcelo, nos ministram minúcias sôbre os acontecimentos que se seguiram. Relata o autor citado que os Atlantes sobreviventes atingiram a Europa ocidental; fato êste confirmado por Timágenes, que o sabia pelos druidas da Gália. A submersão da Atlântida foi seguida, segundo certos autores da antiguidade, por uma tal afluência de lama no mar, que impossibilitou a navegação durante muito tempo. Muitos séculos depois, os fenícios enviados pelo faraó Necao, contaram que o oceano, além das Colunas de Hércules era de tal modo espêsso que os seus navios não podiam prosseguir. Êste relato não pode ser aceito sem reservas: é provável que os astutos navegantes quisessem desanimar os seus pretensos concorrentes nas grandes linhas de comunicação. E conseguiram o seu intuito de tal modo que durante milhares de anos nenhum navegador ousou transpor o estreito chamado então Colunas de Hércules e arriscar-se no oceano conhecido pela denominação de "Mare Tenebrosum". Tais fantasias foram finalmente desfeitas, no decorrer do século XV, pelos ousados navegadores portuguêses e espanhóis, que foram os primeiros a sulcarem o sul do Atlântico, depois dêsse longo lapso, em conseqüência, sobretudo, do impulso dado às explorações de além-mar pelo príncipe D. Henrique, Duque de Vizeu, filho de D. João I, com a escola de navegação que fundou em Sagres, e a descoberta da ilha da Madeira e outras, entre 1417 e 1420.

Em 1428, finalmente, Gil Enes transpôs o cabo, até então considerado o limite das navegações para o sul, desfazendo de vez a fabulosa crença em um mar viscoso, exis-

tente daí para diante e no prolongamento submarino do mesmo cabo. Êstes sucessos foram coroados por Bartolomeu Dias, ao avistar o cabo a que deu o nome de Tormentório, mudado em Boa-Esperança pelo rei D. Manuel; por Colombo, descobrindo a América em 1492, por Vasco da Gama, indo até as Índias em 1498 e pela descoberta do Brasil, por Cabral, em 1500.

CAPÍTULO II

As hipóteses de A. Schulten e de Berlioux. A descoberta do Dr. Herrmann. A descoberta de Baudouin. As provas a favor da narração de Platão. A origem do âmbar. A Lemúria. As investigações de Stanley Gardiner. A teoria de Wegener. A teoria das "pontes". As migrações dos "lemmings".

A existência no passado de um grande continente entre a Europa e a América e o seu calamitoso desaparecimento são fatos universalmente admitidos pelos geólogos; mas como acontecidos há milhões de anos. Tais algarismos o colocariam em tempo muito anterior ao aparecimento da humanidade sôbre o planêta.

Eu pretendo demonstrar que a catástrofe de que me ocupo se deu em época muito mais próxima da atual e que vitimou raças de cultura já bem adiantada.

A versão de Platão foi impugnada por numerosos sábios. Nas seguintes páginas achar-se-ão, em resumo, as teses de alguns dos opositores modernos do filósofo grego.

O sr. A. Schulten manifestou recentemente a hipótese de que a narração de Platão não se referia a uma ilha ou continente no meio do Oceano Atlântico, mas antes à cidade de Tartesso, que já mencionamos nesta obra. As suas ruínas estão situadas junto à foz do Guadalquivir, na Espanha, tendo já atraído sôbre si a atenção dos arqueólogos, há muitos anos. Escavações lá realizadas revelaram um alto nível de cultura entre os seus antigos habitantes. O livro da sra. Whishaw, intitulado "Atlantis in Andalusia", ao qual também já nos referimos, contém valiosas indicações sôbre o grau de civilização a que atingira aquêle povo, em tempos pré-históricos.

Não tendo sido Tartesso mais que uma colônia dos atlantes, seu nível cultural deve ter sido apenas o reflexo da evoluída civilização dêstes, seus fundadores: ou na época

de sua florescência, ou depois da sua destruição, quando andavam em busca de um novo território, onde se refugiar. Não esposamos a conjetura de Schulten de que Tartesso deva ser a cidade descrita por Platão, porque esta jamais foi vítima dos cataclismos narrados pelo filósofo. As suas ruínas que ainda existem em terra firme não apresentam indícios de terem passado por aquêles abalos sísmicos, nem de jamais terem sido submersas.

Um geógrafo francês, chamado Berlioux, publicou, há uns cinqüenta anos, uma "História dos Atlantes", tendente a provar que a Atlântida de Platão era situada entre as montanhas do Atlas, na África mediterrânea, obra que merece ser tomada em consideração, pelas numerosas provas que apresenta em apoio da sua hipótese, que foi parcialmente confirmada pelos trabalhos recentes do sábio alemão dr. Herrmann.

Antes de consagrar algumas páginas à exposição das suas teorias, acho conveniente recordar as afirmações dos geógrafos mais antigos. Mencionam auotres clássicos a existência de um certo rio chamado Tritão, que desembocava, no Mediterrâneo, na África Setentrional. Uma cidade dedicada a Posseidon erguia-se sôbre uma ilha, na foz dêste rio. Já vimos, ao expor os frutos das investigações de Borchardt, que existiam em Túnis colônias atlantes em número avultado; e possível era que esta cidade fôsse uma delas. Segundo asseveram antigos autores, tinha esta cidade a forma de um círculo, com um raio de seiscentos metros, aproximadamente. Durante muito tempo se considerou a existência desta cidade no litoral norte da África como uma simples lenda, como também a história da Atlântida. Mas eis que, em 1931, descobriu Herrmann na Tunísia os vestígios da cidade consagrada a Posseidon. Havia muito que o sábio alemão trabalhava em escavações arqueológicas em Shott-el-Djerid, na região de Cabília, ao sul de Túnis. O resultado dos seus trabalhos de anos veio confirmar a velha história acêrca da vasta marinha de sal que se estende entre Neftá e o gôlfo de Gabes, denominada atualmente Shott-el-Djerid, a qual é, segundo está demonstrado, a extremidade ressequida de um mar interior, o "Mar do Tritão", que comunicava outrora com o gôlfo de Gabes.

A descoberta de Herrmann confirma o mapa hipotético, organizado pelo sábio chileno Luís Thayer de Ojeda (cujas obras serão enumeradas em capítulo posterior) da depressão mediterrânea, que depois da ruptura do estreito de Gibraltar e desaparecimento do istmo afro-europeu passou a ser o mar Mediterrâneo.

Tendo assim localizado aquêle mar pré-histórico, Herrmann deu início às suas investigações acêrca do rio Tritão. No decurso dêstes trabalhos descobriu sob as dunas a oeste de Fauá, os vestígios de uma cidade pré-histórica, correspondendo cabalmente às vetustas descrições de Posseidônis.

Sob uma colina de areia e barro endurecido, foram por êle encontrados recipientes de forma até então desconhecida, bem como fragmentos de cascas de ovos de avestruz, artìsticamente esculpidos. Êstes eram de certo empregados como peças decorativas, como ainda atualmente no Egito, Palestina, Arábia e África setentrional. O dr. Herrmann conta fazer outras descobertas mais interessantes ainda e mesmo pôr a descoberto as ruínas da cidade de Posseidon, para o que será necessário remover tremendas camadas de areia e aluvião, estando persuadido que os sacerdotes de Sais se referiam a esta cidade ao falarem a Sólon da capital dos atlantes; em contradição com Berlioux, que localizava a Atlântida mais para oeste, perto da serra do Atlas.

Pensa o dr. Herrman que as entrevistas entre Sólon e os sacerdotes foram realizadas por intermédio de intérpretes, os quais podiam ter errôneamente traduzido a expressão "xoinos", que designa uma medida de extensão egípcia, equivalente a um pé inglês ou a 30 cm. mais ou menos, atribuindo-lhe o comprimento de um estádio grego, que era 604 vêzes maior. Segundo esta opinião, resultou daí que Sólon, como Crítias e Platão, conferiram à capital dos atlantes aquelas dimensões desproporcionadas.

Foi por mero acaso que o arqueólogo germânico chegou à essa conclusão: Julgando por demais inverossímeis as proporções da mesma capital, encontrou para ela, depois de substituir as medidas em estádios pelas medidas em pés, o diâmetro de 1600 metros, o qual coincide exatamente com o das ruínas de Shott-el-Djerid. Por idêntico procedimento achou quatro metros apenas para largura do canal que ligava ao mar a cidade de Posseidon, o que também corresponde aos restos do canal existentes em Shott-el-Djerid. Apesar de Platão afirmar que a Atlântida era situada no meio do oceano, presume Herrmann que êste oceano não passava de um mar interior, de que o atual Shott-el-Djerid é remanescência. Descobriu também o antigo leito do rio Tritão, a que nos referimos, e sôbre cujo primitivo estuário estão situadas as ruínas.

As descobertas de Herrmann pareciam encerrar definitivamente os debates entre os atlantólogos. Já não seria mais caso de discutir a situação geográfica da ilha ou continente de Platão, se não houvesse fortes objeções a opor às suas conclusões.

Sobretudo: ao descrever Platão a grandiosa Posseidônis de certo não pretendia referir-se a qualquer estabelecimento de importância secundária no litoral da África setentrional, do qual não teria tratado com tanta minúcia e estilo tão pomposo.

Parece igualmente inverossímil que os sacerdotes tivessem se referido a uma colônia secundária como se fôsse a magnífica e imponente metrópole do império desaparecido. E os autores antigos que descrevem a cidade de Posseidon, à foz do Tritão, não teriam deixado de referir às lendas acêrca da Atlântida; e se o não fizeram, é que ambas nada tinham de comum.

Depois, a catástrofe da Atlântida foi seguida de fenômenos muito diferentes dos que ocorreram ao desaparecer a cidade à foz do Tritão. Ao passo que a Atlântida afundou no oceano, o mar afastou-se, ao contrário, da outra cidade, que foi invadida pelas areias do deserto, assim como o leito sêco do rio. Enfim, parece-me um tanto ousada a hipótese de Herrmann a respeito da interpretação do termo "xoinos": "Sólon residia há tanto tempo no Egito, que não podia cometer um êrro dêstes, assim como um matemático e filósofo tal como Platão nunca ter-se-ia fiado em informações sem fundamento. Quanto às dimensões de Posseidônis, ministradas por Platão, suponho que não dizem respeito à cidade sòmente, mas a todo o país. Onde estão enfim em Shott-el-Djerid os três píncaros que dominavam Posseidônis, segundo Platão? Estou igualmente inclinado a admitir que a inesperada conclusão a que chegou o dr. Herrmann, apesar do seu notável engenho, não passa de simples coincidência; e que não pode ser adotada para critério de verdade, porque é dificílimo apreciar o diâmetro de uma cidade destruída, tanto mais quando ela se acha enterrada na areia.

Proponho-me agora investigar os laços étnicos que poderiam ligar estas populações pré-históricas da Europa ocidental aos maias, que habitaram, no passado, uma terra sita em pleno oceano. Não podiam deixar de existir relações entre êstes diversos grupos, em época muito remota, e também quando já tinham adquirido um grau elevado de civilização. Nesta ordem de idéias convém referir as interessantes descobertas recentemente efetuadas pelo sr. Marcel Baudouin, apesar de terem sido acolhidas com reservas pelos especialistas.

No departamento da Vendéia (França) verificam-se às vêzes marés muito baixas, na foz de um pequeno rio chamado Vie, as quais têm geralmente lugar durante o equinócio do outono. Por ocasião de uma dessas vazantes excepcionais, em stembro de 1928, pôde o mencionado Mr. Baudouin examinar de perto uma certa rocha de quartzita que está situada próximo à margem e é muito temida pelos navegantes, por estar em geral coberta por muito pouca água. Na sua mocidade ouvira Baudouin dizer os pescadores que esta rocha, por êles denominada "A Pedra Grande", estava coberta de desenhos e sinais misteriosos, donde êle concluíra que se devia tratar de um (menir), que caíra à água por uma causa qualquer, ou que tinha mergulhado em conseqüência do rebaixamento do solo do litoral.

O sr. Baudouin dirigiu-se pois no dia do equinócio de barca para o lugar em que estava a "Pedra Grande" e, depois de remover com grande esforço e trabalho o limo e algas de que ela estava coberta muitos anos, viu aparecer curiosos baixo-relevos, dentre os quais pôde distinguir: um círculo com um perfíl humano esculpido no interior; uma pegada humana, uma letra misteriosa, talvez um símbolo; e afinal um esqueleto de cavalo.

O círculo ou medalhão tem 20 centímetros de diâmetro e o perfil parece ser o de um músico, porque está de lábios entreabertos, como para soprar em algum instrumento. A testa é baixa, o crânio braquicéfalo, beiços espessos e proeminentes, e o nariz, muito característico, lembra muito o nariz aquilino dos maias, como se encontram nas suas estátuas. Esta figura não tinha bigodes, mas como tôdas as estátuas maias uma barbicha em ponta e uma mecha de cabelos no alto da cabeça, como sempre se vê nas imagens dos maias. De conformidade com a gravação, achou o descobridor que devia datar êste baixo-relêvo do fim da era neolítica, o que lhe daria uma idade de cêrca de nove mil anos.

Opina o sábio francês existir uma perfeita analogia entre os perfis representados nas esculturas dos maias, notadamente em dois perfis existentes nas ruínas de Palanque, e o que êle encontrou na Pedra Grande. E' a mesma seme-

lhança que existe entre êste e os deuses mexicanos que figuram no Códex Cospi e Códex Bórgia: os narizes são sempre iguais em tôdas essas imagens.

Porém, fato ainda mais curioso talvez é o que mencionam Baudouin e outros antropologistas. Êste nariz de Pedra Grande e dos reis mexicanos se encontraria entre habitantes de aldeias da Vendéia, especialmente entre os de Marée du Mont. Muitas famílias de campônios, são estabelecidas há séculos, outras desde tempos imemoriais, sem que se pudesse apurar a época em que chegaram à essa região, o que não é para admirar. Mas os esforços de Baudouin e seus colegas foram suficientes para demonstrar que a sua chegada foi em era muito antiga, permitindo concluir daí que a civilização maia teve real influência sôbre a da Vendéia naquela época. Pelo menos a freqüência do nariz aquilino dos maias parece claramente averiguada nesta parte da França.

Se da descoberta referida se deduzissem tôdas as conseqüências que ela parece indicar à primeira vista, poderiamos indubitàvelmente admitir que existiram outrora constantes relações entre as costas ocidentais da Europa e certos países de além-mar. Êstes países poderiam ter sido o Iucatã e outros, povoados pelos maias, sendo também possível que alguns rperesentantes desta raça tenham aportado à Vendéia ou à Bretanha e aí se unido a mulheres nativas. Não é de estranhar-se, na realidade, que o idioma bretão não tenha afinidade com qualquer outro da Europa, a não ser o gaélico? (*)

Quanto à barbicha, é uma espécie de "imperial", que orna o perfil da Pedra Grande e cuja ponta vai até o alto do pescoço, é muito análoga à que ostentam nas numerosas imagens os imperadores mexicanos. As figuras encontradas nas ruínas de Palenque, é verdade, não têm esta barba, mas Baudouin é de opinião que elas representam sacerdotes e não deuses.

O mesmo topete representado no alto do perfil da Pedra Grande nota-se nas cabeças dos deuses mexicanos; como, por exemplo, na cabeça do guerreiro que figura à página 37 do Códex Teleriana Remensis, nas cabeças dos "Donos da Noite" do Códex Cospi, como na que está representada sôbre um vaso peruano procedente das ruínas

(*) Idioma popular do País de Gales, Irlanda, Escócia e Bretanha (na França). N. T.

de Chama. Vê-se também em um monumento pré-histórico achado nas ruínas de Albacete, na Espanha, uma criança no colo materno, com êsse topete, o qual, segundo Baudouin, é sinal de ascendência divina. Em todo o caso, a seus olhos não resta dúvida que os desenhos que figuram na Pedra Grande são de origem atlanteana e que o grande número de figuras com êste topete é prova da enorme extensão da civilização dêsse povo. Acrescentarei eu que os Coreanos ainda usam atualmente um topete parecido.

Baudouin não duvida que o perfil mencionado representa um maia e não um europeu da época neolítica. A Grande Pedra mesma, teria sido um altar, cuja orientação fôra fixada segundo sábios cálculos astronômicos, porque uma das linhas nela gravadas, indica exatamente a direção solar no momento do equinócio da primavera.

O arqueólogo francês não pode explicar o sentido exato do símbolo misterioso — talvez seja uma letra — esculpido sôbre a rocha, mas imagina que o conjunto do desenho represente deus-sol fecundando o mundo com seu sôpro poderoso.

Como disse, também se vê na Pedra Grande uma pegada humana, símbolo cujo sentido se ignora, mas que se encontra freqüentemente em monumentos pré-históricos, como assinala Gustavo Barroso na sua interessante obra: "Aquém da Atlântida". Já vi desenhos desta espécie em um mosteiro budista da ilha de Ceilão, onde é considerado como sendo o pé de Buda, bem como no convento de Pochaieff, na Rússia.

Os fragmentos do esqueleto cavalar esculpidos na Pedra Grande levam a pensar no culto de Posseidon. De modo que, esta pedra foi de certo um altar erigido a êsse deus, no lugar onde os primeiros aventureiros da Atlântida desembarcaram. Pode ser que os navegantes ao porem pé em terra, logo celebraram as cerimônias gratulatórias a Posseidon, o terrível senhor dos mares, por lhes ter concedido alcançar sãos e salvos as praias da Europa, ainda mergulhada na selvageria.

E' possível que, não só os Bretões e Irlandeses, como também os Escoceses e Pictos sejam descendentes dos altantes, que se teriam mesclado, tanto aos bárbaros autóctones da Europa, como aos Gauleses e Germanos imigrados da Ásia. Em refôrço desta opinião pode-se citar o fato seguinte: Foi encontrado na gruta de Kelvin, perto de Glasgow um belo torso de mulher em grés vermelho, que se crê ter cêrca de trinta mil anos, mas que denota não obstante um

gôsto artístico muito desenvolvido. Julgam os arqueólogos que se trata da deusa Cibele ou Caera, cujo culto era muito disseminado em tôda a Europa pré-histórica. Como admitir que já neste tempo houvesse na Europa um povo de gôsto tão requintado, a ponto de produzir uma estátua destas?

Tôdas as observações, conjeturas e descobertas que citamos até aqui, são obras de sábios especialistas nas mais variadas disciplinas: geografia histórica e pré-histórica, toponímia, antropologia, arqueologia, etnografia, lingüística, história da civilização, mitologia, folclore etc. Delas nos servimos a fim de compor a nossa exposição de conjunto, mas será ainda preciso esclarecer que muitas delas são discutíveis e algumas têm o cunho de opiniões e convicções pessoais. Mas não representariam elas idéias preconcebidas? Seja-me permitido evocar aqui a autoridade de Kant. Falando de certos fenômenos místicos, tais como predições realizadas, aparições ou milagres, disse o ilustre filósofo alemão: "recuso-me a crer em um só dêstes fenômenos ou a prestar inteiro crédito ao relato de um ou outro narrador determinado, mas a multiplicidade dos casos enumerados e a concordância entre algumas destas histórias levam-me à convicção que os fenômenos chamados sobrenaturais poderiam, considerados em conjunto, ter existência real."

O mesmo raciocínio poder-se-ia aplicar aos diversos indícios que se relacionam com a existência da Atlântida. Êstes indícios são tão numerosos e provenientes de fontes tão diversas que, ainda que se deva contestar o valor de um ou outro testemunho determinado, pode-se admitir a legitimidade destas provas como complexo.

Não há dúvida que muitas dentre estas provas se sobrepõem, ainda que nos sejam ministradas por ciências que não têm relação entre si. Classificar as observações, conjeturas provenientes das origens mais diversas, representa um esfôrço considerável e muitas vêzes difícil. Muitas vêzes se está em presença de um verdadeiro enigma; mas o essencial é que o quadro de conjunto seja satisfatório.

O trabalho do atlantologista parece-me com o que permite ao arqueólogo reconstruir um vaso do qual êle não dispõe senão alguns mínimos fragmentos ou mesmo ao do paleontologista que restabelece, com alguns ossos e alguns restos, o esquelto de um animal pré-histórico. Foi assim que o dr. Barnum Brown, de Nova Iorque, pôde reconstruir

a carcaça de um lagarto pré-histórico que vivia nas florestas da América do Norte há uns cento e vinte milhões de anos.

A uma tarefa análoga tem que se entregar o sábio que deseja retraçar a "face" da Atlântida. Cumpre-lhe utilizar mil fatos mínimos e documentos insignificantes na aparência, dispersos pelo mundo inteiro, monumentos, inscrições, descobertas arqueológicas, alusões de autores antigos etc. De tempos em tempos, uma hipótese serve para aproximar os dados assim colhidos e para organizar um quadro de conjunto, mais ou menos aceitável.

Entretanto os papéis do paleontologista e do historiador divergem em um ponto muito importante: enquanto aquêle conhece aproximadamente, ao iniciar o seu trabalho, com o que deve assemelhar-se o animal que êle pretende reconstituir, o outro, o historiador, vê-se na contigência de ir quase à aventura. Nos casos mais favoráveis, êste só tem, para orientá-lo, um esbôço muito vago, e precisa defender-se atentamente contra as sugestões da sua imaginação. Portanto o atlantologista não pode esperar fazer mais que uma pintura hipotética, que será útil, decerto, como base para investigações minuciosas ulteriores mas que no entanto não pode pretender ser a exata reconstituição de um passado muitíssimo remoto.

Temos, entretanto, à disposição provas de outra espécie, que nos são ministradas pelas ciências chamadas "exatas", tais como: a sismologia, a oceonografia, a astronomia, a zoologia e a botânica. E' chegado o momento de examiná-las.

Como vimos, a geologia não nega absolutamente que tenha podido haver, em época muito remota, um continente entre o antigo e o novo mundo. Esta ciência admite que em determinados momentos continentes e ilhas tenham sido submersos, por fenômeno natural, enquanto outras vêzes terras têm emergido das profundezas do mar. Citaremos alguns exemplos apenas destas intensas modificações da crosta terrestre.

O Oceano Ártico, tal como atualmente existe, o mar Báltico e o mar do Norte são formações relativamente recentes, pois que se faz datar o seu aparecimento do comêço da era quaternária na qual ainda vivemos nós. No decorrer do período terciário que a precedeu, estendia-se o continente denominado "Pleistocênico", desde o Pólo Norte ao Saara, que era ainda um mar. Em períodos geológicos ainda

mais remotos tinha esta região conhecido várias alternativas de submersão e emersão. E' sabido, por exemplo, que há cêrca de vinte cinco milhões de anos, no lugar da Escandinávia e da Finlândia atuais, bem como do norte da Rússia, existia um oceano, semeado de ilhas, das quais a mais vasta correponde indubitàvelmente à Suécia dos nossos dias.

Segundo o Dr. H. Convenz (na sua "Monographie der Baltischen Bernsteinbaeume"), as ilhas dêsse primitivo oceano desfrutavam de clima comparável ao da Argélia e da Tunísia e possuíam uma flora luxuriante. Há vinte e cinco milhões de anos as ilhas das regiões árticas eram cobertas de palmeiras, cedros, ciprestes, eufórbios, sequóias e de uma variedade de pinheiro tropical, em lugar dos magros musgos e líquens que ali se encontram hoje em dia. Os pinheiros aludidos é que produziam a resina aromática que após vinte e cinco mil milênios é encontrada sob a forma de âmbar. Na verdade, por estranho que nos possa parecer a princípio, o ambâr, que se encontra em quantidade considerável nas praias do mar Báltico, é um testemunho da época em que as ásperas regiões do norte da Suécia ainda eram o risonho jardim da terra e, assistiu a tremendas convulsões geológicas. Basta isto para justificar a importância que atribuímos à história dêste curioso produto natural.

Parece que há milhões de anos uma gigantesca catástrofe devastou a grande ilha dos tempos mesozóicos a que acima nos referimos. Violentos ciclones, arrancando as árvores, derribaram estas florestas majestosas, destruindo os abrigos de biliões de insetos; depois do que, as árvores sobreviventes, que tinham resistido às tempestades, começaram a verter grande quantidade de resina, por tôdas as fendas recebidas, com o fim de cicratizá-las. Por fim o mar inundou a terra, cobrindo as árvores restantes, já revestidas de uma camada de resina dourada. Durante os milhões de anos que se seguiram, a resina foi endurecendo aos poucos, ao contato da água, e as correntes marinhas a espalharam pela costa do mar Báltico, novamente formado.

Conta a lenda que um pescador, ao retirar um dia as suas rêdes ficou espantado ao ver que estavam cheias de pedras de um amarelo escuro, misturadas às algas marinhas. Deitadas ao fogo, estas pedras queimavam de forma estranha, produzindo um vivo clarão. Assim, foi descoberto o âmbar, chamado: a pedra que arde (Brennstein, no velho alemão, depois Brönstein e finalmente Bernstein).

Ignora-se onde esta descoberta foi feita em primeiro lugar. Talvez fôsse ela realizada pela tribo semilegendária dos Gutões, antepessados dos Godos; ou mesmo pelos Fenícios, êstes intrépidos pioneiros que desde a antiguidade se aventuraram até às praias do Báltico. Em todo o caso, as descobertas de Schliemann demonstraram que dois mil anos antes de Cristo já os reis de Micenas, depositavam colares de âmbar nos ataúdes das suas favoritas.

Análises químicas dêstes colares revelaram a presença do ácido sucínico, caraterístico do âmbar do Báltico; o que demonstra que a civilização do mar Egeu conhecia bem a variedade mais apreciada do âmbar, chamada a de Zamland. Sabe-se também que séculos depois, as matronas romanas de cabelos de azeviche, gostavam de ornar-se com "pedras de ouro da Germânia" que compravam aos tendeiros sírios da Via Sacra. No tempo do imperador Augusto era o âmbar muito apreciado pelas patrícias de Roma.

Plínio ocupou-se longamente do âmbar do Báltico, registrando as opiniões coevas acérca da sua origem.

A princípio os gregos supuseram que o âmbar, ou "elektron", como o chamavam, não passava de secreções de animais marinhos endurecidas pela ação do tempo ou, talvez a escuma do mar, queimada pelos raios do sol. O mito helênico de Faetonte conta que quando Zeus encolerizado precipitou o carro do infeliz mancebo no Erídano, as irmãs dêste foram transformadas em álamos e que as lágrimas por elas vertidas tornaram-se âmbar. Entretanto Aristóteles, que viveu quatrocentos anos antes de Cristo, tivera a intuição da verdadeira origem do âmbar. Para o célebre filósofo, o âmbar era a resina petrificada pelo tempo, produzida por certas árvores. Plínio adotou essa opinião, talvez porque tendo servido na cavalaria romana no Báltico, tivera oportunidade de examinar o caso "in loco". Mas as conclusões de Aristóteles e Plínio foram por fim olvidadas, e do XV° ao XVIII° século prevaleceram as opiniões errôneas de George Bauer, de Bombaste Paracelso e até as do grande Buffon, os quais pensavam que o âmbar fôsse matéria mineral, análoga ao asfalto, que era encontrado no Mar Morto. Os contraditores da opinião de Aristóteles objetavam que freqüentemente se encontravam no âmbar insetos e nunca partículas de peixes ou de conchas.

E' fácil responder a esta crítica; a imersão do arquipélago Mesozóico só se deu depois que a resina já se achava solidificada, a ponto de não poderem os animais nela pene-

trar. Hoje, porém, sabemos que se tem encontrado algumas vêzes âmbar contendo minúsculos caranguejos. Entre os setenta mil espécimes de âmbar conservados no museu de Koenigsberg não existe um só que contenha fragmento de algas ou de peixes. Mas em muitíssimos dêles pode-se ver, encerrados no seu pequeno sarcófago dourado e translúcido, fôlhas de plantas provenientes da era mesozóica, bem como duas mil espécies de insetos hoje extintas. Julgava Plínio que estas fôlhas e insetos provinham da flora e da fauna da Escandinávia do seu tempo. Não sendo esta senão uma parte da imensa ilha mesozóica à qual acima nos referimos, cumpre admirar a perspicácia do grande naturalista latino.

Conhecem-se ao todo cêrca de duzentas e vinte variedades de âmbar, mas a mais apreciada é a que se assemelha, segundo a metáfora do próprio Plínio, ao vinho de Falerno, célebre pela sua transparência e bela côr de ouro pálido.

Entre os antigos, o âmbar passava por ser o melhor remédio contra os cálculos da bexiga, e esta crença se conservou até além da Idade Média. E' sabido que Lutero usava constantemente um pequeno colar de âmbar, com o fim de curar a enfermidade da bexiga de que padecia.

Milhões de anos já nos separam da época em que as lindas ilhas das regiões árticas ostentavam a sua luxuriante flora, e que o aroma embalsamado das coníferas de espécies desconhecidas para nós, perfumavam o ambiente. Entre as elegantes que neste século se ornamentam com colares de âmbar, poucas imaginam um instante que essas jóias constituem para os sábios a prova certa dos formidáveis cataclismos que em remotos tempos modificaram a face da terra.

Entre os continentes submersos, merece a Lemúria particular menção, porque as lendas que referem a catástrofe que a destruiu tiveram sorte igual às relativas à Atlântida. Teriam sido os dois continentes aniquilados ao mesmo tempo, vítimas ambos do mesmo abalo cósmico? Esta hipótese me parece plausível.

Os autores clássicos da antiguidade concordam em admitir a existência há milênios passados, no Oceano Índico, de um vasto continente situado entre a África, a Árabia e o Indostão, o qual se estendia consideràvelmente para o Oriente. "Naquele tempo, acrescentam êles, a lua (denominada SELENE pelos gregos) ainda não existia." E por isto chamavam os habitantes do continente referido de Pré-selenitas; e diziam que habitavam um solo fértil e sob um clima delicioso, em prosperidade, até que inopinadamente a cólera divina os precipitou nos abismos do mar.

Tradições analogas a respeito da existência da Lemúria encontram-se entre os árabes e os hindus. Mas os sábios os encaravam ùnicamente como mitos ou lendas populares, até que o grande naturalista do século passado, Ernesto Haeckel, formulou a hipótese de que esta terra incógnita devia ter existido milhões de anos antes e que podia ter sido o lugar de origem de certos mamíferos singulares, chamados lemúrios. Avançando ainda mais, outro sábio, Sclater, ia sustentar pouco depois que êste continente, por êle denominado Lemúria, devia ter sido o berço da humanidade e que Madagascar, a Índia meridional, Sumatra e até alguns arquipélagos do Pacífico seriam apenas fragmentos separados do mesmo. Um sábio inglês, Blandford, apoiado em considerações paleontológicas e geográficas, achou que a Lemúria deveria ter existido desde o princípio da era Permiana, até ao fim do Mioceno; porém outros calculam que a Lemúria só desapareceu muito depois, quiçá lá para o décimoquinto milênio, antes de Cristo, ou mesmo depois; porque, dizem êles, se ela tivesse soçobrado antes, os antigos gregos e hindus não poderiam ter tido notícia do desastre e aquelas lendas não teriam sido criadas. A mim não surpreenderia que elas tivessem chegado ao conhecimento dos helenos por intermédio dos pelasgos ou ainda através dos fenícios ou egípcios.

Há alguns anos o prof. Gardiner organizou uma expedição tendo por objeto o estudo do Oceano Índico, colhendo, no fim de nove meses de investigações, muitos dados sôbre a antiga Lemúria, que êle propôs chamar Gonduana, e concluindo, afinal, que êsse continente ainda devia ter existido ao tempo dos grandes sáurios, mas que fôra destruído antes do aparecimento do homem sôbre a terra. Outros sábios, conseguiram evidenciar que êsse continente deveria ter sido muito montanhoso, sendo que alguns de seus vértices ultrapassaram por certo 3.000 metros, em um tempo em que os Alpes e o Himalaia ainda não existiam. A Gonduana submergiu tão profundamente, que os seus picos mais elevados ainda se acham cobertos por uma camada de 500 metros de água.

As conclusões de Gardiner colocam-nos em face de um dilema: Ou se admite, como êle, que as lendas concernentes à Gonduana tiveram origem entre povos que existiam

milhões de anos anteriormente aos gregos — ou teremos que supor que a Gonduana submergiu muito mais tarde, em contradição com o fruto dos seus estudos... Quanto a mim, opino que é conveniente adiar o julgamento para quando novas luzes tiverem sido obtidas, por investigações posteriores.

Encontra-se, porém, entre os autores clássicos que se ocupam da Gonduana um pormenor imprevisto. Como referimos, dizem os mesmos que os seus habitantes não conheceram a lua. Neste ponto entramos nos domínios da astronomia. Teria sido o nosso satélite constante comparsa do nosso planêta, desde a origem dêste, ou ter-se-ia associado a nós em época mais recente? Se esta hipótese é realmente fundada, quando ter-se-ia a lua ligado a nós? E qual foi a perturbação cósmica que a colocou na nossa proximidade? Contentemo-nos em recordar que entre os povos os mais diversos, encontram-se lendas análogas relativas à lua e segundo as quais não teria esta aparecido, senão muito tarde, no nosso céu. Possível é que a primitiva humanidade não tenha conhecido todo o encanto e a poesia de um meigo luar.

Mas eis que se apresenta um outro problema. Os mitos da Polinésia fazem referências a um continente fabuloso que teria existido há muitíssimo tempo no Oceano Pacífico. Pensam certos sábios que estas lendas se apóiam na realidade e até acreditam que a ilha de Rapa-Nui (ilha da Páscoa) mais não seria que um fragmento de uma terra muito maior. (*)

Qualquer que seja a origem desta, provas da existência em época afastada de terras desaparecidas depois, foram encontradas nos últimos anos. Com efeito, em uma gruta sita na Austrália do Sul, acharam-se pinturas que são com evidência obra de indígenas que habitavam essas cavernas, há vários milhões de anos. Ora entre êsses desenhos existe um que representa um aligátor, (**) animal que jamais existiu naquele país. O prof. Montford concluiu daí que o pintor que desenhou êsse animal deve ter encontrado o seu modêlo necessàriamente no continente que se supõe ter outrora ligado a Austrália ao sueste da Ásia, ou talvez nas terras do Pacífico de que contam as lendas da Polinésia.

(*) A recente expedição do prof. Lavachery à ilha da Páscoa, refuta decisivamente esta opinião.

**) Gênero de crocodilos da América, do qual fazem parte os jacarés. N. T.

Os Bosquímanos da África meridional afirmam que existiu há muitíssimo tempo, a oeste da África um continente que foi destruído pela cólera dos deuses. Segundo êles, na época em que êle foi tragado pelas águas, duas luas iluminavam a terra. Não se encontra aí uma estranha reminiscência do mito grego relativo aos pré-selenitas? Voltaremos adiante a tratar dêste assunto, limitando-nos aqui a chamar a atenção sôbre esta afinidade.

Entre as diversas hipóteses que se fizeram notar, relativamente às modificações por que passou a crosta terrestre, merece especial menção a teoria da Separação dos Continentes (Dérive des Continents), formulada pelo geólogo austríaco Alfredo Wegener.

Porém, antes de expor esta interessantíssima teoria, devo chamar a atenção do leitor para um fato muito curioso. Recortando sôbre uma carta geográfica os contornos de certos continentes (em um papel transparente) e aproximando os perfis obtidos, ver-se-á que êles coincidem quase exatamente. Isto é quase evidente, à primeira vista, para qual o litoral do Brasil e a costa ocidental da África; para a costa oriental da Groenlândia com a ocidental da Escandinávia; para a costa oriental da África com a ocidental da Árábia.

Tendo observado de perto estas coincidências, o professor Wegener, depois de anos de estudos, chegou à conclusão de que a princípio o conjunto das terras emergentes constituía um único bloco, o qual teria, há uns cinqüenta milhões de anos passados, os seguintes contornos: a Austrália não era senão o prolongamento da África oriental, a Groenlândia encostava na Escandinávia e na Terra Nova, a África ocidental e a América do Sul estavam ligadas entre si. Quanto ao misterioso continente antártico, estender-se-ia entre o extremo sul da África e a Patagônia. Foi no decorrer do período cretáceo que a América se separou da África e que os continentes começaram a descair, como os "icebergs" nos mares árticos. No decurso da era terciária o mesmo fenômeno foi isolando sucessivamente a Europa da América do Norte, a Antártica, a África, o Indostão e a Austrália.

Assim, em diferentes ocasiões da história da terra, o único continente primitivo foi-se fragmentando em outros continentes, os quais passaram a flutuar desde então, sôbre

o oceano de magna (*) que constitui o núcleo do globo, esta massa de líquido incandescente que ferve sob a delgada crosta do nosso planêta. Naturalmente os continentes por essa forma separados estão sob a ação da fôrça centrífuga originada pela rotação da terra. E' devido a esta que a primeira ruptura e as seguintes tiveram lugar e é ela que faz os atuais continentes se deslocarem com a velocidade de três quilômetros em um milhão de anos.

Segundo Wegener a separação entre a África e a América do Sul data de 30 ou 40 milhões de anos, provàvelmente: mas a disjunção entre a Irlanda e a Terra Nova é muito mais recente, tendo talvez três milhões de anos; quanto ao divórcio da Groelândia não teria muito mais que 50 a 100 mil anos. Se os cálculos estão certos quanto ao último dêstes casos, os primeiros habitantes da Europa poderiam ter assistido ao fenômeno. Ainda pensa o mesmo autor que o movimento descrito continua se processando na atualidade, com velocidades que variam sensìvelmente de um para outro continente; sendo que a Groenlândia possui maior velocidade, com um afastamento anual de 1,80m em direção a oeste.

À primeira vista esta teoria parece privar os atlantologistas de um dos seus principais argumentos, porém adiante, examinando atentamente a teoria de Wegener, veremos que ela não está em oposição às nossas próprias conclusões. Salientemos, de passagem, que a hipótese do sábio austríaco é confirmada no que diz respeito à separação da Groenlândia da Escandinávia pelo fenômeno das migrações periódicas dos lemingues. Sabe-se que êstes roedores, que constituem uma terrível praga na Escandinávia, são extremamente prolíficos e destróem as colheitas, causando grandes prejuízos aos cultivadores. Mas quando se multiplicam em tais proporções que atingem um número que não pode mais alimentar-se com os recursos da terra, preparam-se para emigrar. Abandonando os altos platôs da Noruega, encaminham-se para o litoral em grupos de vários milhões de indivíduos, sem que nada os possa deter, nem as batidas organizadas, nem os dentes dos lôbos e raposas. Chegados à praia, atiram-se às águas e são vistos dirigirem-se a nado, sempre direito ao poente, até que, perdidas as fôrças, deixam afundar-se. Durante muito tempo procurou-se em vão

(*) Massa pastosa e espêssa de que se formam rochas ígneas, depois de frias e cristalizadas. N. T.

uma explicação para êste caso de loucura coletiva; explicação que nos é ministrada pela teoria de Wegener, finalmente. Durante os milhões de anos em que a Groenlândia estava ìntimamente ligada à Escandinávia, os aludidos roedores adquiriram o instinto inveterado de atravessar na direção da Groenlândia os braços de mar ou estreitos cursos dágua que os separavam das ricas pastagens existentes neste país; e continuam, agora que os dois países estão separados por distâncias intransponíveis para êles, a obedecer a êsse impulso hereditário e primitivo, na esperança de ganhar a nado uma terra próxima. E' de interêsse saber que as lendas norueguesas confirmam esta interpretação, contando que os aludidos roedores tinham chegado de uma terra situada ao pôr do sol e que se lançam ao mar a fim de voltar ao seu país de origem.

Eu aceito a explicação do dr. Wegener, porém não posso admitir que a lenda acêrca das migrações dos roedores possa ser tão antiga, porque ninguém ignora que os atuais habitantes da Escandinávia lá se instalaram há 6 ou 8 mil anos apenas, ao passo que a separação da Europa e da Groenlândia deve datar de cem mil anos, ao menos; o que impede que os noruegueses possam possuir quaisquer tradições relativas ao tempo em que os dois países ainda estavam unidos. Pode ser, entretanto, que êstes tenham ouvido contar estas lendas pelos primitivos habitantes da Europa boreal. Se, de encontro à nossa hipótese, a separação dos dois países se deu quando a Noruega já era povoada pelos antepassados da sua atual população, seria preciso supor para o afastamento da Groenlândia muito maior velocidade do que a indicada por Wegener, visto como mais de três mil quilômetros separam atualmente os dois países.

Referindo-se a certas lendas acêrca de uma terra que teria outrora existido no Oceano Atlântico, acha Wegener que tôdas elas dizem respeito à separação entre a Groenlândia e a Europa. Êste seria notadamente o caso das tradições gaélicas e as dos druidas relativas ao país de Avalon, das tradições gregas acêrca da Atlântida, das tradições egípcias sôbre o Aaru ou Aalu, e das babilônicas relativas a Aralu. A semelhança existente entre êstes nomes todos: Aaru, Aalu, Aralu e Avalon, por uma parte, entre Atlan e Atztlan por outra, parecem justificar esta conjetura.

Eu, por minha parte, porém, não posso concordar. A semelhança dos nomes atribuídos ao misterioso país desaparecido há milênios atrás, é decerto evidente; mas eu acho que se deve aplicá-los à nação de que falava Platão, e nun-

ca aos países nórdicos acima referidos. Porque: como admitir que a lenta separação desses países possa ter deixado na memória dos seus vetustos povos a impressão de uma pavorosa catástrofe? O fenômeno deve ter tido início pelo rompimento de pequenos braços de mar, que lentamente se iam alargando; e não existe imaginação popular capaz de construir a lenda de um cataclismo cósmico, sôbre tão lento processo de desagregação.

No parecer de muitos sábios, as teorias de Wegener infligiram um golpe mortal às relativas à Atlântida: porque se o Oceano Atlântico se formou da maneira que imagina Wegener, não é admissível que tenham existido tão vastas terras entre o velho e o novo mundo. Mas êles apressaram-se em tirar suas conclusões, antes de aprofundar suficientemente o problema, esquecendo-se de que no decurso dos cinqüenta milhões de anos que passaram depois de produzida a ruptura, muita terra podia ter surgido e desaparecido, na situação em que colocamos a Atlântida, e já mostramos que os geólogos admitem perfeitamente que possa ter existido um país em pleno Atlântico, há milhões de anos passados.

Em suma, a teoria de Wegener em nada adiantou para a solução do problema da Atlântida; e provocou numerosas objeções nos meios científicos. Alguns observam que não é possível avaliar bem a ação das fôrças que intervêm neste afastamento dos continentes e que a interpretação que lhes dá Wegener não é clara nem convincente. Outros sábios são inclinados a atribuir o deslocamento dos continentes à rádioatividade, e outros, apoiando-se em medições efetuadas pelo capitão William, censuram a Wegener ter exagerado a velocidade do deslocamento da Groenlândia.

Posteriormente, outro geólogo austríaco, o professor J. Keindl, completou a teoria de Wegener. Pensando ter constatado que a superfície do globo se acha em constante movimento, atribui as ditas oscilações à pressão que a massa gasosa no seu interior exerce sôbre a crosta; pressão que ora dilata o volume da terra, ora provoca rupturas.

Keindl está ainda de acôrdo com Wegener a respeito da formação dos oceanos, salvo quanto ao Mar Vermelho e o Gôlfo Pérsico, os quais, na sua opinião, seriam resultado da pressão dos gases do interior da terra.

CAPÍTULO III

Os argumentos fornecidos pela sismologia. Os argumentos tirados da batimetria. As conjeturas de C. Bilau. Os argumentos tirados da biologia. A reprodução das enguias. O problema da banana.

Convém agora abordar o lado sismológico da questão. Afirma o abade Moreux que os vulcões são sempre rodeados duma região sujeita a convulsões sísmicas, e que, quando estão cercados pelo mar, em suas proximidades se encontra uma zona onde se produzem tremores de terra submarinos, (maremotos). No oeste de Portugal, por exemplo, há um grande número de vulcões, e é esta a causa das erupções subterrâneas e sismos freqüentes nessa região. A grande zona sísmica do Oceano Atlântico começa perto do Pólo Norte, lá onde se encontram os vulcões da ilha dos Pássaros e de João Mayen. Na mesma zona, possui a Islândia numerosos gêisers e vulcões, divididos em sete grupos, sendo o mais importante dêles o Hecla, cuja erupção em 1783 sepultou o vale de Scapta sob uma camada de vários milhões de metros cúbicos de lava. Essa lava jorrava de 500 crateras situadas ao longo duma fenda de 20 quilômetros. A erupção de 1845 perdurou durante sete meses e as nuvens de cinzas atingiram a Europa. Mas ao sul acha-se, sempre na mesma zona, o planalto submarino que serve de base aos nove Açores, localizados sôbre o 50° grau de latitude norte; essas ilhas têm vulcões em plena atividade e freqüentemente elevam-se ilhotas em tôrno do arquipélago, que desaparecem como vieram.

A atividade vulcânica é aí muito intensa: em 1867, por exemplo, foi a ilha Terceira teatro dum sismo (*) que destruiu uma aldeia inteira e que teve por conseqüência

(*) Sismo — Violento abalo da Terra; terramoto. N. T.

o surto duma cratera submarina junto à ilha, que pouco depois se abismou nas profundezas do oceano. Mais ao sul encontra-se a Madeira, ilha de caráter vulcânico, e, sob o 30º grau de latitude norte, o grupo das Canárias, outro centro de convulsões sísmicas: em 1909 houve uma violenta erupção do vulcão Pico de Teide. Ainda mais para o sul, encontramos sob o 20º paralelo, o grupo igualmente vulcânico das ilhas do Cabo Verde; uma delas, a do Fogo, possui uma cratera em permanente atividade.

Todo o litoral do gôlfo de Guiné situado nessas proximidades abunda em vulcões, como o atestam o Camerum, o Mongoma-Loba, Fernando Pó, S. Tomás, Ano-Bom, Ascenção e Sta. Helena. Mais ao sul acham-se os das ilhas Orkney, das ilhas Sandwich e das Shetland meridionais, onde a profundidade do oceano atinge 4.800 metros, assim como, sob o 40º grau de latitude sul, o grupo vulcânico de Tristão da Cunha, Diogo Alves e Gow. Enfim, perto do Pólo Sul, elevam-se dois terríveis focos de erupção, o Erebus e o Terror.

A oeste dessa zona vulcânica, que se estende pelas costas do Atlântico, seguindo uma linha meridiana, acham-se ainda as crateras da Mont Pélé, na Martinica, a de Sta. Lucia e muitas outras.

Assim, segundo Moreux, fica perfeitamente evidente o caráter geológico da bacia do Atlântico: é uma parte ainda fortemente agitada e relativamente nova da crosta terrestre.

Assim, segundo Moreux, fica perfeitamente evidente o caráter geológico da bacia do Atlântico: é uma parte ainda fortemente agitada e relativamente nova da crosta terrestre.

Se ainda agora, está essa região submetida a perturbações, foi isso bastante pior há alguns milênios, ao fim da era terciária, quando a atividade vulcânica atingiu o seu mais alto grau. E eis porque a aparição ou a desaparição de extensões mais ou menos importantes de terra firme é perfeitamente plausível e a catástrofe da Atlântida nada tem de inacreditável. Mesmo em nossa época registram-se ainda tais fenômenos; em 1931 emergiram perto do arquipélago de Fernando de Noronha duas novas ilhas. Essa aparição causou uma certa efervescência nos meios diplomáticos e várias potências enviaram navios de guerra tomar posse dêsses pontos de estabelecimento eventual; entre-

viu-se mesmo a possibilidade dum conflito. Por felicidade, porém, tornaram essas ilhas a desaparecer sob o mar e com elas todo motivo de discussão.

Caso análogo sobreveio no Mediterrâneo, nos anos que se seguiram a 1880; uma pequena ilha vulcânica surgiu bruscamente da profundidade do mar, para onde volveu depois de algumas horas sòmente de existência. Essa ilhota na qual mesmo assim um navio inglês tivera tempo de arvorar a "Union-Jack", recebera o nome de Sabrina.

Lewis Spence calcula, contràriamente à opinião dos geólogos, que o desaparecimento da Atlântida se produziu não há muito tempo, mas está em desacôrdo com Platão sôbre a data da catástrofe. Pensa Spence terem sido os blocos de lava extraídos do fundo do mar perto dos Açores, anteriores a 9.000 anos antes de Jesus Cristo e que a calamidade deve ter tido lugar 13.000 anos antes da nossa era. Como o leitor poderá verificar nos capítulos seguintes, corresponde essa data à da catástrofe que destruiu a civilização Tiuanaco, na Bolívia, tal como resulta dos calculos de R. Mueller e de A. Poznansky.

Mais ainda, Spence é de opinião que existiam, há não muito tempo, no Oceano Atlântico, dois grandes arquipélagos, um dos quais abrangia a Atlântida de Platão. A oeste elevavam-se do mar numerosas ilhas chamadas pelos antigos "Antílias"; das quais Antilhas são os restos. Alguns arqueólogos sul-americanos admitiram a hipótese de que "Antílias" se deriva de "Atlântilas", isto é, pequenas Atlântidas.

Eis aqui uma curta exposição do que se poderia chamar o argumento "batimétrico" em favor da existência da Atlântida, tal como o apresenta o abade Moreux, o qual se baseia nos resultados assaz concludentes das pesquisas efetuadas no fundo do oceano na região dos Açores e nas que se avizinham no Atlântico. Examinando a carta batimétrica dêsse oceano, isto é, a representação de suas depressões, constata-se que a leste das Antilhas se estende um vasto planalto submarino, chamado a Cadeia do Delfim, cuja profundidade média é de 3.000 metros e que ocupa todo o leste e o centro do Atlântico desde a Irlanda, passando pelos Açores e Tristão da Cunha, até o círculo Antártico. Distinguem-se nêle três regiões: a primeira ao longo da Europa, a segunda próxima das costas da África e a terceira, enfim, perto da América do Sul.

Asim tôdas as ilhas do Atlântico, excluindo possìvelmente um fragmento das Antilhas, não são senão os cimos das cadeias que se estendem nesse extenso planalto. Suas encostas orientais e ocidentais ora desaparecem nas profundas depressões submarinas, ora, pelo contrário, vêm confundir-se, como por exemplo na Europa, com os flancos das montanhas atualmente existentes na superfície do globo.

Em 1860, empreendeu uma missão sueca as primeiras sondagens da profundidade do Atlântico; depois prosseguiram Wyvill Tompson e Carpenter metòdicamente essas pesquisas. Seu velho navio, o "Lightning" foi quase destruído, mas os resultados dêsses trabalhos tinham chamado a atenção do govêrno inglês, o qual lhes ofertou um navio em melhor estado, a "Porcupine". Em 1872, cobriu o célebre "Challenger" em cinco meses 80.000 milhas, efetuou 370 sondagens, 255 observações de temperatura submarina e 129 dragagens, demonstrando que o fundo do oceano, longe de ser plano, possui um relêvo tão variado quanto as terras emergentes; certas sondagens tendo mesmo revelado profundidades de mais de 2.000 metros. O fundo do Atlântico é cavado por duas grandes depressões paralelas, orientadas de norte a sul e separadas por uma cordilheira que atinge às vêzes uma altitude de 1·800 metros acima do fundo do mar. A profundidade da depressão ocidental é de 6.500 metros mais ou menos, a da depressão oriental ou vale de Ross tem 5.000 metros.

Pode-se fazer um estudo minucioso dessas regiões pelas sondagens numerosas feitas pelas missões oceanográficas. Além das viagens do "Challenger" e da "Porcupine", os trabalhos mais conhecidos são os realizados pelo navio inglês "Hydra", os navios americanos "Dolphin" e "Gettysburg" e os alemães "Meteor" e "Gazelle"; tendo o "Meteor", entre outros, realizado mais de 10.000 sondagens! Em 1922, duas expedições descobriram ao mesmo tempo uma longa cadeia submarina que se estende desde o cabo Cod, no litoral da América no Norte, até Gibraltar.

Em 1912, o célebre geólogo francês P. Termier, leu no instituto oceanográfico de Paris um relatório sôbre os interessantes resultados das pesquisas por êle efetuadas em 1898 nas proximidades dos Açores. Tendo-se rompido um cabo de submarino que estava sendo lançado entre o cabo Cod e Brest, a 47° de latitude Norte e 29°40' de longitude Oeste de Paris, isto é a 550 milhas ao norte dos Açores, mais ou menos, foi preciso retirar uma das extremidades de uma profundidade de mais de 3·000 metros. Durante êsse

trabalho foi possível constatar que o fundo do oceano era formado nesse ponto de uma série de vales e montanhas rochosas, porque os ganchos especiais atirados ao fundo a fim de alcançar o dito cabo, arrastaram repetidas vêzes, fragmentos dessa lava basáltica vidrada, pelos mineralogistas denominada "taquilite". A estrutura amorfa dessa lava, indicava ter-se ela resfriado sob pressão atmosférica normal. Com efeito, se ela se tivesse resfriado sob pressão de uma camada de água de mais de três mil metros, teria tomado estrutura cristalina. Sabe-se por outro lado, que a lava não se decompõe totalmente sob a água, senão no fim de quinze mil anos, mais ou menos. Poder-se-ia pois, diz Termier, deduzir dêsse conjunto de observações que a mencionada lava, fôra expelida em época relativamente próxima à nossa, e por um vulcão em atividade à superfície do globo. Pôde também Termier constatar que o relêvo do fundo do mar era naquelas paragens formado de arestas vivas, o que significa que se tinha submergido logo após a erupção, sem o que teria já a erosão podido exercer a sua ação, polindo as arestas da rocha. Termier concluía daí que essa região deve ter submergido no decorrer do período quaternário e que a humanidade pôde assistir a êsse acontecimento, opinando também que a catástrofe devia ter sido repentina. As investigações do sábio geólogo francês vêm, portanto, em apoio do relato de Platão.

Se se quisesse outra prova da estreita ligação outrora existente entre o antigo continente e êsse planalto submarino, tê-la-íamos no fato de que as praias da África Ocidental abaixam-se gradual e insensìvelmente, até se encontrarem, sem dúvida, sob o nível do mar nas encostas dêsse planalto.

O estudo do que acima denominamos o argumento batimétrico, permite-nos pois chegar à conclusão de constituírem os Açores os restos duma grande ilha, ou talvez até dum verdadeiro continente, que existiu nos meados da era quaternária. Em algumas páginas que se seguem, encontrará o leitor o relato da descoberta de Bilau e a exposição da sua hipótese em relação à exata localização de Posseidônis.

Supõem os sábios que o Atlas da África, e os Alpes da Europa, nada mais são que o prolongamento da cordilheira do Delfim e que elas também foram submersas em época relativamente recente, hipótese que parece plausível; êstes dois sistemas orogênicos pertencem indubitàvelmente à

mesma formação geológica e os Açores são o último elo de uma cadeia da qual a maioria dos vértices estão hoje submersos.

Um sábio alemão, o major K. Bilau, baseado nos trabalhos cartográficos mais recentes e nos precisos dados do Instituto Geogáfico de Berlim, organizou uma bela carta do fundo do Atlântico na região dos Açores. Êsse mapa indica também a depressão submarina do Cape Breton, como o resultado duma demorada erosão, o qual se encontra a 250 metros de profundidade. Ora o major Bilau estabeleceu que os leitos de todos os rios provenientes dos Pireneus e do litoral do norte da Espanha vão terminar nessa depressão. Segundo o mesmo, êste vale submarino foi cavado por um caudaloso rio, através das montanhas então ainda emergentes.

Como observa Bilau, a ação erosiva das águas termina logo que elas se lançam no oceano, porque a água doce, sendo mais leve que a salgada, permanece à superfície. Fácil é verificar êsse assêrto observando, por exemplo, o Nilo na sua embocadura: suas águas pardacentas arrastam um lôdo espêsso, que só aos poucos desaparece no mar, e durante horas vão deixando os navios sua rota marcada na sombria corrente do rio, nìtidamente separada do azul turquesa do Mediterrâneo.

É, pois, evidente que a depressão de Cape-Breton foi cavada por uma torrente, que lá ia ter quando essa região ainda fazia parte da terra firme, da qual se separou não há muito tempo.

Os leitos de todos os rios da Espanha e de Portugal, assim como os que, descendo do Atlas, se vão lançar no Oceano, mergulham até 500 metros abaixo da superfície do mar. Bilau deduz daí, que esta era, outrora, 500 metros mais baixa que atualmente o que está em formal contradição com a observação feita com tôda a segurança na região do Titicaca, onde o oceano atingia um nível 3.200m mais alto do que o atual. Êstes dois fenômenos constituem prova de que houve uma época em que se deram terríveis catástrofes marítimas, que deslocavam oceanos e alteravam os seus níveis. Digo "terríveis", colocando-me no ponto de vista humano. Se, com efeito, atentarmos nas proporções do nosso planêta, verificaremos logo que perturbações produzindo afastamento de 2·000 metros do nível do mar, não eram absolutamente cataclismos. Imaginai, diz Bilau, um mapa-múndi de 13 metros de diâmetro: se quisermos dar uma idéia do

alcance das profundidades submarinas ao longo do Equador, deve-se traçar uma linha com cêrca de dois e meio milímetros de espessura. Como não se pode utilizar giz para êste fim, teremos que fazer uso do compasso. Se a espera em questão não tivesse diâmetro superior a um metro, a delgada camada de verniz que se usa sempre na confecção dos mapas-múndi representaria bastante bem a película de água dos oceanos à superfície do globo. E' pois evidente que a mais leve modificação do movimento da terra, basta amplamente para provocar perturbações mais ou menos importantes do nível do mar, e nós, infinitamente pequenos, chamamos tais fenômenos: terríveis catástrofes!

Baseando-se sôbre os fatos que acabamos de expor, é assim que proclama Bilau a exatidão do relato de Platão: "A Atlântida repousa doravante nas profundezas do oceano e ùnicamente são visíveis os seus mais altos píncaros: os Açores. As suas vertentes quentes ou frias, descritas pelos autores de antanho, ainda correm, como há milhares de anos. Os lagos das montanhas acham-se atualmente submersos. Se seguíssemos à letra as indicações de Platão, procurando a situação de Posseidônis entre os picos cobertos pelo mar, localizá-la-iamos ao sul da ilha de Dolabarata. Era lá que, no meio de um vale aproximadamente retilíneo, se elevava sôbre uma eminência Posseidônis, a magnífica capital; mas não podemos contemplar êste grande centro de cultura pré-histórica ignota: 3.000 metros de água nos isolam da Cidade das Portas de Ouro. E' estranho, na verdade, que os sábios que procuraram por tôda a parte o sítio da Atlântida, não deram atenção alguma ao lugar tão claramente indicado por Platão."

Eu partilho plenamente a estranheza dêste conceituado sábio e surpreende-me a indolência intelectual de tantos arqueólogos, que não enxergam nas lendas da Atlântida mais que um mito poético.

Consagrarei agora algumas palavras àquilo que se poderia chamar, o argumento "biológico", invocado pelos atlantologistas. Observa-se por exemplo que na Madeira, nas Canárias e nos Açores não apresentam as espécies animais nenhum caraterístico particular se se as compara com as da Europa e América. As minhocas (anelídeos do gênero Oligoqueto das Canárias são as mesmas do sul da Europa, os crustáceos dos arquipélagos atlânticos idênticos aos do Mediterrâneo e a borboleta "Setomorpha discipunc-

tei" existe não só nas Canárias, como na América e na África. No gôlfo de Guiné, possui a ilha de S. Tomás seis espécies distintas de corais; quatro são encontradas nas Bermudas e uma nas costas da Flórida. O litoral do Senegal abriga cinco famílias de crustáceos que não existem senão nas Antilhas. O molusco Oleacinida é um exemplo caraterístico do que afirmamos. Não é encontrado senão em Portugal, nas Canárias, nos Açores e nas Antilhas; o que claramente demonstra que um continente ligava outrora Portugal ao México e ao Iucatã. Os moluscos fixam-se às rochas das margens numa determinada parte do oceano, cada espécie necessitando duma temperatura média na água, necessária à sua existência. E' simples supor pois que as praias dêsse continente, hoje destruído, estariam juncadas de conchas de Oleacinida porém que por ocasião do seu desaparecimento os moluscos não sobreviveram senão sôbre as regiões restantes. A composição das camadas quaternárias das Canárias e da Mauritânia é análoga. A giesta, "Adianthum reniforme", que só medra nas Canárias, desapareceu da Europa mas é encontrada fossilizada em Portugal, no plioceno.

E' curioso constatar que em certa época, o leão, o tigre, o camelo, o cavalo e o elefante, viveram na América. Os arqueólogos e os paleontologistas descobriram, com efeito, por várias vêzes, no novo mundo restos fósseis dêsses animais que em nada se diferenciavam dos que se acharam na Europa. E' assim que um arqueólogo, o dr. Requeña, exumou de túmulos antigos na Venezuela, as prêsas do antepassado dos nossos tigres, que chamam o tigre com dentes em forma de sabre. Nos arredores da cidade de Natchez, nos Estados Unidos, acharam-se os restos de "Felis Spelaea", o leão gigante das cavernas dos tempos quaternários. Por muito tempo acreditou-se ter sido o cavalo introduzido na América pelos espanhóis; porém foram aí recentemente descobertas ossamentas do primitivo cavalo. Os célebres auroques da Germânia, "Bos priscus", ainda numerosos sob o reinado do imperador Augusto, desapareceram há muito. Ainda não há muito, existiam na Europa algumas centenas de espécimes dêste boi selvagem, com crinas, idêntico às do bisão da América. Êles eram cuidadosamente mantidos nas célebres florestas de Bielovieje, pertencentes aos imperadores da Rússia, mas um dos primeiros atos do povo russo, liberto pela revolução de 1917, foi de exterminá-los até ao último. Os raros espécimes de bisões que nos Estados Unidos puderam escapar à sanha dos caçadores (dos quais um

dos mais falados e hábeis era o finado presidente, Theodore Roosevelt) estão hoje cuidadosamente, nos parques nacionais de reserva.

Restos de camelos foram igualmente descobertos no estado de Kansas e há muito pouco tempo, em 1934, uma comissão do Instituto de Carnegie exumou alguns exemplares no Novo México.

O leitor deve lembrar-se do que dissemos das lendas Chibchas e do seu herói Bochica, e de ter êste chegado à Colômbia com sua mulher, montados sôbre camelos, o que prova que êstes animais não desapareceram há muito tempo da América do Sul, e que os primitivos habitantes do Novo Mundo devem tê-los conhecido. Em Bosa, na Colômbia, os indígenas adoram ossos de camelos petrificados.

Em um vale solitário do Novo México, situado em um planalto de cêrca de 2.000 metros de altitude, descobriram-se ossaturas de camelos fósseis; mas os sábios presumem que êstes animais jamais fizeram pròpriamente parte da fauna americana, baseando-se na raridade de idênticas descobertas. A conjetura dos atlantologistas de que a presença dos camelos se poderia explicar, supondo que êles tivessem ido lá ter, passando pela Atlântida, parece-nos errônea. Nas pinturas dos edifícios mais antigos do Egito estão representados animais de tôdas as espécies, mas o camelo não, que parece não ter sido conhecido dos egípcios primitivos; e só aparece em monumentos mais recentes, posteriores ao desaparecimento da Atlântida. Se êsse animal tivesse portanto chegado até a América, passando pela Atlântida, os antepassados dos egípcios, que no dizer de Platão eram contemporâneos dos Atlantes, tê-los-iam representado em suas pinturas.

Se não quisermos aceitar a teoria de Wegener, podemos também supor que os camelos chegaram à América passando pelo istmo que ligava outrora o Alasca à Ásia. Os vestígios dêste istmo, as ilhas Aleútas e Curilas, foram exploradas recentemente pelo dr. Collins, membro do Instituto Smithsoniano, encontrando lá vestígios de plantas que existem de ambos os lados do estreito, (*) tanto na Ásia como na América, o que demonstra que o referido istmo deve ter servido há milhares de anos ao intercâmbio de vegetais e de certo de animais também. Os camelos serviram-se talvez dêste caminho para passarem pelo deserto de Gobi até o Novo Mundo.

(*) De Behring. N. T.

No que se refere aos elefantes, foram encontrados numerosos esqueltos, na Flórida, no México, no Equador e na Colômbia, da espécie denominada "Mastodonto Humboldt" (do nome do célebre sábio alemão que primeiro os descobriu). Perto de Bogotá, a mais de 2.000 metros de altitude, existe um vasto espaço juncado de esqueletos petrificados de mastodontes. Os índios, convencidos que estas ossaturas constituem restos de colossos pré-históricos, denominam êsse lugar "Campo dos gigantes".

A existência dessa necrópole é de causar pasmo. Pergunta-se: qual foi a comoção que aniquilou êstes monstros ante-diluvianos, como atingiram êles tais altitudes; não se teria talvez dado uma elevação súbita dos campos de pastagens?

Há anos foram exumados em Marion (Flórida) do fundo das Fontes de Prata numerosos esqueletos de elefantes, de mamutes e de mastodontes conjuntamente com os remanescentes de uma raça primitiva de caçadores, naturalmente coeva dos gigantescos paquidermes. O notável arqueólogo Edgar Howard, de Filadélfia, calcula que esta raça deve ter existido há uns vinte mil anos.

Ainda que não se tenha encontrado até hoje fósseis de elefantes no norte da Flórida, julgam os sábios que os habitantes mais antigos da América do Norte devem ter conhecido êsses animais. Mais de um exemplo vem em apoio desta suposição. Achou-se que um dos numerosos montículos funerários de Wisconsin dá idéia de uma cabeça de elefante. Convém referir aqui que a misteriosa tribo dos "construtores de montículos" dava a tôdas as suas obras a forma de animais, o que parece indicar a existência de totemismo entre êles.

O arqueólogo John Short, à página 530 de sua obra sôbre os primitivos habitantes da América, menciona a descoberta nas buscas de Iowa, dum cachimbo pré-histórico artìsticamente esculpido que representava uma cabeça de elefante.

Afirma Donnelly que a representação dêsses animais, ou talvez de mamutes, se repete freqüentemente na decoração dos antigos monumentos americanos. De fato, não há a menor dúvida quanto ao conhecimento dêsses paquidermes pelas raças primitivas da América: basta lembrar as ilustrações dos velhos manuscritos mexicanos. A menos que essas pinturas não revelem relações entre os Toltecas e os Hindus, o que é muito aceitável, elas parecem indicar que os povos da América Central tinham visto elefantes.

Adiante, no capítulo consagrado aos Maias, serão encontrados detalhes a respeito das afinidades entre as mitologias hindu e tolteca; agora porém citaremos apenas o célebre baixo relêvo de Palenque que representa um sacerdote com o rosto coberto por uma máscara a qual reproduz fielmente uma cabeça de elefante.

Se consideramos admissível terem o camelo, o elefante e o cavalo existido no Novo Mundo em uma determinada época, achamo-nos em presença de dois problemas: Por que desapareceram êsses animais? E por que não foram domesticados e por conseguinte conservados pelos antigos habitantes da América? Não podemos explicar seu desaparecimento pela inclemência do clima, desde que os cavalos, importados na Europa pelos espanhóis em pequena número, multiplicaram-se com rapidez, tanto no Taxas como nos pampas da Argentina.

Quero agora chamar a atenção do leitor para um fenômeno muito curioso que prova com tôda a evidência ter existido um continente entre a Europa e a América: trata-se da reprodução das enguias.

Foi Aristóteles o primeiro que teve a sua atenção voltada para êste interessante assunto. Mas não podendo averiguar em que ponto do globo elas se reproduziam, transmitiu às gerações posteriores um problema, para o qual não foi encontrada solução, nem esclarecimento, no decurso de dois mil anos. Conseguiu-se apenas constatar que as enguias, espécie de peixes de configuração alongada, que vivem habitualmente na água doce, abandonam anualmente essas águas dirigindo-se aos milhões, para o mar. Se o curso dágua em que se encontram não daságua no mar, elas arrastam-se por terra até encontrarem um rio que a êle vá ter. Atingindo o mar, os bancos de enguias mergulham e desaparecem na água salgada, encaminhando-se para certo ponto do oceano, e só regressam meses depois. Há muito tempo se presumia que essa emigração tinha por fim a desova. O lugar onde isto acontecia e a maneira permaneciam obscuras, sobretudo depois de se ter observado que os peixes adultos viajavam sem os filhotes.

Um sábio dinamarquês, o dr. T. Schmidt, estudando atentamente os costumes das enguias, encontrou afinal em 1922 a solução do problema proposto vinte e dois séculos antes. Ficou averiguado que ùnicamente as fêmeas vivem nos rios, e nêles não se demoram senão dois anos; e durante êste tempo mudam freqüentemente de permanência, pas-

sando de um curso dágua ou de um lago para outro, até que, em dado momento começam a encaminhar-se para as embocaduras, onde os machos as esperam. Aí os dois cardumes se fundem em um só, que parte em direção do oeste, para a longa viagem através do oceano, nadando sempre a grande profundidade, e percorrendo em média trinta quilômetros por 24 horas.

Depois da travessia do Atlântico, que dura cêrca de cento e quarenta dias, atingem o mar dos Sargaços, próximo às Bermudas. Êste movimento migratório é relativamente fácil de observar, por ser acompanhado muito de perto pelos delfins, gaivotas e outras aves de rapina. Aí chegadas, desaparecem as enguias nas florestas submarinas.

Não será ocioso recordar que o aludido mar estende-se por uma superfície equivalente a seis vêzes a superfície da França e que é coberto de um emaranhado espêsso de plantas marinhas, que seguidamente entravam a navegação de pequenas embarcações. Talvez ainda seja lembrado o que os ousados marinheiros fenícios relataram ao faraó Necao, a propósito do mar dos Sargaços, asserções que ainda hoje são válidas. A expedição científica do zoólogo americano o dr. Beebe descobriu aí em 1927 acidentalmente numerosas e novas espécies da fauna das grandes profundidades.

A desova das enguias é feita a trezentos metros, mais ou menos, sob o nível do mar; e em seguida morre a fêmea. Logo depois as pequenas enguias partem em direção às costas européias, formando um enorme banco da espessura de 25 metros e de 90 de largura. A princípio elas são transparentes, porém ao fim da expedição, que dura cêrca de três anos, tornam-se esverdeadas e por fim castanho-escuras. Dividem-se então os bancos em duas partes, na foz dos rios, os machos permanecem no mar, e as fêmeas tornam a subir pelos cursos dágua, começando sua estada de dois anos na Europa. E' assim que se pode dividir as enguias em duas espécies; os machos, que são peixes do mar, e as fêmeas que passam a metade da existência nágua doce.

O fenômeno da reprodução das enguias é muito importante para a questão que nos interessa, pois demonstra que em certa época existiu entre a Europa e as Bermudas um continente percorrido por um grande rio. O mar dos Sargaços é talvez a sobrevivência do delta pantanoso dessa colossal corrente pré-histórica, e as enguias, habituadas a atravessá-la durante milhões de anos, ao abrigo de seus inimigos conservaram êsse hábito até os nossos dias, embora tenham desaparecido, não só o curso dágua, como o próprio continente.

Na mesma ordem de fatos biológicos há mais fenômeno assaz curioso, provando ter existido um continente entre a América e a Europa. Trata-se de uma particularidade na vida das aves, durante as suas migrações anuais do antigo ao novo Continente.

Pelo testemunho de muitos observadores, sabe-se que, ao chegarem as aves ao parelelo dos Açores, começam invariàvelmente a descrever círculos por sôbre o mar. Êstes movimentos, sem intuito aparente, das aves já fatigadas, não podem ser explicados a não ser pela memória instintiva de uma terra outrora existente nessas regiões. O instinto hereditário das aves é mais forte que a percepção pelos sentidos, e, embora não a encontrando, buscam essa terra a fim de nela repousar. Depois de baldados esforços, reencetam sua longa viagem às regiões cálidas da América do Sul, mas no ano seguinte, sobrevoando esta região onde há milhares de anos se elevavam as montanhas da Atlântida, procurarão de novo onde pousar.

Alguns atlantologistas do século passado estranharam não serem mais encontradas no estado silvestre diversas espécies de plantas úteis cultivadas no mundo inteiro. E daí concluíram terem estas plantas sido cultivadas pelos Atlantes por tão grande período de tempo, que as espécies primitivas acabaram por desaparecer, e que da Atlântida se tinham disseminado pelo resto do mundo. Seria êste o caso do trigo, do milho, do fumo, da bananeira e do ananás.

Segundo uma lenda hindu, o trigo e o "Maravilhoso Candali" (bananeira) são dádivas feitas à humanidade por seus divinos protetores, os espíritos (Manu), que as tinham tirado de um corpo celeste mais perfeito que a nossa terra. E' sabido, que a bananeira além disso não é pròpriamente uma árvore; é uma planta herbácea anual que não se reproduz por sementes, mas por brotos. Existe pois o problema da bananeira, e um problema muito interessante: Onde, quando e como tentou e conseguiu o homem tirar dessa erva (Musa paradisíaca ou Musa sapientum) a magnífica planta que alimenta tantos milhões de indivíduos, em tôdas as partes do mundo? A bananeira, que hoje tanto se encontra nas ilhas solitárias do Pacífico, como na Índia e na América, é na verdade uma bemfeitora da humanidade. Os

frutos constituem um alimento nutritivo e aproveitam-se também para uma bebida fermentada, os ramos e fôlhas para cobrir as cabanas e as fibras para tecidos grosseiros.

Pensava Kuntze ter sido a espécie doméstica da banana criadas pelos Atlantes no princípio da era quaternária, e que muitos milhares de anos foram necessários para que êsse fruto atingisse a sua atual qualidade. Mas logo foi descoberta no Brasil uma variedade silvestre de bananeira, a "pacoba", que se reproduz por sementes; os seus frutos são comestíveis, embora menos saborosos que os da espécie cultivada. A hipótese de Kuntze não pode portanto ser adotada; é muito verossímil ter os atlantes empregado muitos cuidados na produção das melhores variedades de bananeiras, mas não é mais doravante possível pretender ter sido a Atlântida outrora o grande centro dessa cultura e que de lá se espalhasse a bananeira pelo universo.

A mesma sorte está reservada à teoria segundo a qual teriam os atlantes representado um papel preponderante na evolução da cultura do trigo, pois foi recentemente descoberta no Himalaia, por uma missão russa, uma variedade silvestre dêste precioso cereal.

Pensavam alguns sábios ter sido o trigo originário da Palestina, mas há alguns anos esforçou-se o célebre egiptólogo Flinders Petrie por demonstrar ser essa planta proveniente do Cáucaso. Para isso funda-se êle numa lenda que encontrou no Livro dos Mortos e segundo a qual Osíris teria ensinado aos primeiros egípcios a cultura do trigo. Ora, Osíris é um deus vindo do Cáucaso, o que faz pensar ter sido o trigo cultivado primitivamente nesse último país. Por outro lado descobriu Flinders Petrie em buscas efetuadas em camadas de terreno que podem datar da civilização badariana (a mais antiga das civilizações que se sucederam no Egito) grãos de trigo que muito se assemelham ao trigo do Cáucaso. Quase ao mesmo tempo foi demonstrado que nem a Babilônia, nem território algum vizinho tinham possuído uma tal espécie de cereal. Não foi senão muito mais tarde que a variedade badariana dessa planta foi substituída pela vinda da Babilônia.

E' interessante notar aqui a descoberta feita por um grupo de estudantes de Bombaim, que em 1933 visitava as ruínas da velhíssima cidade de Mohenjo-Dâro na província de Sind (Índia do Norte), cidade tão antiga que as crônicas Brâmanes a ela se referem pela primeira vez 3.000 anos antes de Cristo. Ora, enquanto admirava os vestígios dessa capital pré-histórica, um estudante apanhou uma antiga telha de argila quebrada dentro da qual se podia ver uma espiga duma gramínea desconhecida, semelhante ao centeio. Essa telha datava de 5.000 anos antes de Cristo; os grãos teriam evidentemente ali caído durante a fabricação dos tijolos e desde então ali ficaram. Essa descoberta provava que existiam já há vários milênios gramíneas que daí por diante, seja por via de evolução natural, seja pelo trabalho humano, produziram nossos atuais cereais. Talvez represente a planta de Mohenjo-Dâro uma variedade que precedeu o nosso centeio, e que teria sido largamente cultivada num continente hoje desaparecido, a Gonduana por exemplo.

Não foi ainda encontrada espécie alguma de milho silvestre, mas certos sábios emitiram a hipótese de ser êsse cereal originário de alguma parte dos vales dos Andes: vêm-se ali numerosas espécies de milho das quais uma de grãos enormes. Eu próprio vi alguns mais grossos que o polegar. (*)

Segundo o professor G. G. Bondar, naturalista russo, conhecido, atualmente no Brasil, não foi ainda descoberta variedade alguma silvestre de tabaco na América.

A origem do ananás é tão misteriosa quanto a da banana. Na Ásia êste fruto só existe cultivado, e é ali conhecido desde a antiguidade. Pode-se ver por exemplo representações do ananás nos monumentos assírios e babilônicos. E' aliás, assombroso constatar que nessas reproduções figura a variedade americana dêsse fruto. Por muito tempo não se conheceram tão pouco na América ananases silvestres, mas foram recentemente encontrados nas florestas virgens do Brasil.

Está agora averiguado que certas plantas crescem sòmente em determinadas regiões e em nenhuma outra. Assim o dragoeiro (Dracaena) só é encontrado nas Canárias, cuja flora é muito especial; esta circunstância prova novamente, ao que parece, em favor da existência da Atlântida.

Em 1934, o professor Mangin leu na Academia de Paris, um relatório sôbre os trabalhos do professor Chevalier, relatório êsse que provocou discussões no mundo científico por afirmar nada ter de comum a flora aborígine das ilhas do Cabo Verde com a do continente Negro, e que as plantas africanas encontradas nesse arquipélago foram transportadas acidentalmente pelos ventos, correntezas e

(*) Os indígenas do Brasil também cultivavam na época pré-colombiana o milho e o tabaco. N. T.

aves. Estas ilhas nunca pertenceram pois à África, são de formação vulcânica e, segundo Chevalier, nem mesmo fizeram parte da Atlântida. O sábio francês chegou à conclusão que as ilhas do Cabo Verde datam da era terciária. Entretanto elas foram povoadas por uma raça adiantada, pois que o professor Chevalier descobriu nos rochedos da ilha de S. Antão misteriosas inscrições.

As opiniões de Chevalier e de Mangin suscitaram uma enérgica contestação por parte de P. Le Cour, presidente da Sociedade francesa dos Atlantologistas, o qual asseverou que o professor Chevalier laborava em êrro, pensando que os atlantologistas tivessem jamais afirmado existir uma ligação orgânica entre as ilhas do Cabo Verde e o continente desaparecido. Segundo Le Cour, sòmente os Açores podem ser considerados restos da Atlântida. Quanto ao arquipélago do Cabo Verde, será talvez o restante de alguma parte submersa da África ou o resultado de algum abalo sismíco.

Embora a biologia não nos ofereça argumentos tão decisivos em favor da existência da Atlântida, como os que encontramos na sismologia e oceanografia, não se pode negar, entretanto, que nos tenha fornecido indicações preciosas em apoio da nossa tese.

CAPÍTULO IV

As catástrofes mundiais. A aparição de novas estrêlas. Os choques dos corpos celestes. Os aerólitos. O meteoro gigantesco caído na Sibéria. A aproximação de Anteros. O lugar da lua no folclore dos diversos povos. Os mitos de Faetonte e de Tifon. O dilúvio de ógiges. As contradições da cronologia. A nutação. Os mamutes siberianos. Os cemitérios de elefantes. A formação da Austrália. A hipótese de Carli. A terra há 12.000 anos passados. Os êxodos atlanteanos.

No comêço do século XIX, o grande sábio francês Cuvier admitia ainda, conforme Buffon, a teoria segundo a qual a maior parte das modificações do nosso planêta teria sido conseqüência de tremendos cataclismos. Depois as idéias mudaram e os geólogos não atribuíram mais importância, para a evolução do globo, se não às lentas transformações de que êle é teatro. Finalmente agora parece volver a ciência às teorias "cataclísmicas" de outrora.

Os sacerdotes de Sais explicaram a Sólon como, por intervalos mais ou menos espaçados, se produzem as perturbações no movimento dos corpos celestes, acarretando para o universo grandes catástrofes. O célebre astrônomo, o abade Moreux, porém, supondo atribuíssem os antigos demasiada importância à parte dos astros nas convulsões de que a nossa terra é às vêzes teatro, recusa-se a crer nas asserções dos sacerdotes de Sais. Êle faz, com efeito, observar, que o encontro do nosso globo com um cometa — para só citar êsse exemplo — não se pode produzir em intervalos regulares e, segundo pensa, as convulsões que intervêm nos espaços interplanetários nada têm que ver com nossos "cataclismos domésticos".

Quanto a mim, não posso aceitar o parecer do sábio francês quanto às explicações dos sacerdotes egípcios, os quais se referiam a sucessos cósmicos determinados, que

tinham exércido real influência sôbre a sorte da terra, porquanto visavam a um caso deveras particular, o de Faetonte, o qual, segundo a lenda, atraiu para o nosso planêta uma catástrofe pavorosa. Como recusar-nos a ver neste mito a simbolização poética dum cataclismo cósmico, conseqüente a alguma formidável perturbação astronômica?

Mais adiante o abade Moreux combate a opinião de Mr. R. M. Gattefossé, o qual, no seu livro intitulado A VERDADE SÔBRE A ATLÂNTIDA, manifesta a opinião de terem os aludidos sacerdotes tido em mira o fenômeno da "precessão dos equinócios", que consiste numa deslocação dos pólos terrestres, cujo período de evolução é de 25·796 anos.

Foi fácil, relativamente, ao abade Moreux demonstrar que o eixo do globo nunca fica perpendicular ao plano da eclítica, como parece acreditar Gattefossé, e que as lentas oscilações dêsse eixo não podem de modo algum provocar um cataclismo. Mas se Gattefossé está enganado neste ponto, parece-me muito aceitável o que diz alhures sôbre a possibilidade de catástrofes terrestres causadas por perturbações celestes.

Afirma Moreux que um acúmulo extraordinário de água, sob a forma de chuva, gêlo ou neve, em uma parte qualquer do globo, ou mesmo os movimentos do núcleo interno do nosso planêta, podem perfeitamente produzir no correr de um ano uma alteração de alguns metros na situação dos pólos, mas êstes deslocamentos insignificantes não poderiam ocasionar catástrofes. Para que se produzam sérias perturbações, seriam necessárias transformações de outro alcance na divisão das terras e dos mares. Seria preciso por exemplo, que todo o maciço do Tibé fôsse transportado para um dos pólos.

Estou de acôrdo com Moreux quando êste diz que as catástrofes nos espaços interplanetários são esporádicas e não se repetem com intervalos regulares. Estou, no entanto, inclinado a crer que ao usar da palavra "periódico" não pretendiam os sacerdotes de Sais significar que tais acidentes tinham um expresso caráter periódico, mas simplesmente que elas se reproduziam de tempos em tempos, digamos: ocasionalmente. Como contestar, em todo o caso, que tenham exercido poderosa ação sôbre a existência do orbe?

Eu, de resto, estou inclinado a pensar que o total das tradições humanas não é assaz longo para poder englobar dois acontecimentos sucessivos desta natureza... Os próprios egípcios, cuja história, acrescida ainda pelas tradições atlanteanas, é tão rica, não podiam no entanto indubitàvelmente lembrar-se de um dêsses cataclismos, que era justamente aquêle do qual falavam os sacerdotes.

Veremos, porém, que não faltam dados para assentar o provável caráter do cataclismo ao qual aludimos.

Conquanto os diversos corpos celestes se movam no espaço segundo órbitas estritamente estabelecidas, acontece que êles se encontram por vêzes, ou pelo menos certas de suas partes. E' a esta categoria de fenômenos que pertencem tanto o aparecimento de novos astros, "novae", como dizem os astrônomos, como a queda à superfície de certos planêtas, de fragmentos, às vèzes importantes de outros astros, e também a interferência de planêtas sôbre a órbita dos cometas, e tôdas as outras perturbações observadas na marcha do sistema solar, assim como as estrêlas cadentes e aerólitos. Talvez não seja ocioso insistir com maior minúcia sôbre cada um dêsses fenômenos.

Desde a época das primitivas observações feitas pelo astrônomo grego Hiparco, que vivia no II° século a. C., as "novae" surgiram às centenas. As mais conhecidas são: a Nova de Hiparco (134 a. de C.), a Nova de Tycho-Brahé, aparecida na constelação de Cassiopéia em 1572, a Nova que apareceu em 1848 na constelação da Serpente, a do Cisne em 1876, a de 1891 na Grande Ursa, a de 1910 do Perseu, a de 1918 da Águia e enfim, a mais recente delas, a estrêla que surgiu em 1925 na constelação de Pluteum Pictoris. A história de cada "nova" se repete mais ou menos invariàvelmente: nos primeiros dias consecutivos à sua aparição, a nova estrêla cintila com brilho notável, que não deixa de aumentar até igualar, por vêzes o de Sírius; depois do que começa a decadência e, rapidamente, a "nova" se torna quase invisível, ou então desaparece totalmente. A última de tôdas elas, entretanto, a de 1925, apresentava a particularidade de ser dupla; fenômeno que não se dá mais que uma vez, ao que parece, no decurso de milhares de anos... Podemo-nos pois gabar de ter assistido a um espetáculo único por assim dizer.

O aparecimento duma Nova é sempre indício duma horrível catástrofe acontecida, duma conflagração cósmica devida à colisão entre dois ou mais corpos celestes não luminosos. Com o choque, a energia, destinada à sua translação

converte-se instantâneamente em calor e transforma êsses corpos enormes em massas de gases incandescentes. Pensam certos sábios que essas calamidades são só devidas à explosão dos gases contidos no interior dêsses astros. Entretanto, no caso da Nova de Pluteum Pictoris, é de crer que se tratava do choque de dois corpos celestes, não luminosos, de dimensões quase iguais. Logo se afastaram mùtuamente com a considerável velocidade de 200 quilômetros por segundo e, a partir de 1928, estavam separados por uma distância cem vêzes maior do que a existente entre a terra e o sol.

Nós mesmos distamos 540 anos-luz desta Nova Pictoris, o que significa ter-se provàvelmente produzido esta grande catástrofe no ano de 1385, ou sejam cem anos antes da descoberta da América. E no entanto a luz percorre 289.274 quilômetros por segundo!

O astrônomo russo W. Vorontzoff-Veliaminoff descobriu em 1937 uma "nova" de particular interêsse, pelo fato de não pertencer à nossa galáxia, mas à uma galáxia vizinha, e que nos aparece apenas como uma pálida nebulosa. A distância que dela nos separa pode ser avaliada em 19 milhões de anos-luz.

Qual não será o brilho dêste novo corpo celeste para, depois de atravessar o espaço durante 19 milhões de anos, ser ainda bastante intenso para impressionar a nossa retina? O mesmo astrônomo calculou ser esta luz alguns milhões de vêzes mais forte que a do nosso sol e cem vêzes mais que a da galáxia de que faz parte, embora seja esta formada de milhões de estrêlas! E' certo que há milhões de anos passados uma pavorosa catástrofe, sobrevindo na imensidade dos espaços celestes deu à luz essa nova, cuja notícia entretanto só chegou a nós em 1937. Como se poderia calcular a energia liberada durante êste cataclismo! Notemos de passagem que a fonte destas novas radiações cósmicas, descobertas pelo sábio americano Millikan, ainda permanece misteriosa para nós; talvez sejam produzidas por conflagrações análogas às que deram origem a tôdas estas "novae".

Quando se dá a colisão de dois corpos celestes de dimensões muito diferentes, a temperatura do menor, ao precipitar-se sôbre a superfície do maior, eleva-se a um grau tal que às vêzes sobrevém uma explosão, esfacelando-se o menor em minúsculos fragmentos. Às vêzes também, êste, sem explodir, penetra profundamente no maior, conservando sua forma anterior.

Graças ao telescópio foi possível observar, há alguns anos, os efeitos causados pela queda dum corpo sôbre planêtas. Foi assim que o astrônomo W. Hay observou na noite de 3 de agôsto de 1933 uma extensa mancha branca sôbre o equador de Saturno. Seu colega, o dr. W. H. Stevenson, pôsto a par da sua descoberta e tendo-se dedicado ao estudo profundo de Saturno, chegou à conclusão de que esta mancha era provàvelmente conseqüência da queda de um meteorito gigantesco, cuja alta temperatura tinha instantânamente transmutado em estado gasoso incandescente o meio no qual tinha tombado. Por meio do telescópio pôde-se até ver claramente a brecha, com 30.000 quilômetros de extensão e quase 20.000 de largura, produzida no famoso anel de Saturno pela queda do meteorito.

E' evidente que catástrofes idênticas podem dar-se perfeitamente sôbre o nosso próprio globo, como certamente já houve no passado. Nossa geração presenciou algumas, e é provável que os nossos descendentes também vejam outras.

Pondo de parte estas catástrofes, o nosso planêta, tal como os outros corpos celestes todos, está submetido à ação, tanto dos astros próximos, como a lua, como à das estrêlas mais longínquas. A influência da lua é a que nos é mais familiar. Manifesta-se pelo fenômeno tão conhecido das marés, e por aquêle, menos vulgarizado, das flutuações análogas que ela produz na massa do magma que constitui o interior do globo. As marés oceânicas influem por sua vez sôbre os fenômenos metereológicos; quanto às "marés" interiores provocam tremores de terra ou erupções vulcânicas. Sem dúvida alguma a nossa terra está sujeita à gravitação universal, cujos efeitos constatamos no fenômeno denominado "as grandes marés", o qual se produz quando se dá a "conjunção dos planêtas", quer dizer quando sucede os centros de gravidade de dois ou de diversos planêtas coincidirem no espaço com o prolongamento de qualquer raio da terra. E' evidente que, nesse momento, no ponto onde êste raio atravessa a crosta terrestre, a fôrça de atração atinge o máximo da sua intensidade, porquanto ela é igual às fôrças de atração somadas dos planêtas que estão em conjunção. Êstes pontos, chamados "nadires", são sempre a sede de perturbações atmosféricas, de marés extraordinárias, de tremores de terra e de erupções vulcânicas.

Fenômenos análogos, muitas vêzes de caráter catastrófico, acontecem quando um grande cometa se aproxima da terra. O magna interno, sob a influência desta fôrça de atração, tende a comprimir-se em direção ao ponto mais próximo ao recém-vindo. Podemo-nos preparar, então, para violentos cataclismos; sismos e erupções vulcânicas de enorme poder destrutivo, submersão de terras e ilhas, abalos, levantamento de montanhas, aparecimento de novas ilhas em pleno oceano. Ùltimamente aperceberam-se os sábios da existência de estreitas relações de dependência entre as manchas solares e certos fenômenos de ordem geofísica e mesmo biológica: ninguém, hoje em dia, põe mais em dúvida que certas ocorrências sociais, tais como guerras e revoluções, obedecem à influência inexplicável do sol. Acaba-se, pois, por reconhecer que os antigos astrólogos não se enganavam tanto assim quando pretendiam que o destino dos homens dependia em grande parte da posição ocupada por certos astros em dado momento...

É, porém, tempo de abandonar estas considerações de ordem geral, para voltarmos a tratar dos choques entre corpos celestes ou partes dos mesmos. Segundo a sua amplitude, são êstes fenômenos designados de diversas maneiras: conhecemos as chuvas de aerólitos, quedas de poeiras meteóricas, os aerólitos, as estrêlas filantes, bólidos; como não admitir, por analogia, que massas cósmicas, infinitamente mais importantes, pequenos satélites do nosso globo, atraídos pela massa relativamente considerável da terra, possam tombar à sua superfície?

E' preciso não esquecer que a crosta terrestre, comparada ao diâmetro do nosso planêta, não representa senão uma camada extremamente delgada, cêrca de sessenta quilômetros, aproximadamente um centésimo do raio terrestre. E' menos, guardadas as proporções, que a espessura da casca de um ôvo, que representa a sexagésima parte do seu diâmetro menor. Apesar de tôda a sua civilização, sua grande história, seu progresso, a humanidade não ocupa mais lugar que uma camada de poeira e de resíduos vegetais, que reveste às vêzes a superfície de alguns açudes.

Nessas condições, um choque relativamente fraco sôbre a crosta terrestre, pode acarretar para a humanidade as mais graves conseqüências. E eu não me refiro ao choque do nosso planêta com um corpo celeste da mesma massa e mesmo volume aproximadamente; tal colisão destruiria sem dúvida, não sòmente tôda a vida sôbre a terra, mas ainda o nosso próprio planêta seria transformado logo em um aglomerado de gases incandescentes. Eu só encaro a queda sôbre a superfície do globo de massas meteóricas de dimensões médias ou mesmo de alguns dos nossos satélites ignotos. Êstes choques poderiam ser suficientes para produzir cataclismos locais, e, quem sabe? — pode ser mesmo, algumas alterações na mecânica da rotação e de revolução da terra.

As quedas de aerólitos não são raras e não há museu de história natural que não possua alguns espécimes dêstes nossos visitantes do espaço, mas, às vêzes, êstes meteoritos são de dimenseõs tais, que não encontram lugar nos museus, sendo necessário deixá-los no sítio em que caíram. E' êste o caso do célebre Ferro de Palas, na Sibéria, dos enormes meteoritos da Groenlândia, do Brasil etc. A célebre pedra negra ou Caaba, que os muçulmanos veneram em Meca, não passa de um meteorito caído no deserto da Arábia há milhares de anos.

E' curioso o importante papel que os meteoritos desempenharam na história da civilização. Êles em geral são compostos de ferro e de óxido de ferro, com níquel e outros metais; e pensam muitos arqueólogos que os povos primitivos conheceram o ferro em primeiro lugar sob a forma de meteoritos.

A análise química de dois ornamentos de ferro, descobertos no Egito e oriundos do quinto milênio revelou que continham forte proporção de níquel. No idioma dos antigos egípcios a palavra ferro tem o sentido de mineral celeste. Acredita-se ter sido na Armênia, durante o segundo milênio antes da era cristã, que pela primeira vez se fundiu o minério de ferro; Certos documentos de origem armênia mencionam os trabalhos de metalurgia efetuados em 1490 antes de Cristo. Como, por outro lado, foram encontrados objetos de ferro muito mais antigos na pirâmide de Quéops, somos levados a concluir que êstes também eram de ferro meteórico. Quanto ao aço, o documento mais antigo que dêle faz menção é uma carta na qual o rei Turata anuncia ao faraó Amenófis III a remessa de um presente composto de trezentas e dezoito concubinas e alguns objetos ainda mais preciosos, a saber: algumas adagas e ornamentos de aço.

A "chuva de aerorólitos" é um fenômeno conhecido, que sobrevém segundo se pensa, quando o nosso planêta atravessa no seu itinerário certas "nuvens de meteoritos" que viajam em tôrno do sol. Estas nuvens são formadas de res-

tos de corpos celestes explodidos e que prosseguem na sua revolução, seguindo as mesmas órbitas que os astros dos quais fizeram parte. Conta o Antigo Testamento (Josué, X, 11) que durante uma batalha entre Judeus e Amoritas, Jeová fêz cair do céu sôbre os últimos, quando êles batiam em retirada, grandes pedras que causaram a morte de muitos.

Os cronistas da Idade Média referem repetidas vêzes a queda de pedras em chuvas, que eram naquele tempo consideradas manifestações de cólera divina. Recentemente o professor Lacroix assinalava em uma comunicação à Academia de Ciências de Paris, a propósito de investigações geológicas realizadas no Saara, que no Tanesruft, que os indígenas chamam o "país da sêde", existe uma tal quantidade de pequeninas pedras brancas, a ponto de tornar o chão do deserto todo brilhante. O professor Lacroix, como também outros geólogos que lá permaneceram semanas, não hesitaram em classificar como meteoritos essas pedrinhas. Seu pêso varia desde alguns gramas até cinco quilos, e pela análise se constatou que são formadas de ferro, de níquel e de quartzo. Foi provàvelmente no decorrer do século passado que esta chuva de pedras caiu sôbre o Saara.

Está provado que uma poeira meteórica, extremamente tênue, formada de partículas microscópicas de ferro, está caindo constantemente do espaço sôbre a superfície da terra. Se em pleno oceano se deposita uma fôlha de papel branco sôbre qualquer parte do tombadilho dum navio — ao abrigo dos ventos e das fagulhas, bem entendido — notar-se-ão ao fim de pouco tempo minúsculos pontos negros sôbre o papel. O exame microscópico e a análise química demonstram que se está em presença de um pó de ferro de origem meteórica. O mesmo fenômeno pôde ser observado sôbre os cumes nevados das mais altas montanhas. Estas poeiras estão indubitàvelmente caindo sôbre a terra desde o princípio do mundo, e continuarão, a cair assim, até o fim dos séculos. Sendo o pêso atual do nosso planêta avaliado em seis mil trilhões de toneladas, o professor Lacroix calculou que êsse pêso aumenta por ano de 650 toneladas de poeiras meteóricas, o que representa ao fim de um milhão de anos um acréscimo total de 650.000.000 de toneladas. Em outras palavras, cai do céu sôbre a terra em 500.000 anos, uma quantidade de pó equivalente a uma colina de 220 metros de altura sôbre uma base de 125.400 metros quadrados. Êstes algarismos podem parecer insignificantes, comparados ao pêso total da terra; mas é preciso não esquecer que essa operação já se processa há centenas e centenas de milhões de anos...

Não há dúvida pois que essas enormes massas de poeira meteórica tenham vastamente contribuído para aumentar a espessura da crosta terrestre, e para a formação do solo sôbre o qual vivemos.

Porém as conseqüências dêste fenômeno são ainda mais importantes no domínio de geofísica e de mecânica celeste. O acréscimo do pêso da terra não pode deixar de agir sôbre a rotação e a revolução do globo. Além disto, êste constante aumento de pêso amplifica a intensidade da fôrça de gravitação do nosso planêta e acresce também a probabilidade de quedas sôbre a sua superfície, de massas cósmicas cada vez mais volumosas. Pode-se pois prever que estas quedas se produzam no futuro com freqüência um pouco maior.

Independentemente destas quedas ocasionais de meteoritos, conhece o nosso planêta as quedas periódicas que se dão duas vêzes por ano, em agôsto e novembro. Os astrônomos denominaram estas chuvas de aerólitos, "Perseidas" e "Leonidas" porque os centros donde elas parecem irradiar-se estão situados nas constelações de Perseu e do Leão. O povo as chama estrêlas filantes. As Perseidas parecem ser os restos do cometa Tattle, que explodiu, devido a causas ignoradas, há alguns anos e cujas partículas prosseguem na mesma órbita do astro de que fizeram parte, órbita que a terra atravessa anualmente. Até agora, os nossos encontros com o que resta do cometa de Tattle manifestaram-se por esplêndidos fogos de artifício celestes, mas não é impossível que um belo dia um bloco de grandes dimensões venha a chocar-se com a nossa terra e danifique uma certa parte da sua crosta. Os pequenos meteoritos, penetrando na nossa atmosfera com a velocidade de 60 quilômetros por segundo, inflamam-se a uma altura de cêrca de 115 quilômetros, e ardem como foguetes, deixando um rasto de luz branca ou verde.

Afortunadamente as quedas de meteoritos de grandes dimensões são raras, relativamente, embora a história tenha conservado a memória de alguns dêles. Talvez, certas ilhas não tenham origem diferente e o mesmo se pode dizer dos blocos de rochedos que se elevam por vêzes no meio das planícies. A julgar pela sua estrutura, a ilha de Elba deve ser um enorme meteorito, um dia tombado do céu em pleno Mediterrâneo.

Graças a certas variações visíveis da agulha magnética descobrem-se às vêzes grandes meteoritos já enterrados no solo; em certos pontos do globo, a bússola parece agitada e deixa de indicar o norte. E' um indício certo de que existe na proximidade, enterrado no chão, uma quantidade de ferro meteórico. Esta anomalia é observada especialmente nos arredores da cidade de Kursk na Rússia européia.

Existe nos Estados Unidos, a alguns quilômetros de Natchez e pouco afastada do Mississípi, uma grande cavidade que se parece com a cratera de um vulcão extinto, chamada pelos indígenas a "Taça do diabo". A várias milhas daí as bússolas dos navios que navegam no grande rio já começam a desviar-se. Não resta dúvida que a "Taça do diabo" foi produzida por um enorme meteorito ao penetrar no solo onde continua enterrado.

Há muito tempo caiu no Arizona um gigantesco meteorito. Em 1891, tendo alguns engenheiros americanos descoberto no meio de um deserto uma cratera medindo quilômetro e meio de diâmetro, acreditaram tratar-se de um vulcão pré-histórico, extinto há tempos imemoriais. Mas quando, em 1933, se procedeu a um estudo metódico verificou-se que esta cavidade tinha sido causada pela queda de um enorme meteorito e na sua vizinhança foram achados numerosos fragmentos de ferro meteórico, que revelaram na análise uma particularidade inesperada: o ferro continha platina! Por meio de aparelhos muito sensíveis ficou patente a presença de uma massa pesando aproximadamente 500.000 toneladas, a uma profundidade de 225 metros. E ainda mais: conseguiu-se determinar a época em que a queda se tinha produzido. Ela tivera lugar 50.000 anos antes.

Ao noticiarem esta descoberta, não se esqueceram os jornais americanos de acrescentar que estava formada uma sociedade para explorar o minério de platina, por meio de novos processos industriais.

Porém todos os casos conhecidos a respeito de quedas de meteoritos nada são, comparados com o que se passou na Sibéria, em 1908; quando no meio das matas virgens que cobrem a região de Ienissei, a 1.200 quilômetros da cidade de Turukhansk, precipitou-se um enorme rochedo, que pode ter sido um dos satélites até hoje desconhecidos que gravitam em tôrno da terra, ou então um dos inúmeros asteróides que percorrem os espaços celestes. Transcrevo do astrônomo russo, professor Kulik, o seguinte relato do acontecimento:

A 30 de junho de 1908, às 7 horas da manhã, nas proximidades do rio Podkamennaya-Tunguska, a 61° de lat. N. por 102° de log. E. de Pulkovo, caiu uma massa cósmica de dimensões tais, que os efeitos produzidos pela sua queda ultrapassam tudo o que anteriormente se verificara neste sentido. Apesar de estar o sol nesse momento brilhando com tôda a sua claridade ,o bólido foi visto a uma distância de 600 quilômetros. Em um raio de 1.500 quilômetros ouvia-se um ruído semelhante ao do trovão e o estampido da explosão foi percebido distintamente a uma distância de 675 quilômetros. Êste meteorito tinha percorrido uma curva de 500 quilômetros dentro da atmosfera. O deslocamento de ar causado pela queda desta massa foi tal que derrubou homens e animais em um raio de 650 quilômetros, contados do lugar da queda. Além desta vaga de ar, produziu-se uma vaga sísmica que se propagou em tôrno da terra com a velocidade de 320 metros por segundo. Pensou-se que tivesse havido um violento tremor de terra na Sibéria. Esta onda fêz a volta da terra em trinta horas apenas, segundo os cálculos feitos no observatório de Potsdam, e foi seguida de mais uma ondulação. Enquanto caía, projetou êste meteorito quantidade enorme de poeiras meteóricas, dando nascença às intituladas "nuvens prateadas". Estas nuvens, que se espalharam imediatamente pelo norte do Antigo Continente, mudaram a luz do dia em crepuscular avermelhada, bastante intensa para impedir o astrônomo Max Wolf, de Heidelberg, de fotografar as estrêlas durante a noite que se seguiu, e fazendo com que se pudesse ler o jornal durante a mesma ao ar livre, até meia noite."

O professor L. A. Kulik e o astrônomo inglês Kirkpatrik calcularam que se o meteorito tivesse caído cinco horas e quarenta e sete mintos antes, o seu ponto de incidência teria sido a cidade de S. Petersburgo, a qual teria sido destruída.

O fenômeno da transformação da velocidade do bólido em calor foi tão intenso que durante a sua queda uma coluna de fogo de vinte quilômetros ergueu-se do sítio em que êle tinha caído.

Um meteorito de menores dimensões caiu na mesma ocasião perto de Kiev, também na Rússia. O prof. Kulik que visitou em 1927 o ponto da queda encontrou pedaços que pesam 150.000 quilos. O total da massa devia pesar um milhão de toneladas, e talvez mais. Em um raio de cem quilômetros a grande floresta siberiana tinha sido arrasada. Os pinheiros gigantescos e bétulas jaziam com as co-

pas no chão. Em um círculo de vinte quilômetros o solo achava-se literalmente calcinado. Hoje em dia as numerosas crateras formadas pelos estilhaços do meteorito estão quase tôdas aterradas. A massa principal está invisível porque pentrou logo profundamente no solo. Os habitantes contam muitas histórias sôbre o cataclismo de 1908 e falam ainda com terror do incêndio do céu a que assistiram.

Ainda não se conhece uma explicação plenamente satisfatória para a formação destas nuvens prateadas. Todavia alguns sábios opinam que o meteorito constituía o núcleo de um cometa, de que as famosas nuvens formavam a cauda, sob a forma de poeiras. E' igualmente possível que o meteorito siberiano fôsse simplesmente um satélite até então ignorado da nossa terra; ou então um asteróide independente que, passando próximo a nós, tenha ficado sob a influência da gravitação do globo. O professor Hoerbiger emitiu uma opinião que viria em apoio da primeira suposição. Com efeito, êle demonstrou que os corpos celestes não descrevem elipses perfeitas, como até então se julgava, porém volutas elípticas; e isto significa que a distância que separa um planêta ou satélite do respectivo centro de revolução vai diminuindo constantemente. Quando esta distância atinge um determinado mínimo, o astro, obedecendo à lei da gravitação, precipita-se sôbre o que está no centro da órbita.

Se pois dermos crédito a Hoerbiger, todos os planêtas, cometas e satélites, em obediência a esta lei, hão de vir, cedo ou tarde, lançar-se sôbre o astro central, em tôrno do qual circularam durante milhões de séculos. E' assim que a lua vem-se aproximando ao que parece, cada vez mais da terra e que a sua queda não é senão questão de tempo, o que na linguagem astronômica quer dizer daqui a milhões de anos. E' fácil de imaginar que esta catástrofe será de pavorosas conseqüências; aberta em um continente inteiro, a crosta terrestre verá surgir uma cintura de vulcões em tôrno de tôda a área da queda, igual à que cerca o Pacífico. Porém se a lua cair no mar, será um novo continente, que se verá aparceer, e tôda a água assim recalcada irá inundar tôdas as restantes terras, sem dúvida alguma, que ainda emergem hoje do mar. Então o aspeto da nossa terra seria totalmente alterado: civilizações tôdas inteiras, completamente aniquiladas e impossível será achar a origem dos povos sobreviventes. Quantos problemas difíceis propostos aos historiadores e aos etnólogos do futuro!...

O astrônomo belga Delporte consagrou sua existência ao estudo dos asteróides. Sabe-se que sob êsse nome se designa um certo número de pequenos planêtas que circulam no espaço em tôrno do sol, entre os planêtas Júpiter e Marte. Suas órbitas são concêntricas às dêsses dois, mas os seus planos das suas revoluções não coincidem com os daqueles. O primeiro asteróide descoberto foi "Ceres" em 1801, pelo astrônomo italiano Piazzi; depois do que, em cento e trinta e tantos anos, muitos outros se encontraram, de modo que o seu catálogo registra no dia de hoje, mais de mil e trezentos astros. Os seus diâmetros variam entre 770 quilômetros, que é o dos maiores, e um e meio para os menores. O professor Delporte, que um grande número já descobriu, há pouco tempo nos revelou a existência de mais dois, que Adônis e Anteros denominou. Ora, Adônis tem uma órbita singular, de forma elíptica, que a de Mercúrio quase atinge, o qual é dos planêtas o mais próximo do sol, e passa próximo à nossa órbita da terra, relativamente. Daí resulta certo perigo para o nosso planêta, porque, a rigor, é bem possível entre êles uma colisão, desde que o menor planêta seja atraído pela terra.

No comêço de fevereiro de 1936, notou Delporte sôbre uma fotografia por êle feita do firmamento um pequeno traço que indicava a existência de um planêta, visto como êstes astros se deslocam com velocidade que é diversa da das estrêlas. Até então traço algum desta espécie fôra visto sôbre os fotos daquela parte do céu, que anteriormente foram tirados. Pensando estar em presença de um novo asteróide, chamou-o Delporte: Anteros. Devia êste astro transitar no decorrer do mesmo mês a uma distância de dois miliões de quilômetros da terra; distância esta assustadora, se se reflete que o planêta Marte, nosso mais próximo vizinho, ainda assim está a 77 milhões de quilômetros da terra, e que o asteróide que, porventura, de nós mais se aproximou foi Amor, o qual, contudo, ainda ficou afastado de 15.500.000 quilômetros.

Calculou então Delporte que a diferença de grau e meio na inclinação da órbita de Anteros bastaria para colocá-lo na zona da atração da terra; coisa que no seu parecer nada tem de impossível. Anteros, que emprega dois anos terrestres para efetuar sua revolução ao redor do sol, esteve novamente na nossa proximidade em fevereiro de 1942. Bastaria que, ao passar na proximidade de um planêta qualquer, fôsse o plano da órbita dêsse pequeno astro, que não

tem nem dois quilômetros de diâmetro, ligeiramente desviado, para que o asteróide penetrasse na zona de ação da terra, e a sua queda em cima de nós tornar-se-ia um fato.

Mas a queda de Anteros provocaria, decerto, apenas uma catástrofe local. Apesar do pêso da sua massa atingir um bilião de toneladas, e dêle mover-se com a velocidade de 29 quilômetros por segundo, não é de temer mais que um cataclismo, como um violento tremor de terra ou uma grande inundação nas proximidades do lugar da queda. O cálculo das probabilidades mostra que existe só uma probabilidade em cinqüenta mil de que se dê um tal encontro. Pense, porém, o leitor que nos sorteios da "Loterie Nationale" francesa os compradores dos bilhetes só têm uma probabilidade em 1.200.000 de tirar a sorte grande, e que entretanto, cada portador de um bilhete conserva a esperança de ser o escolhido da sorte...

Já assinalei repetidamente as lendas que têm por objeto a lua, entre certos povos. As que particularmente nos interessam são os mitos gregos dos pré-selenitas que, antes da existência da lua, existiam na Arcádia e no continente de Gonduana; a lenda Chibcha sôbre Bochica, que criou a lua depois da grande inundação que arrasou o vale de Funza; a lenda difundida entre os Bosquímanos de que desaparecera um grande continente a oeste da África, quando ainda existiam duas luas; o mito maia da calamidade durante a qual a Grande Serpente, ou seja um astro, foi arrancado do firmamento; e a dos tupis, contando que a lua, periòdicamente cai sôbre a terra e é substituída por outra no céu. Os Arovaques da Guiana afirmam que o Grande Espírito enviou duas calamidades ao mundo: Primeiro um grande incêndio, depois uma grande inundação. Acrescentemos a estas, as afirmações dos sacerdotes de Sais, a propósito das alterações que se deram na disposição relativa dos corpos celestes, depois das quais acontece na terra cada vez uma grande catástrofe. Foi assim que falaram a Sólon das vastas conflagrações de que o céu era teatro, sempre que a humanidade tinha desafiado a fúria divina. Os gregos tinham um mito a respeito de Faetonte, que por sua culpa pôs fogo à metade da terra; e os egípcios diziam que Tifon, depois de ter levantado o nível do mar de seiscentos côvados, tinha retalhado a terra firme, incendiando uma metade e inundando a outra. O Códex Popul-vu relata que o deus Huracã inundou a terra na ocasião em que uma grande conflagração rebentava no céu. Êste mito, como o dos Arovaques, aproxima-se das tradições gregas e egípcias de Faetonte e Tifon. Na sua obra A CIDADE DE DEUS, cita S. Agostinho dois autores, dos quais mais nada sabemos, Adrasto e Dião, que contam dum dilúvio universal, o qual teria devastado o nosso planêta no tempo em que reinava Foroneu, rei dos Pelasgos. Durante esta catástrofe tinham-se visto aparecer no céu fenômenos extraordinários, de tanta intensidade que a órbita de Héspero, isto é, do planeta Venus, se tinha modificado. Cumpre ver aí, sem dúvida, a recordação deixada por alguma perturbação cósmica de excepcional amplidão um cataclismo pré-histórico, do qual não podemos infelizmente precisar a natureza.

Pode-se em suma agrupar estas tradições tôdas em duas categorias: umas que afirmam que um cataclismo teve lugar na época em que a lua atual não existia ainda; e outras, segundo as quais o cataclismo se teria dado quando no céu existia uma outra lua, além da nossa, ou, pelo menos, um outro corpo com a aparência do nosso satélite.

Apresenta-se então a questão relativa à época da catástrofe citada. Conforme algumas das lendas tratar-se-ia duma inundação de enorme amplidão; segundo outras, de absorção de um continente inteiro ou, pelo menos, de uma ilha de vastas dimensões; de acôrdo com outras, da queda ou desaparecimento de um astro; e outras, enfim, aludem a uma formidável conflagração que devastara a terra tôda.

Platão calcula que a catástrofe da Atlântida se deu no ano 9.500 a. C. As lendas dos Bosquímanos e dos Chibchas são tão vagas que não se pode tirar conclusão alguma delas, nesse sentido. Quanto à lenda maia (ver o livro de Xilam Balam de Xumaiel), embora não indique a data da destruição do primitivo foco de irradiação da raça, que devia ser em pleno oceano, contém pormenores dos quais podemos concluir que a aludida catástrofe pode ter tido lugar alguns milhares de anos antes da fundação do seu império do Iucatã.

Pensa o professor Gardiner que o Gonduana deve ter desaparecido na era dos grandes sáurios. Ora os geólogos presumem que o declínio dêsses répteis deve ter tido início no fim da época jurássica, isto é, milhões de anos antes que se pudesse admitir a existência, não só de uma civilização qualquer, mas até de qualquer humanidade. Aceitando o parecer do professor Gardiner, seria preciso fazer remontar a destruição de Gonduana até alguns milhões de anos antes. Mas como explicar então que tanto os indus

como os gregos tenham podido conservar a tradição da sua existência? O professor Gardiner funda-se talvez na descoberta de restos de sáurios gigantescos no local onde foi Gonduana; mas êste encontro poderia ser explicado pela sobrevivência de algum indivíduo desta espécie até ao tempo da catástrofe, a qual, neste caso, poder-se-ia ter dado em época menos afastada. Em outro capítulo eu assinalo a existência de lagartos gigantescos até uma época próxima da atual. E digo mais: recentemente foram encontrados representantes dêsses répteis, outrora tão numerosos, na solitária ilha de Cómodo, no arquipélago Malaio; e é sabido que não existe tribo indígina alguma sem possuir lendas sôbre lutas dos seus antepassados com dragões ou serpentes fantásticos. Por isso somos levados a situar o desaparecimento de Gonduana, muito depois da era jurássica. Êste acontecimento poder-se-ia ter dado, na nossa opinião, há uns dez ou quinze mil anos; e o mito grego dos pré-selenitas diria portanto respeito a um povo que realmente habitou na Arcádia e Gonduana antes que a lua aparecesse no céu. Mas esta alusão não significa que o nosso satélite tenha surgido precisamente quando o continente indo-africano desaparecia...

Quando o relato dos sacerdotes de Sais se refere a conflagrações celestes, parece ter ùnicamente em vista a Atlântida. Pode ser que a narração fôsse completada na parte do CRÍTIAS que não chegou até nós. Duvido muito que êles tivessem falado a Sólon dessas conflagrações, se elas não tivessem relação com a catástrofe que é o assunto da presente obra. Não nos parece insensato concluir que a última das conflagrações tenha coincidido com o cataclismo.

Em todo o caso não se pode deixar de ficar impressionado pela coincidência constatada entre as lendas grega de Faetonte e a egípcia a respeito de Tifon. Ambas relatam o mesmo acontecimento, encarado sob pontos de vista mitológicos divergentes. Podemos daí concluir que as duas catástrofes devem ter acontecido simultâneamente. Pode ser que o ato de Tifon dividindo a terra firme em dois continentes tenha ligação com o mito hindu do herói Privata, cuja charrua lavrava os oceanos e criava continentes.

Chegamos agora à narração que se encontra na "Cidade de Deus" de S. Agostinho sôbre as luzes brilhantes que apareceram no céu durante o dilúvio universal, ao tempo do rei Foroneu. Em mitologia esta inundação chama-se "Dilúvio de Ógiges". Voltaremos a tratar disso no capítulo

consagrado aos mitos relativos aos dilúvios, universal e outros. Digamos por ora sòmente que êste rei Foroneu deve ter sido contemporâneo de Hércules, segundo certas indicações. Ora, as façanhas dêste devem ter sido, segundo se crê, para o fim do quinto milênio antes de Cristo. Mas é preciso não esquecer que as antigas lendas mencionavam vários heróis com o nome de Hércules. O clássico historiador Varrão encontrou no folclore dos povos primitivos do Mediterrâneo, quarenta e dois indivíduos que usavam êsse nome. (*) Temos motivos para supor que o verdadeiro Hércules, aquêle que visitou o reino d'Atlas e abriu o estreito de Gibraltar, existiu no quinto milénio, a. C. E' pois na mesma época que vivia o rei dos Pelasgos, Foroneu, e, se não estamos em êrro, o dilúvio de Ógiges teria tido lugar uns quatro mil anos antes de Cristo.

Interessante seria poder definir a verdadeira natureza do terrível fenômeno que surgiu nos céus ao tempo de Foroneu. Levando em conta a mentalidade própria aos primitivos, achamos que deva tratar-se dum cometa gigantesco, cuja enorme e resplandecente cauda teria feito crer que todos os céus estavam incendiados. A sua massa devia ter sido considerável, se é como afirma S. Agostinho, que êle produziu tamanhas perturbações no nosso sistema solar, que o aspeto e o curso da estrêla da tarde, o planêta Vênus que os antigos chamavam Héspero, deus do crepúsculo, ficaram alterados. Ao fazer a sua aparição entre a família de planêtas à qual pertence a terra, êste cometa gigantesco pode muito bem ter influído sôbre os astros próximos, forçando algum a aproximar-se ou afastar-se do sol.

Não é de estranhar que a terra, que é um dos planêtas mais aproximados ao sol, tenha passado por algumas das conseqüências produzidas pela passagem dêste cometa e que, durante êste período, tenha sido teatro de diversos cataclismos. O hemisfério que estava voltado para êste astro, na ocasião em que o mesmo se achava mais próximo de nós, teve que suportar temperaturas elevadíssimas, ao passo que a outra parte estava sendo convulsionada por terríveis tremores de terra e formidáveis inundações, devidos a movimentos do núcleo central e a marés de amplitude excepcional. O mito egípcio de Tifon não nos conta por ventura que o nível do mar se elevou então de 600 côvados, o que

(*) Ver adiante o capítulo a respeito das: "Colunos de Hércules".

equivale mais ou menos a 300 metros? Nisso nada há de impossível e tais flutuações não pertencem ao domínio da fábula.

Se pois confrontarmos o dilúvio de Ógiges com as façanhas de Faetonte e de Tifon, somos levados a admitir que cêrca de 4.000 anos antes da era atual um gigantesco cometa veio perturbar o nosso sistema solar, provocando terríveis cataclismos à superfície do globo. Pode-se mesmo acreditar que desta época da história da humanidade provém o temor, tão disseminado entre todos os povos, que a aparição dum cometa acarrete sempre as piores catástrofes.

Eu quereria encontrar a concordância entre êstes mitos e o relato de Platão sôbre a Atlântida, a isto porém se opõe a data indicada pelo filósofo. Entre 9.000 e 4.000 anos a diferença é excessiva, a menos que se admita que os sacerdotes de Sais se enganaram quanto a êste ponto.

Por outro lado estamos em completa incerteza desde que se trata de fixar época dos acontecimentos relatados pelas lendas bosquímanas, dos Tupis, dos Chibchas e dos Maias. O mesmo se pode dizer das tradições relativas à catástrofe da Gonduana, que se pode colocar tanto no décimo, como no quinto ou até mesmo no quarto milênio a. de Cristo.

Sinto-me por outra parte muito inclinado a incluir na mesma série de catástrofes as lendas relativas ao dilúvio descrito pela Bíblia, dado como acontecido 3.852 anos antes da nossa era. Seria pois aproximadamente contemporâneo do dilúvio de Ógiges; entretanto reservo esta questão dos dilúvios para ser examinada em um capítulo especial, limitando-me por ora à catástrofe que destruiu a célebre civilização dos Tiuanacos, na Bolívia. Adiante encontrará o leitor uma descrição das descobertas arqueológicas feitas naquele país. Contento-me pois em chamar a atenção para as obras de R. Mueller, A. Poznansky e K. Bilau. Os dois primeiros dêstes investigadores verificaram que as ruínas de Tiuanaco datam de 11.500 anos antes da época atual. Naquele tempo uma explosão catastrófica teria levantado a cordilheira dos Andes e o litoral da Colômbia e do Peru, elevando de mais de três mil metros a altitude primitiva do Tiuanaco. Os trabalhos de construção desta cidade tiveram que ser suspensos para sempre, porque os habitantes que não tinham perecido a abandonaram. Por meio de um processo muito interessante, conseguiu K. Bilau a confirmação das presunções dos seus confrades aludidos. Dispomos assim de provas evidentes de que uma catástrofe cósmica teve

lugar no hemisfério ocidental cêrca de 9.500 anos antes de Cristo. E' exatamente a data mencionada pelos sacerdotes de Sais.

Estamos assim em presença de duas séries de informações, uma das quais se refere a acontecimentos passados a 4.000 anos e, a outra a uma catástrofe acontecida entre 9 e 10 mil anos, antes de Cristo. E' muito possível, de certo, que se trate de dois diferentes cataclismos, ou grupos de cataclismos. O que não obsta que estas discordâncias na cronologia das grandes catástrofes pré-históricas tenham algo de inquietante para os eruditos.

E' de desejar que a integral decifração dos preciosos manuscritos que nos legaram os Maias concorra para a solução dêste problema. Adiante veremos como eu fui levado a adotar a época indicada por Platão, de preferência a qualquer outra.

Resta-nos, porém, outra dificuldade. Certas fontes que aproveitamos pretendem que a nossa lua atual tenha aparecido no céu por ocasião dêsse cataclismo (versão chibcha), enquanto que outra versão (maia) menciona a desaparição de um certo astro, ao passo que, conforme a terceira (a dos Bosquímanos), teriam existido antes da catástrofe duas luas no céu. De que maneira será possível conciliar as três versões?

Pode-se muito bem admitir que o nosso planêta tenha tido um pequeno satélite antes da catástrofe. Em virtude das diminutas dimensões dêste astro e do seu afastamento, êle devia aparecer-nos como um simples ponto luminoso ou como um pequeníssimo disco, no máximo, tal como Vênus ou Júpiter. A lua atual existiria então por outro lado, como planêta independente da terra, percorrendo uma órbita em tôrno do sol, que devia passar entre a de Vênus e a nossa.

A irrupção neste sistema solar, do gigantesco cometa a que acima nos referimos, acarretou naquele diversas alterações: Vênus, aproximando-se do sol, tornou-se menos visível para nós e a lua penetrando na zona de atração da terra, tornou-se simples satélite, enquanto nosso satélite pequeno aproximou-se da terra acabando por precipitar-se contra a sua superfície.

A hipótese que propomos permite conciliar as contradições aparentes entre as lendas gregas e a dos Maias, Tupis, como a dos Bosquímanos. Os gregos quando se referiam aos pré-selenitas, tinham em vista a lua atual, inexistente por

ocasião do falado cataclismo; os Bosquímanos ao dizerem que o cataclismo teve lugar quando ainda havia duas luas, pretendem falar do antigo pequeno satélite e da lua, que acaba de se aproximar; e os Tupis não erram ao afirmar que a lua cai periòdicamente sôbre a terra. Quanto à lenda do Códex dos Maias, chamado Xilam Balam, do eclipse da grande serpente do céu, refere-se ao primitivo satélite pequeno.

Eis agora outro assunto que não é desprovido de atrativo. Em certa ocasião, diversos povos civilizados ou semicivilizados, do velho e do novo mundo, sentiram necessidade de substituir seu antigo calendário solar, por um calendário lunar, ou antes por um calendário meio lunar e meio solar. Foi êsse o procedimento dos Babilônios, em época ignorada, e o dos Maias por ocasião de invasão naoa. Debate-se a data do último; não obstante alguns eruditos pensarem que os Naoas, aportaram ao Iucatã cêrca de 4.000 anos antes da nossa era.

Diz o Códex Xilam Balam, achado em Xumaiel que, por ocasião da ruína da civilização "Itza", a raça dos Naoas, qúe se apossou dos antigos territórios dos Itza, introduziu várias reformas de caráter tanto religioso, como astronômico, e que o culto do sol, que até então predominava, foi substituído aos poucos pelos ritos lunares. Por que esta alteração? Não seria a aparição de um novo astro luminoso, a lua, que induziu êsses povos primitivos a abandonar as suas concepções astronômicas e religosas?

A crer no que nos conta um velho historiador, o sacerdote egípcio, Maneton, a cronologia egípcia começava no ano 11.542 a. de Cristo e isto sem dúvida por se ter dado nesse ano um fato de extraordinária significação. Por outro lado, há motivo para pensar, com fundamento em certos dados, que êste calendário primitivo dos pré-egípcios era lunar. Ulteriormente, em 4.241 a. de Cristo foi êste calendário substituído por outro, "sotíaco", que continha doze meses e cinco dias suplementares, em lugar de treze meses e um dia. Portanto a reforma do calendário seguiu entre os Egípcios uma direção inversa da que foi adotada pelos Babilônios e Maias. E' singular que os israelitas, podendo ter escolhido o sistema cronológico dos Egípcios ou Maias, se conservassem fiéis ao calendário lunar.

Pensam os sábios que o ângulo de 23°30' que faz o eixo da terra com a prependicular ao plano da eclíptica é conseqüente a um violento encontro com um meteorito gigantesco, que lhe deu a atual inclinação. Convém saber se os dados que possuímos sôbre o passado mais remoto do nosso planêta nos podem fornecer indicações positivas a êste respeito.

Sabe-se em que consiste o conhecido fenômeno da nutação: o eixo terrestre, não se desloca paralelamente a si mesmo em tôrno do sol, como se poderia imaginar, mas oscila constantemente em tôrno de sua posição teórica. De fato êle faz sempre com esta um ângulo de três graus e meio. Na verdade êste movimento é muito menos simples; mas não se trata aqui de entrar em minúcias acêrca dêste fenômeno tão curioso e complicado. Basta esclarecer um ponto importante: a amplitude da oscilação do eixo diminui constantemente. Quer dizer que tudo se passa como se o nosso globo tivesse recebido há muitíssimo tempo um tremendo choque que o tivesse feito perder o equilíbrio inicial, dando ao seu eixo um desvio de 23 graus e meio, que é a inclinação dêste sôbre uma perpendicular ao plano da eclíptica e o fenômeno da nutação. De resto o eixo nunca coincidiu com esta perpendicular (ângulo = 0), mas há motivos para admitir que o citado ângulo foi muito menor, a princípio. Ora, é sabido que as diferenças de estações, com todos os efeitos que produzem sôbre a existência das plantas, animais e homens, são conseqüências dessa inclinação. Portanto antes de ter tido lugar o acontecimento ao qual acabamos de nos referir, a superfície da terra estava dividida em zonas regularmente alternadas, que estavam submetidas a uma temperatura constante e gozavam de uma eterna primavera e de um eterno estio, ou estavam expostas aos rigores de um interminável inverno.

Êste mesmo choque, ou um outro ainda, teriam provocado o fenômeno da nutação dos polos; o eixo da terra procura voltar ao equilíbrio. O fato de decrescer regularmente a amplitude da nutação, confirma esta hipótese, aliás exemplificada pelo movimento do pião.

Quando, com efeito, se imprime um leve choque a um pião em rotação, o eixo fica formando um pequeno ângulo com a perpendicular ao solo enquanto continua a girar, observa-se a oscilação do eixo em tôrno da vertical ir diminuindo gradualmente, até voltar à posição de equilíbrio.

O célebre astrônomo, abade Moreux, pretende que uma súbita alteração da inclinação do eixo da terra não terá como conseqüência a imediata mudança de clima. Parecendo

que a morte simultânea dos mamutes da Sibéria contradiga aquela afirmativa, julgo oportuno examinar minuciosamente a questão.

Velhos anais chineses contam que foi no IV° século da nossa era que levaram para a China os primeiros dentes de mamute, encontrados nas longínquas regiões do nordeste da Sibéria. Desde então estas prêsas foram vendidas aos milhares de toneladas, pelos naturais da Sibéria aos chins e, no presente ainda, dois terços da produção anual de marfim procedem da Sibéria oriental e do arquipélago da Nova-Sibéria (Novosibirsk). Durante os últimos cento e cinqüenta anos foram desenterrados anualmente duzentos e cinqüenta mamutes, em média, das regiões perpètuamente congeladas da Sibéria polar; tanto que a Rússia, onde não se encontram elefantes vivos, a não ser nos jardins zoológicos, circos e exibições, é o maior fornecedor de marfim do mundo.

E' a uma profundidade relativamente insignificante que se encontram sepultadas as carcaças e esqueletos dêstes animais, em perfeito estado de conservação, graças à temperatura sempre baixa daquelas regiões. Palas, que as percorreu no século XVIII, conta ter saboreado um excelente bife de sua carne. As raposas árticas devoram-na com vontade e os nativos alimentam os seus cães e também comem dessa carne morta há doze mil anos se se admitem os cálculos de geólogos que examinaram o terreno e as camadas de onde se extraíram êsses animais. Anos antes da grande conflagração, tinha-se conseguido levar, até S. Petersburgo uma carcaça de mamute encerrada no bloco de gêlo em que jazera. Êste transporte levou meses, porque o arquipélago da Nova-Sibéria dista da antiga capital nada menos de doze mil e quinhentos quilômetros, sem que se alterasse em nada o cadáver de doze mil anos de idade, cuja carne tinha a aparência de carne fresca de açougue. Os sábios russos aproveitaram-na para seus estudos histológicos e o cozinheiro do museu geológico cortou fatias de filé, com que se regalaram os membros da Academia Imperial de Ciências.

Mas o encontro dêstes cadáveres, perfeitos e intactos, torna-se cada vez mais raro, não tendo sido contados mais de 84, nestes últimos cento e cinqüenta anos. Os outros esqueletos ou restos desenterrados estavam em estado duvidoso. Acrescentemos que a investigação do conteudo dos intestinos dêsses paquidermes demonstra que êles se alimentavam quase exclusivamente de agulhas de pinheiros, abetos e outras coníferas. Mas em lugar dessas árvores, que

cobriam outrora as imensas florestas da Sibéria subpolar, só existe lá uma vegetação raquítica de melesas anãs, líquens e musgos árticos.

Pode-se ter como certo que a destruição dos enormes rebanhos de mamutes que povoavam a Sibéria nordestina foi súbita, porque foram encontrados nos seus estômagos alimentos ainda por digerir. Se a sua destruição se tivesse dado aos poucos, é certo que os animais impelidos pelo instinto se teriam afastado pelas latitudes meridionais, a fim de salvar-se com a sua descendência. Mas hoje em dia seria necessário descer 5.800 quilômetros em direção sul, para encontrar uma flora semelhante à descrita, nas adjacências do lago Baical. Foram encontrados animais de pé, que estavam evidentemente a pastar, quando surpreendidos pela morte; deve-se pois admitir que êles morreram instantâneamente, tal como os mastodontes encontrados nas cercanias de Bogotá.

Há quem pense que os mamutes foram sufocados sob formidáveis chuvas de lama, enquanto outros se afundaram nos brejos.

De qualquer modo, as autópsias evidenciaram que a sua maior parte sucumbiu à asfixia. E' provável que os mamutes do Alasca morreram pelas mesmas causas; mas não se pode afirmar o mesmo dos da Europa, nem dos rinocerontes peludos que viviam outrora em todo o antigo continente, desde as praias do Pacífico até Gibraltar. Êstes se extinguiram gradualmente, de certo sob a perseguição de caçadores que viviam na Europa, e provàvelmente já os tinham exterminado no tempo em que as raças vindas da Ásia começavam a ocupar o oeste do continente. Pode também ser que alterações climáticas intensas tenham representado um papel importante na supressão dêsses paquidermes. Alguns sábios atribuem ao "gigantismo" a responsabilidade pela sua extinção. Como os gigantes em geral, não tinham êstes enormes animais resistência alguma. Suas exageradas proporções não eram "práticas" e êles tiveram que ir aos poucos cedendo o lugar a espécies de animais menores e mais bem adaptadas para a luta pela vida. Equivale isto dizer que a natureza experimentou diversas variedades de animais e que retirou, de alguma maneira, da circulação, as que não deram provas satisfatórias.

Temos aí um exemplo palpável dos raciocínios "metafísicos" aos quais não hesitam em recorrer alguns sábios contemporâneos; o desaparecimento dos mamutes, como o dos sáurios gigantes das épocas geológicas anteriores, teve

sem dúvida causas mais simples que, porém, ainda não nos é possível determinar. Por mim não posso crer que a natureza se tenha enganado a tal ponto, criando novas espécies, mas é verossímil que cada uma dessas espécies não possua senão uma certa vitalidade. Quando esta se esgota outras espécies tomam o lugar das extintas. Deve-se talvez ver nisso a ação dessa fôrça imperceptível chamada por Maeterlinck " o espírito coletivo da espécie". Mas eis-nos também fazendo metafísica, nós mesmos...

E' tempo no entanto de voltar ao problema muito interessante sob o ponto de vista científico, proposto pelo aniquilamento dos mamutes na Sibéria do Nordeste e no Alasca, dos quais ficaram restando verdadeiras "minas de marfim". Contam os naturais dêstes países que êsses grandes animais sucumbiram no imenso dilúvio por não ter podido recolhê-los Noé na arca, já repleta, devido ao seu grande tamanho. E por isso não se puderam mais reproduzir. Uma outra lenda, que é apenas uma variante da primeira, conta que Noé tendo acolhido na arca um casal de mamutes, êstes escorregaram e caíram num pântano quando desembarcavam com os outros animais no monte Ararat. Todos os outros mamutes tinham-se afogado no dilúvio.

Não é fora de propósito tornar a falar nesta ocasião, da maneira por que morrem os elefantes contemporâneos. Sabe-se serem êles muito numerosos na África e que os caçadores lhes movem uma guerra encarniçada por causa de suas valiosas prêsas. E' curioso entretanto, que caçador algum, branco ou prêto, tenha topado com um elefante falecido de morte natural. Os cadáveres encontrados eram de animais mortos por acidente ou por ferimento grave. Uma revista cinegética inglêsa refere que nestes vinte e cinco anos só uma vez se achou uma carcaça de elefante que tinha morrido naturalmente, segundo as aparências.

Êste fato deu origem à crença de que os elefantes, ao sentirem aproximar-se a morte, embrenham-se em recantos da selva virgem, só dêles conhecidos, chamados "cemitérios de elefantes". Digamos desde logo que êste conto não tem fundamento seguro e que a quantidade de ossaturas encontradas às vêzes em um ponto pode ser explicada mais simplesmente pelo gôsto que os elefantes têm pela água. Sabe-se que êles passam horas inteiras, banhando-se nos rios ou nos pântanos e também que os animais feridos correm logo a mergulhar na água corrente, cujo contacto ameniza a dor e cura as suas feridas. Por conseqüência os animais velhos ou enfermos falecem quase sempre dentro dágua e seus corpos mergulham na vasa. Há opiniões de que milhares de carcaças existem no fundo do Nilo ou dos pântanos que rodeiam o lago Alberto. Se por acaso um dêstes vier a secar algum dia, encontrar-se-ão esqueletos em abundância. Foi assim que nasceu a lenda dos cemitérios de elefantes.

Pode-se admitir esta versão para as espécies ainda não extintas da Ásia e África, mas não seria válida para as da Sibéria e menos ainda para os mastodontes cujos corpos alastram o "Campo dos Gigantes", na Colômbia.

Eis a hipótese que me animarei a emitir a êste respeito:

Tendo o formidável choque por que passou a terra, há doze mil anos, destruído o seu equilíbrio, o seu eixo assumiu no mesmo instante a inclinação de 23°30', que depois conservou, e pôs-se ao mesmo tempo a oscilar (fenômeno da nutação). O clima da Sibéria nordestina e do Alasca foi profundamente afetado e os mamutes pereceram em conseqüência da baixa da temperatura e igualmente sob a ação das ondas de lama, que o mar lançou sôbre os continentes. Quanto à destruição dos mastodontes de Colômbia, foi causada pelo subito levantamento de mais de três mil metros de suas pastagens, provàvelmente como resultado da queda do mesmo meteorito gigantesco. As duas calamidades seriam nesse caso simultâneas.

Em todo o caso, para que pudesse de tal forma alterar o equilíbrio do nosso globo, é preciso que êsse meteorito tivesse dimensões fora do comum. E onde se acha êle? é a pergunta que logo se impõe, porque nenhum dos meteoritos que conhecemos tem dimensões capazes de atuar com tanta intensidade sôbre as condições gerais do planêta.

Imaginaram alguns sábios que êste meteorito não era senão o nosso primitivo satélite, o qual tendo-se aproximado excessivamente da terra fôra por esta atraído e absorvido. Ao cair teria formado a Austrália e os seus estilhaços as ilhas espalhadas pelo Pacífico. Argumentam êles com a formação relativamente recente, das camadas de aluvião que revestem o solo da Austrália, as quais não teriam mais de doze mil anos de existência, segundo pretendem alguns. Porém por outros geólogos ouvi expressar opinião inteiramente oposta, sustentando que os terrenos australianos são até muito antigos e que, além disso, a Austrália se relaciona diretamente, sob o ponto de vista geológico, com certas ilhas da Indonésia e com a Nova Guiné especialmente. Pretendem outros que a Austrália e as ilhas a ela próximas representam os restos de um antigo continente outrora exis-

tente entre a África e o sueste da Ásia. Pode ser, enfim, que a Austrália seja apenas um fragmento da Gonduana, terra misteriosa, celebrada pelas lendas asiáticas e polinésicas. Em todo o caso, está provado que as faunas da Austrália e de Madagascar apresentam muita afinidade.

Um antropólogo alemão, o professor Klaatch, da universidade de Leipzig, opina que há motivos ponderosos para admitir que a Austrália já existia no princípio da era terciária pensando mesmo que ela era habitada desde a mesma época por uma raça de homens pré-históricos e chega a insinuar que o continente insular é o berço da humanidade. A nosso ver, porém, trata-se apenas de uma hipótese, entre as muitas que atribuem idêntica importância a regiões muito diversas do planêta. Acrescentemos que a teoria mais universalmente aceita hoje em dia, chamada a "ologenética" repele a concepção de um berço único para o gênero humano, sustentando que esta apareceu simultâneamente em diversos pontos do globo...

No que diz respeito à existência da Austrália há tantos milhões de anos, as descobertas realizadas em Raglan-Parade Warnambool, naquele país, vieram em apoio da argumentação do Dr. Klaatch. Nessa localidade foram encontradas a cêrca de três metros de profundidade, pegadas humanas nas pedras de grés, que, segundo as aparências fizeram parte duma duna de areia, sita na praia, e que, deve datar de vinte a trinta mil anos. Portanto a Austrália devia existir e ser habitada muito antes da extinção da Atlântida e da queda do meteorito a que nos referimos. Por outro lado o fenômeno da nutação e a morte súbita dos mamutes nos levam a calcular que essas catástrofes se deram dez mil anos antes da nossa era... Se se admite que êsse astro caiu dentro do oceano Pacífico, fica explicado como foi destruído o continente então aí existente, assim como a formação dos numerosos arquipélagos e tôdas as ilhas que se encontram entre a Ásia, a Austrália, e a América. Pensam os partidários desta opinião que a queda do ex-satélite causou na terra uma série de subversões e sobretudo a destruição do istmo que ligava a Ásia à América assim como o de Gibraltar, pelo qual se lançaram as águas do Atlântico para dentro da depressão existente onde hoje está o Mediterrâneo, dando origem a êste mar. Numerosas ilhas apareceram no Pacífico e, como os efeitos do cataclismo se tinham propagado às massas ígneas do núcleo central, surgiram numerosos vulcões que formaram a cintura de fogo que circunda aquêle oceano. Um dos primeiros efeitos desta atividade vulcânica foi o alteamento da cadeia dos Andes até o seu nível atual e a ruína da civilização Tiuanaco. Por fim a catástrofe acarretou a nutação dos pólos. O próprio fato da amplitude da nutação decrescer, é prova de que êste fenômeno é conseqüência de um choque violento. Esta hipótese seria suficiente explicação para a série de abalos que acabamos de enumerar, se não fôssem as divergências, que aparecem entre êles. Devemos conceder que é difícil conciliar as épocas contraditórias atribuídas a alguns dêsses acontecimentos, a menos que se admita serem incertas as que nos ministram as citadas informações.

Parece-me muito provável, em todo o caso, que a substituição do calendário solar, pelo lunar, realizada na mesma época por diversos povos, deve ter seguido de perto a aparição da lua no nosso céu. A imaginação popular não podia deixar de ficar profundamente impressionada pela simultaneidade desta aparição com os cataclismos que devastaram o universo, e a esta exaltação dos sentimentos religiosos devemos atribuir a origem de grande número de mitos e lendas que chegaram até nós.

Entre as várias hipóteses emitidas quanto às causas da destruição da Atlântida, convém mencionar as que a imputam a um fenômeno cósmico.

O abade Moreux, embora admitindo a possibilidade do nosso planêta chocar-se em seu itinerário através do espaço contra os destroços de outros planêtas ou contra algum enorme meteorito, não encontra, entretanto, razão alguma para atribuir aquela catástrofe a um motivo cósmico. Basta na sua opinião um simples desvio do eixo da terra, para produzir um violento terramoto. No livro que êle consagrou à Atlântida, cita a opinião de dois eminentes astrônomos, Saintignon e Carli, que julgam que a conjunção de planêtas no zênite da Atlântida podia bem ter dado lugar a movimentos tais da massa ígnea do centro da terra, que tiveram como resultado uma série de sismos tremendos. Outros sábios opinam que o súbito surto dos Andes, dos Alpes e Cáucaso, pode ter arrastado em outras partes da terra, depressões como a que foi causa do afundamento da Atlântida. Notemos desde já que esta explicação deixa indecisa a causa inicial do surto aludido. P. Lima pensava que a absorção daquela era o resultado de um desvio repentino do plano da eclíptica, acarretando um deslocamento instantâneo do magma no interior do globo. Em 1778, o conde de Carli, apoiado na hipótese de Whyston, emitiu o

parecer de que há milênios passados nossa terra encontrou um cometa, e a órbita terrestre foi alterada, passando, de circular, que era, a ser elíptica, e que a duração da sua evolução ficou acrescida de dez dias, uma hora e trinta minutos. A fôrça de gravitação do cometa ocasionou uma maré oceânica, isto é, o desnivelamento da superfície das águas, não inferior a doze quilômetros, o qual juntando-se à condensação inopinada de consideráveis quantidades de vapor dágua na atmosfera, provocou horrendas inundações. Ainda a respeito da teoria de Carli, diz o célebre astrônomo Lalande que bastaria que o núcleo de um cometa se aproximasse à distância de 5.000 quilômetros da terra para esvaziar os oceanos, deitando as suas águas, sôbre a terra firme, na qual ela se estenderia em uma camada de quatro mil metros, suficiente para encobrir montanhas bastante elevadas. Carli afirma que o movimento dos cometas está exposto a perturbações inesperadas e subitas: não se poderia pois predizer o seu itinerário com tôda a certeza. Esta opinião foi plenamente confirmada pela imprevista aparição do cometa em 1759 e pela visita que em 25 de maio de 1910 nos fêz o cometa de Halley. Na sua anterior passagem, em 1835, tinha-se calculado que o seu diâmetro media 560.000 quilômetros ao passo que o da terra é de 12.000. Por êstes algarismos é de imaginar que perturbações não poderá exercer a intrusão de uma tal massa sôbre o nosso sistema solar. Cumpre todavia responsabilizar êste astro, com ou sem razão, por tôdas as catástrofes que se ligam à Atlântida? Corresponderá êste terrível vagabundo ao signo celeste a que se refere S. Agostinho? E' justo ver no cometa de Halley o malfazejo Tifon ou o imprudente Faeonte, que segundo a lenda incendiaram metade da terra e inundaram o resto?

Não é despído de interêsse descrever o aspecto que apresentaram certas regiões do globo, há quinze ou vinte mil anos atrás. Naquela época o mar chamado hoje o Mediterrâneo não existia provàvelmente e, em seu lugar, uma vasta depressão se escancarava, entrecortada de grandes lagos e cursos dágua. A península que denominamos Europa formava um bloco, unido com à África e à Ásia. A serra do Atlas se prolongava até a Espanha, porque o estreito de Gibraltar não existia ainda. A França oriental, a Espanha do norte e Portugal não eram ainda países marítimos, porque o continente se estendia até o Iucatã, englobando Cuba, os Açores e as ilhas Baamas decerto também.

O Novo Mundo estava unido ao antigo continente; mas pode também ser que, existisse no lugar do Atlântico um vasto arquipélago, composto de ilhas pouco separadas, por canais estreitos. Os grupos dos Açores, Canárias e Madeira não eram ilhas então, porém os pontos culminantes de uma grande serrania, que dividia de norte a sul, em duas partes, o continente ou o arquipélago pré-histórico. Tôdas essas terras não eram mais que os destroços de um continente mais vasto ainda, o qual devia ocupar quase tôda a superfície do Atlântico, desde a Islândia ao Pólo Sul, há milhões de anos.

Estamos pois no direito de imaginar que, há uns quinze ou vinte mil anos, se podia transitar por terra firme, desde Cuba até Babilônia e ainda muito mais além. Se se considera que naquele tempo o estreito de Behring ainda não estava aberto, tirar-se-á a conclusão que o globo estava todo circundado por uma faixa de terra, sem interrupção. Que facilidade para as migrações dos povos, como para as dispersões dos animais!

Adiante procurarei provar que muitas tribos assim puderam alcançar os países da Europa e da América, onde atualmente as achamos instaladas, limitando-me por ora a citar algumas tribos americanas ou atlantas: os Gauleses, os Fenícios, os Egípcios e outros povos ainda envoltos em mistério, tal como os Ligúrios, os Etruscos e Pelasgos.

E' hoje geralmente aceito que várias tribos de índios americanos, cujo parentesco com a raça mongol salta aos olhos, devem ter vindo da Ásia. Algumas dentre elas se adiantaram até a América do Sul e lá se estabeleceram. Certas tribos autóctones atlantas, porém, tais como os antepassados dos celtas e gauleses, sem falar das tantas outras, emigraram para leste, indo povoar as regiões que se tornaram em seguida a França, a Espanha, e a Itália. Após a destruição da Atlântida ou mesmo antes, diversas vagas de emigrantes, partidos dêste continente, disseminaram-se pela Europa e pela África setentrional. Lá fundaram suas colônias, na Etrúria, na Fenícia e na terra que mais tarde se chamou o país dos Pelasgos. Os que se dirigiram à África são os ascendentes dos Berberes, dos Tuaregues e dos Líbios. Uma das mais ricas e mais importantes colônias atlanteanas é hoje Portugal. Outras se desenvolveram na Espanha pròpriamente dita: os Iberos, Celtiberos, Vascos e Geriões talvez sejam os descendentes dêstes pioneiros. Mas os que se tinham dirigido para o ocidente, êstes povoaram as duas Américas. Pode ser mesmo que os antepassados dos

japonêses e coreanos partiram do continente por Platão descrito e se fixaram na Ásia depois de ter vagado na Polinésia por milhares de anos.

A Europa foi também colonizada por tribos vindas do coração da Ásia, depois de terem com paciência andado para as cálidas praias dos mares de oeste. Mas êstes remoinhos de povos começavam apenas a esboçar-se na época da ruína da Atlântida... Que viessem do oriente ou do ocidente, os recém-chegados iam sustentar lutas prolongadas com as tribos aborígines, que derivavam dos homens do Neandertal, que já povoavam as matas virgens da Europa de então...

CAPÍTULO V

A teoria de Adhémar. Os períodos glaciários. O Dilúvio Universal. As lendas sumerianas e as descobertas arqueológicas. Hipóteses e teorias relativas ao dilúvio. A formação do estreito de Gibraltar. O monumento de Tarragona. A lenda de Hércules. Suas viagens para o ocidente. As causas do dilúvio de ógiges. As investigações sôbre o Mediterrâneo de L. Thayer Ojeda.

Foi um sábio francês chamado Adhémar, que pela primeira vez formulou, em 1824, a teoria dos períodos glaciários. Eis como êle a expunha: Em sua anual revolução a terra descreve uma elipse da qual o sol ocupa um dos focos. Por êste ponto passa igualmente a "linha dos equinócios" que divide a órbita elíptica da terra em duas partes desiguais. A linha dos equinócios é imóvel. Por uma ilusão de óptica porém, ela nos parece atrasar-se todos os anos ligeiramente no seu encontro com a terra, no momento dos equinócios. No decurso dum ciclo de 25.800 anos, (ou para ser mais preciso, 25.796 anos), êsses atrasos acumulados fazem a linha dos equinócios voltar aparentemente à sua primitiva posição, depois de ter percorrido completamente a elipse. Assim essa linha nos parece mover-se em sentido contrário ao do movimento da terra. Êste fenômeno observado pela primeira vez há dois mil anos pelo astrônomo grego Hiparco recebeu o nome de "precessão dos equinócios". Como todos os astrônomos de então, acreditava Hiparco que a linha dos equinócios se deslocava verdadeiramente para o este. Hoje êsse fenômeno é explicado por certas particularidades na rotação da terra, combinadas com as perturbações causadas na crosta terrestre, no nível do equador, pela influência do sol e da lua Esta influência se manifesta por uma certa dilatação da crosta, causada pela fôrça centrífuga; e daí provém a forma de esferóide do nosso planêta, o qual, é ocioso lembrar, não é uma esfera per-

feita. A precessão influi sôbre a duração das estações: é assim que, enquanto sôbre um dos hemisférios a duração do estio aumenta insensìvelmente, diminui no outro.

Supõe Adhémar, que ao fim de 10.500 anos, o verão substituiu o inverno em um dos hemisférios, e que o inverso aconteceu no outro. Durante êste período de 21.000 anos existem dois momentos em que a diferença de duração entre os estios de cada um dos hemisférios atinge o seu máximo; o acréscimo se verifica ora nas regiões árticas, ora nas antárticas. Nestas ocasiões precisas, o pólo no qual o verão é mais longo conta, entre as 8.760 horas dos anos normais (8.784 nos bissextos), 4.296 horas de noites e 4.464 horas de dias; no pólo oposto os algarimos são os inversos, donde resulta uma vantagem de 168 horas de dias para o primeiro.

Em consequência da irradiação através do espaço, o calor que os pólos recebem durante o verão perde-se aos poucos durante o inverno. Por outro lado é evidente que a temperatura dum ponto qualquer da terra é em dado momento igual à diferença existente entre o calor recebido e o calor refletido. E' pois bem evidente que no exemplo acima o segundo pólo terá mais gêlo que o primeiro. Êste excesso de gêlo permanecerá neste pólo durante 10.500 anos, isto é, até o momento em que o primeiro tenha atingido por sua vez a ocasião precisa na qual o calor recebido já decresceu aos poucos e, portanto, a diferença entre a duração dos dias e das noites tenha-o de alguma maneira, "carregado de gêlo" por seu lado. Êste acúmulo de gêlo, pensa Adhémar, deve com a continuação, causar um deslocamento do centro de gravidade do planêta. De fato, enquanto os "icebergs" flutuam ,seu pêso não é levado em consideração, pois, segundo o princípio de Arquimedes, a quantidade de água que êles deslocam equivale ao seu próprio pêso. Mas quando o seu volume aumenta a ponto de descansar no fundo do oceano, a situação muda de todo, e desde então o centro de gravidade da terra tende a aproximar-se da parte da esfera onde o gêlo se acumulou. Por seu lado, as águas dos mares, sujeitas à lei da gravidade, dirigem-se aos poucos no mesmo sentido. Ora, neste meio tempo, a fusão do gêlo no pólo oposto gera quantidades de água que seguem a mesma direção. No caso descrito é inevitável que um dos hemisférios fique sujeito a uma considerável inundação. Os milhares de anos que precedem e que seguem a êste cataclismo constituem um "Período Glaciário". Adhémar conclui, por fim, daí que os Períodos Glaciários que são sempre seguidos de grandes inundações, duram dois a três mil anos e repetem-se todos os dez a doze mil anos.

A presença de blocos erráticos e de morenas em quase tôda a parte do globo vem em apoio da teoria dos períodos glaciários. Com efeito, no decorrer dêsses períodos, as geleiras que se movem na direção dos pólos arrastaram consigo pedras e às vêzes rochas de proporções consideráveis, que ficaram dispersas pelo solo, onde hoje as vemos, depois de fundidos os gelos, como testemunhas sempre presentes das grandes subversões por que passou a terra no decurso dos tempos. Por outro lado as geleiras foram polindo aos poucos as rochas sôbre as quais deslizavam. Pouco a pouco, foram-se amontoando em tôrno das pedras removidas pelas geleiras, montes de seixos de várias dimensões, denominados "morenas", do que o geólogo Elias de Beaumont concluía, tal como dos blocos erráticos, e das rochas sulcadas pelo percurso, a prova de que vastos campos de gêlo cobriam o solo da terra há não muito tempo ainda.

Hoje em dia achamo-nos em vésperas de um novo período glaciário que atingirá sobretudo o hemisfério setentrional. Com efeito, desde 1.248, aquêle hemisfério congela-se progressivamente. E' no ano 11.748, que o frio atingirá o máximo de sua intensidade, mas certos sábios, notadamente o professor L. von Post, pretendem que o nosso período glaciário não começará a afetar a Europa, a não ser daqui a três ou seis mil anos. Quanto ao último dos períodos o seu ano mais frio deve ter sido o de 9.252 antes da nossa era. E' de notar que esta data é relativamente próxima daquela à que Platão atribui o desaparecimento da Atlântida.

E' provável que os anteriores períodos glaciários causaram a destruição de bastantes civilizações. Basta pensar efetivamente na penúria de documentos que possuímos, ao passo que cada dia novas descobertas provam que a humanidade é muito mais antiga do que se imaginava...

No decurso de um século depois que Adhémar formulou sua teoria, foi esta alvo de numerosas críticas e passou por modificações profundas. O problema permanece mais ou menos no mesmo ponto. A constante diminuição do calor que a terra recebe do sol será causada por alterações produzidas nos movimentos do nosso planêta, ou será devida ao decréscimo das próprias radiações solares? Existirão fatôres ainda ignorados, de categoria cósmica ou geofísica, que intervêm periòdicamente no estado da atmosfera?

No meio do século passado, J. Kroll, propôs sua nova teoria dos períodos glaciários. No seu entender, as mudanças constatadas na duração das estações, são resultado tanto do fenômeno da precessão, como também do acréscimo periódico da excentricidade da órbita terrestre. Êste último fenômeno seria devido, na sua opinião, a um aumento também periódico, das perturbações em outros planêtas, e são estas causas combinadas que influem na duração das estações em ambos os hemisférios. Robert Ball, completando a teoria de Kroll, acha que 67 por cento do calor que recebemos do sol são-nos fornecidos no estio, e sòmente 33 por cento no inverno. E' graças à diferença existente entre a quantidade de calor que incide sôbre um e outro hemisfério, que o gêlo se acumula em um dêles só. Quanto ao resto o sistema de Kroll e Ball, coincide com o de Adhémar.

Durante tempos esta teoria foi aceita pela maioria dos sábios; até Wallace e Lyell tinham-na adotado. Tinha-se mesmo calculado que já por duas vêzes se produzira o máximo de excentricidade da nossa órbita, há 800.000 anos de uma vez, e 160.000 da outra. Pensava Lyell mesmo que o período glacial Pleistoceno tinha sido por ocasião do primeiro máximo, isto é, há cêrca de um milhão de anos.

Mas, depois disto, foi vivamente combatido o sistema de Kroll. Fêz-se notar, especialmente, que os períodos glaciários, em vez de alternar entre ambos os hemisférios, se produziam simultâneamente sôbre os dois. Hoje em dia a teoria de Kroll e Ball voltou à tona, porém consideràvelmente modificada. Durante cêrca de cinqüenta anos, astronômos e geólogos enriqueceram-na com os resultados das investigações e descobertas realizadas. E' assim que se verificou que durante a era quaternária, na qual vivemos, a terra passou por quatro diversos períodos glaciários, com maiores ou menores intervalos. O seu conjunto se estende pelo espaço de 600.000 anos; prazo que foi encontrado pelos geólogos em primeiro lugar, e depois confirmado pelos cálculos a que se tinham entregue os astrônomos, independentemente.

Os mesmos métodos foram aplicados ao estudo da evolução por que passaram os animais e o homem no decorrer do mesmo período. Assim, admite-se hoje que o homem de Heidelberg viveu há 500.000 anos e o homem de Neandertal há 110.000 anos; que a época Paleolítica teve fim há mais ou menos 40.000 anos e que os mamutes da Sibéria extinguiram-se há 15.000 anos. Digamos no entanto que, segundo outros sábios o período paleolítico teria tido fim, em

França ao menos, há 15.000 anos sòmente. E com efeito as descobertas feitas no Périgord provaram que nesse período, a França, coberta de gelos, era ainda percorrida por grandes rebanhos de renas. E' por isto aliás que essa época é chamada a "Época da Rena". O homem paleolítico dêsse tempo possuía reais talentos artísticos, como o provam as pinturas que a civilização Madaleniana nos legou.

O abade Moreux que é um sábio de reputação e ao mesmo tempo figura de destaque no clero, julga ter sido a história do dilúvio universal transmitida aos gregos pelos egípcios, judeus e caldeus que as tinham ouvido de povos ainda mais antigos. Contudo, Moreux não admite a cronologia da Bíblia a qual se baseia numa lista de patriarcas, por êle inquinada de incompleta. Seja-me permitido dizer a propósito, que adiante me ocuparei de uma engenhosa versão, apresentada por um arqueólogo chileno L. Thayer Ojeda, sôbre o verdadeiro sentido que se deve dar à palavra "patriarca".

Por muito tempo os sábios recusaram-se a admitir a verdade da história bíblica sôbre o dilúvio; excetuando os comentadores ortodoxos dos santos livros, os que reputavam exata a narração da Gênese, os eruditos não viam nela mais do que uma lição de moral fornecida pelo autor do Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia). Mas depois de ter sido reconhecida a existência de lendas análogas em numerosos povos primitivos em seguida a descobertas arqueólogicas feitas na Mesopotâmia, foi preciso reconhecer que a narração da Bíblia contém, embora sob forma ingênua, grandes verdades. Voltaremos adiante a estas lendas.

Foi em 1.872 que o assiriologista Jorge Smith, ao estudar os textos cuneiformes encontrados em Nínive na antiga biblioteca do rei Assurbanipal IV, teve a sua atenção atraida pela história de Gilgamesh. Êste herói desempenha no folclore sumero-babilônico o mesmo papel que Hércules na mitologia grega. Os textos decifrados por Smith contêm uma descrição do dilúvio universal que difere apenas em poucos pontos da narração da Bíblia. Anos depois, descobriram os arqueólogos nas ruínas de Nipur uma versão mais antiga da criação do mundo e do dilúvio, assemelhando-se também à versão judaica. Enfim, em uma história da Babilônia escrita no século XIII antes da nossa era, um sacerdote do deus Marduc, chamado Berose, deixou-nos uma narração sôbre o mesmo assunto, a qual infelizmente não

conhecemos senão por citações esparsas de diversos autores da antiguidade. Eis aqui um resumo da história descoberta em Nipur:

Na origem dos tempos, o universo não era mais do que um caos onde o Ente Supremo decidiu enfim pôr ordem. Criou primeiro os animais, depois, com um pouco de barro, o homem. O primeiro par habitava um magnífico jardim, o Paraíso, de onde foi porém expulso por ter desobedecido à vontade do Criador. Seus descendentes gozavam duma notável longevidade até que por fim, para puní-los dos seus pecados, Deus mandou-lhes uma grande inundação. Todos os homens morreram com exceção do virtuoso Ut-Napistim. Ut, foi prevenido pelo deus Enqui, que por êle se interessava, e a conselho seu, construiu uma grande embarcação na qual se meteu com tôda a família e um casal de cada uma das espécies animais, além das provisões necessárias para assegurar-lhes a subsistência em sua nova vida. As predições de Enqui realizaram-se ao pé da letra, o cataclismo teve lugar e durou seis dias e seis noites durante os quais se desencadeou a inundação, enquanto que pavorosas nuvens faziam reinar uma tal escuridão, que os próprios deuses se emocionaram.

Finalmente os elementos se acalmaram e o sol reapareceu. Ao sair da sua arca verificou Ut-Napistim que o universo inteiro estava coberto de lama. Tendo a embracação encalhado no alto do monte Nizir (que um outro texto escreve Nistir), libertou logo os pássaros, a fim de saber, pelo modo como se conduziriam, se existia ainda em qualquer parte, uma região onde pudesse abordar. Um pombo, porém, e uma andorinha, que êle soltara em primeiro lugar, tornaram à arca. Ut-Napistim libertou em seguida um corvo, o qual não voltou e êle concluiu daí que o Dilúvio tinha terminado. O texto ninivita é quase idêntico ao de Nipur com a única diferença de, segundo êste, terem os animais sido criados depois do homem, enquanto que no Nipur os animais nasceram antes do homem. Quanto à narração relativa ao Dilúvio, eis como a apresenta a fábula de Gilgamesh:

O Dilúvio Universal foi mandado pelos deuses em castigo pelos pecados dos homens. O deus Ea, porém, tinha prevenido Ut-Napistim (chamado também Sit-Napistim) antes da catástrofe e aconselhado a construir uma arca. Em seguida o texto descreve o flagelo e o pânico que acabou por apoderar-se dos próprios deuses. A deusa Ítar principalmente, lamentava ter consentido no decreto divino. Um outro deus babilônio que toma parte na disputa é Adad ou Ráman, o "Rímon" da Bíblia, o deus das tempestades, do raio e dos relâmpagos. Êle fêz reinar antes da catástrofe uma sinistra obscuridade sôbre o universo e em seguida lançou sôbre a terra torrentes de chuvas tais, que a água atingiu o céu. Segundo consta da lenda ninivita, o dilúvio durou sete dias e sete noites. Depois de terminado o cataclismo, Ut-Napistim e sua espôsa foram elevados à mesma categoria que os deuses e instalaram-se na "Embocadura dos Rios", isto é' muito provàvelmente na região que hoje chamamos o Shat-el-Arab.

Quanto ao sacerdote Berose, conta êle que o Dilúvio teve lugar sob o reinado de Xisutros, décimo rei da Babilônia. Quanto ao resto, não difere a sua narração das outras duas, senão em um único ponto, aliás sem importância: se acreditarmos nêle, a arca com efeito teria ido parar nas montanhas de Cardirai, o que significa "a Barreira das Montanhas do Paraíso". Ora, esta expressão não tem senso se se a aplica à região de Gurnê, na Mesopotâmia, onde geralmente se situa o Paraíso terrestre, porquanto não existe naquelas plagas montanha alguma. Para encontrar o verdadeiro sentido da palavra "Cardirai" é necessário reportar-se a outra fonte.

É de notar que tôdas estas lendas fazem alusão à lama que cobriu todo o universo. Efetivamente não há dúvida que o dilúvio tenha deixado na Mesopotâmia enormes quantidades de lôdo. Os membros da missão arqueológica de Oxford acharam com efeito em Ur, abaixo de várias camadas de civilizações sumerianas de diferentes épocas, fortes camadas de lama contendo abundantes detritos de peixes dágua doce, mas sem nenhum vestígio de qualquer atividade humana; finalmente mais abaixo ainda, uma camada contendo restos duma civilização que não tinha traço algum em comum com a civilização sumeriana pròpriamente dita, e que êles denominaram de pré-sumeriana. Ficou assim demonstrado ter sido a terra inteiramente recoberta pelas águas, e que a expressão dos antigos textos: "Tudo foi transformado em lama" corresponde perfeitamente à realidade.

Êste dilúvio ter-se-ia dado nas proximidades do ano 7.500 antes de Cristo; a data indicada pela Bíblia, isto é, 3.852 estaria pois errada. A espessura da camada de lama faz supor ter o dilúvio durado vários séculos.

A semelhança entre as antigas lendas sumerianas e a narração bíblica salta aos olhos; mas não é tudo, pois que escavações recentes permitiram descobrir em Ras-Shamra, na antiga Fenícia, uma versão da mesma lenda, ainda a fim da tradição hebraica. Em todo o caso é de duvidar que nos tempos de Noé, de Gilgamesh ou de Ut-Napistim, as águas tenham coberto tôda a superfície do globo e, sobretudo, que tenham, como o diz a Gênese, atingido o cume das mais altas montanhas. Calculou-se mesmo que a crosta terrestre não teria podido suportar, sem ceder, o pêso duma camada dágua de quase nove mil metros de espessura. E como teria uma tal massa líquida desaparecido depois de cessado o dilúvio e acalmada a cólera de Jeová? E para onde se teria ela escoado?

Por isso os geólogos pensam nunca ter havido dilúvio universal e que os vários dilúvios cujas descrições possuímos, foram de caráter local. Como era de esperar, muitas hipóteses foram emitidas sôbre as causas do cataclismo que flagelou a Mesopotâmia. Notaremos apenas que Frazer, o célebre folclorista, julga ter êle sido provocado por agitações de origem cósmica e não por uma causa terrena. Por enquanto considero como problema essencial a resolver, o da contemporaneidade das diversas inundações, das quais a humanidade conservou a lembrança mais ou menos viva. Se conseguissemos demonstrar que os dilúvios de que falam as lendas célticas, asiáticas e americanas ocorreram na mesma época que o dilúvio da Bíblia, os de Foroneu e de Deucalião, que os desastres provocados por Faetonte e Tifon e que o cataclismo mencionado pelo Códex Popul-Vu, isto é, entre 7.000 e 9.000 anos antes da nossa era, teríamos adiantado de um grande passo a hipótese segundo a qual todos os cataclismos estão ligados ao que destruiu a Atlântida. Quantas analogias existem entre as narrações que chegaram até nós! Diversas dessas lendas mencionaram a escuridão reinante durante a inundação; outras contam da atividade das fôrças subterrâneas, dos terramotos que a acompanharam; outras enfim narram que a metade da terra foi devastada pelo fogo, e que sinais terrificantes se manifestavam no céu. O capítulo seguinte será consagrado a um breve resumo dessas tradições.

Mas é também possível que tôdas estas lendas tenham sido inspiradas pela recordação que ficou na memória dos homens, do "período Pluvial", como é chamado, e que seguiu imediatamente o período glaciário. Se esta suposição

fôr confirmada, deveríamos concluir que antes do último período glaciário a humanidade já tinha atingido um tal grau de civilização, que lhe permitia conservar a memória dessas pavorosas calamidades, sob a forma de mitos, pelo menos. A êste propósito conta a Gênese (no capítulo II-6) que depois da criação do mundo, mas antes do homem, o universo estava envolto em cerração. Não se pode aí ver uma alusão ao período pluvial ou pós-glaciário?

E' um fato singular que a maioria dos povos primtivos conserve tradições mais ou menos parecidas a respeito do dilúvio universal. A mitologia grega conta, sem falar da história de Deucalião e de sua espôsa Pirra, de uma terrível inundação que ocorrera sob o reinado de Foroneu, entre os pelasgos de Argos. Lendas célticas sôbre o dilúvio celebram o herói Dwifah; os contos persas mencionam Yima, as hindus Vaivasta. Outras alusões encontramos nas Edas escandinavas, nos poemas de Rig-Veda, no Maabarata, nos livros de Hari-Purana e na terceira parte do livro de Manu. Pensava o escritor francês Fabre d'Olivet que a festa das Lanternas anualmente celebrada no Japão é uma comemoração do mesmo cataclismo. Sòmente algumas tribos africanas e polinésias não conservam lembrança alguma duma grande inundação. Os índios da América, ao contrário, conservam numerosas lendas que a isso fazem alusão e tôdas elas falam de heróis que exerceram ação considerável nestes sucessos.

E' assim que os Maias por exemplo guardaram a recordação duma época na qual tôdas as florestas submergiram e milhões de homens sucumbiram. Narram também uma calamidade desconhecida, a qual está descrita no livro de Xilam Balam, que foi encontrado em Xumaiel. Os Guaranis do Paraguai e do Brasil possuem um ciclo de tradições relativas ao seu herói nacional Tamandaré que foi com sua família o único sobrevivente da catástrofe que destruiu a "Cidade dos Telhados Dourados". Dizem os Mexicanos que sòmente o herói Nala e sua mulher Nena sobreviveram ao grande dilúvio: os Patagônios, o mesmo do seu herói Zeu-Ka; os índios do Canadá, de Maniboxo, os delawares de Powako; os Chibchas da Colômbia, que têm um mito encantador alusivo a Bochica (ver o capítulo precedente); os Tarascos, que louvam o seu antepassado Tespi etc. Encontram-se tradições análogas entre os caraíbas, os seminolos da Flórida, os iroqueses, os haitianos e até entre os esquimós. Os índios do Orenoco chamam a êsse enigmático pe-

ríodo da história da terra, "a época de Catena-Ma-Noa". Falam igualmente duma terrível inundação pré-histórica os ciclos lendários de Cox-Cox do México e, em Gautemala, o célebre Códex Ximal-Popoca, o qual cita o nome do herói Nata.

O quinto capítulo do Códex Maia, do livro de Xilam Balam de Xumaiel, contém a história dum terrível cataclismo que sofreram os Maias outrora. Tendo que consagrar um capítulo especial a êste notável documento, limitar-me-ei, por enquanto, a frisar certos pormenores estranhamente semelhantes a algumas partes da narração de Moisés. Trata-se antes de um "paralelismo" do que de "analogias" pròpriamente ditas.

Como quer que seja, o Códex maia refere-se a uma catástrofe horrível, que ocorreu em uma época em que a nação dos Maias vivia em uma região marítima, por ora ainda não averiguada. "Esta calamidade", lê-se em uma linguagem esotérica, "foi enviada pelos deuses, e sobretudo por uma certa divindade que rege a parte oriental do mundo subterrâneo". Daí se pode concluir talvez que a catástrofe teve a forma de um terramoto, assim como, que o tal país deve estar situado a leste da terra dos Maias. O Códex descreve o caso em têrmos épicos, que lembram pela sua simples solenidade o estilo da Gênese.

Parece que uma parte insignificante da população dêste país ignoto logrou escapar ao desastre, refugiando-se em uma terra a oeste de sua pátria anterior, talvez em Iucatã. Tanto quanto se pode deduzir dos têrmos bastante vagos e fantásticos do Códex, tratar-se-ia de terramotos, erupções e submersões conjuntamente. O país todo ficou coberto de água e quando esta se retirou, apareceu um arco-íris, que foi visto surgir depois do dilúvio, anunciando a promessa de Jeová de não nos mandar mais semelhantes calamidades.

Depois, brotam da terra três árvores: uma prêta, outra branca e uma terceira de côr amarela; e em cada uma pousa uma ave de côr igual à da árvore. Então a "Grande Mãe Seiba", que entre os Maias é a deusa da humanidade, dirige uma oração ao Todo Poderoso, pedindo-lhe para não desencadear mais semelhantes desgraças sôbre os seus filhos.

E' êste, em breves palavras, o mito dos Maias. Comparado às narrações que nos legaram os Hebreus e Sumero-babilônios, logo se notam grandes paralelismos. As duas versões atribuem ao arco-íris um sentido simbólico. Mas enquanto na Bíblia o fenômeno anuncia o fim da cólera de

Jeová, no texto maia êle indica que "a destruição operou nas camadas inferiores". Findo o dilúvio, tanto Noé, como Ut-Napistim soltam duas aves: uma branca, uma pomba; outra prêta, que é um corvo; no fim do relato do Códex maia vemos chegarem, não se sabe donde, três aves de côres que se parecem com as das árvores nas quais elas pousam. Jeová promete a Noé não mandar mais sôbre a terra outra tal calamidade; no texto maia a humanidade implora promessa idêntica.

Êste paralelismo entre textos provenientes de países tão afastados entre si, leva-nos a crer que ao menos três dêles procedem de uma fonte comum. Veremos adiante que os mitos relacionados com dilúvios que circulam entre as outras tribos americanas, que não os maias, também se parecem às versões babilônica e hebraica. De resto se pode em geral salientar analogias surpreendentes entre a Gênese e o folclore dos indígenas americanos, quanto a tudo o que diz respeito à criação, ao Paraíso, ao primeiro homem etc. Trataremos mais minuciosamente dêste ponto em um capítulo ulterior, devendo eu restringir-me, por ora, aos mitos que mais diretamente interessam o nosso presente inquérito. Entre êstes, a lenda dos Tarascos sôbre o grande dilúvio oferece particular interêsse.

Esta tribo da América Central crê em um único deus; e, para êles, não só não existe outro deus, mas mesmo sua existência seria absolutamente impossível. Deus fêz do barro o primeiro casal de homens. Porém, tendo-se os homens multiplicado e afundado no vício, foram punidos por Deus com um dilúvio universal. Todos os homens, com exceção do santo secerdote Tespi e sua família, pereceram afogados nas águas que cobriram a terra inteira. Tespi e os seus não foram, aliás, salvos senão porque tinham antecipadamente construído uma enorme embarcação, na qual encerraram um casal de cada espécie de animal e sementes de tôdas as plantas existentes. Quando as águas principiaram a baixar, Tespi soltou um urubu à procura de um sítio enxuto, mas o urubu deixou-se atrair pelo grande número de cadáveres nos quais se repastou e não tornou à arca. Tespi despachou então outras aves, mas nenhuma voltou, a não ser um beija-flor que trouxe no bico um pedacinho de fôlha verde. E assim Tespi percebeu que o dilúvio estava findo.

Extraímos esta interessante lenda, quase idêntica ao relato da Bíblia, do livro intitulado "Década" do sr. Herrera, 2.ª parte, capítulo 10°.

Lewis Spence é de opinião que as lendas americanas a respeito da grande inundação foram inspiradas por uma vaga recordação da submersão da Atlântida. Tôdas elas gravitam, com efeito, em tôrno de um herói salvador, cujo nome até se parece às vêzes com o do patriarca bíblico Noé: por exemplo: o Nala mexicano e o Nata guatemalense. Em tôdas encontramos o indício de que em certa época nos tempos pré-históricos e em difíceis circunstâncias, um homem se revelou e, por sua atividade e engenho, conseguiu salvar um grande número de membros de sua tribo. Em seguida apoderou-se a lenda do seu nome e teceu em tôrno de sua pessoa uma rêde de narrativas épicas. E' o que se pode ver ainda em certas lendas americanas ou asiáticas que vou resumir.

Os Atapasques da América do Norte conservaram a lembrança dum maravilhoso pássaro, um corvo chamado por êles Ietl, o qual teria salvo do dilúvio seus antepassados e lhes teria dado o fogo celeste. Os Algonquins têm uma tradição um pouco diversa. Foi Maniboxo, o seu deus, o herói nacional, quem, mergulhando num certo lago, fê-lo transbordar e inundou assim tôda a terra. Então mandou Maniboxo um corvo à procura da terra firme; a ave, porém, voltou sem ter tido sucesso em sua missão. Um outro corvo não tendo sido melhor sucedido, Maniboxo encerragou um rato algarioso de buscar-lhe uma certa matéria da qual o herói se serviu para criar o mundo de novo. Maniboxo é considerado como o símbolo do sol.

Os índios Ascoximos, que vivem na Califórnia, crêm que o dilúvio cobriu a terra inteira de forma que todos os homens pereceram. O deus Coiot, porém, semeou penas de pássaros, das quais surgiu uma nova humanidade.

Os Astecas dividem o passado distante em três épocas que denominam "as Épocas da Morte súbita", das quais cada uma terminou por um cataclismo. O fim da terceira foi assinalado por uma grande inundação "Hun Esil", isto é o "Afogamento das Árvores". Tôdas as florestas desapareceram então sob as águas, o que lembra um tanto a lenda dos Maias citada no livro de Xilam Balam. O gigante mexicano Xelua salvou-se galgando a montanha do deus das águas Tlaloc (o Posseidon Mexicano). Foi depois da grande inundação que Xelua construiu a pirâmide de Xolula.

Os índios quichês acreditam não terem existido antes do dilúvio, em matéria de humanidade, senão homens de madeira, espécie de fantoches que os deuses tinham talhado para se distrair. Todos foram destruídos pelo dilúvio, em seguida ao qual foi criada a humanidade atual.

Contam os índios de Costa Rica que o deus Noncomala criou a terra e as águas, tendo porém esquecido de ao mesmo tempo criar a luz, de sorte que reinava no mundo a mais completa escuridão; até que finalmente o espírito da água, chamado Rutbi, fêz nascer o sol e a lua. Depois vieram os homens, mas provocaram por seus malefícios o ressentimento de Noncomala, o qual lhes enviou o dilúvio. Todos os sêres viventes tinham que ser aniquilados, mas um deus benfazejo chamado Nubu tivera o cuidado de conservar "sementes de homem". Terminada a inundação Nubu semeou-as; as hastes chegadas à maturidade produziram homens; das que não amadureceram nasceram macacos!

Os índios caraíbas, dos quais restam apenas alguns representantes, tinham sôbre o dilúvio uma lenda semelhante à dos arovaques. O herói dessa lenda media a profundidade das águas nelas lançando sementes duma certa árvore. Segundo outra versão, um íbis teria com o bico, levantado um grande número de montes de terra e refugiando-se nêles, puderam os homens primitivos escapar ao flagelo, o qual acreditavam ter sido causado por chuvas torrenciais.

Os índios tupis pensam que a lua cai sôbre a terra por intervalos periódicos, o que provoca as inundações. O único sobrevivente do último dilúvio teria sido o deus Tupã.

Entre os Arovaques, habitantes das Guianas do norte do Brasil e da Colômbia, corre uma lenda relativa a um certo deus chamado Sigu. Quando sobreveio o grande dilúvio, refugiou-se Sigu numa alta montanha levando consigo exemplares de tôdas as espécies de animais. Espalhou-se então sôbre a terra uma terrível escuridão, desencadearam-se tempestades e tudo foi invadido pelas águas. Passado algum tempo, Sigu, para medir a profundidade das águas pôs-se a atirar ao fundo sementes de certa planta, calculando a profundidade segundo a ressonância da queda. Quando finalmente pôde escutar a semente tocar no fundo das águas, compreendeu que o dilúvio terminara.

Os Macusi, uma subtribo dos Arovaques julgam não ter sobrevivido ao dilúvio um único homem, mas que transformando as pedras em sêres conseguiu Sigu repovoar o globo. É, com pequenas variantes, o mito grego de Deucalião e Pirra. Os arovaques da Guiana acreditam que o Grande Espírito destruiu a terra pelo fogo; que tôda a gente pere-

ceu na catástrofe com exceção dos que tiveram a boa idéia de refugiar-se em cavernas subterrâneas. Depois do fogo veiu a grande inundação; desta vez ninguém sobreviveu salvo o herói Marerevana e os poucos indivíduos que pôde levar em sua barca. O mito arovaque assemlha-se assim ao grego, relativo a Faetonte e ao egípcio de Tifon.

Os antigos egípcios tinham também a sua lenda sôbre um dilúvio universal. O deus Tem, (chamado também Temu, Atém ou Atmu) chamou as águas dos abismos com o fim de destruir por meio delas a humanidade. Todos os sêres morreram, salvo os que se achavam na barca de Tem.

Contam as lendas persas, referentes ao herói Ima, que Ormuzd tinha-lhe ordenado ensinar à humanidade a lei divina, mas que Ima a isso se recusara, consentindo apenas em cobrir os homens com a sua proteção. Ao saber que um terrível inverno ameaçava a terra (não haverá nisto uma alusão ao período glaciário?), ao qual se seguiria uma grande inundação, êle construiu um imenso edifício onde se encerrou com os melhores espécimes de animais e plantas que pôde encontrar. E ali viveu feliz durante mil anos com os homens que a êle se tinham reunido.

Dizem os escandinavos que um gigante chamado Imir, foi morto pelos filhos do deus Borra: Odin, Vili e Ve. O sangue de Imir submergiu tôda a terra, de tal forma que todos os gigantes dos gelos, raça misteriosa que segundo a mitologia escandinava, habitavam nosso planêta antes do dilúvio, sucumbiram, com exceção do gigante Bergelmir que, com sua mulher, se tinha refugiado numa embarcação.

Existe um mito hindu que tem muita semelhança com a história do deus babilônio Ea. O deus Víxnu tinha, como é sabido, sofrido diversas transformações ou avatares. O primeiro dêstes relaciona-se com a época do dilúvio. Naquele tempo, Víxnu, que tomara a forma de peixe Matsia, achou-se prêso num lago. Ora Vai-vasvata, o grande Manu de Cáli-Iúga (a sétima época, ou época moderna) percebendo por acaso Víxnu naquelas águas, acreditou naturalmente fôsse êle um simples peixe, mas Víxnu, começando a falar suplicou Vai-vasvata tirá-lo dali, prometendo-lhe recompensá-lo com sua proteção. Vai-vasvata salvou o deus, o qual, em gratidão informou-o que um dilúvio estava iminente. Aconselhado por Víxnu, Manu construiu pois uma barca. No entretanto, o peixinho crescendo ràpidamente, atingiu tais dimensões que só o oceano podia contê-lo. Quando o dilúvio principiou, Vai-vasvata prendeu sua embarcação à parte córnea dum peixe que o conduziu até uma

gigantesca árvore à qual o navegante amarrou a arca. E foi dêste modo que Vai-vasvata pôde sobreviver sòzinho ao desastre universal.

Uma outra história hindu, a que põe em cena o deus Crixna, faz pensar em certas partes dos primeiros capítulos da Gênese. Quando ainda bem criança, era Crixna muito travesso e um dia furtou uma árvore sagrada do jardim do deus Indra. Já adolescente e animado pelos homens excitou a inveja de Indra, o qual, para vingar-se, fêz tombar sôbre a terra uma chuva torrencial, que caiu sem interrupção durante sete dias e sete noites. Mas Crixna, que se tinha apoderado do monte Govardana, conservou-o suspenso no espaço, com a ponta dum dedo. A humanidade inteira pôde salvar-se refugiando-se nessa montanha.

Limitei-me a citar algumas das lendas relativas ao dilúvio, mas existe um número infinito delas. Percorrendo as linhas precedentes é impossível ao leitor não se ter surpreendido pelos traços comuns encontrados em tôdas essas histórias. Em tôdas é o dilúvio representado como um castigo mandado pelos deuses ou como inspirado pela sua vingança; em tôdas, vemos um homem ou um semideus, confidente dos poderes celestes e prevenido a tempo da iminência do flagelo. Em tôdas, teve êste herói o cuidado de salvar do desastre os animais e as plantas e, em quase tôdas, êle sobreviveu à catástrofe só com sua família e aquêles que pôde levar consigo.

Sem dúvida, poder-se-ia a rigor pretender explicar estas analogias pela teoria do gênio criador coletivo de que os povos primitivos foram mais ou menos dotados; e que lhes teria inspirado mitos semelhantes, em épocas de idêntica civilização. Por tôda a parte o processo da formação das lendas teria seguido o mesmo caminho. Como é, entretanto, possível resistir ao sentimento de terem sido tôdas essas histórias inspiradas por um acontecimento verdadeiro, o qual causara uma profunda impressão na maioria das raças pré-históricas?

Não nos conferem estas semelhanças o direito de supor que, tendo-se êstes sucessos produzido em pontos tão afastados do globo, tinham uma causa de origem cósmica? Chego mesmo a crer que a parte essencial do conto foi transmitida aos diversos povos pela raça que produziu o herói da aventura e, muito naturalmente, acode-me a idéia de ter sido êste herói um atlante...

Ensina a geologia que a península ibérica estava ainda coberta pelas águas do Oceano, numa época relativamente recente e que em todo o caso foi a última região da Europa que emergiu do mar. Começou a aparecer primeiro, a parte mais setentrional do país, com os Pireneus. Depois sucessivamente a Galícia, a Castela-Velha, a Catalunha, o Aragão, e por fim as outras regiões dos países hoje denominados Espanha e Portugal. Pensa Dumas que durante todo o período secundário não existia ainda o estreito de Gibraltar. A África estava unida à Europa e esta situação se prolongou provàvelmente não só durante todo o período Terciário, mas até mesmo até à metade da era Quaternária, na qual atualmente vivemos. Esta hipótese, de resto, não exclui absolutamente a possibilidade de ligações e rupturas sucessivas. Quem sabe se não se verá um dia restabelecer-se a união entre os dois continentes?

Apesar de não possuirmos nenhuma prova histórica de que o estreito de Gibraltar não existisse nessa época, podemos, baseando-nos em certas lendas e em descobertas arqueológicas, sôbre as quais tornaremos a falar, considerar que a ruptura do istmo, que outrora unia a Europa à África, pôde ser presenciada pela humanidade já civilizada.

Por outro lado não resta dúvida qe o estreito de Gibraltar vai-se alargando constantemente; pois segundo documentos que remontam à antiguidade e à Idade Média, não media, no comêço do século V antes de Cristo mais que uma milha. No século seguinte Euton atribuía-lhe já 4 milhas e Tito Lívio, ao comêço da era cristã, dava-lhe 7 milhas. Em 400 depois de Cristo, Victor Vitensa avaliava a sua largura em 12 milhas; e hoje em dia mede êle 15 milhas. Ter-se-ia pois alargado 14 1/2 milhas em dois mil e quatrocentos anos, ou seja 0,6 de milha por cem anos. Se se admitisse a teoria de Wegener, poder-se-ia ver nesse fenômeno uma prova do afastamento dos continentes. Mas já vimos que a teoria do sábio geólogo austríaco não é geralmente admitida, sem contestação. Talvez se deva atribuir êsse alargamento a uma causa sísmica. Sem dúvida, há vários milênios, rompeu sùbitamente em conseqüência dum cataclismo, a língua de terra que outrora unia a Europa à África, e desde então não cessaram os dois continentes de afastar-se um do outro. Certas minúcias, de resto bastante obscuras, dos mitos mediterrâneos, merecem ser invocadas em apoio desta hipótese. A navegação no estreito é hoje fácil, mas dantes oferecia reais perigos. Avien descrevendo

essa passagem, declara que era cheia de escolhos submersos e que os navegadores tinham que lutar, evitando os perigos da travessia do estreito. Plínio, o Moço, alude mesmo a bancos de areia que o teriam obstruído. Isto prova à saciedade que, sem dúvida como conseqüência da atividade sísmica da zona, a profundidade do estreito não cessou de aumentar constantemente. Diz um historiador árabe, o xerife El-Edrissi, em sua história antiga de Marrocos, ter-se produzido lá um cataclismo em uma era muito remota. Na época em que escrevia, poderiam ainda circular certas reminiscências relativas à essa catástrofe entre os habitantes das duas margens do estreito. El-Edrissi dá informações precisas; é assim que segundo êle, o nível do mar, no momento da catástrofe, ter-se-ia elevado de onze estádios e que várias cidades teriam submergido, enquanto milhares de criaturas ter-se -iam afogado. Não é inverossímil pensar que essas lendas se refiram à ruptura do istmo de Gibraltar e a brusca invasão das águas do oceano Atlântico através desta brecha para a depressão do Mediterrâneo. Não é duvidosa a existência da ligação anterior, pelo istmo, entre Marrocos e a Espanha; a absoluta identidade sob o ponto de vista geológico entre os terrenos da província Cádiz e os da antiga província Tingitânia aí está para prová-lo.

Só me resta demonstrar que certos povos do Mediterrâneo, de remota antiguidade, podem ter assistido ao cataclismo em questão. A célebre pintura de Tarragona parece-me vir em socorro desta afirmação. Foi ela descoberta durante o século passado pelo arqueólogo espanhol Boaventura Hernandez, e representa a constelação do Câncer, no momento do solstício do verão. Sob o signo de Câncer, vê-se Hércules dividindo, por um movimento dos potentes braços, as rochas que constituíam o istmo. Junto ao monte Calpe, do lado da Europa, estão representados um galo e um coelho, para significar a Espanha, e junto ao monte Ábila, um íbis e um escorpião que representam Marrocos. Mas é necessário estabelecer de qual dos Hércules se trata, pois a antiguidade designa sob o mesmo nome diferentes heróis: quarenta e três afirma o historiador Varrão. O escritor espanhol Rafael Urbano, que investigou a origem desta pintura, acha que estamos em presença do célebre herói e semideus, a quem o rei Euristeu incumbira de trazer-lhe pomos de ouro do jardim das Hespérides, filhas do deus do crepúsculo Héspero. Tendo-se Hércules encaminhado para o ocidente, deparou nas paragens do futuro estreito com o gigante Atlas, carregando o universo sôbre os

fortes ombros. Atlas prestou-se a secundar Hércules na sua emprêsa, ficando êste sustentando o universo, durante a ausência daquele. A êste propósito recorda Rafael Urbano velhas lendas ibéricas, segundo as quais teria Hércules trazido à Espanha as luzes da civilização e realizado duas outras façanhas. Além de separar a Europa da África, teria detido o carro de Febo, isto é, do próprio sol.

E' evidente que sob a aparência dêstes mitos poéticos disfarçam-se fatos reais. A ficção de Hércules fazendo parar o sol deriva da coincidência da ruptura do istmo com o solstício do verão na Espanha, como está confirmado pela pintura de Tarragona. Decorridos milhares de anos, a expressão: "o acontecimento deu-se durante o solstício", (quer dizer: quando o sol estacou e deu volta) pode com o tempo ter-se tornado em: "Hércules deteve o sol e abriu o estreito". E' também natural que Hércules tenha realizado outras proezas em uma terra, na qual, segundo as opiniões de então, reinava um constante crepúsculo, digamos: o deus Héspero. Êste país podia ser o Marrocos atual, que os antigos consideravam situado no fim do mundo, ou também a Atlântida, reino do poderoso Atlas, ou ainda a América, terra da lendária Mérope. Quanto aos pomos de ouro dos jardins das Hespérides, devem ser simplesmente laranjas, tão abundantes em Mogreb.

Existe, entretanto, outra explicação cabível. Sabe-se que os antigos imperadores incas, possuiam jardins ornados de árvores metálicas carregadas de frutos de ouro. Pode ser que os atlantes tivessem jardins do mesmo gênero e houvessem transmitido aos incas êste capricho, pois quando se investigam as velhas civilizações americanas, fatalmente se é levado a admitir a existência de relações entre elas e a dos atlantes. Neste caso, a fábula dos pomos das Hespérides, cujo jardim era situado próximo ao grande Atlas, poderia ser explicada pelo fato de ter Hércules visitado a Atlântida, com os magníficos jardins de Posseidon. Mas a primeira hipótese parace-me mais plausível. Conforme a tradição, teria Hércules chegado a Gibraltar por via terrestre, pela Líbia e, ao passar por Marrocos teria colhido os famosos pomos, isto é, laranjas, então desconhecidas na Grécia e que fizeram maravilhosa impressão. Além do que, as viagens de Hércules a países ocidentais que eram então considerados os confins do mundo, não sòmente são atestadas pela fábula, como também mencionadas por historiadores. Poder-se-ia, a meu ver, interpretar o apelido dado pelos antigos ao estreito de Gibraltar, "as colunas de Hércules", de

dois modos diversos: ou bem a sua ruptura coincidiu com a expedição do herói, ou então, foi êle o primeiro que ousou afrontar o Oceano Atlântico, para além do estreito. Depois do que Hércules passou a ser venerado qual protetor dos povos ibéricos.

Tanto Estrabão, como Pompônio Mela, asseveram que os povos da Península o adoravam, muito antes da chegada dos romanos, e que a cidade de Cádiz lhe tinha consagrado um templo. Era, de resto o único templo, no gênero, em tôda a Espanha. Nas outras partes o culto ao herói se reduzia a reunir doze pedras em memória dos seus "doze trabalhos". O próprio estreito era tido como lugar santificado. Relata Avien que os navios não podiam lá demorar mais que um certo prazo. Uma infração a êste costume seria tomada como ato impiedoso, que o mar vingaria tornando-se tempestuoso. Os próprios romanos denominavam o estreito **Fretum** e o consideravam sagrado. Artemidoro (*) chegava a pretender que o sol aparecia trinta vêzes maior, quando contemplado do alto do rochedo de Gibraltar. Aliás, o cíclo de Hércules não é de origem grega. Foi provàvelmente levado à civilização helênica, de onde passou a Roma, pelos Fenícios. Mas é de crer que o seu revestimento poético lhe tenha sido dado pelos gregos. Entre as aventuras de Hércules existem três que levam a meditar. São elas; o leão de Neméia, as aves do lago Estimfália (com bicos de cobre) e a hidra de Lerna.

Realmente não existiam leões no Ática, no tempo dos antigos gregos; e as duas outras proezas referem-se a monstros pré-históricos e a um polvo que só pode ser encontrado no mar. Pode ser que a epopéia de Hércules tenha tido o fim único de personificar as lutas sustentadas pelos Atlantas saídos do seu país, contra os últimos representantes da fauna antediluviana, porventura ainda existentes na Europa. O leão das cavernas, como também aves gigantes, podiam bem ter existido entre os sobreviventes das eras geológicas precedentes. De maneira geral, tem-se a impressão muito clara, quando se lê as antigas lendas dos trabalhos de Hércules, de estar em presença de lembranças deixadas na imaginação dos homens pelas lutas titânicas sustentadas pelos nossos primitivos antepassados contra animais fantásticos ou contra elementos adversos.

(*) Artemidoro, o geoógrafo, viveu no Êfeso, no 2.º século antes da nossa era. N. T.

Rafael Urbano menciona as mais antigas tradições ibéricas relativas à chegada de povos ignotos à península: esta invasão produziu-se sem dúvida no momento da ruptura do istmo, ou logo em seguida. Talvez os bascos atuais, descendam dessa raça Asiliana, a qual, deixando a Atlântida, teria, segundo Lewis Spence, chegado à Europa há mais ou menos dez mil anos.

Pode-se indagar do aspecto que apresentava a depressão mediterrânea, antes da perfuração do istmo de Gibraltar; encontrar-se-iam nela vastos lagos; seria povoada? e por que tribos?

Pessoalmente sou de opinião que foi a formação do mar Mediterrâneo, que ocasionou o dilúvio de Ógiges. O acrescimo súbito da superfície coberta de águas na proximidade da península dos Bálcãs e da Ásia Menor, originou uma extraordinária evaporação, a qual produziu um colossal acúmulo de vapores dágua na atmosfera. E' o que explica a queda das chuvas torrenciais, causa da inundação. Quanto ao abalo sísmico que rompeu o istmo, pode ter sido motivado por uma convulsão da massa ígnea do interior do globo; como uma espécie de maré produzida por alguma perturbação do sistema solar. Já formulei a hipótese de que esta perturbação poderia ser causada pela ação do cometa de Halley, que seria assim o signo celeste, de que fala S. Agostinho no seu "De civitate Dei".

Pensam alguns autores que o dilúvio de Ógiges, teve lugar no fim do quinto milênio antes de Cristo, quer dizer em época pouco afastada da que a Bíblia indica para o dilúvio universal (3.852 a. de C., segundo Moisés); porém conforme vimos, as últimas descobertas de Langdon e Wooley demonstram que o dilúvio da Bíblia, ou dilúvio babilônico, sucedeu durante o sétimo milênio antes de Cristo. O cálculo evidenciou que a máxima proximidade do cometa da nossa terra foi em 7 de junho do ano de 4.015 a. de C., isto é apenas 63 anos antes da data indicada por Moisés. O painel de Tarragona representa a ruptura do istmo no dia 23 de junho dia do solstício do estio. Não existe, pois, diferença maior que dezeseis dias entre a dita convulsão e a passagem do cometa. Mas, levando em conta as mudanças e variações que ocorrem com freqüência no itinerário dos cometas, como também das lacunas do nosso calendário, é-nos facultado admitir que o cometa atingiu efetivamente a sua maior proximidade da terra dezeseis dias depois, ou seja, no dia mesmo do solstício. O calendário pode ter fàcilmente atingido um êrro acumulado de dezeseis

dias, no decorrer de seis mil anos. E' possível que o dilúvio de Ógiges e a formação do mar Mediterrâneo, tenham ocorrido na mesma ocasião que a catástrofe da Atlântida.

Estando em Valparaíso, alguns anos faz, tive oportunidade de encontrar um arqueólogo de grande mérito, o sr. Luís Thayer Ojeda, pensador independente, tendo aversão à rotina, o qual depois de investigar por muito a origem dos nomes próprios constantes da Bíblia, bem como da mitologia, aplicou-se ao estudo da toponímia do Mediterrâneo, e tem pesquisado tenazmente a procedência das denominações históricas e geográficas adotadas nos mesmos países. Investigações estas, que exigem conhecimento profundo da maior parte dos idiomas, antigos como modernos. Por êste modo alcançou S. S. chegar a conclusões da maior importância, das quais registramos aqui apenas as que se relacionam diretamente com o nosso assunto.

Comparando os mitos preponderantes entre aqueles diversos países, chegou S. S. à conclusão de que existem entre êles muitas analogias, e deduziu daí que a mitologia clássica não passa da história poetizada dos povos que habitavam a depressão mediterrânea, antes de invadida pelas águas. As fábulas acêrca dos deuses e dos heróis, tanto gregos como egípcios, bem como as tradições bíblicas são apenas, afirma Ojeda, as tradições poéticas das tribos que povoavam aquelas regiões, nos tempos pré-históricos. A maior parte dos nomes de deuses, heróis, reis e patriarcas, significam o nome dessas mesmas nações; enquanto os nomes das rainhas e deusas representam nomes de estados pré-históricos, ou de suas diversas regiões e províncias.

A linguagem mítica é simbólica. Quando, por exemplo narra a tradição que o rei Anfitrião desposou a bela Alcmena isto significa muito provàvelmente ter o povo de Anfitrião, conquistado uma região fértil e rica chamada Alcmena. Quando a Gênese diz que Israel tinha doze filhos, quer isto dizer que o povo hebreu se compunha de doze tribos. O nome do chefe ou fundador duma nação é um têrmo coletivo que se deve aplicar à nação inteira. E' assim que as palavras da Gênese: "Abraão emigrou para a cidade de Sigor" significam que, "o povo Ibri (os judeus) transportou seu acampamento para Sigor" etc. A duração da vida dum patriarca indica o tempo durante o qual a tribo do mesmo nome conservou sua independência. Diz o livro da Gênese que Matusalém viveu novecentos e sessen-

ta e nove anos? E' como se escrito fôra ter sido a tribo Matusalém, depois de mil anos de independência e prosperidade, escravizada por um conquistador qualquer.

Luís Thayer Ojeda pensa que certas tribos européias, que até agora se acreditava terem vindo da Ásia, vieram pelo contrário do Ocidente. Elas povoaram pouco a pouco a Europa, a Ásia ocidental, a África do norte e deram a essas regiões os nomes dos países longínquos — Atlântida ou América — de onde eram originárias. De resto êste costume nunca foi abandonado. Não vimos darem os europues desde o século VI às regiões da América onde se estabeleciam, o nome de sua antiga pátria? São numerosíssimos os exemplos. Citemos ao acaso: Nova Orleãs, Nova Iorque, Nova Espanha, Nova Granada, Nova Inglaterra, Novo Brunswick etc...

Por meio de rigorosa análise filológica, Ojeda provou ter existido na depressão mediterrânea, antes de invadida pelas águas, um Egito, uma Líbia, uma Etiópia, uma Pérsia, uma Índia etc. Quando êstes países submergiram, passaram os seus nomes para os que ainda hoje os têm.

Baseando-se em suas próprias descobertas, Ojeda organizou um mapa hipotético dos países mediterrâneos antes da ruptura do istmo. E' um trabalho interessantíssimo que convém examinar minuciosamente.

Existia então um vasto lago, o mar de Tritão, entre as ilhas Baleares, a costa meridional da França e da Córsega atuais. Êste lago se estendia ao sul até às praias da África, e, há alguns anos um arqueólogo alemão, o Dr. A. Herrmann, julgou descobrir na Tunísia, em Schott-el-Djerid, os vestígios do mar de Tritão. A Sicília estava unida à Itália e à África por uma larga faixa de terra firme, no meio da qual existia um outro lago chamado "Mar de Caronte". A península dos Bálcãs, a Moréia e as ilhas de Chipre e Creta formavam com a Ásia Menor um único bloco, e no lugar do mar Egeu estendia-se uma terra baixa e pantanosa ligeiramente acidentada na parte oriental. Tôdas as conjeturas toponímicas de Ojeda parecem plausíveis, e algumas delas foram confirmadas por sondagens e investigações efetuadas no Mediterrâneo, sobretudo a que êle sugeriu a propósito do reino subterrâneo de Plutão, o Tártaro. Segundo a tradição grega, o Tártaro era atravessado por dois rios que tinham a particularidade de correr paralelamente, mas em sentidos opostos. Os sábios localizam geralmente o Tártaro nas adjacências do Etna, na Sicília. Ojeda, porém, opina que o reino infernal devia alongar-se até a uma certa distância daquele vulcão, abrangendo uma região que estava coberta pelas águas, por ocasião do acontecimento que chamaremos a catástrofe mediterrânea; indo a ponto de julgar que os dois ainda devem existir no fundo do mar. Acontece que sondagens recentemente realizadas, confirmaram realmente a tradição grega, bem como as hipóteses de Ojeda; revelando a existência, a limitada distância do Etna, de duas depressões paralelas, com declive em sentidos contrários. Quanto à larga faixa de terras, que ligava a Sicília à África, e que se chamava Caronte, era habitada por uma tribo conhecida por igual nome. Depois da submersão do território, êste nome foi atribuído ao barqueiro infernal, que conduzia as almas dos defuntos ao Tártaro, isto é à Sicília. Não posso deixar de recomendar a todos que se interessam pela mitologia as duas interessantíssimas obras do sr. Ojeda editadas em Valparaíso. A primeira, publicada em 1927 é intitulada "A Geografia Pré-mediterrânea", e a segunda que apareceu em 1928, "Ensaio de Cronologia Mitológica". Nenhuma das duas obras foi infelizmente traduzida até agora.

Tive ocasião de falar a respeito da hipótese de Ojeda com um especialista muito entendido no domínio da arqueologia pré-histórica, o professor Obermayer, de Madri. Êle recusa-se a admitir o fundamento dessa hipótese, porquanto, diz êle, foram achadas conchas fósseis provenientes do plioceno, o que prova que o Mediterrâneo já existia há vários milênios. Por mim, não considero êste argumento decisivo, porque desde a época pliocênica, podiam-se ter produzido nessa parte do globo, várias alterações na distribuição das terras e dos mares; e Ojeda refere-se apenas à mais recente delas, aquela que populações mais antigas da Europa podem ter conhecido.

Mas, e é isso que principalmente nos interessa, essa transformação pôde igualmente ter tido como testemunha o célebre e enigmático herói, denominado o rei Hércules. Quem sabe se em algum tempo o mausoléu de Tarragona não encerrou os seus restos?

Antigos impérios, vastas metrópoles pré-históricas jazem atualmente sob as vagas azuladas do Mediterrâneo, mas talvez um dia uma nova convulsão da crosta terrestre as faça surgir aos olhos surpresos dos nossos descendentes.

CAPÍTULO VI

De onde vem a civilização dos árias? Os fenícios. As suas viagens distantes. As suas colônias na América. As descobertas nos Açores. Os Guanches. A inscrição da Gávea. Os petróglifos da América do Sul. As descobertas de A. Frot. A ilha das Sete Cidades.

Estou certo que as tribos que habitavam a Europa nos tempos primitivos, herdaram a sua civilização duma raça vinda do oeste, isto é de países situados além do estreito de Gibraltar. Esta raça chegou no decorrer da era neolítica e era dolicocéfala. A maior parte dos povos misteriosos que habitaram a bacia mediterrânea eram, salvo os judeus e os árabes, gente de pele avermelhada e de barba rala. Os pré-egípcios, os pelasgos, os lícios, os egeus, os fenícios, os filisteus, os "caftorim" da Bíblia, isto é, os habitantes de "Caftor", os de Creta, êsses enigmáticos "masintis" que enchem os velhos afrescos egípcios e, no outro lado do Oceano, os Maias, os Toltecas etc., eram avermelhados. Os povos arianos ao contrário, tinham o sistema capilar desenvolvido, a pele branca e eram braquicéfalos.

A história das nações que representam atualmente um papel importante no mundo, não data, tomando as coisas pelo melhor lado, de mais de mil anos antes da era cristã. Foi ùnicamente pesquisando e decifrando inscrições que conseguimos remontar mais longe ainda, no passado do Egito e da Mesopotâmia. Entretanto, as mais recentes descobertas arqueológicas demonstraram que antes do aparecimento, nas regiões mediterrâneas, dos semitas e dos egípcios, raças já civilizadas habitavam essa parte do globo. Somos assim levados a pensar que todos êsses povos sofreram a influência duma civilização comum, civilização já poderosa cuja fonte permanece até agora desconhecida. A civilização dos povos mais recentes teria sido pois obra de

dois fatôres pelo menos: um, esta civilização ainda misteriosa, outro, a invasão de correntes civilizadoras vindas da Ásia.

As raças que originàriamente habitaram os países que chamamos hoje a França, a Inglaterra e Espanha, criaram uma cultura caracterizada pelos numerosos monumentos megalíticos, tão notáveis sob todos os pontos de vista, que se encontram ainda hoje disseminados por tôda a Europa ocidental, dos quais os mais notáveis podem ser admirados em Stonehenge, na Inglaterra, e em Carnac, na Bretanha. Na Espanha e em Portugal os menirs e os dólmens não são menos numerosos. Por muito tempo acreditou-se terem sido êstes monumentos erigidos pelos druidas, mas esta opinião está hoje abandonada, e julgando-se que são testemunhos dum período bem mais remoto da civilização e que provêm certamente dos meados da era neolítica. Pensam alguns, serem êsses menirs e dólmens monumentos fúnebres destinados a conservar a memória de cabeças ou heróis célebres; acreditam outros que eram altares e outros finalmente, querem ligar essas pedras a certas práticas da astronomia primtivia. Em todo o caso, essas construções provam pelo menos que em certo momento da história, a Europa ocidental conheceu uma relativa unidade de cultura. Qual era porém essa cultura? Ignoramo-la ainda. A descoberta de M. Baudouin que mencionamos anteriormente, autoriza-nos a admitir que o foco dessa civilização deve ser situado no oeste das margens ocidentais da Europa, e eu, por mim, sou levado a situá-lo na Atlântida.

Quanto aos influxos da Ásia sôbre a civilização da Europa primitiva, são há muito admitidas sem oposição; sabe-se, não sòmente que a civilização sumeriana se estendeu na direção, do oeste como se conhece a rota que seguiu para penetrar na Europa. Foi pelo Danúbio que recebemos as idéias, os costumes e os deuses do Oriente. Os ornamentos encontrados recentemente em Vincha, perto de Belgrado, feitos com as mesmas conchas que serviam para fim idêntico em Ur, são prova dessa asserção. Acrescentemos terem sido descobertas jóias parecidas na Alemanha do Sul e na Boêmia.

Os Fenícios se intitulavam a si próprios o "povo de Caru"; foram os gregos que, em circunstâncias ignoradas para nós deram-lhe o nome de Fenícios. Quanto à origem da palavra em si, as opiniões divergem. Uns fazem-na derivar do grego "phoinos" (vermelho); outros, do nome do lendário pássaro, a fênix, que, segundo a crença da antigui-

dade, renascia das próprias cinzas cada quinhentos anos. Esta lenda aliás parece provir do mito egípcio relativo ao pássaro Benu, consagrado a Osíris, o qual alçava o vôo cantando, duma árvore destruída pelo fogo, e que era o símbolo da ressurreição.

As duas etimologias apresentam interêsse igual. A primeira permitiria supor que os fenícios pertenciam a uma raça de pele vermelha, enquanto que a segunda nos autoriza a crer ter sido esta nação vítima duma catástrofe, depois da qual conseguiu, não só reerguer-se da ruína, como ainda criar um poderoso império colonial. A mitologia fenícia, na qual mais tarde se inspiraram os hebreus, pretende que o primeiro homem se chamava Adão (feito de barro vermelho), o que viria ainda em apoio da primeira dessas hipóteses.

A Fenícia estendia-se pelo litoral do Mediterrâneo, do monte Carmelo até ao Táurus; sua capital era Toor ou Tzor, que os gregos mudaram para Tiro.

Das velhas tradições do Mediterrâneo, em verdade assaz obscuras, pode-se no entanto concluir que o "povo dos Carus" tinha tido relações estreitas em tempos imemoriais com os atlantes, aos quais deviam sua requintada civilização. E' provável que os fenícios, que eram os mais adiantados entre os semitas que habitavam a Atlântida, tenham sido poupados na submersão dêsse seu antigo "habitat". A ruptura do istmo de Gibraltar e a conseqüente inundação da depressão mediterrânea romperam os últimos laços que podiam existir entre os fenícios e os atlantes; e os séculos apagaram até mesmo a lembrança da origem dos "filhos de Caru". De todos os povos que outrora viviam naquela depressão, sòmente os fenícios se reergueram e puderam recobrar sua anterior prosperidade. Foi assim que os que chegaram a essas plagas mediterrâneas, tais como os antigos gregos, vendo êsse povo conservar a necessária energia para efetuar um reerguimento semelhante, depois de duas catástrofes sucessivas, sentiam-se tentados de compará-los à fênix. Sòmente admitindo ter vindo a sua cultura dos atlantes, podemos explicar o grau de civilização tão adiantado a que tinham chegado os fenícios e o conhecimento, que possuiam, dos remotos países do Atlântico.

Sir Arthur Evans julga serem a "Ilíada" e a "Odisséia" de origem cretense, e que foi por 800 anos antes de Cristo que Homero pôs em ordem, anexando-as à história dos gregos, as velhas tradições cretenses. Esta hipótese eucontra confirmação no fato de não terem os Aqueus do tempo da

guerra de Trôia, senão poucos contactos comerciais com os Fenícios, enquanto que os Cretenses entretinham desde séculos, relações ativas com os mesmos Fenícios. E aí estão várias passagens da Odisséia para demonstrar que o autor do poema conhecia bem os hábitos, e a vida daquele povo: não se assemelhavam os Feaces, entre os quais se deteve Ulisses, os Fenícios, os quais possuiam, como aquêles, estabelecimentos e agências em tôda a bacia do Mediterrâneo? Existiam aparentemente relações de parentesco étnico entre os "filhos de Caru" e os Cretenses, porquanto os Gregos os designavam uns e outros sob a denominação comum de "phoinos", isto é, gente de pele vermelha. Os velhos Egípcios, que chamavam os cretenses "Queftiú" representavam-nos em seus afrescos sob os mesmos traços que os fenícios, de pele vermelha e imberbes.

Na antiguidade Creta era denominada "Caftor" de onde vinha o nome dado pela Bíblia aos Cretenses, "Caftorim" e também talvez o nome egípcio "Queftiú". Lê-se em Homero que em Creta se falavam muitos dialetos diferentes e que havia lá noventa cidades (ver o canto XIX da Odisséia). Entre os habitantes da ilha vemos figurar os Aqueus, os Quidões, três tribos dóricas e os "divinos pelasgos." Os Quidiões habitavam as margens dum rio de Creta, chamado o Jardã, nome que muito se assemelha ao Jordão da Palestina. Talvez fôssem os filisteus da Bíblia, com o seu culto que lembra o dos fenícios, igualmente de origem cretense. Pode ser que descendessem dos Quidões de Homero, que tivessem emigrado para a Palestina, e dado ao curso dágua junto ao qual se estabeleceram o nome de Jordão, como lembrança do rio de sua pátria antiga.

Conta Homero que o rei de Creta, Minos, descendia de Deucalião, o herói do Dilúvio Universal, e da bela Europa. Sabe-se que Deucalião escapara à catástrofe só com sua mulher Pirra, e que Europa por seu lado fôra raptada por Zeus. Talvez o mito de Europa signifique simplesmente a história da conquista de Creta por alguma raça pré-histórica; em todo o caso, com o andar dos tempos a rainha Europa penetrou no panteão cretense. Interpreta-se o seu nome de duas maneiras diferentes: segundo autores antigos, êle significa "a filha do país vermelho" e esta interpretação corresponderia ao sobrenome de "phoinos" que os gregos davam aos cretenses. Contudo, o escritor clássico Hesíquio declara que Europa quer dizer "o País do Poente", o que é uma alusão à origem ocidental da rainha de Creta. As duas etimologias concordam em todo o caso num ponto

muito importante: os cretenses vinham do oeste, isto é, duma região situada em pleno Atlântico, ou da América. E' sabido que quase sempre os índios da América têm a pele avermelhada, e também que o solo de certos países da América, (é o caso especialmente do Iucatã e do Brasil) contém óxidos de ferro que lhe dão um colorido vermelho (as terras roxas do Brasil). Talvez uma raça de gente de pele vermelha se tivesse fixado na Atlântida e mais tarde de lá passado para a Europa. E' provável que os Fenícios e os Cretenses pertencessem a essa segunda leva de emigrantes atlantes, que Lewis Spence identifica com a raça Azil-Tardenois.

A história, ainda mais ou menos obscura, dos empreendimentos marítimos dos fenícios é deveras interessante. No decorrer do segundo milênio antes de Cristo, foi a península dos Bálcãs invadida pelas tribos aquéias, as quais em seguida se apoderaram do Peloponeso e de algumas das colônias fenícias do Mar Negro. No século XII antes de Cristo os Aqueus atacaram Tróia que estava ligada à Fenícia por laços políticos, e que era como uma guarda avançada da União Cariana, ao norte. Após a queda de Tróia, êsses bravos helenos empreenderam desalojar da Ásia Menor os fenícios, os quais tendo perdido suas últimas colônias do mar Negro e do Arquipélago, estavam assistindo ao declínio do seu poder. Diodoro da Sicília que tinha consultado certos documentos poupados na ruína da Fenícia, afirma que depois da queda de Tróia é que começaram as grandes expedições fenícias para além do estreito de Gibraltar. Estas se tinham tornado necessárias pelo êxodo da população de Tróia que os fenícios se tinham comprometido com os outros membros da Federação Cariense, a efetuar. Quase simultânamente com essas expedições produziu-se uma tentativa semelhante da parte dos Tirrênios. Êstes, que são chamados etruscos e que habitavam as margens do Adriático, eram, ao que parece, parentes próximos dos fenícios. Veremos adiante que os fenícios apelaram para colonos tirrênios, carianos, jônios, troianos etc., a fim de povoarem as suas colônias longínquas.

E' verossímil terem os fenícios entretido comunicações com a América até meados do primeiro milênio antes da nossa era, porém desde então começa o declínio da Fenícia. Alexandre, o Grande, tinha-lhes infligido um irreparável dano destruindo Tiro, sua soberba capital. Tornava-se necessário, para arruinar para todo o sempre o poderio fenício, igualmente destruir as colônias que constituíam o seu mais sólido apoio.

Segundo diz Diodoro da Sicília, Alexandre ordenou então a seu sátrapa do Egito, Ptolomeu, que armasse uma grande esquadra para apoderar-se do comércio que os fenícios tinham criado para além de Gibraltar. Os navios foram equipados e fizeram-se a vela atravessando o estreito; mas todos os escritores da antiguidade silenciaram sôbre o que lhes aconteceu. Certas colônias fenícias, Cartago por exemplo, puderam prosperar independentes, mas acabaram uma por uma, como todo o mundo antigo, por cair sob o jugo dos romanos.

Ter-se-ia para sempre ignorado a sorte da esquadra de Ptolomeu, se não fôsse uma descoberta extraordinária feita há um século mais ou menos, no Uruguai. Em sua obra muito interessante, intitulada "As Duas Américas" (pág. 46), um sábio brasileiro, Cândido Costa, conta que em 1833 um agricultor descobriu em sua propriedade, em Dores, junto a Montevidéu, um antiquíssimo túmulo, assinalado à flor da terra por uma grande lage sôbre a qual se podia perceber uma inscrição em caracteres desconhecidos, meio apagada pela ação do tempo. Levantada a pedra, achou-se uma cova abobadada que continha espadas, um capacete e uma ânfora contendo vestígios de cinzas. Um erudito urugaio, o padre Martins, constatou que a inscrição era grega e conseguiu decifrar as letras ainda legíveis. Eis o que encontrou: "Alexandre, filho de Filipe, era rei da Macedônia na época da 113.ª olimpíada. Aqui, Ptolomeu..."; o resto da inscrição o tempo apagara. Uma das espadas é ornada dum rosto humano no qual o padre Martins reconheceu o perfil de Alexandre, e no capacete vê-se cinzelada uma cena que representa Aquiles arrastando o corpo de Heitor a roda dos muros de Tróia. No momento dessa descoberta, muita gente declarou tratar-se duma mistificação e esta opinião é partilhada ainda hoje por alguns. Como porém admitir que falsários se tenham entregue a um tal trabalho e feito gastos tão avultados só com o fim de mistificar, em 1833, a população de Montevidéu? Julga C. Costa que a esquadra de Ptolomeu, lançada por alguma tempestade sôbre as costas do Uruguai, tenha alcançado um refúgio na vasta baia daquela cidade. Pode-se ainda supor que os fenícios possuíssem estabelecimentos na embocadura do rio da Prata, e que o almirante grego tenha vindo até lá com o fim de destruir os seus navios. A ânfora encontrada na cripta

teria contido as cinzas dos guerreiros grego-egípcios, mortos durante a batalha, porém Costa acredita antes serem essas cinzas as dos marinheiros mortos durante a travessia.

Os escritores portugueses que conservaram a história das suas grandes descobertas contam como foi encontrada em 1461, na ilha do Corvo, que dos Açores é a mais próxima da América, uma estátua eqüestre que se elevava no vértice de um rochedo. O cavaleiro indicava com o dedo a direção do Novo Mundo. Sôbre a rocha mesma uma inscrição estava gravada, em caracteres desconhecidos. Essa estátua é igualmente mencionada pelo xerife El-Edrissi e por outros historiadores árabes. Os habitantes dos Açores que conservaram a memória desta estátua chamavam-na "Cadés" ou "Catês". E' singular que esta palavra em idioma quíchua signifique: "Vá nesta direção". Há alguns anos foram achadas também na ilha do Corvo, moedas fenícias; e na ilha próxima de S. Miguel, uma lage sôbre a qual estava gravada a figura de um edifício que parece ser um templo. O sr. Le Cour, distinto diretor da revista francesa "Atlântis", que visitou recentemente os Açores, julga que se trata de um templo atlanteano. Esta lage tinha sido colocada no museu de Los Ângeles e ali foi fotografada, depois do que desapareceu. Muitas pessoas viram esta referida fotografia; e um sábio açoriano, o sr. Vasco Bensaúde, disse ao sr. Le Cour, que tinha compulsado nos arquivos do arquipélago a descrição dessa pedra.

No livro VI das suas "Memórias de Além-Túmulo", escreve Chateaubriand, contando de uma estada que fêz nos Açores: "E' provável que os Açores fôssem conhecidos dos Cartagineses e é certo que moedas fenícias foram desenterradas na ilha do Corvo. Os modernos navegadores que aportaram primeiramente a esta ilha diziam que encontraram uma estátua eqüestre, com o braço direito estendido e mostrando com o dedo para o ocidente..."

Transcrevemos esta citação da obra do sr. Le Cour que acumula à sua função de diretor da "Atlântis", a de presidente da Sociedade dos Amigos da Atlântida. Ao mesmo sábio também devemos as informações que seguem:

No capítulo IX da Crônica do príncipe D. João, de Damião Góis, publicada em Lisboa no ano de 1890, lê-se: "Destas ilhas a que mais está ao norte, é a do Corvo, que terá uma légua de terra; os mareantes lhe chamam Ilha do Marco, porque com ela (por ser uma terra alta) se demarcam quando vêm demandar qualquer das outras. No cume desta serra, na parte de Noroeste, se achou uma estátua de pedra posta sôbre uma lage, que representava um homem em cima de um cavalo em ôsso, e o homem vestido de uma capa, como usam os mouros, sem barrete, com uma mão na coma do cavalo e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o segundo, a que os latinos chamam índex, com que apontava para o poente. Esta estátua que tôda era maciça da mesma lage, mandou El Rei D. Manuel tirar pelo natural pelo seu criado debuxador, que se chamava Duarte Darmas. Depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Pôrto que andava muito em França e Itália, que fôsse a esta ilha para, com aparelhos que levou, tirar aquela antiqualha; o qual, quando dela tornou, disse a El-Rei que a achara desfeita por uma tormenta que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi, que a quebraram por mau azo, e trouxeram pedaços dela, a saber, a cabeça de homem e o seu braço direito com a mão e uma perna, e a cabeça do cavalo e uma pata, que estava dobrada e levantada, e pedaço de uma perna; o que tudo esteve no guarda-roupa de El-Rei alguns dias, mas o que se depois fêz destas coisas e onde se puseram, eu não pude saber."

"Era esta ilha de D. Pedro da Fonseca, escrivão da chancelaria do mesmo rei. Que no ano de 1529 a foi ver, e soube dos moradores que na rocha abaixo do lugar onde estivera a estátua estavam entalhadas na mesma pedra umas letras, e por o lugar ser perigoso para se poder ir onde o letreiro estava, fêz abaixar alguns homens por cordas bem atadas, os quais imprimiram as letras, que ainda a antiguidade não tinha de todo apagado, em cêra que para isso levaram. Contudo as que trouxeram impressas na cêra eram já mui gastas e quase sem forma, e assim que, por serem tais, ou porventura na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que das letras latinas, e êste imperfeito, nenhum dos que ali se acharam presentes souberam dar razão, nem do que as letras diziam, nem ainda puderam conhecer que letras fôssem."

"Espanta-nos tanto esta antiquíssima antiqualha, por se achar no lugar em que se achou, que se pode com razão dizer com Salomão, não haver coisa que já não fôsse anteriormente. E se as opiniões de alguns filósofos se houvesse de acreditar, ou aos históricos gentios se houvesse de dar algum crédito, fàcilmente se poderia cair em muitos erros, se dêles nos não desenganara a Sagrada Escritura, dos quais erros não se pode escusar Pompônio Mela, gravíssimo escritor latino, no seu primeiro livro, falando da antiguidade

dos egípcios, onde diz que tinham histórias certas de mais de treze mil anos. E o mesmo faz Heródoto no segundo livro de sua história que escreveu em grego muito antes de Pompônio Mela. Ambos dizem que, depois que os egípcios começaram a ter nome e ser conhecidos, o curso do Céu se mudara quatro vêzes, pondo-se o sol duas vêzes no lugar onde ora nasce.

Estrabo (*) que há bem mil e quinhentos anos escreveu em língua grega não se pode escusar de outro tal êrro, como foi dizer, no terceiro livro da sua geografia, que os Turdetanos ou Turdolos, que é tôda a terra de Andalusia, Algarve e Portugal, começando no monte Gibraltar até o rio Lima, que foi sempre a gente da Espanha que mais soube e mais usou leis e continuou estudos: e que tinham histórias certíssimas de seis mil anos atrás.

"Nem deixarei de dizer desta antiqualha a opinião que dela tenho, a qual é: que a gente que veio ter a esta ilha e nela deixou esta memória poderia ser de Noruega, Gótia, Suécia ou Islândia, porque nos tempos passados e muito antes que os habitantes dessas províncias fôssem cristãos, havia entre êles muitos corsários, e tão poderosos, que os males que faziam pelo mar Oceano e da Alemanha dificilmente se podia resistir; do que dão testemunho Saxo Gramático, antigo escritor e Iohannes Mágnus Góthus, arcebispo de Upsala, no reino da Suécia, homem com quem naquelas partes eu tive estreita amizade, e depois em Itália, de cuja vida e infortúnio trato na deploração que em língua latina compus, da gente e da província Lapiana. (**) Os quais escritores, ambos, nas crônicas que fizeram das coisas Aquilonares, (***) tratam assaz dêsses corsários, e o mor argumento que se desta opinião pode ter, é que tôdas estas nações costumavam fazer entalhar e esculpir todos os seus feitos, acontecimentos e façanhas, em rochas de pedra viva, para mor lembrança e perpetuidade dos casos que lhes aconteciam; como naquelas províncias tôdas hoje em dia se vê e acham-se em muitas partes delas imagens e histórias, entalhadas, abertas, esculpidas e escritas em rochedos e outras pedras altas e de maravilhosa grandeza.

"E porque esta antiqualha desta ilha do Corvo é do toque das outras, se pode crer que alguns dêstes corsários viessem ter, desgarrados da fortuna do mar, a estas ilhas e,

(*) Estrabão.

(**) Lapiania relativo à Lapônia.

(***) Aquilonar setentrional.

por as acharem desertas e desabitadas, quisessem nelas deixar de si aquela memória; o que se poderia fàcilmente tirar a limpo, se à ilha fôsse ter alguma pessoa, ou a mandassem, que soubesse a linguagem daquelas terras; o que se faria com pouca dificuldade, se os príncipes e senhores que possuem as províncias fôssem tão curiosos de saber, como o são de haver, e lograr os bens e rendas que delas resultam." Até aqui o ilustre clássico português.

Confesso que não posso adotar a opinião expressa por Damião de Góis acerca da origem daquela estátua, porque êsses ousados corsários não tinham o costume de erigir estátuas. Por outro lado, levando em conta que a passagem dos Normandos pelos Açores não podia ter tido lugar senão entre os séculos IX e XII, isto é, no máximo 600 anos antes do reinado do rei Manuel, é inverossímil que uma inscrição gravada na rocha tenha sido apagada em tão curto espaço de tempo. Acredito antes, serem a estátua e as inscrições de origem fenícia, a menos que Le Cour tenha razão em atribuir-lhes, como o faz, uma origem atlanteana.

Quando pela primeira vez os europeus desembaracaram nas ilhas Canárias, acharam-se em presença de estranhos indígenas que se intitulavam Guanches, palavra que significa: homens. Êsses guanches admiraram-se muito de ver gente branca, pois acreditavam fôssem os únicos sobreviventes humanos que tinham podido escapar à terrível catástrofe que, milênios antes, destrúira a humanidade inteira. Tratava-se duma pavorosa inundação que invadira todo o país e da qual só alguns dos seus antepassados se tinham podido salvar refugiando-se no cume das montanhas, cuja parte superior, que hoje constitui o arquipélago das Canárias, ultrapassara o nível da mais alta enchente. Podia-se claramente distinguir nesses misteriosos aborígines, dois tipos distintos: um decididamente branco, de porte elevado; o outro de altura um pouco abaixo da normal e de pele acentuadamente mais morena. Os guanches eram imberbes e usavam os cabelos compridos, como os índios. Seus costumes apresentavam uma estranha mistura de civilização e de meia-barbárie; ignoravam por exemplo a utilidade dos metais e dos tecidos, serviam-se ùnicamente de ferramentas de pedra, mas, em compensação, conheciam a escrita, um pouco de astronomia, eram sensíveis à poesia, gozavam duma legislação já muito adiantada e a sua religião tinha ritos complicados. Possuíam uma instituição análoga às vestais romanas e as mulheres eram alvo de grande consideração. As narrativas dos cronistas da descoberta nô-los

pintam como uma raça jovial, afável e hospitaleira, adorando a música e a dança. O alfabeto dos guanches, que chegou até nós, assemelha-se aos alfabetos das línguas semíticas (fenício, cartaginês e hebraico); mas na ilha foram descobertas recentemente inscrições em caracteres desconhecidos. Em pouco tempo os guanches se extinguiram ou foram absorvidos pelos europeus. Mas os primeiros missionários chegados às Canárias tiveram tempo de organizar desde o século XV, um pequeno dicionário da língua guanche transcrita em letras latinas. Êste detalhe é de natureza a dificultar as buscas filológicas, no entanto puderam os lingüistas estabelecer certas conexões entre o Guanche e os dialetos falados pelos Tuaregues e pelos Berberes, e mais especialmente pelos Senadjas que vivem em Hogar. Encontram-se também nêle vestígios da influência árabe. Esta última particularidade explica-se pelas relações que existiram por muito tempo entre os guanches e os árabes, os quais, segundo o xerife El-Edrissi, tinham precedido os europeus nas ilhas Canárias. Contudo é bastante estranho que a população do arquipélago tenha esquecido êsses viajantes, a ponto de mostrar assombro ao ver os portuguêses pela primeira vez. Quanto às analogias existentes entre os idiomas berbere e tuaregue e a dos guanches, podem ser explicadas pela comum origem das três tribos. A origem dos berberes, é, como se sabe, ainda desconhecida; alguns sábios os classificam, assim como os líbios (a gente de Lebu, dos antigos egípcios) entre as raças brancas. Na realidade não foram os europeus os primeiros a descobrir as ilhas Canárias, que já há milhares de anos eram visitadas e que por sua riqueza, fertilidade e a doçura do clima foram apelidadas as "Ilhas Afortunadas". O rei da Mauritânia, Jubá II, o qual vivia no século I° da nossa era, deixou-nos delas uma descrição gabando-lhes a prosperidade e a numerosa população. A atual ilha de Tenerife, com suas ricas plantações de tamareiras, era, denominada outrora "Junônia" em honra à deusa Juno cujo culto lá era muito celebrado, mas é provável que sob êsse nome, os escritores queriam designar, não a espôsa de Júpiter, mas a deusa fenícia Tánit, protetora das tamareiras. De fato, na língua berbere, as palavras "oásis de tamareiras", significam "tchinit", o que lembra o nome da deusa Tánit.

Os arqueólogos encontraram nas Canárias numerosos restos antigos. Na grande ilha, por exemplo, foram achados vestígios de um alojamento de homens das cavernas, instalado em vários andares de grutas superpostas e ao qual

dão os indígenas o nome de "Atalaia". Um escritor francês, Luc Durtain, tendo visitado a Atalaia durante uma viagem às Canárias, conta que ainda hoje se manufaturam nas ilhas vasos de barro semelhantes aos vasos indianos da América pré-colombiana. Pensa Luc Durtain que os habitantes da Atalaia conservaram dos antigos Guanches a forma dêsses vasos e o estilo dos desenhos que os ornam. Recentemente foram descobertas perto de S. Miguel, na ilha de Tenerife, sessenta múmias, numerosos objetos de cerâmica antiga e peles de leão, o que causou grande perplexidade aos sábios, pois que nunca existiram leões no país, de forma que só é possível explicar a presença ali daquelas peles pelas relações comerciais com os árabes. Os guanches mumificavam os cadáveres, cobrindo-os de resina, exatamente como os egípcios e como êsse misterioso povo cujas sepulturas o conde Prorok acaba de descobrir em pleno Saara. Os guanches tatuavam os corpos por meio duma espécie de sinetes de argila. Ora, sinetes parecidos foram achados nos arraiais neolíticos descobertos em Trace, na Ligúria e nas Apúlias. Tive pessoalmente ocasião de apreciar em Quito, capital do Equador, uma rica coleção de carimbos pré-históricos em esteatita (*) com várias gravuras. Foram achados por seu atual proprietário, Sr. Ernesto Franco, na província de Esmeralda, numa profundidade de mais de dez metros, o que permitiria na opinião dos geólogos datá-los de 20.000 anos, mais ou menos. Em sepulturas antiqüíssimas, foram descobertos nas Canárias, crânios que certas particularidades permitem, segundo o professor B. Kubart, aproximar à raça da Crô-Magnon. Lembremos a propósito que conforme a opinião de Lewis Spence, a raça da Crô-Magnon foi a primeira vaga de emigrantes oriundos da Atlântida que chegou à Europa, há 25.000 anos. Encontram-se, de resto, ainda hoje entre os habitantes das Canárias característicos da raça da Crô-Magnon, o que se explica pelas fusões de raça que fizeram entre europeus e guanches.

Duas teses são admissíveis, quanto à origem dos guanches: a tese marroquina, se assim nos é facultado dizer, e a fenícia. Conforme os partidários da primeira, fundados em argumentos de suficiente valor, os guanches devem ser originários do sudoéste de Marrocos. E' assim que, segundo dizem autores árabes, os guanches comiam cães, costume que subsiste ainda entre os berberes e na Tunísia. Além

(*) Pedra mole, untuosa, semelhante à pedra-sabão. (Silicato hidr. de Mg). N. T.

disso, o nome das Canárias não se derivará do latim "canis" (cão)? Ainda mais: os idiomas falados pelos tuaregues de Hogar e a tribo dos Senadja parecem-se com os dos guanches. E' possível que êstes três povos se tenham vindo estabelecer na África, oriundos da mesma procedência. Eu acredito que êsse país de origem comum seja a Atlântida. Os guanches sobreviveram por se terem refugiado nos píncaros das montanhas; os dois outros grupos escaparam-se para a África.

A outra tese pretende que os guanches sejam descendentes dos fenícios, invocando as seguintes razões: o alfabeto usado pelos guanches se parece ao fenício e parte dos habitantes das Canárias têm a pele carregada como a dos fenícios. Chegam até a admitir que os fenícios transportaram para as Canárias, aos milhares, tanto cartagineses, como outros nativos da África setentrional, e ajuntam que o almirante Hanon tinha fundado um estabelecimento, na costa d'África, na altura das Canárias, 400 anos a. de C. Êstes fatos bstam para esclarecer a existência de relações entre os mencionados povos, mas não para evidenciar a origem dos guanches. Eu presumo que os fenícios e guanches tiveram antepassados comuns, que foram os atlantes; como o fazem supor vários indícios, especialmente inscrições fenícias encontradas em 1868 nos arredores de Las Palmas, e ao mesmo tempo as seis altas colunas de pedra, que há milhares de anos serviam para balizar a entrada do pôrto. E' evidente que Las Palmas deve ter sido uma escala muito freqüentada pelos fenícios.

Nos arredores do Rio de Janeiro, eleva-se entre montanhas, um arrabalde encantador chamado Gávea. Um dos picos que o cercam, muito abrupto e difícil de atingir, serve para treino aos montanhistas e os excursionistas freqüentam essa paragem, atraídos não só pelo encanto do sítio, como também por uma antiquíssima inscrição cuneiforme, descoberta em 1836, no pico da montanha, a uma altitude de 840 metros. Cada um dos caracteres desta inscrição mede três metros, e é por isto visível a grande distância. Os píncaros próximos, apresentam também um conjunto de particularidade notável. Quando se observa esta serra do norte para o sul, ela apresenta em conjunto a forma de um enorme corpo humano, com o perfil do rosto claramente recortado sôbre o horizonte. Porém é quase impossível aproximar-se da inscrição; seria necessário subir por meio de cordagens, porque a última rocha acessível aos

escaladores fica separada do cume por um paredão natural, vertical e liso, sem saliência alguma para ponto de apoio e é difícil imaginar como o escultor que escavou os caracteres pôde alcançar o ponto de inscrição e ali trabalhar. É-se levado a admitir que a rocha era até certo tempo revestida de terra e mato, que foram posteriormente destruídos pela ação do tempo e das chuvas. O extremo apresenta mais uma particularidade digna de nota, que é uma cabeça de homem com feições orientais e com queixo comprido e barba em ponta, talvez a figura do famoso gigante Atlas. Mas já está tão deteriorada pela ação do tempo, que muitas pessoas não reconhecem à primeira vista, o perfil humano.

No Brasil foram consagrados numerosos estudos a essa inscrição, mas o sábio que a estudou mais a fundo é o arqueólogo sr. Silva Ramos, que dela trata extensamente na obra na qual se ocupa das inscrições pré-históricas existentes no país. Das suas investigações resulta que a inscrição compõe-se de caracteres fenícios cuneiformes, cujo texto deve ser reconstituído como segue:

"Badezir de Tiro, na Fenícia, o primeiro dos filhos de Jetbaal". Ora, Badezir reinou na Fenícia de 855 a 850 a. de C., como seu pai reinara de 887 a 856. Pode-se daí concluir que a inscrição da Gávea deve ter sido gravada entre os anos de 887 e 850 a. de C., e prova à evidência que os fenícios já antes da era cristã tinham estendido suas expedições à América do Sul. Esta inscrição deve ter tido o intuito de imortalizar a glória do nome fenício e proclamar a origem atlânteana da nação. Assinalemos ainda que o professor Schwennhagen descobriu em Niterói e em Campos, Estado do Rio de Janeiro, assim como na Tijuca (nos arredores do Rio), galerias subterrâneas, de origem fenícia, que provàvelmente eram destinadas a depósitos de mercadorias.

Durante muito tempo a inscrição foi considerada um petróglifo, que teria sido gravado por alguma tribo pré-histórica do Brasil. Julgavam-na alguns, um acidente natural; outros chegavam até a crer ingênuamente que fôsse obra dum mistificador. No decorrer, porém, dêstes últimos anos, foram notadas no Brasil cêrca de 2.000 inscrições pré-históricas, em caracteres até agora desconhecidos com reminiscências dos alfabetos ibérico, cariano, etrusco, cretense etc.

Está, pois, hoje provado que o Antigo e o Novo Mundo entretinham relações desde os tempos pré-históricos. Não há muito tempo ainda, os meios científicos teriam acolhido com zombeteiro sorriso uma tal afirmação, e se se tivesse aludido a uma descoberta em plena floresta brasi-

leira, de inscrições fenícias, teriam declarado tratar-se dum embuste. Aaconteceu com a inscrição da Gávea, o mesmo que com outras descobertas da mesma espécie. Lembramos ùnicamente as polêmicas desencadeadas quando da descoberta, na Pérsia, das primeiras inscrições cuneiformes. Em princípios do século XIX encontravam-se ainda sábios dispostos a sustentar que se tratava apenas de fantasias arquiteturais, de ornamentações mais ou menos bizarras e os orientalistas estavam em 1840 ainda, convencidos de que Nabucodonosor não era senão uma figura de lenda. Foi preciso, para que a assiriologia se pudesse fundar sôbre bases sólidas, que a descoberta da inscrição de Registun, na Pérsia, que é escrita em três linhas paralelas em três diferentes alfabetos, tivesse oferecido os meios de decifrar os textos cuneiformes.

Viajando pelo norte do Brasil há uns quinze anos, tive ocasião de encontrar na Bahia um engenheiro francês, residente no país havia cinqüenta anos. Êste engenheiro, o sr. A. Frot, passou a mocidade percorrendo a selva brasileira em busca de minas de ouro. Tendo porém, um dia descoberto vários petróglifos, apaixonou-se desde então pela pré-história e pela arqueologia americanas e consagrou-se inteiramente a estas ciências. Tal é o encanto que exerce o passado sôbre todos aquêles que uma vez se aproximam dêsse gênero de estudos! Embora não sendo pròpriamente arqueólogo profissional, o sr. Frot realizou em plena floresta virgem, descobertas que suscitaram o mais vivo interêsse entre os americanistas. Êle divulgou uma série de inscrições em diversas línguas, as quais demonstram que, não sòmente os fenícios, como também os antepassados dos egípcios possuíam estabelecimentos na América, e mesmo conseguiu provar que os pré-egípcios eram de origem americana. Mostrou-me, além disso, as fotografias que tirou de várias centenas de petróglifos brasileiros, cujas inscrições, decifradas, nos revelaram seus segredos. Digamos logo que são quase tôdas descrições de itinerários que levam dos portos do Brasil às minas de ouro do "hinterland", o que prova suficientemente que os fenícios e cartagineses exploraram as jazidas auríferas do Brasil. Essas inscrições são redigidas em estilo conciso. Eis um exemplo: "partindo daqui seguir êste rio durante quatro dias; quando atingirdes uma colina coroada por seis palmeiras encontrareis novas instruções sôbre uma rocha". Ao longo dos caminhos encontram-se muitas inscrições similares, graças às quais o forasteiro podia orientar-se para alcançar as minas

de ouro situadas em plena floresta. Tendo tido durante vários anos, o prazer de corresponder-me com o sr. Frot, fui uma vez avisado de que tinha êle encontrado vestígios de agências fenícias nos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, de onde partiam os garimpeiros, dos quais alguns chegaram mesmo até Goiás. Percorrendo em 1926 êste estado que é tão vasto e ainda pouco explorado, alcançou Frot o têrmo da estrada que desde tanto tempo palmilhava. Infelizmente as minas pròpriamente estão situadas em plena floresta virgem e em localidades quase inacessíveis.

Recebi mais tarde, do sr. Frot, uma carta muito interessante que assim se pode resumir: "Os fenícios serviam-se, para gravar suas inscrições sul-americanas, dos mesmos métodos que os antigos egípcios usavam nos primeiros tempos para a sua escrita hieroglífica. Êstes métodos eram empregados pelos astecas, como também pelos povos desconhecidos aos quais se atribuem os petróglifos da bacia do Amazonas. O resultado das minhas investigações é tão surpreendente que eu hesito em publicá-lo. Para dar-lhe uma idéia, basta dizer que tenho em mãos a prova da origem dos egípcios: os antepassados dêsse povo saíram da América do Sul. Êles tinham criado três poderosos impérios dos quais dois no continente que acabo de citar e um no Antigo Continente. Êste englobava o noroeste da África, a península Ibérica e as ilhas vizinhas. Os pré-egípcios tinham partido de 57° 42', 45" de longitude oeste de Greenwich (Frot não indicava a latitude): o fato está mencionado em um antigo documento tolteca que possuo e o qual contém ao mesmo tempo uma história resumida dos pré-egípcios. Ainda mais, descobri na Amazônia uma inscrição que narra a viagem efetuada na terra que hoje é a Bolívia, por um certo sacerdote pré-egípcio". A inscrição à qual alude êste trecho da interessante carta de Frot, é sem dúvida a que foi descoberta na bacia do rio Madeira. Êste acontecimento produziu sensação naquele tempo na imprensa brasileira. A decifração do texto prova que em época remota um grupo de pré-egípcios foi ter às minas de prata da Bolívia.

Acho explicáveis as hesitações de Frot em publicar o resultado de suas pesquisas, pelo temor que experimentam seguidamente os inovadores de afrontar o espírito conservador, estreito e inerte dos representantes da ciência oficial e das associações de sábios, dos quais alguns se recusam obstinadamente a reunciar à sua rotina espirtual. Realmente, a aceitar como concludentes as descobertas de Frot,

muitos sistemas históricos — notadamente tôdas as teorias relativas à pré-história e mais particularmente à pré-história dos povos do Mediterrâneo — teriam de ser modificadas radicalmente. De regresso ao Brasil em 1934, procurei encontrar-me de novo com Frot, mas um de seus amigos, disse-me andar êle em excursão por regiões até então inexploradas de Mato Grosso, onde já descobrira diversos monumentos muito antigos, e mais não me pôde adiantar. Pouco depois deixava eu o Brasil e desde então não tive mais notícias dêsse pertinaz pesquisador.

O arqueólogo cujo nome já citei, sr. B. A. da Silva Ramos, e de cuja obra "Inscrições e tradições da América pré-histórica" colhi as informações seguintes, fala correntemente vários dialetos indígenas, o que lhe permitiu obter em plena selva mais de 1.500 fotografias de petróglifos brasileiros. A esta tão bela coleção veio juntar-se uma centena de fotografias tiradas por Frot, que lhe enviara cunjuntamente a chave para a leitura de algumas dessas inscrições. Devo ainda mencionar as descobertas realizadas na grande ilha de Marajó, a qual maior que a Suíça, situada no estuário do majestoso Amazonas, divide em dois o curso dêsse rio. Encontram-se ali ruínas ciclópicas de construção pré-histórica e sob as quais vastas salas subterrâneas e galerias cujas muralhas fazem pensar nas ruínas etruscas. As cerâmicas encontradas nessa ilha amazônica têm às vêzes inscrições, desenhos e ornamentos que lembram igualmente os objetos similares achados na Etrúria.

Segundo o professor L. Schwennhagen (ver sua História Antiga do Brasil, 1928, p. I), foram os petróglifos brasileiros gravados com ferramentas metálicas e os sulcos cheios com uma matéria vermelha muito resistente. O químico José Fábio tendo analisado uma pequena quantidade dessa matéria concluiu que era composta de um óxido ferroso, misturado com resina. E' de admirar que êste material tenha resistido durante milhares de anos à ação destruidora das intempéries e ao ardor do sol. O professor Schwennhagen afirma que essas inscrições são, na sua maioria, textos fenícios e egípcios, sendo êstes escritos em caracteres demóticos. (*) A ocorrência de algumas inscrições sumerianas entre aquêles, indica que entre os viajantes fenícios que estiveram no Brasil, devia haver alguns intelectuais, porque só êstes, na Fenícia, manejavam o idioma sumeriano. Na

(*) Escrita egípcia cursiva popular. N. T.

minha opinião as poucas inscrições latinas encontradas no Brasil, são obra de cartagineses, mas de uma data relativamente recente, quando a cultura latina já penetrara na África setentrional.

Na embocadura do rio Parnaíba, no Estado de Piauí, foram descobertos curiosos vestígios da presença dos fenícios. São grandes esferas de pedras postas sôbre grandes rochedos, ao longo do rio. E' possível que fôssem sinais destinados a orientar os navegantes. Pode ser que existisse uma esfera semelhante na entrada do estreito de Gibraltar e talvez tivesse nascido daí a lenda de Atlas suportando o mundo sôbre as poderosas espáduas. Muitos pensadores tinham desde os tempos da antiguidade a noção da esfericidade da terra, que não era ignorada pelos construtores da grande pirâmide do Egito, e é provável que não fôsse desconhecida dos fenícios, herdeiros da civilização dos atlantes.

Encontram-se também interessantes memórias dos fenícios em uma das ilhas costeiras do Estado da Paraíba, sobretudo as ruínas de uma antiga fortaleza, decerto destinada a defender um estabelecimento fenício. Apesar destas ruínas cobrirem um espaço imenso, constituem os remanescentes de um único edifício, em verdade enorme, que deve ter sido composto de grandes salas, largos corredores e numerosas galerias. As muralhas tem perto de 25 metros de altura; a maior das salas mede 150 metros de comprimento, por 45 de largura. Em uma delas, acharam-se os destroços de uma estátua gigantesca, que devia representar Baal, que os índios chamam Sumé, o que em idioma tupi significa "grande feiticeiro, grande sacerdote etc.". Estas ruínas têm o nome de Sete Cidades, o qual se liga a uma antiquíssima tradição. As cartas da Idade Média acusavam a existência, para além dos oceanos, de um misterioso país, denominado "Sete Cidades". Alguns geógrafos localizavam-no nas Ilhas Afortunadas, isto é, nas Canárias. Mas descobertas estas, e não sendo lá encontrado o Estado das Sete Cidades, mareantes e sábios concordaram em colocá-lo mais para o sul, e foi desde então que se inscreveu nos mapas da Idade Média Insula Septem Civitati (ilha das Sete Cidades) situada em latitude mais baixa que a de Recife atual, isto é, numa parte ainda não explorada do Oceano. Mais tarde quando os portugueses descobriram o Brasil, e depois em uma ilha das costas da Paraíba as colossais ruínas da fortaleza fenícia, julgaram estar em presença da misteriosa ilha acima referida e lhe deram o mesmo nome, até hoje conservado.

Algumas pessoas manifestaram a opinião de que estas ruínas não eram mais que a conseqüência da erosão produzida lentamente pelo tempo sôbre as rochas da ilha, mas é fato que se encontra um plano de conjunto, assim como os restos da estátua, o que prova perfeitamente que, neste caso, não se trata de uma fantasia da natureza. Porém ainda há mais: como se explicaria então que um só maciço de rochas tenha sido esculpido dessa maneira pela erosão, que deixou intactos os rochedos próximos?

CAPÍTULO VII

Os cárias. A lenda de Car. O culto de Pã e de Cibele. As expedições dos cárias. O que resta na América. O culto de Tupã. A origem dos tupis e dos guaranis. Algumas palavras de lingüística. Os Jônios, os Cárias e os Troianos. A pré-história dos guaranis. A descoberta do dr. Colman. Hieróglifos egípcios na América do Sul.

Há milhares de anos, quando se deu a invasão da Europa pelas hordas vindas da Ásia, que avançavam para Oeste, as Ciclades e o litoral próximo à Ásia Menor, viram aproximar-se uma nação ignota, que o historiador Tucídides chama "Cária" a cujo respeito sabemos apenas que criaram uma civilização muito adiantada. Veremos adiante que essa civilização tinha íntimas ligações, não só com a cultura fenícia, como também com as de Creta, de Chipre e mesmo com as dos Sumero-Babilônios.

Pensam alguns historiadores que os cárias não deixavam de ter relações com os pelasgos que, como êstes, não eram de origem ária. O fato de os próprios fenícios se intitularem "o povo de Caru", leva a crer que êles também se relacionavam, de uma forma ou outra, aos cárias de Tucídides, tanto mais que tinham muitos pontos de contato entre si. Sendo os fenícios semitas, talvez fôssem os cárias outro ramo dessa raça.

Velhas tradições relatam que milhares de anos antes da nossa era, os cárias constituíam um estado, governado por um mago caldeu, cujo nome cercado de mistério, não chegou até nós. Sabemos apenas que seu nome se compunha de três palavras tabus, cujas iniciais eram C. A. R. O têrmo CAR formado das três letras foi empregado para designar o rei-mago e o seu povo, cujas tribos acabaram por adotar o nome de Cários. A origem caldéia de Car faz supor uma certa participação da Suméria na formação do estado Cário; circunstância que nos leva a admitir, em todo o caso, a in-

fluência cultural dos sumérios nesse sítio especial do Oriente próximo. Car foi o primeiro legislador do seu povo, entre o qual introduziu o monoteísmo, e fundou a cidade de Halicarnasso (Hali-Car-Nassos, isto é, o Jardim Sagrado de Car). Durante o seu reinado foi o império dividido em duas partes: Cária com a capital Halicarnasso, e Cara que é a Cilícia atual, de certo um estado vassalo. Houve uma época em que a Fenícia (país dos Carus) fazia também parte do império, estando os três estados: Cária, Cara e Caru agrupados sob a mesma autoridade.

Diodoro considera o govêrno de Car como a verdadeira idade de ouro na história da humanidade. Os cárias sob o impulso do mago caldeu, fizeram numerosas invenções e descobertas e seus navios sulcavam todos os mares então conhecidos. As lendas referentes à feliz Arcádia talvez não sejam mais que uma recordação vaga e longínqua da prosperidade dos Cárias pré-históricos; e o nome Arcádia seria então uma deformação de "Car-Cádia ou Car-Ádia".

Car, como homem de estado notável, celebrou alianças com vários países da Ásia Menor e tratados de comércio com Hobros (Chipre), Creta, a Sicília e Sardenha. A mais célebre dessas alianças foi a "União Cariana" (Cária, Tróia, a Jônia, a Fenícia e Creta) contra o inimigo comum, a Acaia, mas esta só foi certamente concluída séculos depois da morte de Car, por ocasião da guerra de Tróia.

A ação civilizadora de Car consistia na difusão de métodos aperfeiçoados de cultura, comércio etc. Car enviou para todos os lados missionários e "cariátides" isto é, sacerdotisas incumbidas de ensinar às mulheres a arte da tecelagem. A hegemonia econômica dos Cárias sôbre os povos pré-históricos do Mediterrâneo, justificava-se pela sua superioridade cultural, conseqüente, à legendária atividade de Car. E' digno de nota que êste sacerdote enigmático, ditador, fundador de religião e reformador social, apareceu nas plagas do Mediterrâneo, quase simultâneamente com outros "leaders" do mesmo gênero, tais como Zoroastro na Pérsia e Manu em Babilônia, e só precedeu Moisés de alguns séculos. Temos motivos para crer que os Cárias eram um povo muito empreendedor e que o seu tráfico comercial os conduzisse para muito além do Mediterrâneo; suposição que se justifica pelo grande número de têrmos, geográficos e outros, que contêm a sílaba "car"; alguns dos quais se conservam ainda: entre outros. Carnac no Egito e Carnac na França (Bretanha), o cabo e o monte Carmelo, a Caramânia (parte da Síria antiga), a cidade Carpasso (Chipre), a

ilha de Cárpatos (no Arquipélago), a Carníola, a Caríntia, os montes Cárpatos etc. etc. A cidade cariana de Carpasso (Chipre) construiu em tempos remotos uma espécie de navios de considerável arqueação, capazes de transportar até oitocentos passageiros e enormes cargas. Êstes navios tinham o nome de "carpássios", vocábulo que, passando no correr dos tempos por diversas transformações, chegou à nós, tanto em russo, como em outros idiomas contemporâneos, sob as diversas formas de carbas, barcas, barque, barca, barco, embarcação, e outras, que no fundo significam "batel grande". A palavra portuguesa e espanhola caravela, e as russas corabel e corabl, talvez sejam simples corrupções de "carpássios". Pode mesmo ser que o nome de Cartim (no Sudão Britânico), como o de Creta, e bem assim a palavra "caravana", derivem do nome do landário mago, pelo fato de ter o mesmo enviado seus emissários e fundado estabelecimentos, por tôda a parte. Assim, por exemplo, pode-se interpretar o nome de Cartum como o "feito de Car"; porque se nota pela terminação tum, que significa obra ou realização, correspondente ao verbo arcaico alemão thun ou tun (fazer), de que a língua alemã conserva em uma série de têrmos por êle terminados, como: Reichtum (riqueza), Irrtum (êrro) etc., que todos contêm a idéia de alguma coisa de feito, realizado.

O prefixo Car perdeu a sua primitiva significação em muitos vocábulos, passando a exprimir ùnicamente "sagrado." Carnac, por exemplo, equivale a cidade sagrada, sabendo-se que ambas as cidades com êsse nome, a do Egito, como a da França, já foram centros de culto, existindo nesta, que foi cidade dos druidas, oitenta menirs. Outro nome com caráter sagrado, na antiga Gália, era Carnutum, que exprimia uma frase inteira cariana, a saber: "aí foram explicadas por Car as leis sagradas." Na linguagem dos Galas da Abissínia, o têrmo cara designa a via sacra.

A autoridade ativa de Car causou profunda impressão sôbre o seu povo, o qual posteriormente divinizou o seu legislador. A sua atividade econômica trouxe também grandes vantagens para a vizinha Fenícia, cuja população reconhecida o venerava no seu panteão, sob o nome de Mel-Car, ou Melcarte, o deus do comércio. O culto de Melcarte passou mais tarde a próxima Grécia e daí para Roma, nas quais Melcarte tornou-se em Hermes e Mercúrio, respectivamente. Mas, como os gregos não podiam infelizmente, conceber o comércio honestamente, Hermes ou Mercúrio tornaram-se igualmente os protetores dos patifes e ladrões.

O Senhor do Universo, cujo culto foi instituído por Car, não tinha nome, a não ser a palavra cabalística Pan, as três iniciais dos três vocábulos que formavam o apelido do Ser Supremo. Mais tarde, Pan veio ocupar na mitologia o lugar de deus de tôda a natureza perceptível, inspirador de sua fôrça criadora. Pan manteve-se no mundo romano até que foi suplantado pelo culto do grande Galileu. Foi então que se pronunciou a memorável sentença: "O grande Pan morreu." Segundo a tradição cristã, ela foi ouvida a primeira vez pela tripulação e passageiros de um navio que conduzia São Paulo à Itália. Ao passarem junto a uma ilhota, as lamentações de um grande número de vozes e uma forte exclamação que dizia: "Morreu o deus Pan", vieram ferir os seus ouvidos. Êste Pan era também às vêzes chamado Tu — Pan, o que segundo Varnhagen quer dizer: o divino Pan, nos idiomas pelasgo, fenício e cariano. Mas o prefixo — Tu — tem igualmente o sentido de: piedoso sacrifício. Pan é em geral representado por um fauno de barbicha no queixo, chifres e cascos de bode. Durante os primeiros séculos da era cristã, o clero combateu por todos os meios esta divindade e atribuíram os seus caraterísticos ao demônio, a fim de pôr as populações de sobreaviso contra êste deus cariano, de existência tão persistente. E' por isto que até os dias atuais a barbicha e chifres de bode e os cascos fazem parte da concepção popular do demônio.

A deusa Cibele, foi igualmente mãe de Pan e, posteriormente, também de Car, foi igualmente denominida Tu-Pana ou Tu-Qera. Essa concepção religiosa da origem do mundo e das coisas, foi talvez sòmente um desenvolvimento do velho mito sumeriano de Íxtar. Ela foi incarnada na Fenícia por Astarté ou Astarot, na Pérsia por Anait ou Anaítis e mais tarde, entre os gregos e romanos, por Caeres ou Ceres. Várias tradições que correm entre os Brâmanes da Índia a respeito da origem dos ciganos, contam que o culto de Astarot foi propagado na Fenícia por essa raça misteriosa, possìvelmente de origem atlante. O culto da Grande Mãe Cibele foi um dos principais elementos da civilização Creto-Minoana, e sem dúvida alguma, a Ísis dos egípcios, assim como a deusa hitita (*) da fertilidade, tinham estreitos laços com êsse antiqüíssimo mito.

(*) Os Hititas constituíam um povo da antiguidade, anterior aos fenícios, que fundou um poderoso império na Ásia Menor. N. T.

Cibele era geralmente representada por uma figura de mãe, levando ao colo uma criancinha, ou mesmo às vêzes só, envolta num longo manto e uma alta tiara sôbre a cabeça. Além disso, às vêzes com um grande véu sagrado, semelhante ao da deusa cartaginesa Tanit, destinado a encobrir-lhe o rosto, aos olhares do vulgo. Cibele era também invocada sob os nomes de Carmona, Caermona e Caerimona. A palavra "cerimônia" deriva dêste último nome, porque os ritos peculiares ao culto de mãe de Car ou de Pã, eram chamados cerimônia. A ordem das vestais, ou servas da deusa Vesta, foi sem dúvida imitada das cariátides, devotadas ao serviço de Cária, filha do divino Car.

Com o correr dos tempos, Cibele cessou de personificar a fertilidade e o amor materno. Quanto a Astarté, foi aos poucos se tornando em Afrodite, depois Vênus, a deusa do amor sensual.

Lemos em Diodoro que a primeira das expedições carianas para além de Gibraltar teve lugar mais ou menos 3.500 anos a. Jesus Cristo. A seguir os fenícios, assim como os cartagineses, aventuraram-se igualmente no oceano Atlântico. As obras de Diodoro não fornecem indicação alguma quanto ao resultado dessas expedições carianas, mas atualmente, graças às buscas efetuadas na América, começam a aparecer dados sôbre esta matéria. E' hoje evidente que as viagens comerciais dos cárias conduziram à colonização de algumas das Antilhas e do litoral stentrional da América do Sul. Talvez mesmo fôssem os cários de origem americana e as suas incursões além de Gibraltar não passassem de simples visitas à mãe pátria. Estas conclusões imprevistas fundam-se nas descobertas arqueológicas. Os trabalhos do professor L. Schwennhagen, de E. O. de Thoron e de Varnhagen reviveram êste assunto. Recomendo sobretudo ao leitor o artigo "Antiguidade da navegação do Oceano" (vol. IV de "Annais da cidade de Pará", 1905) e a "Antiga História do Brasil" do professor L. Schwennhagen. O livro de Cândido Costa, "As Duas Américas", oferece igualmente nesse sentido, um grande interêsse.

E. O. de Thoron afirma ter descoberto as provas da permanência dos cárias, no longínquo Equador. Pela decifração de numerosos petróglifos pôde-se constatar que uma dinastia Cária dominou outrora em Quito, que os cárias povoaram o litoral norte da América do Sul, sendo posteriormente assimilados pelas populações autóctones do Equador.

Um sábio colombiano, Miguel Triana, pretende mesmo que a tribo, muito civilizada, como é sabido, dos chibchas da Colômbia, descende dos caraíbas do mar das Antilhas, cuja origem o professor Schwennhagen faz, por sua vez, remontar aos cários. Sendo o Equador e a Colômbia estados limítrofes, é muito possível que a mesma vaga migratória tenha povoado de caraíbas ou cárias êstes dois países. Miguel Triana sustenta sua hipótese sôbre a origem dos chibchas, com a semelhança antropométrica existente entre os crânios dos antigos túmulos de Facatativa (Colômbia) e os dos caraíbas, e pelo estudo duma múmia muito interessante descoberta em Guatavita (Colômbia). Além disto, o elevado nível da civilização dos antigos chibchas (ver em capítulo anterior a lenda relativa a Bochica) permite supor que estavam sob a influência cariana; em todo o caso, tudo o que sabemos dos conhecimentos astronômicos dos chibchas parece confirmar essa hipótese.

E' notável encontrar-se por tôda a América Central e do Sul, têrmos etnográficos ou geográficos com o prefixo "Car". O mar que banha ao norte as plagas do continente sul americano tem o nome de Caraíba, e suas ilhas eram habitadas ao tempo de Colombo pelos caraíbas, os quais ainda agora, povoam com os "caras" a república de Honduras. As tribos Carilho, Caripuna, Cariú, Caraia, Caraúna, estão espalhadas pelo centro e o sul da América. A cidade mais velha de Venezuela, sua capital atual, tem o nome de Caracas, e uma série de localidades do Brasil setentrional possui em suas denominações o prefixo "Car": Cará, Carará, Caru, Cari, Cariri, Caraí, Caraíba, Cário, Cariboca, Carioca, Cara-Tapera, Cariaco, Carova, Caricari, Cararaporis, Acaraí. São infinitos os exemplos. Em várias regiões dêsse continente vivem os índios guaranis, cujo nome, segundo o professor L. Schwennhagen, deriva da palavra pelasga garra (guerra), a qual seria igualmente a origem das palavras correspondentes em francês (guerre) e em espanhol (guerra). L. Schwennhagen acredita que os guaranis descendem dos cário-fenícios, os quais se denominavam a si mesmos de "povos guerreiros". Gustavo Barroso julga, ao contrário, que o vocábulo "guarani" é uma deformação de carani, que igualmente possui a famosa sílaba "Car".

E' também digno de interêsse o seguinte: Tôdas as tribos indígenas cujo nome contêm o prefixo "Car" denominam os homens brancos "Cara", embora a palavra tupi geralmente adotada para designar a côr branca seja "tinga" que conforme pensa o professor Schwennhagen, pertence também aos idiomas cária e pelasgo. Outro fato notável, segundo Diodoro da Sicília, é que os cárias usavam ornamentos feitos de penas nas cabeças e cinturas, e sabemos que tôdas as tribos indígenas, do Alasca à Patagônia têm o hábito de arvorar êsses enfeites, sobretudo em tempo de guerra. Êste costume talvez indique a origem americana dos cárias, a menos que não tenham êstes tirado êsse costume dos índios durante as suas viagens na América.

A propósito da colonização das Antilhas pelos Caraíbas, afirma o professor Schwennhagen que êles as denominaram "Antilas" que é uma deformação de "Atlantilas", que significa "pequenas Atlântidas". Não me posso submeter à opinião do sábio brasileiro, pois que na palavra "Atlantilas" aparece claramente o sufixo latino "ila", enquanto que o idioma cariano pertence antes ao grupo semítico, muito diverso, por sua estrutura, do latim.

Persistem ainda até hoje entre os indígenas das Antilhas e das ilhas da América do Sul, vagas recordações a respeito da passada existência da Atlântida. Os habitantes das Antilhas por exemplo, afirmam que existia há milhares de anos uma ilha Caraíba" (o professor Schuvennhagen empresta à denominação "Caraíba", o sentido de "terra dos cárias"). Segundo esta tradição, sete tribus carianas vieram estabelecer-se nessa ilha após uma catástrofe terrificante; porém estas lendas de nenhum modo revelam o país originário das sete tribos. Estas populações se denominavam "Caris" mas os seus piagas mudaram êste nome para o de "Tupis", ordenando-lhes que usassem êste último que significa "os filhos de Tupã", o ser todo-poderoso que, conforme a crença dos tupis, governa o mundo. Não seria êste Tupã dos índios o Tu-Pan cário de que há pouco falamos?

Muitos séculos antes da era cristã, a ilha de Caraíba foi por sua vez tragada pelas águas; o folclore indígena faz igualmente menção desta segunda catástrofe. Os tupis sobreviventes emigraram para o continente sul-americano, e desembarcando no litoral da Venezuela fundaram a cidade de Caracas. Séculos depois, ousados marinheiros vindos dum país longínquo, situado para os lados do oeste, chegaram à Venezuela e pouco a pouco quase tôda a população tupi foi-se transportando para o Brasil: apenas alguns grupos de uma pequena tribo tupinambá ficaram em território venezuelano. Parece certo que os tu-pis tomaram pé na ilha de Marajó, no estuário do Amazonas. O nome desta ilha,

que se assemelha ligeiramente ao do Amazonas nas suas nascentes (Marañon), era articulado a princípio "Maraió" ou "Maraion", e mais tarde foi modificado pelos portuguêses que o transforamaram em "Marajó" muito mais em harmonia com a índole da sua língua. O historiador Varnhagen julga que as palavras "Mara Ion" em idioma cário significavam "um grande rio". Mas "Ion" soa quase como o nome dum certo pequeno Estado d'Ion do Arquipélago, (as ilhas Jônias), que pertenceu por algum tempo à União Cária. E' talvez mais possível a interpretação dum outro sábio, o professor Schwennhagen: segundo êste, os recém-chegados ao Brasil entendiam por "Grande Ion" (Mara Ion) o seu país de origem, isto é as ilhas Jônias. Caru-Taperu, nome duma localidade da ilha de Marajó, leva-nos de novo aos cárias. Há anos, foram ali descobertas ruínas pré-históricas ciclópicas que certos sábios consideram como etruscas, outros como carianas. O leitor recorda-se ainda, sem dúvida, de terem sido encontradas na ilha de Marajó, antigas cerâmicas que muito se aproximavam do estilo etrusco, assim como inscrições.

O que eram ao certo êstes misteriosos traficantes vindos do longínquo oriente, os quais, segundo a lenda tupi, introduziram a maioria da população no estuário do Amazonas? Podiam ser cárias ou fenícios, visto como ambas estas nações necessitavam de homens para o seu tráfico. A sua estima pelos tupis poderia ser explicada pela origem comum dos três povos: cárias, fenícios e tupis. As tribos dêstes que se recusaram a emigrar mais uma vez, continuaram em Venezuela. Varnhagen afirma que os tupis ainda conservam lendas a propósito das migrações sucessivas dos seus antepassados. Alguns grupos de tupis, tanto no Brasil, como em Venezuela, se intitulam vaidosamente tupinambás (os verdadeiros tupis). O folclore dos guaranis. também celebra Tupinambá, filha do profeta Rupava, avoenga dos guaranis.

A tribo chamada Tupinambá ainda conserva noções de astronomia, talvez recebidas dos seus remotos antepassados, os cárias. Se Tucídides chama o divino Car: Mago Caldeu, é evidente que o fundador do império Cariano tinha alguns conhecimentos astronômicos, já que os caldeus eram astrônomos e astrólogos notáveis. Um missionário do século XVII, o padre d'Abbeville publicou uma obra muito interessante sôbre os conhecimentos astronômicos dos Tupinambás, o qual suscitou críticas rigorosas por parte dos

sábios franceses daquele tempo. Os doutos eruditos da Sorbonne não podiam admitir que "uma tribo de índios selvagens pudesse ter quaisquer noções dessa ciência".

A religião dos tupis apareceu no norte do Brasil milhares de anos antes da nossa era, coincindindo provàvelmente com as primeiras expedições dos cárias ou fenícias a êsse país. A própria linguagem dos tupis é uma prova evidente de que existiu um laço estreito entre as civilizações do Velho e do Novo Mundo. Os seus pontos de contato com os idiomas cária e pelasgo foram estudados pelo professor Schwennhagen, que os reputa uma mistura de tupi e pelasgo. A tribo Tupi, conhecida sob o nome de Guegues, denomina o seu próprio dialeto "nheen gatu" (língua universal): isto faz supor que em uma certa época a língua tupi estava extremamente difundida e era talvez falada pelos cárias, pelasgos, atlantes, assim como por certos povos da América (prof. Schwennhagen, História do Brasil Antigo, 1.ª parte, 1923). Um estudo mais profundo da língua tupi faz supor a existência duma união entre as nações civilizadas acima mencionadas e a Suméria. O texto da lei, conservado no "British Museum", do rei sumeriano Urgana, contém numerosos têrmos tupis.

No Estado brasileiro de Piauí existem numerosos vestígios fenícios; foram ali descobertos especialmente a "pirâmide de Morvão", construção pré-histórica, sem dúvida uma espécie de necrópole construída pelos fenícios. E' no Piauí que vive a tribo dos guegues da qual há pouco falamos; a sua língua "nheengatu" ou "nheencatu" se parece muito com a da tribo albanesa dos guegues. E' surpreendente constatar que possa existir uma tal identidade entre duas tribos que, apesar de terem o mesmo nome, estão separadas por tão grande distância. Os guegues albaneses e brasileiros fazem parte, sem dúvida alguma, da mesma tribo. Em passadas eras, tribos albanesas emigraram para a América do Sul, ou então tribos brasileiras para a Albânia. Penso, porém, haver uma terceira solução mais plausível: é que todos os guegues sejam originários da Atlântida e que, acidentalmente, foram alguns dêles fixar-se no Brasil, outros na Albânia. O prof. Schwennhagen julga que o idioma dos guegues, como o dos tupis e dos báscos ou vascongados e mesmo as línguas semíticas derivam duma raiz pelasgo-cária. E' significativo intitularem-se os bascos até agora "euscaras" (Eus-Cara), palavra que de novo nos faz retrocedar aos cárias.

Algumas tribos sul-americanas conservam as tradições relativas ao seu país de origem: afirmam elas terem vindo os seus antepassados duma certa "terra de Caru", cujo nome é idêntico ao da antiga Fenícia. Ousaremos mesmo adiantar que a palavra "Caru" designou em remota antiguidade uma região de onde saíram, não sòmente os cárias e os fenícios, mas também certas tribos indígenas da América do Sul. Alguns arqueólogos emitem a tese de que os guaranis e os tupis descendem dos misteriosos iberos, ou que, em todo o caso, êstes três povos têm origem comum. Mais tarde, emigraram os iberos para a Espanha, enquanto que os dois outros grupos alcançavam as plagas da América do Sul. Se esta suposição se verificasse, poder-se-ia afirmar que a mãe-pátria comum dos fenícios, cários, pelasgos, guaranis, tupis e dos semitas em geral foi a Atlântida. Há na língua tupi palavras que soam como certos têrmos geográficos da Palestina, tais como por exemplo canaã, araméia e outros mais. O estado do Ceará, no Brasil, é situado no ângulo nordeste do continente, justamente defronte ao litoral ocidental do Saara africano e sendo, como êste, muito árido, está sujeito a freqüentes sêcas: ora, aí habitam os guaranis cujo dialeto encerra grande número de palavras que muito lembram a língua hebraica. A semelhança dos têrmos "Ceará" e "Saara", levando-se em conta a identidade das condições geográficas, e físicas, assim como as respectivas situações dos dois países, é verdadeiramente impressionante; vários sábios pensaram mesmo encontrar nisso uma prova a favor da hipótese de Wegener segundo a qual o Ceará e o Saara formavam outrora uma região única.

Muitos rios brasileiros, assim como as tribos indígenas ribeirinhas têm nomes com prefixo "Poti", por exemplo, Poti, Potiguara, Potijara etc.; no qual o professor Schwennhagen pretende reconhecer o têrmo pelasgo **poti** que significa ribeiro ou afluente, de onde os gregos tiram o vocábulo **pótamos** (rio). Acha o mesmo professor que quíchuas ou antis, vieram da Atlântida para instalar-se na América do Sul. O filólogo brasileiro E. O. de Thoron é de parecer que a língua quichua tem muita semelhança com o egípcio antigo, o grego e mesmo com o hindustani; coisa que êle pôde verificar após estudo muito demorado das numerosas analogias que existem entre os citados idiomas. Estas semelhanças entre o linguajar de gente que vive tão afastada entre si, é um forte apoio à tese da origem americana dos egípcios (veja-se o que acima ficou dito acêrca das descobertas de Frot). E. O. de Thoron é de opinião que os egípcios, bem como os pelasgos, eram procedentes da América e da Atlântida; e ainda afirma que determinou a origem das divindades gregas, assim como o seu sentido primitivo.

Era crença entre os pelasgos do Peloponeso e da ilha de Creta, que a sua religião e seus deuses lhes tinham sido transmitidos por uma raça misteriosa que habitava um continente muito afastado para o oeste. Êste continente só poderia ser a América ou a Atlântida. Temos razões para crer que o estabelecimento dos pelasgos no Peloponeso e em Creta, e o dos primeiros egípcios no vale Nilo, tiveram lugar na mesma época, e que esta invasão da bacia do Mediterrâneo pelos Américo-Atlantes, foi a terceira vaga imigratória vinda da Atlântida, a qual, segundo Lewis Spence, ocupou tôda a Europa ocidental. Devemos notar aqui a extraordinária analogia existente entre os vestuários e atributos sagrados dos sacerdotes do antigo Egito, e dos sacerdotes de certas tribos da América do Sul.

A palavra "oca", que em guarani significa choça ou rancho, parece-se com o têrmo grego **oika** que tem o mesmo sentido. Em guarani "cari" quer dizer homens brancos, e por conseqüência "Carioca" deve-se traduzir por "moradas dos brancos", o que demonstra terem sido as vizinhanças do Rio de Janeiro habitadas em certa época por imigrantes de raça branca, fenícios, como permite supor a inscrição fenícia encontrada na rocha da Gávea. Êstes misteriosos recém-chegados denominavam-se "Cari", e os guaranis adotaram provàvelmente êsse nome para designar os homens brancos em geral.

Há quatro mil anos, as ilhas Jônias do Arquipélago, eram habitadas pela tribo conhecida sob o nome de jônios, a qual constituía o pequeno Estado de Ion. As confusas tradições da antiguidade afirmam categòricamente a origem grega dos jônios, mas esta crença parece errônea. Os jônios eram aliados dos cários e dos troianos cujo Estado se denominava Ílion (Il-Ion) embora os troianos se intitulassem dárdanos. Quando terminou a Grande Guerra da Antiguidade, cantada por Homero, os dárdanos vencidos foram obrigados (como os outros membros da União cariana, cários e jônios), a acolher-se noutros países a fim de se abrigarem contra o furor dos Aqueus vencedores. Os audazes navegadores fenícios desempanharam provàvelmente uma ação muito importante na retirada dos povos vencidos;

transportaram em seus navios os numerosos refugiados de Ion e de Ílion, para diversos pontos da bacia do Mediterrâneo. Êstes refugiados povoaram assim as numerosas colônias fenícias onde trabalharam com reduzidos salários. Narra a lenda como Dido fundou Cartago, e como outros exilados criaram de forma análoga colônias na Espanha e no sul da França. Torna-se agora evidente que alguns emigrantes vindos do Arquipélago e da Ásia Menor se aventuraram para além das praias do Mediterrâneo, e que as trirremes (galeras com três ordens de remos) fenícias, trouxeram muitos dêles para a América. Assim se explicaria a aparição dos cários no litoral da América do Sul. Referimo-nos já às descobertas arqueológicas feitas na ilha de Marajó e à hipótese de Varnhagen.

Diodoro, descrevendo o salvamento dos troianos pelos seus velhos aliados, os fenícios, acrescenta que êsses refugiados davam seguidamente o nome de Tróia, sua mãe-pátria, às suas novas moradias. Como não notar a êste respeito o fato de existir no Brasil, na embocadura do rio Parnaíba, uma localidade chamada Tutóia a qual, se acreditarmos nos indígenas, seria o mais antigo centro humano do país? À primeira vista, as denominações Tróia e Tutóia não parecem absolutamente idênticas, porém diz o professor Schwennhagen, que o som "r" é difícil de pronunciar para os selvagens do Brasil que o deformam comumente. A primeira forma de Tutóia deve ter sido "Toor-Tróia"; toor em fenício significa capital, praça forte, e na realidade vêm-se nas ruínas de Tutóia restos de grandiosas construções defensivas. Pode-se pois considerar como possível ter sido Tutóia fundada por fugitivos troianos. Os sábios brasileiros pensam que duas outras localidades do país parecem ter sido fundadas pelos fenícios e por imigrantes pertencendo a outras nações da União cariana: são a cidade hoje de Turos, no Estado do Rio Grande do Norte e Tôrre no Estado da Bahia. Distingue-se o prefixo "toor" em ambos os nomes, e inscrições fenícias foram descobertas nos arredores de Tôrre.

A divindade cária Tu-Pã é ainda venerada pela maior parte das tribos sul-americanas sob a forma do todo poderoso deus Tupã; êste culto tem particular importância entre os guaranis do Paraguai, mas existia antigamente até pelo litoral do Pacífico. Sustentam os Tupis que Tupã ensinou a seus antepassados a agricultura e o uso do fogo. Os povos do antigo império peruano representavam Tupã exatamente como as estátuas gregas de Pã; o Tupã incaico

era figurado sempre como um fauno com barbicha e cascos. O culto de Cibele ou Quera, fêz sua aparição na América do Sul ao mesmo tempo que o do seu filho Tupã. O nome de Quera era empregado por tôda a parte onde se acreditava em Cibele, como mãe de Car. Quando os primeiros missionários portuguêses chegados ao Brasil, os padres Manuel Nóbrega e Anchieta, perguntaram aos indígenas qual o nome do país, ouviram em resposta: "Tupã Quere tã" "é a terra Quera, mãe de Tupã".

Tudo o que sabemos da história dos índios guaranis funda-se em vagas lendas e tradições. Tais são as versões locais do dilúvio observadas pelo padre José Guevara, jesuíta muito erudito, das quais são conhecidas duas. Na primeira, o herói da epopéia paraguaia é denominado Tume-Aranda, na segunda Tamanduaré . Êste, assim como suas irmãs Guaraciava e Tupinambá, era filho de um grande profeta Rupava, e com dois irmãos "Cariva" sobreviveu ao dilúvio. Os irmãos "Cariva" desposaram as duas irmãs de Tamanduaré. Guaraciava foi a mãe dos guaranis e Tupinambá a dos tupis, o que claramente demonstra a união existente entre os guaranis e tupis.

Contam as lendas guaranis que os antepassados dêstes habitavam uma magnífica capital " a cidade dos telhados resplandescentes", e o doutor Bertoni, etnólogo sul-americano, liga êste fato à tradição da Atlântida, onde as casas, segundo Platão, eram cobertas de oricalco brilhante. Os primeiros conquistadores espanhóis, porém, tomaram ao pé da letra êsse mito e supuseram que alhures, no interior do continente, se elevava uma cidade de telhados dourados e deram mesmo a esta hipotética capital indígena o nome de El-Dorado. Êsses cobiçosos aventureiros partiram muitas vêzes à procura dessa capital, e suas audazes expedições contribuíram largamente para aumentar nossos conhecimentos acêrca do Novo Mundo. Talvez tenham essas mesmas lendas indígenas, feito nascer a crença de existir uma esplêndida capital pré-histórica nas florestas de Mato Grosso. E' sabido que o infortunado coronel Fawcett, ao partir para sua derradeira expedição às regiões êrmas do Brasil, tencionava descobrir essa misteriosa cidade.

O doutor Colman narra uma interessante tradição guarani a respeito de seus antepassados, segundo a qual teriam êstes conhecido um método secreto para fazer fogo mediante um estranho aparêlho. Esta tradição nada tem que ver com a habitual maneira, tão conhecida das tribos selvagens, de acender lume pela rotação rápida dum pau numa cavi-

dade de madeira, mas específica que os guaranís obtinham brilhantes faíscas, cuja descrição faz pensar nas centelhas duma máquina elétrica. Podemos citar, além dessa vaga indicação, a descoberta por exploradores, de enormes construções pré-históricas sôbre os planaltos colombianos. Êstes gigantescos muros e galerias não tinham janelas nem fogões e permanece misteriosa a maneira com que eram iluminados e a aquecidos êsses vastos edifícios. Essas regiões são frígidas em certa época do ano, mas nenhum vestígio de fogo ou paredes enegrecidas pela fumaça foi encontrado nessas ruínas. Os indígenas colombianos afirmam que os construtores dêsses edifícios possuiam um método misterioso de aquecimento e iluminação, sem fogo. Teriam já essas raças pré-históricas da Colômbia e do Paraguai conhecido a eletricidade? Nos arredores duma localidade paraguaia denominada Paraguari, em meio a uma planície monótona, eleva-se uma rocha isolada, "Tatoo-Cooa". O escritor paraguaio N. R. Colman descobriu recentemente ali por acaso uma gruta artificial muito interessante, mas infelizmente não tomou nota da sua situação exata, de sorte que voltando a fim de investigar mais profundamente, não lhe foi possível encontrar a entrada. E assim tudo o que sabemos da descoberta de Colman resume-se na recordação dessa visita ocasional, que êle descreve em seu livro "Nande ipi Cuera", inteiramente escrito em guarani. O escritor paraguaio viu nessa gruta a estátua dum indígena, sentado e nu. A cabeça da estátua estava ornada duma espécie de tiara e tinha dois triângulos esculpidos, um sôbre a testa e outro sôbre o peito. O vértice do triângulo superior estava dirigido para cima, o do triângulo inferior para baixo. Apesar do índio estar sentado em uma espécie de trono, sua estatura tinha o duplo do tamanho natural. Seus pés repousavam sôbre um monte de seixos, alguns esculpidos de maneira estranha. As paredes da gruta estavam cobertas de inscrições hieroglíficas. Colman levou consigo algumas daquelas pedras e fêz de cor um desenho da estátua, que está reproduzido em seu livro. O autor de "Nande ipi Cuera" opina que essa estátua representa o herói de numerosas lendas guaranis, uma espécie de Hércules regional. O triângulo da fronte simboliza o espírito, o outro a matéria.

N. R. Colman menciona ainda vários outros monumentos da pre-história guarani. Nos arredores de Vila Rica, por exemplo, na montanha Ibitiruçu, existe uma galeria subterrânea cujas paredes estão cobertas de ideogramas assemelhando-se aos caracteres rúnicos escandinavos. Na

gruta de Teiucara (a Caverna do Dragão), à margem do alto Paraná, podem-se ver sinais análogos aos hieróglifos egípcios, os quais por sua vez se parecem com certas inscrições maias e com os misteriosos ideogramas das urnas funerárias paraguaias. No Iariguaa foram encontradas, sob um montículo, pedras cobertas de inscrições parecidas com os antigos hieróglifos egípcios e com os enigmáticos textos descobertos nas florestas amazônicas. Um notável etnólogo sul-americano, o doutor Bertoni, afirma que a metade pelo menos dos hieróglifos iariguaias é idêntica às antigas inscrições egípcias.

Tôdas estas descobertas, assim como o estudo do folclore guarani, levaram Colman à conclusão de que essa raça atingiu outrora um nível de cultura muito elevado, cultura essa relacionada sem dúvida a outras misteriosas civilizações da América do Sul pré-histórica e à dos pré-egípcios. As causas da degenerescência ulterior das tribos indígenas constituem um problema palpitante. Que catástrofe poderia ter aniquilado a civilização dessas raças aborígines?

CAPÍTULO VIII

Etruscos e Pelasgos. Gauleses e Celtas. A teoria de Lewis Spence. Bascos e Japonêses.

Os etruscos ou tirrênios que se estabeleceram na Itália muito antes da fundação de Roma, e que, segundo tôdas as aparências, vinham do Oeste, eram justamente famosos por sua habilidade em lavrar os metais. Indícios esparsos em autores antigos e certas descobertas arqueólogicas, permitem crer que fôssem êles aparentados aos atlantes.

As tribos indígenas com as quais os espanhóis entraram em relações no século XVI eram igualmente célebres por sua habilidade na cinzeladura. Quer se tratasse dos Astecas, dos maias, dos incas, dos caraíbas ou dos chibchas, tinham todos conhecimentos relativamente vastos em metalurgia. As velhas crônicas espanholas descrevem com admiração, por exemplo, os magníficos jardins que os imperadores incas possuíam em Cusco, sua capital, onde havia numerosas árvores e arbustos artificiais cujos troncos, hastes, flôres e frutos eram feitos de cobre, de prata e de ouro. Sôbre essas flôres metálicas estavam pousadas borboletas, pelos troncos e galhos viam-se serpentes, lagartos e caracóis de metal, artìsticamente cinzelados. Os indígenes sabiam perfeitamente temperar o cobre, fundir estátuas de ouro e prata, fabricar automatos metálicos: papagaios que moviam a língua e as asas, macacos que não sòmente trituravam avelãs com os dentes, mas que cosiam com agulhas. Entre os presentes que Cortez recebeu do imperador mexicano Montezuma, figuravam espelhos de platina, metal difícil de fundir, e pratos formados de tiras de ouro e de prata, tão perfeitamente unidas, que era impossível distinguir a soldadura. Quando se lê a descrição dos objetos saídos das mãos dos artífices mexicanos e peruanos, não se

pode deixar de recordar o que diz Platão dos conhecimentos metalúrgicos dos atlantes, que levaram a habilidade a ponto de criar uma liga especial, o oricalco, cuja composição ainda ignoramos.

Os trabalhos do professor L. Frobenius puseram em evidência as semelhanças existentes entre as antiguidades etruscas e certos objetos da América pré-columbiana. Essa analogia estende-se mesmo aos distintivos antropológicos. Por outro lado, a "falsa abóbada" que figura em tantos monumentos antigos e especialmente na arquitetura etrusca é também encontrada na América.

Já assinalei no capítulo anterior a descoberta, na ilha de Marajó, de ruínas e cerâmicas que lembram a arte etrusca. Ninguém duvida que os etruscos quando se fixaram na Itália, vinham do Oeste; é provável que êste povo fizesse parte das vagas emigratórias que segundo a teoria de Lewis Spence, se teriam espalhado pela Europa, nos milênios anteriores à era cristã e das quais algumas teriam atingido a península itálica. Alguns pensam de maneira contrária, baseando-se em certas analogias entre os enigmáticos hititas e os etruscos, que êstes vieram da Ásia Menor. Quem nos diz porém que os hititas não provinham, êles também, do Oeste? Em todo o caso, a arte etrusca desenvolveu-se afastada de qualquer influência asiática, e estaríamos dispostos a crer que é necessário procurar a origem da arte grega e romana na Etrúria.

Apesar de todos os argumentos que lhe tem sido opostos, a hipótese duma origem comum dos pelasgos e etruscos permanece perfeitamente plausível. Sem dúvida os pelasgos ocupavam uma boa parte da bacia do Mediterrâneo. Segundo Homero e alguns escritores da antiguidade, êles viviam no Peloponeso e em Creta. Recentemente, porém, foram encontrados vestígios da sua estada na Itália e nas próprias regiões até agora puramente etruscas.

Homero qualifica de "divinos" os pelasgos, talvez por serem êles mais civilizados que as outras tribos do arquipélago helênico e de Creta. Resta saber se êles não pertencem à raça atlanteana, tão altamente civilizada. Conforme uma antiga tradição, diziam-se êles filhos de Posseidon e de Anfitrite, as duas grandes divindades marítimas; ora Posseidon era o deus principal dos atlantes. Homero por sua vez, acentua a origem marítima dos pelasgos cujo nome deriva de pélago, o mar. Êsse enigmático povo transmitiu aos seus herdeiros imediatos, os gregos, as tradições concernen-

tes à sua própria história, à qual os helenos e latinos incorporaram as suas mitologias. Os heróis dos pelasgos e seus antigos reis tornaram-se assim os deuses do Olimpo grego, e os mais notáveis personagens da história pelasga entraram para os panteões grego e latino. Talvez não seja a teogonia da Hélade mais que o resumo, em têrmos poéticos, da primitiva história da bacia mediterrânea.

Entre as velhas nações européias existiram sempre vagas tradições a respeito da vinda dos seus mais remotos antepassados das regiões do Oeste. E' provável que êsses povos, que os autores da antiguidade englobam sob o vocábulo bastante vago de gauleses, compunham-se na realidade de dois grupos muito diversos sob o ponto de vista etnológico: os gauleses-celtas, isto é, os emigrantes vindos do Oeste, e os gauleses-arianos ulteriormente vindos da Ásia. A confusão em que os escritores interessados nesta questão se embaraçavam sempre desde então entre êsses dois grupos, deu lugar a muitas discussões.

No tempo de César e de Vercingetórige, sustentavam algumas tribos gaulesas que os seus mais remotos antepassados tinham outrora vindo dum continente muito afastado ou duma ilha, conduzidos pelo grande Hoo-Gadarn, denominado o "chefe dos povos". Segundo a lenda, êsse Hoo-Gadarn não se teria limitado ao papel de chefe ou de condutor de povos; êle teria sido também um iniciador inventando o arado e construindo a primeira embarcação marítima. Parece, além disso, que êsse herói pertencia a uma raça diversa.

Contam as mesmas lendas que ao abordarem à Europa os gauleses desembarcaram no estuário do Tejo, onde hoje se eleva a cidade de Lisboa, e que esta situação foi conhecida desde então pelo nome de "Pôrto Gali" (pôrto dos gauleses), que acabou mudado para "Portugal". (*)

Os galo-celtas espalharam-se com rapidez através da Europa, atingindo mesmo a Ásia e a África, e pela toponímia (estudo da derivação dos têrmos geográficos) foi possível descobrir a passagem ou a estada dos galo-celtas em localidades muito distantes entre si. Citaremos apenas alguns exemplos:

(*) A fábula atribui a Ulisses e aos fenícios a fundação de Lisboa, a princípio denominada Ulissipo ou Olissipo; e o nome de Portugal é geralmente considerado como corruptela de Portus Calle ou Portus Gaya.

Os habitantes da Bélgica na vizinhança da fronteira françesa, os valões, que falam um idioma semelhante ao francês e que têm grandes afinidades com as raças latinas, eram outrora chamados os "Galões", e "Galônia" o seu país. Na antiguidade e até à Idade Média, era o País de Gales denominado Gaeledônia; êsse nome mudado para Caledônia foi dado mais tarde à região que é hoje a Escócia.

E' sabido que duas Galícias existem na Europa; uma na Polônia e outra no norte da Espanha. Um quarteirão de Constantinopla onde outrora eram encerrados os prisioneiros gauleses, denomina-se ainda hoje Gálata. Não é preciso muita imaginação para derivar do Galês a palavra Gaélica. Sustentam mesmo alguns que a tribo abissínia dos galas descende dos gauleses; ela têm efetivamente, com êstes muitos traços comuns. Os dólmens, por exemplo, que construíram e que são idênticos aos dólmens bretões, e a importância que atribuem ao visgo (***) que imaginam, exatamente como os celtas, dar sorte. Alguns sábios crêm que a própria palavra "Celta" deriva da arma preferida dos celtas espécie de machado que êles denominavam gaeleta ou queleta. Não esqueçamos no entanto que as analogias lingüísticas nem sempre são, para quem se dedica a pesquisas etnológicas, um guia muito de confiança.

Pensa Hirmenech que os galo-celtas originários da Atlântida, teriam ido estabelecer-se na Europa há 10.000 anos, em companhia dos povos que se tornaram armoricanos, (****) iberos e mesmo semitas, os quais, como os outros que acabamos de citar, descenderiam dos atlantes. Adiante dedicaremos um capítulo especial a esta grave questão da origem dos semitas.

Entre os representantes mais diretos dos atlantes que ainda hoje vivem na Europa, começarei por citar os portuguêses e os bascos ou vascos. Eram os primeiros denominados na antiguidade "lusitanos" do nome de sua pátria "Lusitânia". Encontrando-me em Lisboa tive ocasião de ouvir uma conferência muito interessante do doutor Domingos Pepulim sôbre a origem dos lusitanos. O orador embora reconhecendo não estar êsse problema ainda definivamente esclarecido, expôs a opinião do prof. Mendes Correia, o qual afirma ter sido a Península Ibérica colonizada

(***) Planta sempre verde que produz um grão vermelho, com que os povos britânicos ornam as residências no Natal.
(****) Armoricanos, povos que constituem hoje a Bretanha francesa. N. T.

pelos atlantes. Sabe-se que Lewis Spence, que acredita ter sido a Europa ocidental três vêzes invadida por aquêles, sustenta a mesma opinião. Segundo o doutor Pepulim deveriamos até rejeitar definitivamente a teoria conforme a qual a Península Ibérica teria sido invadida por asiáticos. Acredita êle também que os ligúrios de Platão vieram da Ibéria e que o têrmo "Celta" que encontramos em Hesíodo não designava uma determinada raça, mas sim um conjunto de povos da Europa que viviam a oeste da Grécia. Em todo o caso, na antiguidade eram denominados iberos tôdas as tribos que habitavam ao longo do rio Ebro e também os lusitanos ou portuguêses descendentes diretos dos atlantes. Na realidade os atlantes seriam os celtas de quem falam os escritores da antiguidade. Os portuguêses que são muito diferentes dos espanhóis e muitíssimo mais próximos parentes dos bascos, eram e são ainda, marinheiros excelentes e audazes, como de resto eram os antigos fenícios e os misteriosos pelasgos, êsses "filhos do mar".

Em seu livro "O Problema da Atlântida", emite Lewis Spence a opinião de que a raça de Crô-Magnon emigrou da Atlântida há 25.000 anos. Essa raça teve de sustentar uma luta longa e áspera contra a raça ainda selvagem de Neandertal que então povoava as solidões da Europa, acabando por predominar; e é desta época que tiveram origem os contos de gigantes e monstros perversos, numerosos no folclore europeu, que eram apenas os homens de Neandertal. Os conhecidos afrescos achados à margem do Ródano (França) e em Cogul na Espanha parecem ter sido obra dos homens de Crô-Magnon, que devem ter chegado à Europa, pelo meio do último período glaciário, e que devem ter sido de uma raça de caçadores. E' graças à essas pinturas que nos foi possível reconstituir a vida que passavam nossos antepassados há 25.000 anos atrás. Em sua notável obra **A Humanidade Pré-Histórica**, fala Morgan com justo entusiasmo do valor artístico das obras que nos deixou a raça Crô-Magnon nas cavernas da época madalena: as quais formam realmente um conjunto admirável de pinturas e esculturas pré-históricas. Êsses primitivos artistas tinham uma tal capacidade, por nós perdida em parte, para representar o movimento, que Morgan não hesita em comparar a fôrça de expressão dessas obras a certos quadros de Rembrandt. Pelos afrescos de Cogul podemos avaliar a que grau de aperfeiçoamento tinha atingido a arte entre os atlantes.

Nove mil anos depois da chegada da raça de Crô-Magnon, sobreveio à Europa a segunda vaga de imigrantes pro-

cedentes da Atlântida, e assim foi que, segundo Spence, apareceu a cultura chamada "de Aurignac" há 20.000 anos nas praias ocidentais do Velho Continente. Esta raça fêz muito pela civilização da Europa pré-histórica, no que diz respeito à utilização das plantas e animais.

Seis mil anos depois, ainda conforme Spence, uma terceira vaga de imigrantes atlanteanos se derramou pela Europa. Eram os chamados "Azil-Tardênios", que apareceram há 10.000 anos na Península Ibérica e na França; que deviam ser, com pequena diferença, quase contemporâneos da catástrofe que destruiu sua pátria de origem. Os recém-chegados estabeleceram-se em tôrno do gôlfo de Gasconha, sendo provável que os bascos, os bretões, os irlandeses e até os berberes sejam seus descendentes. Pode ser que o perfil humano encontrado pelo professor Baudouin, sôbre a Grande Pedra (*), na Vendéia, represente um homem dessa raça. De resto, há outros sábios que concordam com a origem atlante dos bascos, por certos característicos somáticos e certas afinidades lingüísticas, que revelam seu parentesco a tribos indígenas da América Central, o que leva a supor que provenham do mesmo tronco atlanteano. Não obstante, encontram-se no idioma basco raízes e mesmo vocábulos inteiros que parecem tirados do japonês e georgiano. Presenciei mesmo um ex-oficial russo de origem georgiana, fazer-se entender pelos habitantes do norte da Espanha, logo depois de chegado à Biscaia. Êle falava no seu idioma materno e os bascos o compreendiam. E' de notar que na antiguidade a Geórgia se chamava Ivéria, que se assemelha muito a Ibéria. Sabe-se que os galegos pronunciam o V exatamente como o B.

Quando estive em Guatemala, muitas vêzes me falaram de uma tribo indígena do distrito de Peten e segundo me contaram, um missionário basco pôde pregar a êstes índios no próprio idioma, fazendo-se comprender perfeitamente por êles. Quanto à semelhança entre o basco e o japonês, recordo-me ter visto uma lista de vocábulos similares, com a mesma significação em ambos os idiomas e que eu tinha estranhado pelo seu comprimento. Citarei um só exemplo: a palavra iocoama quer dizer em basco: cidade na costa do mar, e ninguém ignora que é esta a situação da grande cidade japonêsa de Iocoama. Os bascos e os japonêses são igualmente de baixa estatura, robustos e têm ca-

(*) Ver o capítulo II.

belos pretos. Mas os japonêses têm cútis côr de azeitona, os olhos mongolóides e a face de um prognatismo acentuado, enquanto os bascos têm pele branca e os olhos e o conjunto da face constituem um tipo nìtidamente ário. Às vêzes têm nariz aquilino, como os maias, ao passo que os japonêses têm nariz chato. Acrescentemos que a língua japonêsa tem analogias com as faladas na Malásia e Polinésia; esta e outras particularidades na constituição física dos japonêses, levaram muitos antropologistas a ligá-los à raça malásia.

Nas cercanias de Tula, no México, existe uma interessantíssima tribo indígena, chamada Otômis que usa o velho idioma japonês. O representante diplomático do Japão no México, indo um dia visitá-los conseguiu falar com todos, nêsse dialeto arcaico. Levando em conta todos êstes fatos observados, deve-se forçosamente concluir que os emigrantes partindo da Atlântida tomaram duas direções opostas: leste e oeste. Enquanto que a terceira vaga, segundo Spence, levava os bascos para a Europa; outros fugitivos dirigiram-se para oeste ao abandonar a sua desventurada pátria. Deixando algumas das suas tribos nas partes da América que vieram a chamar-se México e Guatemala (os antepassados dos Otômis e os dos Peten), a gente que formava esta maré ocidental teve que se demorar milhares de anos nas ilhas da Polinésia antes de fixar-se para sempre no Japão. Esta prolongada estada entre os polinésios e malásios, influiu na pureza primitiva da raça, introduzindo na sua linguagem numerosas raízes, tiradas a êstes povos. Mas a recordação da primitiva pátria, situada no leste longínquo, ainda persiste até hoje entre os japonêses e não foi sem fundamento que o seu primeiro imperador — o primeiro das suas lendas — Jimu-Teno se cria o próprio filho do Sol... Como se pode deixar de ver neste mito a memória poética da terra em que o sol nasce, a desditosa Atlântida? E' por isto que o Japão se intitula o País do Sol Nascente, ainda que o sol se levante para os seus habitantes, para os lados da América. O herói nacional mexicano Quetzal-Coatl, graças ao qual os mexicanos conheceram os benefícios da civilização, também vinha dum país misterioso que se chamava Tlapalã, isto é, a Terra onde se eleva o sol. Pode ser que fôsse êsse sinal o nome que os atlantes aplicavam ao seu império e que, os japonêses, últimos ramos dêste grande povo, nunca abandonaram.

É provavel que a instalação dos japonêses no arquipélago que ocupam até hoje tenha coincidido com a chegada dos coreanos à península que é a sua pátria. Apesar de alguns traços comuns com os japonêses, é aquêle um povo de costumes suáves e pacíficos, em conjunto muito diverso dos feros e soberbos guerreiros japonêses. Pode ser que por isso êles adotaram para si o nome de: País da Manhã Calma.

CAPÍTULO IX

As origens da civilização egípcia. Atlantes e Etíopes. As opiniões dos antigos sôbre a Etiópia. A esfinge de Argoba. A origem americana dos pré-egípcios. Os hieróglifos. A descoberta de Champollion. As investigações do professor F. Roeck. Os hieróglifos da América do Sul. As migrações dos pré-egípcios. A África do Norte na pré-história. As descobertas do professor L. Frobenius e do conde de Prorok. Os afrescos do Dierát. Os Garamantes.

A hipótese mais interessante emitida sôbre a origem dos egípcios é a que faz crer terem êles vindo da Etiópia. Antes porém de expô-la com minúcia, convém lembrar que outrora a denominação Etiópia não se aplicava como hoje, ùnicamente à Abissínia, mas era muito mais extensiva. Também convém expor a tese do prof. Leo Frobenius o qual pretende ter sido, no passado a África do Norte o berço duma grande civilização pré-histórica.

Vimos no capítulo anterior que segundo L. T. Ojeda, muitas expressões relativas à toponímia (*) do Mediterrâneo se aplicam hoje a regiões por vêzes muito afastadas daquelas que em tempos muito remotos, tinham o mesmo nome. Conforme o mesmo autor, a invasão da depressão mediterrânea pelas águas teria aniquilado muitas nações com o mesmo nome dos países atuais. Os sobreviventes, salvos do desastre, teriam denominado sua nova pátria como a primeira. Sentimo-nos pois no dever, se aceitarmos a teo-

(*) Toponímia — Estudo lingüístico ou histórico da origem dos nomes de lugares. N. N.

ria de Ojeda, cada vez que encontramos uma denominação citada por um autor da antiguidade ou tradicional, de investigar se êsse nome se aplica a uma localidade da antiga depressão do Mediterrâneo tal como se apresentava antes da ruptura do istmo de Gibraltar ou se, ao contrário, a palavra designa o país homônimo, ocupado após a catástrofe.

Essa diferenciação todavia, muito difícil na maioria dos casos, torna-se quase impossível quando se trata de narração puramente lendária. Segundo Paul Le Cour, a quem somos devedores duma boa parte das informações a seguir, a palavra Etiópia (Eti-ops) significa "queimado pelo sol", e indica que os habitantes da antiga Etiópia eram, senão negros, pelo menos de pele muito escura e que viviam portanto num clima muito quente. À primeira vista, estas particularidades podem ser aplicadas à Abissínia atual.

No entanto é bem provável que, para os escritores da antiguidade, existissem duas Etiópias. Diodoro da Sicília (História, liv. III, cap. I) e Homero (Ilíada, I, 424), Hesíquio e Eustácio todos distinguem entre a Etiópia oriental e a ocidental. Diodoro afirma que os antigos egípcios imitaram dos etíopes sua escritura hierática, a escultura e outros conhecimentos. Existe também uma tradição etiópica afirmando o mesmo. Teofrasto, na sua biografia de Apolônio de Tíana, relata que êste, depois de ter estudado na Índia e no Egito, foi à Etiópia a fim de ampliar seus conhecimentos, tratando com os mistagogos (**) dêsse país. Êste Apolônio, segundo o mesmo Teofrasto, pretendia que Pitágoras tinha aprendido com os sacerdotes egípcios, aquilo que êstes tinham sabido dos seus mestres etíopes.

Pode ser que a cultura da Etiópia pré-histórica excedesse a dos países próximos. Infelizmente nenhum dos autores citados, salvo Homero (que conta como os deuses do Olimpo se tinham reunido em um festim na Etiópia, muito além do Oceano), explica de qual das Etiópias se trata. Virgílio (Eneida, livro IV) declara que o sol se põe na Etiópia, "lá onde o gigante Atlas sustenta o mundo sôbre as suas possantes espáduas". Silas de Coriandro conta que os fenícios mantinham um comércio ativo com os etíopes da ilha de Cerne. situada além das colunas de Hércules. Pensam alguns sábios que Cerne, não é mais que Ogígia, isto é, uma das Canárias, que os fenícios freqüentavam periòdicamente... O que eu não concebo é como os etíopes tenham

(**) Os que se ocupam dos mistérios de uma religião. N. T.

podido chegar até lá. Esta tradição de uma Etiópia ocidental conservou-se até plena Idade Média e um mapa organizado nesse tempo menciona o Atlântico Meridional como "oceanus Ethiopicus".

Outros autores antigos, identificam. mais precisamente, a Etiópia com a Atlântida. Diodoro, por exemplo referindo-se a Etiópia ocidental, declara que ela foi povoada pelos atlantes. Plínio na sua História Natural (I, 6) afirma por seu lado: **Universa vero gens Aetheria appellata est deinde Atlantia, mox a Vulcania filio Aethiopia,** o que significa: "na verdade o país todo é ainda denominado Etéria, segundo o filho de Vulcano Etiópico". Plínio pretende por aí dizer que a Etiópia foi a princípio denominada Eteréia ou Aéria e posteriormente Atlância. E caso de indagar se Aéria não deriva do têrmo latino aer (ar, em grego aether) ou talvez da palavra aeas (cobre). Em todo o caso o filho de Vulcano chamava-se Aéter.

Na mesma ordem de idéias é curioso constatar segundo o escritor latino Aulu-Gelle, que antigamente eram designadas pelo mesmo nome "Aéria", a África e Creta. Esta confusão deixa supor que no tempo d'Aulu-Gelle já estava obliterado o primitivo significado da palavra Aéria e também que nessa mesma época sobrevivia a tradição do cataclismo mediterrâneo que separara Creta do continente africano. Foi então sem dúvida, que irrompendo na depressão do Mediterrâneo após a ruptura do istmo de Gibraltar, as águas do oceano formaram uma ilha das montanhas cretenses.

Diz a tradição que a mulher do gigante Atlas se chamava Etra. E' mais um motivo para localizar a Etiópia na Atlântida; porque é sabido que nos mitos primitivos os países mais ou menos extensos, as colônias de importância, são freqüentemente qualificadas como espôsas, e as pequenas províncias como filhas dos países principais. E' por isto que Homero denomina a ninfa Calipso que vivia na ilha de Ogígia: filha de Atlas.

O conjunto dos fatos que acabamos de enumerar levanos a concluir que na antiguidade uma parte da Atlântida, povoada por gente de tez morena, favorecida pelo bom clima e ar são, era denominada Etiópia. Do ponto de vista etimológico seria mais correto escrever Aetiópia.

Quando se deu o cataclismo, os habitantes que conseguiram escapar foram refugiar-se na Europa e África. Pode-se imaginar que os gauleses tomaram parte nesta invasão

de imigrantes, chamados etíopes, visto como já assinalámos certas parecenças entre os dois povos. Salientarei especialmente a existência de uma tribo chamada Galas, na Abissínia, em cujo território se encontram menirs análogos aos da Bretanha. Esta tribo deve ter passado primeiro algum tempo nas regiões montanhosas do Atlas, de onde se teria transferido para os planaltos da Abissínia, que denominaram Etiópia, recordando-se da sua extinta pátria. Êstes recém-vindos de pele escura eram decididamente mais cultos que os aborígines do Egito de então, tanto que Diodoro não exagerou a importância do papel civilizador atribuído aos etíopes no Egito. Não é absolutamente impossível que esta vaga de imigrantes se tenha propagado em diferentes direções. Algumas partes da Atlântida, poupadas pelo desastre, podiam proporcionar um refúgio passageiro aos sobreviventes, e entre êstes restos, deve figurar a ilha de Cerne, à qual se refere Silas de Corioandro, assim como a Ogígia de Homero, onde residia a ninfa Calipso, filha de Atlas. O testemunho de Diodoro e outros autores de novo nos conduzem às conjeturas dos atlantoligistas que presumem ser aos atlantes que os egípcios devem o deus Osíris e a crença da eternidade da alma. O "duplo astral" não era desconhecido aos egípcios, que o chamavam "Cá" e convém saber que o Livro dos Mortos, talvez também devido aos atlantes, ensina que a terra de Amenti, repouso das almas, estava situada muito longe para o oeste do Egito, para além das colunas de Hércules.

O recente encontro na Abissínia de uma esfinge muito antiga reforça a tese de que a Etiópia já exerceu influência considerável no desenvolvimento da cultura egípcia. O próprio fato de ser esta escultura de feitura mais rude que as do Egito é mais um argumento nesse sentido. Porque, se a esfinge abissínica se distinguisse por um acabamento mais perfeito, poder-se-ia concluir, que era proveniente de uma fase mais recente.

Sabia-se, ou pelo menos se suspeitava, há tempos, da existência desta obra de arte, que tinha sido mencionada em primeiro lugar em 1843 por um explorador francês chamado Lefèvre, e depois por outro excursionista, também francês de nome Romond, que em 1909 soube da sua existência pelos indígenas. Esta obra foi entalhada em uma rocha a pique sôbre o lago de Ardibo nas montanhas de Argoba, segundo disse Lefèvre, na atitude de lançar-se às águas.

A administração italiana de Uolo, província de Asmara, decidiu-se a explorar o monumento, e encontrou-o afinal, esculpido na rocha vulcânica, ocupando uma área de dez metros quadrados, mais ou menos sôbre enorme pedestal. A cabeça e patas dianteiras estão cuidadosamente trabalhadas, mas o restante apenas desbastado. E' muito provável que, à vista de duas rochas superpostas, tivesse ao artista acudido a idéia de aproveitar a pedra superior para representar a esfinge e a inferior para o pedestal. Apesar de deitada, a esfinge parece pela sua expressão prestes a saltar. Funcionários que a viram, disseram que a parte posterior nem é mesmo entalhada, mas parece formada por uma rocha que por acaso tinha a forma aproximada do lombo de um leão. A cabeça é também de leão e pequena, ostentando suas crinas, a dentadura afiada e os olhos tão bem representados que animam tôda a escultura. O pescoço, que não tem crinas, ultrapassa as proporções normais, parecendo mais o de um réptil. As patas terminam em garras. A despeito de estar muito gasto e coberto de musgo e líquens, produz a impressão dos monumentos egípcios, parecendo ser de grande antiguidade. Sob as patas dianteiras existem quatro hieróglifos, ainda não decifrados até agora. Os indígenas chamam êste monumento **Sil-Denguia**, o que quer dizer: figura de pedra; e dizem que foi há muitíssimo tempo por um homem branco, a serviço de um rei e que em uma época serviu de marco na fronteira entre duas províncias abissínias.

*
* *

Descobertas recentes na América Central e na América do Sul permitem atacar mais de perto a tese segundo a qual a civilização egípcia seria de origem atlante, bem como de pesquisar até a América os indícios da origem dos próprios egípcios. São na verdade numerosos os países do Novo Mundo onde se descobriram vestígios duma raça pré-histórica tendo muitos traços comuns com êsses pré-egípcios. G. Hurley e E. Valcarcel afirmam que a civilização pré-egípcia nasceu nos Andes. Ricardo Marsh descboriu nas florestas virgens do Mato Grosso os restos duma cultura muito parecida com a dos primitivos egípcios e análoga descoberta foi feita na Venezuela pelo Dr. Requeña. Enfim, vimos há pouco que um francês, A. Frot, encontrou nas florestas brasileiras grande número de textos petroglíficos que parecem fornecer provas positivas da migração dos pré-egípcios da América para Leste.

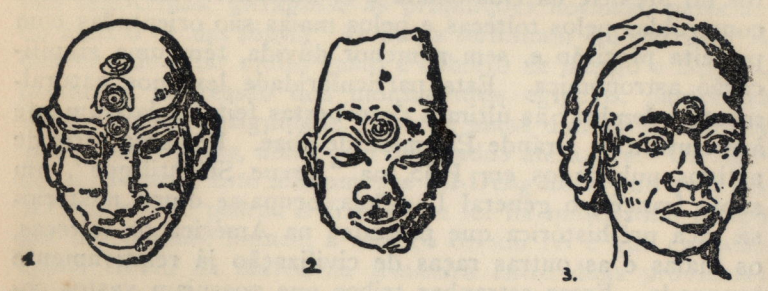
Em falta de outras provas, digamos sòmente que, quando se observam os monumentos pré-históricos do México ou do Peru, não se pode deixar de ficar impressionado pela semelhança com os monumentos do antigo Egito. Esta semelhança é particularmente sensível no que diz respeito às pirâmides americanas e as monumentais portas do templo do sol em Tiuanaco, na Bolívia. Efetivamente não foi o Egito o único país que construiu pirâmides. Monumentos dêsse gênero formam como uma cadeia que parte da Armênia (ver as descobertas feitas em Ani por um arqueólogo russo, professor Marr) passando depois, pela Mesopotâmia com seus zigurates, (*) até alcançar o Egito e, interrompida pelo Atlântico, prossegue através do Iucatã, dos planaltos do México, da Guatemala e S. Salvador. As pirâmides construídas pelos toltecas e pelos maias são orientadas com perfeita precisão e, sem a menor dúvida, têm uma significação astronômica. Esta particularidade leva-nos naturalmente a lembrar as últimas descobertas feitas relativamente à estrutura da Grande Pirâmide de Gizé. Em uma série de artigos publicados em 1935, na "Revue Scientifique", um sábio francês, o general Langlois, ocupa-se duma misteriosa raça pré-histórica que precedeu na América os toltecas, os maias e as outras raças de civilização já relativamente avançada. Essas estranhas tribos que possuiam vastos conhecimentos em matemática e astronomia, edificaram numerosas pirâmides, tôdas exatamente orientadas. Esta orientação permitiu-nos mesmo, por vêzes, até fixar a sua antiguidade. Em geral datariam de um período compreendido entre 3.000 antes de Jesus Cristo e o comêço da era cristã. Por mim, quero crer serem algumas das pirâmides americanas ainda muito mais antigas. A Grande Pirâmide de Teotiuacã, por exemplo, foi certamente construída vários milênios antes da nossa era. E' provável finalmente, que na América como no Egito, tenham sido imitados os monumentos mais antigos e que os toltecas, os maias etc. tenham levantado pirâmides semelhantes às que antes dêles construíram seus antecessores, sem dar-se conta da alta signi-

(*) Zigurate = pal. assíria, tôrres de forma piramidal com diversos pavimentos sobrepostos, escadas exteriores e um altar no tôpo. N. T.

ficação dos monumentos que êstes lhes legaram. Entre os índios, contam vagas lendas que as grandes pirâmides do Novo Mundo foram construídas por gigantes de origem desconhecida, os quais pereceram em grandes catástrofes, seguidas de inundações e tremores de terra. Em sua pitoresca linguagem, denominam os índios do Orenoco esta época: " tempo em que as florestas estavam inundadas" (Catenamanoa).

A semelhança entre os edifícios pré-históricos da América e as construções egípcias e babilônicas é por vêzes surpreendente. A célebre piràmide em degraus de Sacara, no Egito, é uma simples e exata cópia das pirmâmides mexicanas e dos zigurates babilônicos.

Todos êsses monumentos, quer se trate de edifícios pré-históricos americanos ou de monumentos egípcios, procuram sempre impressionar por suas dimensões. Sente-se que os



Tatuagens circulares frontais. 1 — Distintivo de terracota, cabeça de negro Mediterrâneo Ocidental, primeiro século antes da era cristã. 2 — Terracota, cabeça de negro procedente de Ife, da mesma época. 3 — Negro da região de Bussira, alta bacia do Congo, coleção Diafe. (Frobenius, "Théogonie Atlantique, Eugen Diedrichs, Iena).

homens que os construíram, fizeram-no para a eternidade e procuraram atingir êsse intuito utilizando a forma piramidal que achavam sem dúvida a mais estável e também empregando monólitos enormes. Esta predileção para o colossal é encontrada em muitas civilizações, começando pela Mesopotâmia para acabar na Bretanha. No vasto espaço que vai da América Central à Babilônia, a arquitetura pré-histórica carateriza-se por uma grande simplicidade, tôda geométrica no desenho, que consegue produzir por vêzes uma impressão de incomparável beleza e que assegura ao edifício máxima estabilidade.

Como provas desta estreita analogia entre a civilização da América pré-histórica e a civilização egípcia, podem-se citar as ruínas de Palenque, as de Ocoxingo, os palácios de Mitla, as pirâmides de Xoxicalco, de Teotiuacã e de Siuatã, a decoração do templo do sol em Cusco, o portal monolítico do templo ciclópico de Tiuanaco — que parece ter sido ao mesmo tempo um observatório — e muitos outros monumentos esparsos pela América Central e Meridional. De passagem notemos que A. Poznansky e R. Mueller acreditam com fundamento que o pôrto e a cidade de Tiuanaco remontam a 13.000 anos pelo menos antes de Jesus Cristo.

Deve-se admitir que os egípcios deviam aos atlantes os conhecimentos científicos que recentes investigações revelaram, na estrutura da grande pirâmide de Gizé, e que ultrapassa sensìvelmente o que se conhece da ciência egípcia. A situação central da Atlântida, no meio do oceano, de certo contribuiu vastamente para dilatar o seu influxo sôbre o mundo civilizado daquela época. Sua influência podia exercer-se, tanto para o oeste, até Iucatã e o México, como para leste pela bacia do Mediterrâneo até Babilônia. Adiante veremos quantos tesouros científicos encerra a Grande Pirâmide, que foi provàvelmente construída sob a influência ou mesmo a direção direta dos atlantes. Sabe-se que além dessa pirâmide e outras menores que existem em tôrno dela em Gizé, ainda há no Egito algumas dúvidas de pirâmides menores, porém, nem na de Quéfrem, cujas dimensões se aproximam das da Grande Pirâmide, nem em nenhuma das outras tôdas encontram-se minúcias arquitetônicas de interêsse peculiar, sendo que em geral elas encerram os restos fúnebres dos reis que as mandaram edificar.

Enquanto a grande pirâmide de Quéops foi construída com intuitos científicos ou místicos, as outras, que são tôdas posteriores, são apenas mausoléus, cuja construção foi inspirada pelas linhas gerais do misterioso monumento.

A fase histórica da Atlântida em que o país atingiu a sua maior prosperidade, foi sem dúvida assinalada pela emigração do excesso da sua população, para as colônias da Europa. Êstes emigrantes foram substituídos pelos pré-egípcios e outras tribos vindas da América. Os pré-egípcios da América do Sul e sem dúvida do Brasil, transpuseram sucessivamente, durante essas peregrinações que perduraram talvez milhares de anos, os países que hoje em dia

constituem o Peru, a Bolívia, o Equador, a América Central e finalmente o Iucatã; criando na sua passagem diversas nações, nas quais encontramos ainda os caraterísticos que o tempo não pôde apagar. De lá, pela Atlântida e a África do Norte, alcançaram a Líbia e o Egito e se estabeleceram ao longo do Nilo, que naquele tempo, se lançava provàvelmente numa vasta depressão pantanosa que se estendia entre Gizé e as altas terras hoje submersas, do sul do Arquipélago atual. Os pré-egípcios permaneceram longo tempo entre os atlantes, até que fenômenos sísmicos ou vulcânicos, daí os expulsassem para o Velho Continente. Por Marrocos, Tunísia, Líbia, talvez mesmo atravessando uma parte da Abissínia, chegaram às margens do Nilo.

E' também muito possível que alguns clãs pré-egípcios, avançando ainda mais para longe e transpondo o Mar Vermelho, tenham chegado até a Arábia, ao Indostão, à Indochina e mesmo à Indonésia. E' o que explicaria a recente descoberta na Nova Guiné duma tribo misteriosa que lembra os antigos egípcios.

A semelhança existente entre certos monumentos pré-históricos do México e de algumas outras regiões da América e os monumentos do antigo Egito são tais que já se tem dado ao México o nome de Egito americano. Essa parecença faz-se sentir principalmente nas pirâmides e na escrita hieroglífica. Mas além dessas analogias de forma e de estrutura, há outras no domínio das cerimônias, dos ritos religiosos e da mitologia, sôbre as quais convém chamar a atenção.

A consagração do "zipa" (rei) dos chibchas, na Colômbia, assemelha-se por exemplo às cerimônias da coroação dos faraós. Em algumas tribos americanas da época pré-histórica, praticava-se a circuncisão como no antigo Egito, pelo mesmo cerimonial e por meio duma faca de sílex. H. Onffroy de Thoron salienta por sua vez, uma semelhança muito acentuada entre os vestuários e os atributos usados pelos sacerdotes de algumas tribos da América do Sul e os dos sacerdotes do antigo Egito.

Os egípcios acreditavam que o firmamento era sustentado em quatro pontos do horizonte, pelas quatro divindades ditas Canópicas, filhas de Horo (*), e representavam-

(*) Deus egípcio, que é representado por um homem com cabeça de ave de rapina. N. T.

nas sôbre as urnas que continham entranhas de defuntos. Os maias também acreditavam que os espíritos Cã, Muluque, Ix e Cauaque sustinham os quatro pontos cardiais e atribuíam a cada um dêsses Bacabes — assim chamados — uma côr diferente: o de leste era vermelho; do norte, negro; do sul, amarelo e do oeste, branco. E também encerravam as entranhas dos mortos em quatro urnas sôbre cada uma das quais estava representado um bacabe.

No folclore dos ipurinos, índios dos Andes, parentes próximos dos antis e dos quichuas-aimarás, existe um mito parecido ao de Orfeu e Eurídice e uma história que lembra em parte apenas, a do ciclo de Osíris e de Ísis. São numerosos os objetos de arte descobertos na América que se parecem, até nos mínimos detalhes, com objetos egípcios similares. E' o caso de certas estátuas que figuram no Museu Nacional Mexicano e especialmente da que representa o deus Xoxipili, o qual é de estilo puramente egípcio. Em muitos bustos mexicanos os cabelos estão arranjados pela maneira egípcia, tão característica. As duas estatuetas encontradas em S. Salvador, reproduzidas numa página dêste livro não parecem uma reprodução exata (excetuando, bem entendido, a inscrição do pedestal) de múmias egípcias? Assim também foram achadas nas ruínas da pirâmide de Situatã em S. Salvador, estatuetas com a cabeça de lôbo lembrando o Anúbis egípcio. E' até agora o único indício de zoolatria que se conhece na América. As estatuetas da coleção Franco em Quito, oferecem detalhes perfeitamente egípcios: penteado, barba, vestuários, ornamentos usados no peito pelos sacerdotes. A revelação, bastante estranha, da existência na América pré-histórica, duma raça barbada está confirmada uma vez mais pela estátua chamada do "Homem barbado" descoberta nas ruínas de Tiuanaco, única sobrevivente ao vandalismo dos primeiros conquistadores espanhóis da Bolívia.

Sob a camada de lava chamada Pedregal que cobre uma cidade mexicana pré-histórica, situada perto de San Angel, são encontrados amiúde escarabeus de pedra absolutamente idênticos aos das escavações no Egito. Aquela cidade foi soterrada por ocasião duma terrível erupção dos vulcões Ajusco e Xitle que teve lugar há 8.000 anos. Essa camada de lava mede cinco metros de espessura e é de admirar que uma cratera tão pequena quanto a de Xitle tenha podido, mesmo coadjuvada pelo Ajusco, lançar uma tal quantidade de destroços. À beira do Pedregal, na aldeia de San

Angel, foram cavadas galerias na lava e instalou-se numa delas um pequeno museu arqueológico onde se podem ver os corpos meio carbonizados e petrificados dos habitantes do México pré-histórico. Parecem ter pertencido a uma raça já muito civilizada pois que foram descobertas em Pedregal cerâmicas muito bem trabalhadas, ornamentos, belas estatuetas de deuses etc., sem falar nos escarabeus verdadeiramente admiráveis à que já aludimos.

Afirmam alguns sábios que êsse povo, que viveu há alguns 8.000 anos, pertencia à raça dita dos "Construtores de Outeiros" e em apoio dessa opinião citam a pirâmide de Penha Pobre em Tlalpã, junto a San Angel. Esta pirâmide, constituída por um túmulo (*) revestido de pedras, parece ter 11.600 anos de existência e é idêntica às do Texas. Supõem outros arqueólogos que a pirâmide de Penha Pobre foi edificada pela tribo, de resto muito civilizada, dos tarascos os quais outrora povoavam o planalto de Anauaque. Visitei êsse monumento embora sua aproximação seja difícil pelos pântanos e espêsso mato que o rodeiam.

Os autoctónes do Novo Mundo são imberbes e sem dúvida sempre o foram. Sentimo-nos pois inclinados a crer que uma raça de barbados viveu noutras eras na América e depois extinguiu-se ou emigrou. Por outro lado vê-se representada em antigas pinturas murais egípcias uma misteriosa raça imberbe de pele avermelhada, os "mazinti" que têm um tipo mongolóide acusado. Não seria essa uma tribo que fazia lembrar a primeira pátria americana dos pré-egípcios? Fiz ver há pouco que a terra de Amenti, que é na mitologia egípcia a moradia dos mortos, simboliza talvez a primitiva pátria dos pré-egípcios. Não é de surpreender, por outro lado, que se encontre nos baixos relevos de Palenque (México), o sinal "Tau" que ornava as embarcações que transportavam as almas à Terra de Amenti? Mencionemos ainda a descoberta feita por Dziuk, de índios brancos na península de Darien, no Panamá. Êsses índios usam o penteado dos egípcios e, a crer em certos exploradores, assemelhar-se-iam muito aos antigos habitantes do vale do Nilo.

Contudo, a esplêndida confirmação da hipótese segundo a qual os pré-egípcios teriam ido da América está na existência dos hieróglifos na pré-história do Novo Mundo. Antes porém de prosseguir, não serão inúteis algumas palavras de explicação.

(*) Construção em forma de cone que os antgios levantavam sôbre as sepulturas. N. T.

Todos os povos arianos e muitos outros empregam uma escrita alfabética na qual cada som é representado por um sinal ou um grupo de sinais. O resto da humanidade utiliza um processo incômodo e muito antigo: o sistema ideográfico. Desde os tempos mais remotos a humanidade sentiu a necessidade de fixar o pensamento sôbre uma matéria durável e esforçou-se em atingir êsse fim servindo-se de desenho. É assim que para exprimir por exemplo esta idéia: "o inimigo foi vencido", desenhava-se ou gravava-se sôbre uma pedra uma série de pequenos personagens que o artista primitivo se esmerava em mostrar caindo sob os golpes de outros pequenos personagens vencedores. O desejo de abreviar o trabalho fêz em pouco com que êsses desenhos se simplificassem; e assim o hieróglifo chinês "jen" (o homem) parece-se ainda vagamente a um homem, braço e pernas abertos. Esta progressiva simplificação dos pictogramas ou ideogramas primitivos marca a primeira etapa da estrada que devia conduzir à invenção do alfabeto pròpriamente dito. Um outro passo na evolução da escrita é marcado pela grafia hieroglífica. Esta assemelha-se em certos pontos aos antigos pictogramas e é por vêzes também simplificada para tornar-se puramente simbólica mas não comporta nunca um verdadeiro alfabeto.. E' o que ocasiona a grande dificuldade da decifração dos textos escritos em uma língua desconhecida. Os sábios que a isso se dedicam têm com efeito que determinar em primeiro lugar, a que sistema de escrita pertence a inscrição recém-descoberta. Como muitas vêzes êsses textos se compõem duma mistura de pictogramas e hieróglifos, os especialistas mais peritos encontram-se a princípio num impasse. Não foi senão pelos fins do século XVIII que os sábios começaram a interessar-se pelos textos hieroglíficos do antigo Egito. Os arqueólogos dêsse tempo julgando-se em presença de simples ideogramas experimentaram inùtilmente todos os sistemas possíveis de chaves até que enfim acudiu a Champollion a genial idéia de tratar aquêles textos como se fôssem uma escrita alfabética e, por uma sorte extraordinária, a famosa pedra de Roseta recém-descoberta proporcionou-lhe a chave que tanto procurava. E' sabido que nessa pedra o mesmo texto estava escrito em três linhas paralelas, as duas primeiras em egípcio e a terceira em grego. Esta continha o nome de "Ptolomeu" e Champollion encontrou seu equivalente

na versão hieroglífica; em seguida pôde decifrar a palavra "Cleópatra". Pouco depois descobria o sentido de quinze hieróglifos e em seguida conseguia decifrar o texto completo da inscrição.

Conta-se que Champollion se sentiu tão emocionado com a sua descoberta, que de repente exclamou: "achei" e, atirando para o irmão a fôlha de papel sôbre a qual acabara de escrever a sua tradução, perdeu os sentidos e nesse estado permaneceu cinco dias. Essa comoção é explicável considerando que, sem a referida descoberta estaríamos ainda reduzidos, para estudar a história do antigo Egito, às raras informações mais ou menos incertas que se encontram sôbre êsse assunto entre os escritores da antiguidade.

Em seu livro sôbre o Egito dos faraós, Champollion distingue três escritas diferentes de que se serviam os sacerdotes de Ísis: a primeira, a demótica (*) era simples e clara; a segunda, a hierática (**), era simbólica; a terceira, enfim, era a dos hieróglifos. Heráclito assim as caracteriza: "a palavra"; "a expressão"; "o mistério".

Os hieróglifos do Máxico e do Iucatã chamaram a atenção dos eruditos desde a metade do século passado, intrigando-os e embaraçando-os por sua semelhança com a escrita egípcia e também com a chinesa. E' oportuno lembrar que conforme certas opiniões, algumas das nações que estavam sob a influência cultural imediata dos atlantes, conheciam a escrita, o que nos leva fatalmente, considerando as mencionadas analogias entre os maias e os egípcios, a julgar terem tido os dois povos origem comum. Essas influências recíprocas foram de grande alcance; é o que provam as semelhanças constatadas por certos pesquisadores, entre os hieróglifos maias e os antigos trigramas chineses do lendário imperador Fo-Hi. Os fenícios também criaram sem dúvida o seu alfabeto simplificando antigos ideogramas que lhes vieram diretamente — ou mais provàvelmente indiretamente — dos atlantes. Esta suposição é tanto mais plausível por oferecerem as inscrições rupestres (***) descobertas por todo o mundo, êsses exemplos de simplificação e

(*) Demótica — Diz-se de uma escrita egípcia cursiva popular. N. T.

(**) Hierática — Respeitante às coisas sagradas; religiosa. N. T.

(***) Rupestre (do latim rupes, rocha) Que cresce nos rochedos. N. T.

acusarem uma tendência comum para a criação, primeiro, duma escrita hieroglífica e em seguida duma escrita alfabética.

Durante largo tempo tôdas as tentativas para decifrar os textos mexicanos chocaram-se contra dificuldades intransponíveis. Os misteriosos sinais empregados pelos toltecas, os astecas e os maias compõem-se efetivamente de arabescos e desenhos complicados, geralmente encerrados num quadro retangular. Era preciso pois começar por determinar se se tratava de hieróglifos, de letras ou de sílabas e essa determinação era tanto mais dificultosa, por não ter sido, infelizmente até agora, encontrada na América nenhuma "inscrição de Roseta".

A escrita hieroglífica dos toltecas, dos astecas e dos maias parece ter sido empregada outrora em tôda a América Central e também na América Meridional, mas os conquistadores espanhóis queimaram aos milhares os documentos escritos que encontravam e entre êles nenhum pensou em pedir aos intelectuais indígenas aterrorizados, a chave dêsse sistema hieroglífico. Quando foi restabelecida a calma, era demasiado tarde, não existia no país mais ninguém que quisesse ou mesmo que pudesse traduzir e explicar os raros manuscritos poupados à sanha destruidora. Foi pois preciso esperar o século XIX para que os velhos manuscritos mexicanos os "códices" pudessem ser objeto dum estudo sistemático. Depois de muitos anos de tentativas e investigações, conseguiu-se decifrar os sinais e pôde-se verificar que os maias tinham conhecimentos astronômicos desenvolvidos e que, como sempre na história da humanidade primitiva, existia uma estreita ligação entre o seu saber e as suas crenças. Em todo o caso, os habitantes do Iucatã e do México anotavam escrupulosamente suas observações, o que nos auxiliou vantajosamente a estabelecer uma vaga cronologia nas suas histórias respectivas. Foi assim que o professor Ludendorff, graças às indicações registradas acêrca dos eclipses do sol que êstes povos presenciaram, e comparando êstes dados com as informações muito certas constantes dos velhos anais chineses e caldeus, pôde estabelecer que a civilização maia tem pelo menos cinco mil anos de existência. Por outro lado afirma o professor Fritz Roeck que os astecas estavam familiarizados com os movimentos dos planêtas e que a sua astronomia, como também a astrologia, tinham muita semelhança com a astronomia e astrologia dos chins. De resto, a existência das relações entre a China e a América Central não é noção nova. Há

mais de cem anos que os americanistas já ficaram impressionados pelas analogias existentes entre os monumentos pré-históricos da China e do México, sem terem encontrado a sua verdadeira explicação.

Em 1936, a Sociedade Antropológica de Viena foi surpreendida pela comunicação feita pelo professor Fritz Roeck de que êle tinha afinal conseguido decifrar uns certos manuscritos mexicanos, após sete anos de esforços. Êle mencionava especialmente o célebre Códex Vindobonense outrora entregue a Cortez por Montezuma, imperador do México, e mais seis outros documentos. Ponderando-se que no mundo inteiro não existe mais que uma vintena de manuscritos mexicanos, compreende-se o alcance da notícia.

Uma das maiores dificuldades que apresenta a leitura dêstes velhos documentos é determinar a direção na qual se deve fazer a leitura. Sabe-se por exemplo que os árias escrevem da esquerda para a direita; os semitas da direita para a esquerda, os chinas e os mongóis em geral verticalmente de cima para baixo. Mas ainda não é tudo, visto como há povos que usam o sistema chamado "bustrofedon", quer dizer que alternam o sentido, de uma linha para outra como os sulcos produzidos no chão pelo arado, o qual no fim de cada linha dá volta, em sentido oposto e paralelo. Ora, Roek verificou que em lugar de servir-se de qualquer dos processos descritos, os toltecas, os astecas e os maias usavam um sistema próprio, mudando de direção inopinadamente, conforme uma fantasia difícil de descrever. A marcha de sua escrita tem alguma parecença com a do cavalo no jôgo de xadrez, mas obedece além disso a certas regras cabalísticas. Por isso a leitura dêsses textos exige uma verdadeira ginástica mental, o que levou certos americanistas a concluir com alguma razão que se devia ver nessas particularidades o indício duma profunda complexidade na própria mentalidade dos maias.

Excetuando essa particularidade, existem grandes semelanças entre os hieróglifos da América pré-histórica e os do antigo Egito. Le Plongeon por exemplo, cita treze sinais maias idênticos aos usados no Egito com a mesma significação e o doutor Bertoni fêz a mesma constatação na metade dos hieróglifos empregados pelos guaranis do Paraguai. Êstes representam sem dúvida o limite meridional duma raça americana autóctone, aparentada, sob muitos pontos de vista, pela sua civilização, aos povos das margens do Nilo. As inscrições em "estilo egípcio" são ainda notàvelmente numerosas no Brasil, nas grandes florestas virgens da Amazônia e no Estado do Mato Grosso. Além da semelhança de raízes e de expressões, verificada, por H. Onffroy de Thoron, entre as línguas quíchuas e egípcia, sabe-se por outro lado ter A. Frot provado com certeza terem em determinada época os pré-egípcios emigrado da América do Sul em direção ao nordeste.

Parace-nos claro, finalmente, que há alguns milênios, os antepassados dos antigos egípcios abandonaram o seu país de origem que era situado na América. Uma parte dêles estabeleceu-se nas regiões que hoje são o Peru, Equador, S. Salvador, México etc., mas é provável que a maior parte dêles prosseguisse até a Atlântida onde puderam adquirir, em contato com uma civilização já muito adiantada para a época, ciências e conhecimentos principalmente sôbre astronomia, magia etc., com o que, daí para diante, tanto lucrariam as populações do vale do Nilo. Adquiriram, em suma, tôdas essas ciências herméticas (*) nas quais eram os egípcios tão versados e que deviam aos Atlantes. Depois, muito antes da catástrofe que devia tragar a Atlântida, uma vaga emigratória fêz-se ao mar em direção às margens do Mediterrâneo. Talvez, entre êsses emigrantes, se encontrassem alguns engenheiros ou sábios atlantes que teriam construído a Grande Pirâmide e levantado a esfinge, ou pelo menos, preparado os cálculos e os planos segundo os quais foram êsses monumentos edificados. Em todo o caso, as analogias, por vêzes surpreendentes, constatadas entre as concepções religosas e astronômicas, a arquitetura e, duma maneira geral, a cultura dos egípcios, toltecas, maias etc., torna mais plausível a suposição da origem americano-atlante da civilização egípcia, do que uma origem caucásica ou sumeriana que lhe têm sido atribuídas.

Acredita o padre Moreux que os sumerianos tinham conhecimentos já adiantados em óptica. Quem lhes teria transmitido, senão essa misteriosa raça de construtores de pirâmides que eram tão hábeis astrônomos, tão bons geômetras e tão sutis astrólogos? Em antigos túmulos achou-se, na Líbia — situada, não o esqueçamos, no caminho que teriam seguido os pré-egípcios para alcançar o vale do Nilo — lentes feitas de vidro ou matéria parecida, que provam que uma raça pré-histórica outrora imperou sôbre o mundo mediterrâneo e que estava em todo o caso, assaz adiantada em civilização para fazer uso, senão de verdadeiros teles-

(*) Alquimia, magia. N. T.

cópios, ao menos de instrumentos ópticos quaisquer. Sabemos aliás, que muito tempo antes de Galileu, os chins se serviam de lentes talhadas em cristal de rocha. De resto encontram-se correntemente na China, hoje ainda, lunetas cujos vidros são feitos da mesma matéria.

Talvez essa misteriosa raça de construtores de piràmides tivesse transmitido aos sumerianos o seu sistema de numeração duodecimal e o conhecimento do zodíaco cujos signos permanecem ainda tão enigmáticos. E' àquela raça, sem dúvida que os sumerianos, os egípcios, os toltecas e os maias devem os seus calendários. Numerosos sábios imaginam que êste misterioso povo é aquêle a que se referiu Platão. Ser-me-á permitido ampliar esta noção e, apoiado sôbre as recentes descobertas de A. Frot, Richard Marsch e outros, intitular essa raça a Atlanto-Americana?

E' chegado o momento, porém, de lançar uma vista d'olhos sôbre certas regiões da África setentrional, que poderiam ter servido de passagem aos pré-egípcios, na sua peregrinação rumo às margens do Nilo. Êste estudo provoca tanto mais curiosidade por terem podido os emigrantes, tanto exercer, como receber um certo influxo, em contato com os povos cujos territórios percorreram.

Até ao fim da grande conflagração européia os esforços dos investigadores se limitavam à planície do Nilo, de forma que não dispomos quanto ao resto da África, senão das observações colhidas nos vinte últimos anos, entre as quais se distinguem as do professor Leo Frobenius, as do conde Byron de Prorok, mas sobretudo o encontro dos restos do "homem de Asselar" no Saara. O interêsse desta descoberta está em estabelecer que há mais de vinte mil anos, ou ainda antes, já existia na África setentrional a cultura da civilização neolítica. Nessa época o Saara oriental e parte do Sudão ocidental eram habitados por uma raça misteriosa. Sabe-se por outro lado que o ressecamento do Saara é fenômeno relativamente recente, visto como nos primeiros séculos da nossa era ainda existiam lá algumas regiões fecundas. Ao tempo do homem de Asselar, devia o Saara ser inteiramente habitável; coberto de pastagens e florestas luxuriantes, cortadas de rios e vastos brejos. Os restos e utensílios encontrados com os esqueletos da raça de Asselar, provam que existia um certo laço entre esta civilização neolítica e os habitantes da península Ibérica, comprovado ainda pela comparação entre pinturas encontradas em ambos os países, representando cenas de guerra e de caça. Contràriamente a Lewis Spence, os explorado-

res franceses que fizeram essa descoberta presumem que êste homem era o antepassado do homem de Crô-Magnon. Porém os seus argumentos não me demovem das teses de Spence. O professor Leo Frobenius mostrava-se convicto de que a África foi o berço da civilização. Os seus achados estão descritos nas valiosas obras que publicou. Foram sobretudo no país dos Iorubas e na Costa d'Ouro, uma estátua de bronze do deus Olocum (o Posseidon africano) e outros vestígios de uma cultura pré-histórica, afrescos, estátuas, cerâmicas, assim como numerosos ideogramas gravados nas cavernas. Tudo isso prova, na sua opinião, que a África já conheceu uma civilização até certo ponto adiantada. Êle opina mesmo, é a impressão que tive de uma entrevista com seu colaborador, professor Obermayer, que o berço da civilização não é a Ásia, como geralmente se admite, porém a África.

Como quer que seja, as pinturas das cavernas da África setentrional oferecem notável interêsse artístico, parecendo-se muito com as descobertas em Cogul, Espanha, que são obra dos homens de Crô-Magnon. São às vêzes de tamanho natural e de um vivo colorido, produzido por tintas minerais. Alguns dêstes afrescos representam animais, mamutes ou búfalos, muito maiores do que os existentes atualmente, o que corrobora a sua antiguidade. Alguns desenhos revelam tendência para a simplificação das linhas e simbolismo, e também para uma escrita ideográfica e alfabética. Não esqueçamos que as letras gregas: alfa, beta, gama, assim como as hebraicas alef e gimel etc. eram simplesmente a representação esquemática de cabeças de boi, cabra, carneiro, camelo etc.

Em 1932, a expedição chefiada pelo conde Byron de Prorok descobriu em pleno Saara o mausoléu de Tin-Hinã, que se supõe ter sido rainha dos tuaregues. Êste túmulo encontra-se em Hogar, oásis situado na mesma latitude, mais ou menos. que as Canárias. O corpo estava em excelente estado de conservação e envolto em sêdas. Tinha um diadema de ouro e pedras preciosas e cadeias de ouro e prata nos tornozelos e punhos, também ornadas de pedras. Junto à múmia foi encontrada uma bela estátua e também uma verdadeira coleção dos mais lindos objetos de arte. O crânio da rainha é notàvelmente bem conformado, induzindo a crer que ela pertencia a uma raça adiantada. Segundo certas indicações, parece que o reinado de Tin-Hinã teve lugar há alguns milhares de anos passados.

O conde de Prorok está convencido de que o Saara já conheceu uma era de prosperidade florescente. Embora êle não se abalance a identificá-la com a civilização atlanto-americana, não deixa de sublinhar a semelhança de alguns objetos achados na Tunísia, principalmente ferramentas de pederneiras, com objetos similares encontrados no México.

Os professores Gauthier e Reigass constataram que antigamente uma linha de caravanas ligava o Sudão às margens do Mediterrâneo, através do Hogar, e tendo seguido por êsse caminho em 1934, acharam em plena montanha, ao lado de um ribeirão sêco chamado Dierat, em uma gruta e também nos rochedos vizinhos desenhos muito curiosos gravados nas pedras e realçados, às vêzes, com ocre amarelo. A despeito do tempo, estas gravações tem ainda côres bem vivas e muitíssima expressão. Representam as mais das vêzes cavaleiros armados de dardos e de escudos e carros guerreiros. Alguns personagens, de certo chefes ou deuses, são figurados em tamanho natural. Alguns não têm cabeça; outros têm cabeças de cão ou animais fantásticos. Talvez representem cinocéfalos (*) abundantes naquela região. Ainda hoje os indígenas da África queixam-se de que êstes monos destróem suas colheitas e pensam que constituem uma tribo adversa militarmente organizada.

Há fundamento para atribuir a tôdas estas representações um sentido religioso-mitológico, provando que os pré-históricos habitantes do Saara tinham atingido um alto grau de civilização. Pode-se julgar pela variedade de animais figurados: hipopótamos, girafas, búfalos, elefantes e rinocerontes, que o Saara era uma planície coberta de pastagens. O professor Gautier acha que os habitantes de Hogar eram os indomáveis Garamantes, a que fazem referência Tácito e todos os escritores clássicos. Há quem pense que êles receberam sua cultura dos Creto-Micenas ou dos primitivos egípcios. Ora. das informações que nos deram os romanos acêrca dos habitantes do Saara daquela época, deduz-se que sob o império de Augusto o litoral da Líbia, relativamente calmo e pacífico, se achava cercado por trás de tribos selvagens, habitantes do deserto e que essas tribos deram que pensar às autoridades romanas. A centelha da revolta estava sempre acesa, prestes a explodir, sendo

(*) Gênero de monos com cabeça semelhante à dos cães. N. T.

Roma forçada a manter constante vigilância nas fronteiras, sôbre as tribos acêrca das quais nos transmitiu algumas informações precisas, entre muitas fabulosas.

Pode-se aproximar das pinturas de Dierat, as narrações dos aventureiros e traficantes que ousavam penetrar nesse país terrível e que nos falam com pavor dos satíros, áugilos e egipanos (meio homens e meio bodes) os trogloditas, comedores de serpentes, habitando nas grutas e os atlantes sanguinários que viviam em uma constante cerração e que apostrofavam o sol ao nescer e ao se pôr. Por entre tôdas estas tribos, algumas das quais tiveram existência real e outras sòmente fabulosa, os Garamantes que ocupavam o oásis de Fezã, são de particular interêsse. Ainda estão envoltos em mistério aos olhos dos etnógrafos contemporâneos; porém é pelo menos sabido que eram gente de disposição guerreira e possuíam carros de combate. Conheciam também a tecelagem, a têmpera e ligas metálicas e rudimentos de escrita. Os **tifinares** (petróglifos) que nos legaram e que ainda podem ser vistos, gravados nas rochas dos oásis de Fezã, representam-nos em seus carros de guerra, cercados de aríetes com aspas muito fora do comum. Muitos dêsses ideogramas acham-se em Hogar. As principais ocupações dos Garamantes eram a agricultura, a criação, a guerra e o saque. Em suma, estamos habilitados a deduzir de todos os fatos e documentos do nosso conhecimento que, há milhares de anos, Hogar era povoado por povos organizados em nações que já tinham atingido um grau adiantado de civilização.

CAPÍTULO X

Os Semitas e suas migrações pré-históricas. Caim e Abel. As escavações da Palestina. A origem dos Árabes. Moisés e a Gênese. O livro de Enoc. A influência de Babilônia. A influência do Egito. A localização do Paraíso. A lenda do Paraíso terrestre na Idade média. As teorias de A. Herrmann. Lendas relativas aos gigantes. O mito Asteca sôbre a criação do sol e da lua.

De todos os ramos da grande família semítica, são os Fenícios, os Hebreus e os Árabes os que mais merecem a atenção do historiador. Tendo nós já dedicado muitas páginas aos fenícios, vamos-nos ocupar agora dos judeus e árabes. Por falta de espaço, porém deveremos limitar-nos a expor os fatos essenciais de uma história, sôbre a qual, não possuímos senão dados esparsos e fragmentários.

Conservo-me fiel à tese segundo a qual os semitas representam apenas uma das vagas emigratórias, partidas da Atlântida ou da América, em direção ao oriente. Os Acádios e Pré-Sumerianos, ainda tão pouco conhecidos, formaram indubitàvelmente a vanguarda dessa corrente. Vieram depois os fenícios e, por último, os judeus e os árabes. Propòsitálmente deixamos de parte as tribos semíticas de menor importância que se estabeleceram em Canaã ou nas terras sitas entre a Palestina, a Arábia e a Mesopotâmia. Se admitirmos a origem atlanteana dos semitas, não podemos deixar de prestar homenagem à prodigiosa vitalidade cultural dos sobreviventes dêste país, cujos descendentes continuam a atrair a atenção do mundo, pelas criações do seu gênio ingente, depois de decorridos doze mil anos.

Algumas tribos da América Central e Meridional aparentam estranhas semelhanças com os semitas. No que se refere ao tipo físico, espantosas parecenças se notam entre judeus e indígenas do Iucatã e do Peru, dos quais têm al-

guns, principalmente dentre os primeiros, tipo nìtidamente judeu. Os mesmos traços fisionômicos encontram-se até nas esculturas pré-hsitóricas dos maias e peruanos: idênticas testas oblíquas, narizes aduncos e às vêzes as mesmas orelhas de abano. Lord Kinsborough despendeu uma considerável fortuna com a publicação das suas ANTIQUITIES OF MEXICO, na qual reproduz as antigas inscrições, bem como vistas dos antigos monumentos mexicanos, procurando provar que os Astecas e outras tribos dêste país descendem de tribos israelitas, cuja memória se tinha perdido, sem entretanto, invocar outros fundamentos em favor de sua tese, além dessas semelhanças fisionômicas. Sem aderir incondicionalmente a esta opinião, julgamos que ela encerra certas verdades.

Observam-se da mesma forma semelhanças entre certos ritos americanos e semitas. A circuncisão, por exemplo, era praticada pelos antigos egípcios e o é hoje em dia não só pelos judeus e árabes, mas também por diversas tribos americanas, que se servem para êsse fim de uma faca de pedra, o que evidencia a antiguidade do rito, que provém da época paleolitica provàvelmente. Há uns dez anos alguns sábios se dedicaram ao estudo do problema da origem dos semitas e chegaram à conclusão de que êstes vieram da Arábia meridional, que antigamente não era um país de desertos, como atualmente, mas uma terra fértil. O Hadramaut ainda é até hoje denominado Arábia Feliz, em recordação daquele tempo. Os semitas, que povoavam a Arábia até cêrca de 5.000 anos a. de C., emigraram posteriormente, por vagas sucessivas, em direção norte, sem que se conheça o motivo, até hoje. Entretanto, já antes existiam algumas nações semitas na Mesopotâmia, como por exemplo o misterioso estado de Agadê. Ao norte da Palestina achava-se também a terra de Amurru (país dos Amoritas da Bíblia) que estava em constante contato com o Egito. Então já existiam cidades como Jericó e Lahish desfrutando uma cultura adiantada desde o quinto milênio a. C., isto é, ao começarem as primeiras migrações em massa dos semitas da Arábia.

Qunado êstes, depois de deixar a península, penetraram na Mesopotâmia, começaram por destruir as populações indígenas de pouca importância, substituindo-as por estados semitas. Nada se sabe de seguro quanto à origem étnica dessas sucessivas vagas emigratórias; deve-se, porém, admitir que a terceira era formada de hebreus, a quarta pe-

los arameus, ao passo que os árabes permaneceram no próprio país. Isto, porém, não satisfaz nossa primeira interrogação: donde vinham os semitas? desde que continuemos a ignorar donde tinham vindo para a Arábia. Pode ser que as investigações de americanistas nos proporcionem um dia a solução dêsse problema.

Por êsse tempo, de 5.000 anos a. de C., deram-se numerosas migrações. Do fundo da Ásia partiam sem cessar hordas de gentes bárbaras ou semicivilizadas, rumo a oeste. Depois de transporem o Irã e o Cáucaso, disseminavam-se elas por sôbre todo o Oriente Próximo. Nesta marcha para o ocidente encontraram-se com os semitas, que, por sua vez avançavam para o norte e nordeste; e é fácil imaginar a mestiçagem e confusão de raças, resultante dêsse encontro. Nos cruzamentos das correntes raciais produziram-se reações recíprocas divergentes e uma série de mútuas influências. Os semitas beneficiaram-se com contribuições dos árias. Os árias, nossos antepassados mais remotos, ainda estavam em estado de perfeita barbárie e nômades pelas imensas estepes asiáticas, enquanto que os semitas de Acad, já tinham formado estados florescentes, nas planícies da Mesopotâmia. A história de Caim e Abel simboliza possìvelmente o conflito entre os árias recém-vindos e os semitas já fixos na Mesopotâmia. Abel, o pastor, representa os nômades que, conduzindo os seus inumeráveis rebanhos, vinham descendo as caídas da serra do Hindocuxe, para se difundirem pelas ricas pastagens na planície, e aí se chocaram com Caim, o fundador de cidades, como o chama o livro de Berexit, personificação dos agricultores sumero-acádios, trabalhadores constantes e já bem civilizados. Caim, o sedentário, matou Abel, o nômade; quer dizer: deteve o avanço dos invasores árias. A versão israelita desta lenda, criada de certo na Suméria, manifesta simpatia evidente por Abel, que se explica pela animosidade existente entre os semitas e os sumérios.

Ao mesmo tempo começavam a desenvolver-se os estados recentemente fundados pelos semitas ùltimamente chegados à Mesopotâmia, isto é, os judeus e cananeus, como pelos egípcios.

Na sua HISTÓRIA DAS LITERATURAS EUROPÉIAS, compara Guettner a história dos povos a uma fuga, na execução da qual as vozes, das nações, se fazem ouvir, uma após outra, em seguimento, tal como os diversos instrumentos da orquestra. É imagem muito feliz, porém eu

não posso deixar de imaginar que o primeiro grande acorde dessa sinfonia foi tocado por Caim, criador de cidades do livro de Berexit, acompanhado de longe pelas vozes das misteriosas raças que vinham de além das colunas de Hércules...

Na Palestina foram encontrados vestígios da cultura chamada "de Moustier", a qual prevalecia na Europa e no Oriente Próximo, há cêrca de 50.000 anos. Entre êsses tempos tão remotos e o início da era neolítica muitos milênios decorreram; muitas vagas humanas passaram por sôbre a terra e se dissiparam, antes que as primeiras hordas semíticas surgissem no palco da história. Entretanto não se pôde até agora achar no mesmo país nenhum sinal das eras que se sucederam entre o período mousteriano e o neolítico. A respeito dêste já existem importantes coleções, graças às escavações efetuadas pelo professor Garstang no sítio onde foi Jericó. Ùltimamente o museu da Palestina ainda foi enriquecido por uma série de estátuas neolíticas, devidas à essa missão, estátuas feitas de argila e cujos olhos são de conchas.

Mas ainda assim, as escavações da Palestina vieram corroborar numerosos mitos e tradições correntes entre os povos do Próximo Oriente; além de demonstrarem que êsses países todos já tinham uma existência política intensa muito antes dos sucessos descritos pela Bíblia e que a biografia de Abraão foi escrita pouco tempo depois dos acontecimentos relatados na Gênese. Eu, porém, acho, como já observei, que o nome de Abraão nada mais é que o apelido coletivo de uma tribo, os Ibrim, rebatizados posteriormente: os Hebreus; e que a história do mais famoso dos patriarcas não passa de uma narração das migrações que levaram essa tribo desde Ur, na Mesopotâmia, até às margens do mar Vermelho e ao Egito.

Entre as ruínas de um templo na região de Sinai, foram encontradas inscrições em um alfabeto que parece ter sido empregado dessa época em diante pelos hebreus; o que leva a crer que desde o seu interminável êxodo pelo deserto êles usavam caracteres análogos aos dos fenícios. A Gênese fala de escrituras. Moisés recebeu de Jeová ordem de "escrever" as suas palavras ou gravá-las, sôbre os portais e sôbre as vêrgas. Sir Charles Marston achou no sítio da

velha cidadela de Lahish, na Palestina, antigas urnas funerárias, que são provenientes de 1.300 anos a. de C., com inscrições escritas com essas letras.

Diz o livro de Berexit que os ismaelitas ou árabes são oriundos de Ismael, filho da união de Abraão e de sua escrava Agar. Esta tradição afirma a comunhão de origem dos judeus e árabes, mas com a inferioridade dos últimos, em relação ao "povo eleito de Jeová".

Êste mesmo livro de Berexit nos anuncia, pela história de José, vendido pelos seus irmãos a traficantes ismaelitas, que após três gerações sòmente depois de Abraão eram os árabes tão numerosos que podiam manter o tráfico de caravanas entre o Egito e a Palestina. Sendo indamissível que em tão curto prazo pudesse a descendência de Ismael atingir tais proporções, somos forçados a supor que se trata de um fenômeno bem conhecido dos folcloristas, que faz que se dê o nome coletivo de uma tribo à personagem lendária do seu fundador. No meu modo de entender os nomes de Abraão, Jacó, Ismael e Isaac pertencem às mais antigas das tribos hebraicas e árabes. A história da expulsão de Agar e Ismael das tendas de Abraão seria apenas a simbolização da tradicional hostilidade existente entre os hebreus e árabes?

O primeiro livro do Pentateuco de Moisés é chamado Gênese e às vêzes também Berexit, que é a frase inicial do texto hebreu, a qual significa: "A princípio..." Há muitíssimo tempo discutem as sumidades a respeito da idade e do autor dêsse livro. Sir Charles Marston acha que nenhuma das lendas da Gênese é posterior a 2.000 anos antes de Cristo. Esta opinião me parece sustentável, porque o desconhecido redator devia ter pelo menos tradições, senão informações, relativas aos primeiros tempos da história de Israel.

A tradição atribui a Moisés a parternidade do **Pentateuco** (Cinco Livros). Mas, se a rigor se pode admitir que êle escreveu alguns capítulos, não é fácil crer que tenha redigido todos cinco livros. Esta observação é especialmente aplicável ao **Deuteronômio**, que descreve a própria morte de Moisés. Se se compara atentamente a cronologia da Gênese com os dados da cronologia egípcia, acaba-se por restringir ainda a parte atribuída a Moisés na sua composição. Pode-se, em definitivo, atribuir a Moisés o **Levítico** inteiro, assim como os últimos capítulos da Gênese, que se

ocupam dos patriarcas. Quanto à primeira parte dêste, que é a mais notável, parece ser obra de analistas ignotos. Os livros dos **Números** e do **Êxodo** devem ter sido redigidos muito depois, segundo os documentos conservados no templo de Jerusalém ou de conformidade com as tradições; talvez ao tempo do grão-sacerdote Esdra.

A primeira parte da Gênese, muito concisa, aliás, conta a criação do mundo e do primeiro homem, divergindo dos capítulos posteriores consagrados à ordem de Israel e à missão de Moisés. Por outro lado, o início demonstra uma grande profundeza de pensar, enquanto que o resto do livro nos oferece uma história poética e muitas vêzes tocante do "povo de Deus". Encarada em seu conjunto é a Gênese uma das mais encantadoras obras literárias de todos os tempos. Como o livro de Berexit emprega muitas vêzes o nome de Jeová, é muitas vêzes designado pelo nome de JAVISTA, para distinguí-lo das outras versões da Gênese.

Durante séculos e séculos o mundo considerou êste livro como a mais antiga escritura existente, porém atualmente sabemos que a humanidade possuía documentos que eram mais antigos ainda. O autor do livro chamado **Números** faz alusão a livros anteriores (cap. XXI, versículos 14-15 e 27 e 30).

Entre os primeiros patriarcas citados está Enoc, uma das figuras mais notáveis da Sagrada Escritura. Era êle tão santo e a sua vida tão pura, que Jeová o fêz subir ao céu ainda em vida. A palavra Enoc significa no velho hebreu, segundo Tempestini, (no seu dicionário): **iniciado.** Tradições judias, árabes, etíopes e até chinesas asseveram que o sábio Enoc escrevera uma cosmogonia, conhecida pelo nome de: o Livro de Enoc. Segundo o mesmo Tempestini, constava que Enoc inventara a escrita, a aritmética e a astrologia. E' evidente que tôdas estas histórias têm um fundo real. Deve ter realmente existido nos longínquos tempos pré-históricos um grande sábio, moralista e astrólogo, dêsse nome, que significa "o iniciado", de cujos livros sobreviveu sòmente o chamado livro Enoc. E' possível que êle tenha desaparecido um dia inopinadamente, dando lugar à lenda de sua ascensão ao céu.

Diz uma tradição que Noé salvou o livro de Enoc do dilúvio, levando-o para a arca. Existem alusões a êste livro nas epístolas dos apóstolos Pedro e Judas, assim como em outros autores cristãos, como Orígenes, Procópio, Tertu-

liano, Lactâncio, S. Justino, S. Irineu de Lião, Clemente de Alexandria e outros. Os maniqueus citavam-no, e o autor cristão Eusébio afirma na quarta e nona parte da sua "Preparação do Cristão no Espírito do Evangelho" que Moisés, ainda no Egito, aprendeu muito com o livro de Enoc. Durante muito tempo êste livro foi reputado perdido, mas no século XVIII° Bruce trouxe um exemplar da Abissínia, em idíoma etíope, o qual foi mais tarde traduzido para o inglês pelo arcebispo Ricardo Lawrence.

Os etíopes, que são os "Madianitas" da Bíblia, também pretendam que Moisés adquirira os seus conhecimentos no livro de Enoc, que lhe tinha sido presenteado pelo seu sogro, o sacerdote-mago etíope Jetro, e que tinha aproveitado o que aprendera nêle, ao escrever a Gênese. Pode ser que o mesmo tenha servido de modêlo para outras versões bíblicas, mas não deve ser confundido com o "evangelho apócrifo de Enoc". O seu texto etíope seria uma das mais veneráveis relíquias das deixadas pela misteriosa civilização que floresceu, há milênios, no planalto de Gabes. Sabe-se há muito tempo que as bibliotecas de mosteiros e das antiquíssimas igrejas da Abissínia contêm manuscritos de tempos muito remotos.

Até 1934, o CÓDEX SINÁITICO, pertencente à biblioteca imperial de S. Petersburgo, o qual foi posteriormente vendido pelos bolcheviques ao British Museum, passava por ser a mais antiga versão do Pentateuco. Mas nesse ano foi encontrado outro exemplar, não sòmente mais antigo, mas que parece até ter sido escrito trinta anos apenas depois da ocupçaão de Canaã pelos israelitas, sendo assim o mais antigo e autêntico dos textos de Moisés. Esta importantíssima descoberta foi realizada enquanto o príncipe de Gales, que foi mais tarde Eduardo VIII e hoje duque de Windsor, visitava a humilde sinagoga samaritana de Nablus, o "Siquém", de Bibília. Os rabinos lhe revelaram a existência dessa relíquia, como a um visitante excecional, possuindo um TACHQUIL, que é uma espécie de cronograma, assim concebido: "Eu, Abicha, filho de Finees, filho de Eleazar, filho do pontífice Aarão — Deus os abençoe — escrevi êste livro na montanha de Garizim, trinta anos após a ocupação de Canaã pelos filhos de Israel. Jeová seja bemdito!". Assim, o manuscrito de Abicha, como é chamado, dataria de 1600 anos antes de Cristo, enquanto que o Códex Sináitico não pode ser muito anterior a 350 da nossa era. A autenticidade do manuscrito foi cuidadosamente verificada, com o auxílio de velhos documentos conservados na biblioteca de Manchester.

Concordam os historiadores que os compiladores da Gênese utilizaram-se de alguns dados obtidos dos sumero-babilônios. Eu já referi êste fato ao tratar do dilúvio universal, porém ainda falta saber quando e como os dados foram obtidos. King, por exemplo. achava que foi durante o século VII a. de C., mas a descoberta do manuscrito de Abicha, procedente do XVI° século da mesma era, veio desfazer esta opinião. E' de crer que Moisés ou algum outro autor colecionasse as lendas sumero-babilônicas que corriam entre os judeus, ou mesmo tivesse recebido a essência do seu trabalho dos sacerdotes egípcios, que estavam familiarizados com as letras sumero-babilônicas. Lemos na Bíblia que Abraão e seu pai Tarra viviam a princípio em Ur. Pode ser que os judeus ao emigrar do Egito, tenham levado consigo as tradições e talvez mesmo documentos sumero-babilônicos. Como não impressionar-se com a semelhança existente entre o caso do pecado original e a seguinte história babilônica que foi encontrada nas tábuas de Tel-el-Amarna? Trata-se do mito de Adapa, a quem seu pai, o deus Ea, tinha proibido aceitar qualquer alimento da mão do deus Anu, suspeito de só dar refeição mortal. Porém as suspeitas de Ea eram injustificadas, pois que era na realidade "um mantimento de vida" o que Anu oferecera a Adapa, ao qual queria tornar imortal e ensinar-lhe seus segredos mais recônditos. Mas Adapa, cumprindo a vontade paterna, deixou passar a oportunidade de tornar-se eterno.

O culto de Bel ou Baal, que personificava o sol, estava muito disseminado em todo o Oriente Próximo. Vagas tradições provenientes de povos pré-históricos falam de Bel, grande chefe e reformador, que colonizou a Mesopotâmia, onde estabeleceu uma hierarquia sacerdotal, análoga à do Egito, porém a qual só mais tarde apareceu. Contam as mesmas lendas que Bel era filho de Posseidon e de Líbia. Não quer isto dizer que fôsse êle nativo da Líbia, que era então um grande império marítimo de Posseidon? Posteriormente foi Bel deificado, como era usual naquele tempo, tornando-se o deus sol.

Alguns autores gregos, a começar por Homero e a terminar por Platão, referem-se à existência de um grande império de Posseidon para além das colunas de Hércules. Ou-

tras indicações que já mencionamos nos autorizam a concluir que êsse império exerceu grande poder e influência sôbre os povos do Mediterrâneo de época pré-histórica, como sôbre os povos do Próximo Oriente. Êste império tinha sido indubitàvelmente fundado pelos Atlantes, logo após o último período glaciário. Se se admite a existência do império atlante, é razoável indagar se não foi de lá que partiram as lendas que tornamos a encontrar entre os sumerianos e os povos seus vizinhos e que teriam sido a fonte de inspiração do redator da Gênese?

Há comentadores que vão a ponto de sustentar que a história de Adão e Eva simboliza a catástrofe da Atlântida. Assim como os nossos primeiros pais, por terem provado, cedendo à tentação, do fruto proibido, foram expulsos do paraíso, assim os atlantes perderam sua pátria, doce e próspera, por terem se dedicado as ciências interditas, isto é, à magia e ao ocultismo. Orgulhavam-se de sua ciência e dos progressos de uma civilização tôda material, e eis porque Deus os castigou.

E' muito possível que o jardim do Éden estivesse situado em algum sítio no continente de Platão e que as lendas a êle concernentes, assim como as relativas à feliz Arcádia dos pelasgos e dos gregos, sejam uma herança da antiguidade atlanto-americana, tendo sido levadas para a Fenícia, Mesopotâmia e Egito pelos emigrantes dos tempos pré-históricos. Quanto ao anjo empunhando a espada de fogo, talvez seja para indicar o terrível vulcão que existia junto do continente atlanteano.

Entre os fenícios existia uma lenda parecida, que êles de certo tinham trazido do ocidente. No século passado foi encontrada entre as ruínas de Tiro, uma antiga moeda fenícia, sôbre uma de cujas faces se distinguia ainda uma árvore solitária na qual se enrolava uma serpente. Logo os arqueólogos viram que se tratava da árvore da ciência do bem e do mal. Esta suposição foi confirmada pelo achado em Rás Chamra, de tábuas nas quais se acha representada minuciosamente uma história de Adão e Eva, lembrando a da Bíblia.

Uma lenda grega atribui ao herói fenício Cadmo a invenção do alfabeto. Pronunciado com uma ligeira aspiração, o vocábulo Cadm é quase idêntico a Hadm e Adm ou Adão, e eu sinto-me autorizado a pensar que êsses nomes designam uma e só pessoa. Adão, comendo o fruto proibido, alcançou a ciência para os seus descendentes; e Cadmo ou Cadm proporcionou ingentes luzes à humanidade por meio da escrita.

Adão e Eva simbolizam quiçá os atlantes que viviam na abundância e felicidade no seu paraíso terrestre, que era a Atlântida, até que irritaram o Senhor pela sua malícia e dedicando-se à magia negra.

Por serem o que se chama atualmente ocultistas, foram enxotados da sua terra de origem, por meio de terramotos o erupções vulcânicas.

Satanás apresentando-se sob a forma de serpente faz pensar no culto das serpentes (ofiolatria) praticado pelos atlantes. Note-se que existem serpentes em todos os monumentos pré-históricos do México e da América Central.

Segundo a Gênese o primeiro homem usava o nome de Adão porque isto significa vermelho ou feito de barro vermelho, o que leva a pensar que esta lenda teve origem entre gente de pele vermelha, isto é, na América ou na Fenícia, porque os fenícios eram denominados pelos gregos PHOINOS ou vermelhos e que deviam descender dos atlantes, os quais segundo as tradições tinham tez avermelhada.

Um sábio francês, M. Devigne, fêz notar que à expressão "árvore sagrada" correspondem vozes análogas em vários idiomas; basta citar o "um" dos antigos egípcios, o "bom" dos velhos persas e o "om" ou "hom" dos maias. Explica-se: os Hindus e os Iranis adoravam o espírito da árvore sagrada, chamada "Haoma" e uma bebida pouco conhecida do mesmo nome, que se aproxima da beberragem chamada "soma".

Sendo a criação do mundo. que segundo a Gênese dataria de 5.508 anos antes de Crito, quase contemporânea do comêço da era faraônica no Egito, alguns eruditos acham possível que o caso mencionado nesse livro, seja uma alusão ao estado reinante neste país antes de se estabelecer nêle a ordem.

A concordância entre as datas ministradas pela Bíblia e as da história do Egito pode ser explicada pela educação egípcia que recebera Moisés. Quanto ás divergências, podem ser ocasionadas por êste, agindo por motivos políticos e religiosos. Por outro lado, como alguns dos livros sagrados dos judeus foram redigidos durante o cativeiro em Babilônia, pode muito bem ser que tenham sofrido influência sumero-babilônica. Indicando a Gênese o ano de 5.508

para a criação do mundo, enquanto a cronologia egípcia assinala o de 5.004 para o início da primeira dinastia, fica um intervalo de apenas 504 anos entre as duas memoráveis datas. Alguns pesquisadores explicam esta coincidência, declarando que os primeiros patriarcas, até Noé, eram os próprios faraós. Porém a duração da vida de nenhum dêles corresponde à duração do reinado dos primeiros faraós que conhecemos. Segundo essa teoria, Mena, o primeiro dos faraós, ou o Menés dos gregos, o fundador de Mênfis, seria o mesmo que Adão. A sua mulher Xex corresponderia ao prenome feminino hebreu Icha ou Eva. O filho mais velho de Mena chamava-se Teta-Kent (o criminoso) o que nos leva a pensar em Çanigui (Caim), que matou seu irmão Abel. Quanto ao vigésimo faraó da primeira dinastia, Nofru, seria Noé, e seu filho Cufu ou Quéops é o Ham da Bíblia.

Pela Bíblia sabemos que o filho de Ham, Misraim estabeleceu-se no Egito. Se concordarmos com esta afirmação, e aceitando a identidade de Nofru e Noé, chegaríamos à conclusão de que o dilúvio tivera lugar no ano de 1656 após a criação do mundo e que durante êsse tempo todo teria havido apenas vinte faraós, o que é um absurdo evidente. As tabuas genealógicas, encontradas nos túmulos reais, nem sempre concordam entre si. A de Ábidos passa por ser a mais correta; tendo sido encontrada no mausoléu do Séti I.°, o qual reinava, segundo afirmam, na época em que José, filho de Jacó, foi vendido pelos seus irmãos. Os dados contidos nesta tábua são os que mais se aproximam da cronologia bíblica. Ela começa com o reinado do faraó Mena.

Durante a Idade Média muitas lendas corriam acêrca das regiões inexploradas da África e da Ásia: entre as mais curiosas estavam as dos reis gigantes Gog e Magog, o reino misterioso do Preste João e as lendas a respeito do paraíso terrestre. Existe sôbre estas uma literatura considerável, porque não há obra poética, dissertação teológica ou tratado de cosmografia que não faça alusões maiores ou mais curtas a propósito. Tôdas estas conjeturas baseiam-se no 8.° versículo do capítulo II° da Gênese, no qual se diz que o senhor tinha plantado um paraíso ou jardim de delícias, no Oriente. E adiante até o versículo 14, acrescenta, fazendo a sua descrição, que no delicioso Éden nascia um rio que o regava e depois se subdividia em quatro: Um dêstes era o

Fisson, que percorria o país de Havilá, onde havia outro e existia o berilo e a cornalina; outro era o Geon que banhava tôda a Etiópia; o terceiro era o Hidequel ou Tigre, que corria para a banda dos Assírios, como também o quarto: o Eufrates.

Os teólogos da Idade Média, comentando estas passagens emitiram a tese de que existiam dois paraísos, um terrestre e outro celeste e, a êste propósito, agrediram-se mùtuamente com golpes de raciocínios e dialética cada um em favor da sua opinião. Quanto à massa popular, interessava-se sobretudo pelo terrestre, mais acessível, e do qual faziam uma idéia semelhante ao paraíso maometano que se distingue pela fartura, prazeres de tôdas as espécies, mas sobretudo pela ociosidade e despreocupação dos seus habitantes. Acreditavam ainda na existência de uma fonte de juventude eterna, aves maravilhosas e falantes, entre as quais a famosa Fênix. No dia do juízo os fiéis seriam acolhidos à porta dêsse paraíso pelos profetas Elias e Enoc.

O nome daquele ainda se acha nos conots que tratam da vinda do Anticristo.

Lê-se no poema "De laude Virginem", pág. 13, vers. V, escrito naquele tempo por santo Altelmo, os seguintes versos:

... Heliam colit, ut superis in sedibus Henoch,
Quem rapuit quondam divina potentia coeli,
Lurida ne mundi pateretur damna nefandi,
Id circo simul ad belli certamina cruda
Contra antichristum gestant vexilla Tonantis
Omnia de nigris surgent cum corpora bustis
Clausae per campos et tumbae sponte patescunt
Dum salpix crepat, et clangit vox clara tubarum
Adveniant Deo, qui cunctis praemia pensat
Seu pia perfectis, seu certis saeva profanis...

"Elias venera no céu assentado e assim também Enoc, para onde foram arrebatados pelo divino poder a fim de poupar-lhes a vista de males nefandos dum mundo do mal. Contra o Anticristo conduzirão êles o estandarte do Deus Tonante, quando nos campos se erguerem corpos e bustos e os túmulos se abrirem espontâneamente e a voz clara das trompas anunciar a vinda de Deus, que a cada um dará o seu prêmio; recompensa aos perfeitos e castigo aos maus."

Segundo as crenças medievais, Enoc e Elias velam o paraíso, pelo lado interno, mas por fora está um anjo vigilante, armado de espada chamejante. Conforme a tradição êste devia ter como assistente o apóstolo S. João, para impedir a entrada dêsse intruso no jardim das delícias.

Diziam outros comentadores que as referências da Bíblia quanto à situação do paraíso sofreram influxo de Virgílio, para colocarem o paraíso fora da terra, como os Campos Elísios do poeta. Esta estância dos justos teria sua atmosfera própria, seu próprio solo e seu céu estrelado.

Teófilo, que foi bispo de Antióquia no século II°, pensava que o rio Geon era um grande rio etiópico, tendo o Nilo por afluente. E' preciso lembrar que nesse tempo a Etiópia era muitas vêzes confundida com as Índias.

Cosme Indicopleusto afirmava que a terra estava rodeada por um oceano, além do qual existia outra terra, também cercada pelo oceano, o qual se ligava ao céu. No ponto de junção estaria situado o paraíso. Seus quatro rios desapareciam sob a terra e, após ter prosseguido seu curso subterrâneo e depois sob o oceano, reapareciam à superfície da nossa terra. Gregório de Tours imaginiva, no século VI°, que Nilo vinha de leste em direção ao mar Vermelho, sendo o seu curso tão extenso que suas fontes se achavam na Índia, lá onde a terra se confundia com o céu, no sítio mesmo do Éden. Isidoro de Sevilha, no século VII°, sustentava que o Nilo não se diferençava do Geon do Paraíso.

Um certo Môsis, erudito do século X°, era de opinião que o Éden se encontrava bem no oriente, em lugar inacessível, além de serras intransponíveis e de mares em que a navegação não era possível; sem o que êle estaria desde muito antes ocupado pelos tiranos que dominam o mundo. Adão, gigante de tremenda estatura, teria atravessado a nado os mares e a pé as serras, até atingir a Pelestina, onde morrera.

Miguel Pselus, matemático que viveu durante o século XI, escreveu um livro inteiro acêrca da situação do Paraíso, no qual expõe tôdas as versões que corriam no tempo, a êsse respeito.

Dante localiza o paraíso no alto da montanha do purgatório, sendo que se serviu das indicações de Indicopleusto.

Até Cristóvão Colombo formava opinião sôbre o caso, admitindo que o paraíso fôsse nas margens do Orenoco, de certo seduzido pelos encantos do novo mundo que descobrira.

Contudo a maioria das autoridades geográficas achavam que o berço da humanidade devera ter sido perto das Índias. Quando chegou a época das grandes navegações e descobertas e depois de ouvirem as descrições entusiásticas dos exploradores, acêrca das ilhas do Atlântico, resolveram os cartógrafos do tempo colocá-lo junto às Canárias.

Mas voltemos ao que conta a Bíblia. Dois dos rios por ela mencionados nos são familiares: O Eufrates e o Tigre. Mas não sabemos onde encontrar os dois outros, nem a terra de Havilá. Estou inclinado a crer que Geon e Fisson são os nomes dados pela versão primitiva da história do paraíso, um tanto deformados depois de tantos anos. Em todo o caso não creio que o Éden tenha sido na Mesopotâmia. Já passei algumas horas em Gurnê, que a tradição indica como o sítio verdadeiro do paraíso, e que atualmente não passa de um triste povoado árabe em uma desolada planície de aluvião. E' uma região tão triste, árida e abandonada, que o viandante não se pode representar os jardins de delícias, em meio daquela solidão.

E' provável que algumas tribos sobreviventes da Atlântida tenham atingido o vale do Nilo no território que é hoje chamado Abissínia (a terra de Cush) a que deram o nome de sua antiga pátria. A primitiva terra de Cush jazia de certo para leste do México, no continente que mais tarde desapareceu. Posteriormente os sumerianos integrando no seu folclore as lendas mexicanas e atlanteanas, agregaram-lhes o nome de seus rios pátrios, o Eufrates e o Tigre. Quando, mais tarde as lendas méxico-atlanteanas se disseminaram pelo Oriente a denominação de Havilá foi aplicada a qualquer distrito do Continente Antigo, talvez do Hadramaut ou da Arábia Meridional.

O doutor Hermann não admite esta teoria. Resumiremos as suas conjeturas sôbre estas contendas para proporcionar ao leitor uma exposição completa sôbre as opiniões atuais acêrca de interpretação da Gênese. No seu interessantíssimo "Die Erdkarte der Urbibel", Hermann tenta averiguar a situação do Éden, a verdadeira natureza do Dilúvio Universal, interpretar o sentido que a Bíblia dá à pa-

lavra Ofir, e penetrar o mistério da Atlântida. Em todo o caso, não será descabido um breve resumo de suas opiniões nesta obra.

Os seus estudos versaram sobretudo sôbre os dados toponímicos que se encontram em dois antiqüíssimos documentos denominados: "O livro dos Jubileus" e "Assatir" ou "Mistério". O livro dos Jubileus, também chamado às vêzes a pequena Gênese, é considerado talvez mais antigo que esta e as suas descrições geográficas denotam influência fenícia. Tendo-o compulsado atentamente, Herrmann concluiu que o rio Geon não é diverso do Nilo, o rio de Ham, e que é portanto na Abissínia que se deve procurar o sítio do Paraíso. Cita também o parecer de Yahuda o hebraizante que pretendia que para os Egípcios antigos o Éden era uma estância subterrânea, situada bem a oeste, o que viria reforçar a minha opinião da situação atlanto-americana do Paraíso.

Mas o exame do velho documento samaritano que é o "Assatir" levou Herrmann a encarar a possibilidade de ser a região dos oásis sitos na Arábia Feliz, a qual se chama Hadramaut, um dos possíveis sítios para o Paraíso. O rio Fisson, que rega tôda a terra de Havilá, "lá onde há ouro" seria então o Wadi-el-Rumâ, cujas águas, carregadas de palhetas de ouro, percorriam o que é atualmente o Nedjd, e que hoje se somem muitas vêzes sob as areias. Ainda se encontram lá muito ouro e pedas preciosas, ônix e bdélio, "bdolach" e certas secreções aromáticas vegetais, como o incenso. Em apoio desta conjetura pode-se invocar velhos textos hebraicos que estendiam o apelido de Éden à Arábia inteira, incluídas as praias do mar Vermelho e até mesmo a Abissínia. Herrmann pretende que o têrmo Éden subsiste no nome da possessão inglêsa de Aden. Quando o Livro dos Jubileus refere a inundação do Paraíso, convém entender, segundo Herrmann, que o dilúvio universal pôde submergir a Abissínia e estender a sua ação até ao Iêmen e à Arábia Feliz dos antigos.

Por convincentes que sejam, os argumentos expostos de Herrmann não levam em conta as escavações recentes de Langdon e Woolley na Mesopotâmia, nem as lendas dos índios da América. Com efeito, além das deformações que compiladores de antanho introduziram nos textos, tanto por ardor patriótico, como por simples negligência, é preciso não perder de vista que houve uns quantos dilúvios

nas diferentes partes do mundo, sendo que as narrações que dêles chegaram até nós são de certo imitadas do Dilúvio Universal.

Herrmann pensa que a citação do monte Ararat foi agregada por um interpretador armênio e que o dilúvio teve lugar na Abissínia, como fenômeno puramente local. O Livro dos Jubileus afirma que o jardim do Éden foi também invadido pela enchente. Quanto à duração do sinistro, as diversas versões divergem consideràvelmente entre si. O texto sumeriano diz seis dias, a Gênese, quarenta; o livro de Enoc, um ano inteiro. Quanto aos arqueólogos modernos, medem por séculos a duração do dilúvio.

Nas suas ANTIQUITIES OF MÉXICO, diz lord Kinsborough que entre os Toltecas freqüentemente se via figurada uma serpente com cabeça de mulher envolvendo uma árvore solitária em uma clareira, a distância rodeada por outras árvores. Os missionários espanhóis do tempo da conquista viam nela a imagem da primeira mulher nos jardins do Paraíso. Há alguns anos foi encontrada em Guatemala uma antiga placa de cobre sôbre a qual estava gravada uma cobra enrolada em uma árvore, como se diz na Gênese.

Um mito dos índios Pahute da América do Norte conta do deus Hinuno, o qual, tendo se disputado com os outros, foi para sempre expulso do céu; e tornou-se então o gênio do mal. Por outro lado, falam as lendas mexicanas de um deus ou de um espírito, que se sublevou contra o Ente Supremo; e que se chamava Sootã ou Xatã, nome que se parece singularmente com o Satã dos semitas, Satanás dos cristãos ou Xaitã dos mussalmanos. Talvez seja o nome de um vassalo atlante expulso do Império, depois de uma revolta. Tempos após, fêz a lenda dêste revoltoso pré-histórico a personificação temível do espírito maligno.

Lê-se no sexto capítulo da Gênese que "os filhos de Deus", ou sejam os filhos da luz, isto é homens pertencentes a uma raça superior, desceram sôbre a terra, encantados na beleza das filhas dos homens e esposaram as que quiseram, e destas uniões nasceu a gloriosa raça dos gigantes, chamados Guiborim. Encontra-se uma história semelhante na mitologia grega: a aventura dos Titãs, revoltados contra Zeus, que tinham tentado apoderar-se do Olimpo. Era um dêles Prometeu, que os homens tinha presenteado com o fogo; quer dizer que os tinha esclarecido com a cha-

ma da civilização; e foi punido cruelmente por isso. Encontramos ainda gigantes rebelados nas lendas mexicanas, das quais uma fala dos Quinames que em certa época se tinham apossado da direção do universo. O Ramaiana conta dos Racxas, gigantes que sob as ordens de Ravana, o príncipe dos demônios, combateram o povo dos Símios (talvez os Vedas, habitantes primitivos da Índia) e foram submetidos pelo Rama. Também o Códex Popul-Vu se refere a terríveis gigantes que procuraram tornar-se um dia senhores do mundo. O livro de Enoc descreve circunstânciadamente a guerra movida contra os gigantes antropófagos, que tinham trezentos côvados de altura e tudo teriam devorado sôbre a terra, se não tivessem sido impedidos de fazê-lo.

A uniformidade dessas lendas permite-nos encontrar a sua origem: admitamos que êstes robustos gigantes, familiarizados com os processos da feitiçaria e orgulhosos da sua ciência, a ponto de desafiar o poder supremo, não são outros que os atlantes.

O historiador indígena do México, o célebre Ixtlil-Xoxitl, conta que após o Dilúvio Universal os homens se esforçaram para descobrir meios para furtar-se à cólera divina, caso ela viesse de novo a manifestar-se. Com êste fim, resolveram os antepassados dos astecas erguer uma altíssima tôrre no tôpo da grande pirâmide de Xolula, que tinha sido construída em tempos imemoriais pelo gigante Xelua, como o meio seguro para escaparem em caso de novo dilúvio. Mas êste projeto irritou os deuses, que estabeleceram a confusão das línguas entre os construtores, fulminaram o edifício em construção com raios e destruíram o que estava feito, lançando-lhe lá de cima uma pedra enorme (um meteorito) com a forma de um sapo. Como se vê, é tal qual o caso da Tôrre de Babel. Pensa o ilustre L. Spence que se trata de algum ciclópico edifício atlanteano. Mas a confusão das línguas é explicável pelas dificuldades e desentendimentos entre os trabalhadores, vindos de todos os confins do império e tribos diferentes.

Existe entre os Quíchuas do Peru uma lenda que é quase uma reprodução textual da história da criação do mundo, tal como se encontra na Bíblia, começando com estas palavras: "A princípio, a água cobria tudo; o caos dominava em tôda a parte; e o Grande Espírito planava por cima de tudo."

Os mitos que circulam entre os índios Muscoguem (tribos dos Crics, Choctaus e Seminolas) contam que o grande Esauguetu, fêz os homens do barro e separou a terra das águas sôbre as quais voavam as pombas.

Do folclore dos índios Quidês consta a história de um herói chamado Zipancu, a qual lembra muito a de Sansão da Bíblia, assim como o mito solar de Xamax dos sumero-babilônios.

Uma lenda asteca conta que houve um tempo em que os deuses andavam pela terra, em um paraíso, que era um magnífico horto, onde havia deliciosos frutos e flôres de aroma divino. Aves de ricas côres seduziam com o seu canto melodioso e os deuses passavam o tempo a escutá-los em feliz indolência. Mas esta ventura não podia durar, e os deuses viram a escuridão estender-se sôbre a terra, com descontentamento. Então decidiram os deuses criar dois luminares, um para o dia e um para a noite. Para tanto seria, porém, necessário que dois dos deuses se sacrificassem; e nenhum dêles estava disposto ao sacrifício. Ficou então decidido que se consultasse a sorte. Tecu-Tziztz-Tecatl, o mais rico dos deuses e o mais poderoso, e Nanáotzim, o mais pobre e o mais miserável, foram os designados. Ambos foram levados ao vértice da grande Pirâmide, hoje chamada Pirâmide do Sol, a fim de acender cada um, uma grande fogueira, para nela deitarem tudo o que tinham, antes de lançar-se a si mesmos. O mais rico dos deuses às chamas lançou as plumas mais ricas da ave chamada quetzal, muito rara, objetos preciosos, ouro e copal odorífero. Mas, quando foi para precipitar-se, faltou-lhe a coragem. Depois de quatro tentativas em vão, renunciou à idéia de tornar-se um sol. O pobre Naná-Otzim, entretanto, que só pudera entreter o seu fogo, com fôlhas de tuna espinhosa, lançou-se com tôda a coragem. Foi logo abrasado, mas ressuscitou, sob a forma brilhante do sol. Quando o outro deus isto viu, logo deitou-se à fogueira e ressuscitou sob a forma de lua, que então uma luz ainda emitia, quase como a do sol. Isto vendo, os outros deuses enviaram até à lua um pardal, para empanar-lhe o brilho com a sua sujeira.

Achamos nesta lenda, embora contraditória, uma certa analogia com a da criação, segundo a Bíblia, com a condição de encarar Adão como símbolo do sol, fecundador, e a Eva o da lua, mais meiga e doce. Assim como na lenda mexicana vemos os deuses vagar pelo paraíso, desocupados, andavam os nossos primeiros pais, quais deuses, pelo

seu esplêndido jardim, sem ter que trabalhar, nem mesmo pela alimentação. Tais como os deuses mexicanos, um forte, outro fraco, se sacrificaram, contra a sua vontade, a fim de dar luz aos outros, o primeiro par, o forte Adão e a delicada Eva, desistem da imortalidade, comendo o pomo da ciência, do bem e do mal, a fim de proporcionar à sua futura descendência os benefícios da sapiência.

Incidentemente Satanás, ao tentar Eva, fala de Deus no plural ("eloim" em hebreu), como também se encontra o mesmo plural no primeiro versículo da Gênese: "No começo, os deuses criaram... etc. Nenhum exegeta, por mais sutil que seja, poderá jamais destruir êste índice certo do ponto de vista politeísta em que se colocou o autor do primeiro livro da Bíblia, chamado Berexit.

Mas a coincidência das suas lendas não passa daí e será em vão procurar na mexicana a admirável e profunda filosofia que transparece das narrações da Gênese. O seu autor mostra imediatamente que a ciência não proporcionou felicidade, porque o conhecimento do universo deve ser privilégio dos deuses. Quanto aos homens, é na própria existência que êles devem procurar satisfação, tal como, os irracionais. Esta ànsia de compreender é um ato de revolta, por parte da criatura, contra a divina vontade, que será vingada com a destruição e a morte. Posteriormente, mais de mil anos antes do advento da Luz Divina e do divino amor, ainda exclamou um rei israelita, desesperado perante a futilidade da existência: "Aquêle que aumenta o seu saber, aumenta o seu sofrer!"

A fonte de tôda a luz, o sol, é freqüentemente simbolizado entre os astecas, os maias e os toltecas, por uma cobra emplumada mais ou menos convencional. Quetzal-Coatl e Cuculcã, que trouxeram os benefícios da civilização à América Central, são representados por uma serpente alada. Na Bíblia também se encontra a serpente, o espírito do mal, que conduz Adão e Eva para o caminho da sabedoria, isto é, da luz.

Brasseur de Bourbourg ouviu dizer de outra lenda asteca que se aproxima ainda mais da Bíblia, narrando que "em tempos imemoriais havia na terra um paraíso, que era residência dos deuses, mas depois que provaram do fruto interdito da árvore sagrada êles foram expulsos do mesmo."

Como se pode deixar de crer que atrás de todos êsses textos, tirados da Bíblia, do Assatir ou do livro dos Jubileus, se oculte, sob o véu tecido em milhares de anos, um

fundo comum de verdade? Segundo as aparências existiu um dia um grande centro que abasteceu de lendas e de inspirações, cosmogônicas, teogônicas e mitológicas todos os outros povos pré-históricos. Há milhares de anos, a grande civilização atlanteana estendia-se do México à Babilônia e mais além, talvez até à Índia e Indochina. Esta civilização inexprimível deu à luz livros sacros de mitologia e de filosofia primárias, dos quais alguns vieram até nós. Esta mesma incomparável civilização tinha conseguido acumular um verdadeiro tesouro de conhecimentos relativos aos grandes fenômenos da natureza, assim como, na ordem prática, à medicina, à previsão do tempo e à feitiçaria sob todos os seus aspectos. E assim formou-se uma concepção épica dum universo povoado de deuses, de gigantes, de pigmeus, de sóis, de animais fantásticos, de deuses invisíveis e de espíritos maléficos. Mas não é só isso, porque ainda encontramos hoje em dia, no Novo Mundo, no Egito, na Ásia Menor e na Índia, profusão de magníficos monumentos, concebidos como pirâmides e executados sob a forma de obras ciclópicas. São êstes os testemunhos, imperecíveis quase, da concepção que essa inimitável cultura pré-histórica formava da arquitetura...

CAPÍTULO XI

A Grande Pirâmide do Egito. Sua significação. As profecias que encerra. Sua mística. Quando foi construída? A ciência dos arquitetos que a construíram.

A Grande Pirâmide de Gizé ou Pirâmide de Quéops é também chamada "A Biblia de Pedra". Em uma das suas passagens internas foi encontrada a seguinte inscrição: "Eu sou arauto e testemunho da vontade divina. Deus criou-me com sentimentos humanos e encerrou em mim o seu mistério." O autor da inscrição fala indubitàvelmente em nome da própria pirâmide. Notemos a propósito que o profeta Isaías menciona um monumento e um altar que tinham sido erigidos no Egito, não longe da sua fronteira, dedicados a Deus, como testemunho da sua glória. E' razoável que Isaías tenha com essas palavras pretendido designar a pirâmide de Quéops.

Muitos estão convictos de que esta pirâmide é imagem do destino da humanidade e que cada uma das suas pedras, por assim dizer, simboliza um certo acontecimento. Pensam alguns que existe uma concordância impressionante entre certos dados da Bíblia e as indicações ministradas pelo monumento. Esta escola científica chama-se a dos "biblistas", dos quais existe um número considerável, sobretudo nos países anglo-saxões. O escritor francês Sr. Barbarin, um dos mais ferventes biblistas dêsse país, pretende que os corredores e passagens que percorrem a pirâmide formam um sistema de tal forma combinado, que cada um dos seus ramos, extensões, declividades etc. tem um sentido profundo, exato e eterno.

O coronel Garnier (*) sustentava que a galeria principal simboliza a sucessão dos acontecimentos da história,

(*) "A Grande Pirâmide, seu construtor e as profecias." Paris 1905.

passados e futuros e que lá observara, em 1905, o prenúncio de uma grande guerra para o ano de 1913; o que afinal não representa um êrro maior do que um ano. Garnier pretendia mais que os construtores da grande pirâmide profetizaram o advento do cristianismo, por meio de uma determinada disposição das galerias e uma juntura determinada das pedras de construção.

O notável egiptólogo francês, Sr. Alexandre Moret, no seu livro: "Deuses e reis do Egito", afirma também que os egípcios sabiam, milhares de anos antes, que Cristo havia de vir e que tinham até predito certos pormenores acêrca de sua vida e morte, como a Ceia Final, por exemplo.

Afirma Barbarin que as predições contidas na pirâmide denominam a época atual "a época do caos", anunciando que êste período estaria findo em 15 de setembro de 1936, para ir aos poucos dando lugar à nova era teocrática. Nós, porém, testemunhas do desencadeamento da nova guerra mundial, não nos podemos colocar ao lado do Sr. Barbarin. Se a transformação indicada nos passou despercebida, é, sem dúvida, porque os momentos decisivos da história escapam à sagacidade dos coevos.

No estudo que publicou sob o título de: "O segrêdo da Grande Pirâmide" nota o Sr. Barbarin que, se encontram na pirâmide indicações acêrca das épocas em que deverão ter lugar os grandes acontecimentos, porém nenhuma particularidade específica. O matemático Leo Mayou afirma que a disposição dos corredores e compartimentos do monumento simboliza o mistério do Alto Nilo, a montante da sexta catarata: as galerias da pirâmide representariam os afluentes do rio e os compartimentos os grandes lagos dos quais êstes vertem. Mas esta concepção foi ardentemente combatida pelo célebre egiptólogo M. Maspero. Numerosos foram os investigadores que tentaram desvendar o senso oculto dêste célebre monumento e penetrar os seus mistérios. Maspero, o coronel Garnier, C. Lagrange, Piazzi-Smith, D. Davidson, C. Knight, X. Wedge, X. Aldersmith, W. Kongsland, B. Stuart e muitos outros voltaram-se ao seu estudo, com maior ou menor sucesso, em tôdas as suas minúcias. De 1910 a 1914, Davidson e Aldersmith dedicaram-se conjuntamente com tôda a tenacidade a um estudo comparativo entre a cronologia da pirâmide e a da Bíblia. Depois do falecimento do dr. Aldersmith, prosseguiu Davidson nos estudos anteriormente feitos em comum e deu à publicidade os seus resultados em uma obra considerável,

repleta de cálculos astronômicos. Haberman preferiu dedicar seus estudos aos mistérios históricos, religiosos e proféticos contidos no monumento.

O corredor pelo qual se penetra na pirâmide começa ao nível do 16.º degrau, descendo a princípio numa extensão de 27, 75 m, e bifurca-se então, continuando um dos ramos com o mesmo declive, enquanto o outro sobe em direção ao centro do edifício. O que desce vai ter a uma câmara subterrânea, escavada na própria rocha sôbre a qual se apóia a pirâmide. Êste corredor simboliza, segundo se diz a queda do homem na obscuridade, incapaz de encontrar o caminho da verdade. Ao passo que a abóbada da câmara é polida, o seu soalho é rugoso e amolgado. Conforme textos egípcios esta câmara simboliza a demência.

Na parte que sobe, abre-se em certo ponto uma galeria horizontal que conduz à Câmara da Rainha, continuando o ramal a subir até atingir um pé-direito de 8,20 m, enquanto sua largura continua a ser de 91 centímetros, e esta parte ascendente conduz à Câmara do Rei, depois de um percurso de 47,50 m, sendo mais larga em baixo, do que ao nível do teto. Por cima da Câmara do Rei existe um conjunto de compartimentos uns sôbre os outros, possìvelmente com o fim de impedir qualquer destruição da mesma.

Esta pirâmide (*) foi construída, sem dúvida alguma com um fim científico e místico e em todos os tempos passou por encerrar grandes segredos e avultados tesouros. No ano 920 da nossa era, tendo o califa Al-Mamum resolvido investigar a existência dos tesouros que se diziam nela ocultos pelos seus construtores, numerosos operários desmancharam um dos extremos do edifício, ao nível do décimo-sexto degrau, sem conseguir achar a entrada da Galeria Inclinada e sobretudo não lhes foi possível descobrir a porta que é um enorme monólito, o qual gira sôbre um eixo. Mas afinal ouviram inopinadamente cair por acaso uma pedra, com um estampido singular, e uma brecha se fêz... Puderam então entrar na Câmara Real e nada mais encontraram que uma arca de granito, vazia e sem tampa.

Os dados fornecidos pela Grande Pirâmide constituem na realidade um conjunto impressionante. Antes de mais nada é incontestável que o arquiteto dêste monumento era

(*) A palavra pirâmide deriva do têrmo copta: PIRIMIT ou PIRAMIT, que significam: "a décima medida em números".

um matemático fora do comum, pois que conseguiu incorporar a um edifício tão simples no seu plano geral uma quantidade considerável de valores geodésicos e astronômicos. Êle conhecia indubitàvelmente o valor de π (relação da circunferência com o diâmetro) e quis imortalizá-lo para todo o sempre. Êle conhecia também a excentricidade do eixo da terra, o comprimento do raio polar, as dimensões da órbita terrestre, a distância que separa o nosso planêta do sol, o fenômeno da precessão dos equinócios, a duração exata do ano sideral, assim como o pêso e a densidade do globo. E sabia igualmente a área da sua superfície, o que leva a crer que dispunha de mapas tão exatos como os atuais. Ora nós sabemos que nem os egípcios, nem os caldeus, que eram notáveis astrônomos. possuíam conhecimentos científicos tão adiantados.

Onde pois adquiriam os construtores da Grande Pirâmide conhecimentos tão adiantados? A resposta não é fácil. Aos olhos do abade Moreux, por exemplo estamos em presença de um caso de revelação divina. Mas tentemos assim mesmo, pelo nosso lado, encontrar uma solução científica. E, antes de tudo, tratemos de determinar, aproximadamente pelo menos, a época em que o edifício foi construído.

Segundo as mais fundadas conjeturas deve-se situar a sua construção entre os anos de 2654 e 2592 antes de Cristo. Em geral, com fundamento no testemunho de Heródoto, atribui-se essa iniciativa a Quéops, que reinou durante a segunda metade do terceiro milenário anterior à era cristã; mas será também preciso então admitir que o Egito tenha herdado de uma grande raça, muito civilizada, os indispensáveis meios de calcular. Por outro lado, a hipótese de que a pirâmide tenha sido erguida por uma população estabelecida no vale do Nilo, imediatamente antes da chegada dos pré-egípcios, não encontrou até hoje apoio em descoberta arqueológica alguma; e o que sabemos da civilização "badariana", a civilização mais antiga de que se encontram vestígios seguros no Egito, torna também esta hipótese inadmissível.

Em suma, pela minha parte sou levado a crer, provisòriamente ao menos, que a pirâmide pode ter sido construída em uma época muito remota, provàvelmente durante o período pósglaciário e que Quéops — caso que não é singular na história do Egito — tenha atribuído a si o mérito da obra. Convém notar que as indicações astronômicas sôbre as quais se fundam os que atribuem a Quéops a paternidade

do monumento, são bastante vagas. As particularidades que foram observadas na disposição dos compartimentos internos do edifício só contribuem para corroborar a atitude de dúvida que assumi a êste respeito.

Quando se está de pé na mais profunda das salas subterrâneas, vê-se a estrêla Polar precisamente no extremo do corredor inclinado, pelo qual se penetra no compartimento. Ora, o pólo do universo completa uma revolução que o conduz à sua posição inicial ao fim de 25.796 anos. Atualmente êle se acha extremamente próximo à estrêla Polar.

Entretanto, é possível que na época da construção da pirâmide o pólo coincidisse com a estrêla ALFA do DRAGÃO (Alpha Draconis), que também se avista no prolongamento do corredor e é igualmente vizinha da Polar. Aí talvez encontremos uma indicação acêrca da época da construção; porque é evidente que o construtor tencionou deliberadamente colocar o observador em posição de avistar o pólo no fundo da galeria. De onde se deduz que não é impossível que a sua construção date de uns trinta mil anos passados. No meu parecer pode-se atribuir a construção da pirâmide a uma raça desconhecida que habitava no vale do Nilo há muitos milhares de anos e que dispunha de uma civilização que seguramente não era inferior, e talvez mesmo superior à nossa, além de conhecimentos matemáticos de astronomia e geofísica, que êle quis incorporar para sempre nas proporções de um edifício majestoso ,simultâneamente destinado a corresponder a certos intuitos místicos.

Herôdoto transmitiu-nos muitos pormenores sôbre o modo como foi edificada a pirâmide, os quais êle obtivera dos sacerdotes egípcios com quem tinha privado, ou então das informações correntes entre os próprios gregos. Quanto às indicações inscritas na pirâmide (tais como as quantidades de víveres outorgadas aos operários), podem ter sido acrescentadas durante o reinado de Quéops, seja por oitiva, ou mesmo inteiramente fantasiadas. Segundo informa Herôdoto. cem mil operários trabalharam durante vinte anos na sua construção; e as turmas exaustas eram substituídas cada três meses. Os sacerdotes tinham revelado que fôra preciso construir preliminarmente uma estrada para o transporte dos materiais de construção, o que levara dez anos. Herôdoto descreve os aparelhos para elevar as pedras, algumas de enormes dimensões, as quais eram arrastadas até o local da obra em uma espécie de trenós puxados por inúmeros homens atrelados por fortes cordas.

Por fim foi a pirâmide revestida exteriormente com blocos calcários. As suas inscrições descrevem os processos empregados na construção. Contam-se atualmente 203 fiadas de pedra de 91 centímetros de altura cada uma, dispostas em degraus. A superfície da plataforma que coroa o monumento tem cêrca de cinco metros quadrados.

Dissemos acima que o edificador da Grande Pirâmide tinha dela feito intencionalmente uma espécie de conservatório de dados astronômicos ou matemáticos. Era necessário possuir conhecimentos realmente prodigiosos para aquêle tempo, a fim de poder depositar tanta ciência nesse monumento ,e não pode deixar de impressionar quando se reflete nos cálculos complicados e múltiplos que foram precisos para atingir o seu fim.

A orientação da pirâmide é exata, com aproximação de 4 minutos e 35 segundos, o que tem causado espanto a muitos astrônomos. No fim do século passado, viram-se êles forçados a cálculos laboriosos, a fim de determinar com exatidão a distância do sol à terra, a qual veio a tornar-se unidade de medida astronômica. Ficou então fixada em 90.000.000 de milhas inglêsas, de 1.609 metros cada uma. Não sabiam os astrônomos que sua tarefa poderia ser enormemente simplificada, bastando para achar aquela distância multiplicar simplesmente por 1.000.000.000 a altura da pirâmide.

Prolongadas para nordeste e noroeste, as diagonais do quadrado que forma a base da pirâmide irão ter exatamente aos dois extremos, oriental e ocidental, do delta do Nilo. A área do delta é dividida em duas partes sensìvelmente iguais pelo meridiano que passa pelo vértice da pirâmide, ficando cada sector com um ângulo central de 45 graus. Êste meridiano foi admiràvelmente escolhido, porque é o único, dentre todos os meridianos, que atravessa a maior extensão de terras e divide os continentes habitados em duas partes equivalentes.

O vértice da pirâmide fica situado a 29° 58' 51", 22 de latitude norte. Parece insignificante, à primeira vista, êste pormenor, mas se se pensa que a posição aparente da estrêla Polar parece deslocada invariàvelmente 1'8",78 por causa da refração terrestre, percebe-se logo a intenção do construtor, porque, somando êstes dois ângulos, obtemos o total exato de 30 graus e portanto, fica o vértice colocado nesta latitude exata. Êste paralelo de 30° é igualmente

notável, porque separa o máximo das terras emergentes, do máximo das superfícies marítimas. Teve pois o construtor a clara intenção de fixar para sempre como, no seu tempo, se repartiam oceanos e continentes. E, até hoje, esta divisão não se alterou sensìvelmente.

Se passarmos a considerar mais detidamente a orientação da pirâmide, chegaremos às seguintes curiosas conclusões: A reflexão dos raios solares pelas faces da pirâmide indica quase exatamente os equinócios e os solstícios, servindo para fixar as épocas-apropriadas para as sementeiras. Com efeito, a face norte fica iluminada inteiramente durante alguns momentos, ao nascer do sol, durante o período que vai do equinócio da primavera ao do outono. Durante o resto do ano a face sul fica iluminada desde o nascer ao pôr do sol; — o que determina o instante exato do equinócio, com aproximação de 12 horas. Enquanto o revestimento de pedras calcárias estava intato, êste fenômeno das "sombras fugitivas" ainda devia ter muito maior efeito e não deixou de impressionar os coevos. A êsse propósito, deixou-nos o poeta latino Ausônio:

... quadrata cui in fastigio cono
Surgit et ipsa suas consumit puramis umbras.
(a própria pirâmide consome as sombras dela nascidas)

Êste fenômeno foi explicado em nossos dias pelo professor Pochan, o qual observou que as referidas faces da pirâmide, isto é, sul e norte, não são superfícies planas, porém diedros de 179 graus e 50 minutos. Em linguagem vulgar diríamos que estas faces apresentam uma ligeira concavidade, cuja profundidade máxima não excede de 94 centímetros, o que basta, entretanto, para ocasionar o desaparecimento antecipado da sombra produzida pelo sol nascente, por ocasião dos equinócios.

A unidade de medida empregada pelo arquiteto parece ter sido o côvado sacro, que se divide em 25 polegadas sacras. Ora esta polegada é idêntica à polegada em uso na Inglaterra (0, 02535 m). Dez milhões de côvados sacros são 6.356.600 metros, isto é, o comprimento do raio polar do nosso planêta, com a aproximação de um décimo de milímetro... Como o raio polar é quantidade mais constante que o meridiano terrestre, é evidente que o côvado sagrado é medida mais sàbiamente escolhida que o metro, mais certa que êste, que é a quadragésima milionésima parte do meridiano de Paris.

Assim pois a metrologia empregada na construção da pirâmide é incomparàvelmnete superior à nossa, tornando explicável a sentença do padre Moreux, que felicita os inglêses por não terem renunciado ao seu arcaico sistema de jardas, pés e polegadas.

Sabe-se que o valor dos meridianos é sujeito a variações. O comprimento do raio polar varia também, mas as suas variações só no fim de milhões de anos se tornam perceptíveis para nós; tanto que se pode, sem êrro sensível, servir-se do raio polar como de uma quantidade constante.

O côvado sagrado dos antigos judeus é o mesmo que o da pirâmide. Cem milhões de côvados sagrados representam a extensão exata do arco descrito pelo nosso planêta em 24 horas, retificada. Expressa em metros esta extensão produz um múltiplo exato de 2 π.

Na câmara central ou Câmara do Rei estava uma arca oblonga de granito vermelho. Pensou-se que era um sarcófago; mas ficou averiguado que nunca contivera cadáver algum, tratando-se pura e simplesmente de um estalão para diversas medidas. Vejamos quais as que por ela se podem avaliar.

Seu volume é externamente: 138.000 polegadas sacras cúbicas, equivalentes a 4 "quarters" inglêses; sendo precisamente o duplo de sua capacidade interna; pois que ela pode conter, com efeito, 2.500 libras ("pounds") de água. Aí está mais um argumento em favor da superioridade do sistema inglês de pesos e medidas.

Esta capacidade avaliada em polegadas cúbicas produzia ao que parece, um número sagrado para os egípcios, e os judeus, que tinham apreendido muita coisa durante o seu cativeiro, também lhe atribuíam um valor místico. Com a Bíblia na mão, poderíamos, por meio de simples cálculos, provar que a capacidade da ARCA DA ALIANÇA era igual à desta cuba de granito.

Mas não é tudo: lemos no Livro dos Reis que Salomão mandou fazer um grande recipiente de cobre vermelho, que êle denominou "Mar de Cobre" e mandou colocar no templo de Jerusalém. Ora a capacidade dêste vaso era também idêntica à da misteriosa cuba de granito. E quantos outros dados numéricos poderíamos ainda extrair por meio de cálculos adequados das suas dimensões. Para citar um exemplo apenas: a densidade da terra.

E' também interessante saber que o arquiteto deu tais dimensões ao monumento, que todos os números que as representam são divisíveis pelos quatro primeiros primos: 2, 3, 5 e 7.

Acrescentemos que a superfície de qualquer das faces do edifício é igual ao quadrado da altura da pirâmide; como já mencionou Herôdoto. A soma das diagonais da base é de 25.800 polegadas sacras ou aproximadamente a duração da precessão do ponto "Gama", que é o ponto de equinócio da primavera. O pêso total da pirâmide é exatamente a quinquagésima-milionésima parte do pêso total da terra. Multiplicando pelo volume da pirâmide, em côvados sacros cúbicos, a densidade média da pedra empregada na sua construção, obtém-se um número começando por 552. Ora. 5,52 é a densidade do nosso planêta. O perímetro da base da pirâmide mede 1.015 jardas de 914,4mm e a sua altura é de 165,55 jardas. Êste perímetro dividido pelo duplo da sua altura dá o quociente 3,1415, que é o valor de π. isto é, da relação entre a circunferência e o seu diâmetro, com a aproximação de 0.0001. O que torna o caso ainda mais espantoso é que nós europeus chegamos à mesma aproximação do número π no século XVI depois de longos e fatigantes cálculos, sem saber que os construtores da pirâmide tinham alcançado o mesmo resultado, milhares de anos antes!

O comprimento da antecâmara no interior da pirâmide em polegadas sacras e multiplicado por π dá 365,242... que é a duração do chamado ano tropical, com a aproximação de um milésimo. O comprimento de um lado da base é de 366 côvados sacros, como o número de dias dos anos bissextos. A relação entre a superfície da base e a superfície da seção vertical é de 3,1416. O duplo comprimento de um lado da base é 3,1416 vêzes a altura da pirâmide, mais uma vez o famoso número π.

Segundo William Kingsland e Morton Edgar, o comprimento dum lado da base é de 9131 polegadas e 25 milésimos, mas outros arqueólogos calcularam-na em 9131 polegadas e 416 milésimos de polegada. Ora êste número é o mesmo que o número de dias contidos em 25 anos. o que dá para cada ano sideral uma duração de 365 dias, 25664... número que não difere de mais de 30 segundos do que é adotado pela ciência moderna. Mas 9.131 polegadas e 416 milésimos são pràticamente equivalentes a 1/480 de um grau

do equador. Nesta proporção o equador deveria ter ..... 24.903,86181 de milha, algarismo que difere apenas de uma milha e meia do valor que lhe é atribuído hoje em dia. Se se divide o comprimento do equador indicado pela pirâmide, por 3.1416, π acha-se para o diâmetro do nosso planêta 7.927 milhas que é apenas milha e meia mais do que o valor calculado por prof. James Jeans.

A extensão total do equador terrestre seria, segundo dados da pirâmide, 1.577.908,684 de polegadas. Êste número corresponde exatamente ao número de dias contidos no chamado "Dia de Brama" (*). Os cálculos que seguem também são dignos de interêsse: o comprimento do equador, expresso em pés, dá um número de dias contidos em 360.000 anos e expresso em jardas os dias de 120.000 anos.

Êstes cálculos, baseados nas dimensões dos lados da base da pirâmide provocaram violentas controvérsias. Davidson sustentava que o comprimento do lado é de 9.131 e 25 centésimos de polegadas apenas, enquanto que Edmond Beckett acha que deve ser de 9.132 polegadas. Por outro lado, as medidas efetuadas por Flinders Petrie, com o concurso do serviço cadastral egípcio, deram os seguintes resultados: comprimento da base na face norte: 9.131.416 de polegada; da face oeste: 9.133,4 de polegada; da base: 9.119,2 de polegada e finalmente da base sul 9.125,7 de polegada. William Kingsland impugna a estas medidas a lacuna de terem sido tomadas a partir da face do plinto sôbre o qual repousa a pirâmide, em vez de sê-lo de um ao outro ângulo da pirâmide pròpriamente dita; e refuta também o côvado sagrado e a polegada piramidal que a seu ver não passam de invenções de Piazzi Smith.

Quaisquer que sejam as divergências que possam ter sido levantadas a propósito do estudo minucioso da pirâmide, não deixa de ser certo que ela contém uma quantidade de indicações deveras impressionante... Uma tal preocupação de exatidão científica só pode ter brotado no espírito de homens muito superiores aos egípcios e não é exagêro dizer-se que o problema ainda insolúvel da origem do povo que ergueu a pirâmide confunde-se com o problema da própria origem da civilazção da raça egípcia.

(*) Ver em Blavatsky: A doutrina secreta.

CAPÍTULO XII

A cidade de Teotiuacã. As pirâmides americanas. O Iucatã e os Maias. A influência da índia. As descobertas na República do Salvador. O livro de Xilam Balam. Descrição de uma catástrofe.

Existem no México as ruínas duma cidade santa, pré-histórica, que parece ter outrora desempenhado nesse país um papel comparável ao que representa Meca para os muçulmanos ou Lourdes para os católicos. Êsse conjunto de ruínas denominado "a cidade arqueológica de Teotiuacã" está situada no território da pequena cidade de S. João de Teotiuacã a oitenta quilômetros mais ou menos do México, encravada no distrito chamado "A Zona Arqueológica". A palavra Teotiuacã significa "a cidade onde se ora a Deus".

Até o fim do século passado ninguém suspeitaria que pudessem existir nas colinas dos arredores de S. João de Teotiucã monumentos de tão grande interêsse e, ùnicamente por acaso, foram sucessivamente descobertos primeiro a Grande Pirâmide do Sol, em seguida a Pirâmide da Lua e enfim os templos de Quetzal-Coatl, de Tlaloc etc.

A cidade santa, tal como aparece atualmente, é a mais recente duma série de antigas cidades soterradas naquele território sob espêssas camadas de aluvião. Em escavações feitas nas camadas inferiores à cidade vieram à luz numerosas cerâmicas, análogas às das ruínas, já mencionadas, de San Angel e de Tlalpã, destruídas e cobertas pela lava, durante erupções vulcânicas ocorridas há 8.000 anos. Aliás, as próprias ruínas das camadas superiores já são da mais afastada antiguidade. Os Toltecas instalaram-se em Teotiuacã com tôda a sua magnífica civilização, muito depois de ter sido a mais antiga dessas cidades abandonada por seus primitivos habitantes, e construíram seus templos sôbre as ruínas dos que tinham construído seus predecessores. Isto se re-

conhece imediatamente ao examinar o templo de Quetzal-Coatl, chamado: "o da Agricultura", assim como os afrescos que ornam as suas paredes. Chegou no entanto o dia em que os Toltecas tiveram que ceder lugar aos ferozes Astecas, que eram então uma tribo selvagem. Os recém-vindos quiseram por sua vez imitar os edifícios levantados pelos anteriores habitantes, mas nem puderam aproximar-se da estética da arquitetura tolteca.

De fato, a maior parte das ruínas hoje subsistentes data da era tolteca e asteca e, com exceção das pirâmides, os vestígios da mais antiga civilização pré-tolteca são muito raros. Parece que os toltecas, ameaçados de invasão pelos astecas, apressaram-se de revestir seus monumentos com forte camada de cimento cobrindo-a por sua vez de terra. Sôbre as elevações assim formadas, ergueram os astecas seus edifícios, sem imaginar que elas contivessem aqueles tesouros arquitetônicos. Até agora não se pôde ainda desentulhar senão uma pequena parte da Cidade Santa e é certo que muitas surprêsas ainda estão ali reservadas aos arqueólogos do futuro. Para as escavações foi preciso retirar em primeiro lugar uma camada de terra, que tinha em geral a espessura de um metro e depois outra de cimento, de 30 centímetros. Fica-se perplexo ante um tal esfôrço, pensando na formidável mão de obra que foi necessária para sua execução e admirado de terem os toltecas conseguido realizá-la... Pensam alguns que êles empregaram nesse mister escravos ou prisioneiros de guerra. Mas quantos dêstes não teriam sido necessários? A superfície da Cidade Santa é considerável, com efeito, quase 17 quilômetros quadrados. Ela tinha sido construída com real preocupação de urbanismo; os edifícios são simétricos, as ruas, traçadas com regularidade, vão tôdas ter a uma larga avenida, de cinqüenta metros de largura, que abre para uma vasta praça, circundada de importantes edifícios.

O Teotiuacã pré-asteca era notável pela beleza e grandiosidade dos edifícios, entre os quais é sem dúvida o templo de Quetzal-Coatl o mais interessante. Esta arquitetura se carateriza por pirâmides em degraus, coroadas por um bloco retangular, numerosas escadarias e por afrescos representando cenas da vida diária e assuntos mitológicos. Os baixo-relevos reproduzem personagens, animais, plantas, apresentados, por vêzes, de maneira convencional. Os mais notáveis dentre os baixo-relevos são, sem dúvida alguma, os do templo, que representam uma serpente de pena. Entre os alto-relevos distingue-se um que figura um monstro com

a goela aberta e cuja cabeça se parece mais com a dos sáurios pré-históricos, como um dinossauro por exemplo, do que com a de uma serpente.

A Grande Pirâmide do Sol tem 38 metros de altura e ocupa uma superfície de 40.800 metros quadrados. Compõe-se na realidade de cinco troncos de pirâmides, superpostas em degraus. A Pirâmide da Lua é de construção similar; tem de altura 14 metros sòmente, e a superfície da base excede de 16.350 metros quadrados. As presunções dos arqueólogos quanto à época em que teria sido construída a Grande Pirâmide variam entre 2.000 anos e 900 depois da era cristã; mas, quanto a mim, sinto-me tentado a recuar essa data até 5.000 anos antes de Cristo.

A "Zona Arqueológica" é inteiramente atravessada por uma estrada antiga, calçada e chamada o "Caminho dos Mortos", porque, segundo antiqüíssima tradição, os montículos que a acompanham dizem ser túmulos.

Desde tempos imemoriais a península de Iucatã foi habitada pelos maias, que chegaram a ser os senhores de quase tôda a América Central onde faziam reinar uma civilização requintada. De qualquer maneira, os colossais edifícios que nos legaram são tanto mais surpreendentes a nossos olhos, porque sabemos que o povo primitivo que os erigiu só dispunha de utensílios rudimentares. Os maias não conheciam a roda, por exemplo, e todos os seus materiais tinham que ser transportados em trenós, como os que ainda se usam no Açores e na Madeira. Os maias utilizavam o bronze e o ouro, mas desconheciam o ferro e todos os seus utensílios eram de madeira ou pedra. E' por isto que ainda mais nos maravilhamos ante os vestígios da sua civilização que até nós chegaram, do que à vista das civilizações egípcias e babilônicas.

A escrita de que se serviam os maias não era menos perfeita que a chinesa e seus conhecimentos astronômicos eram já tão desenvolvidos, que possuíam um calendário tão exato como o nosso, apesar de muito mais complexo. Tive ocasião de admirar no museu arqueológico de Madri, o Códex Troano-Corteziano, um dos raros códices maias que restam duma literatura que foi tão rica; e admirei a delicadeza do seu colorido e o intricado desenho das figuras nêle contidas. Quando se comparam êstes desenhos assim como os afrescos maias, com trabalhos mexicanos executados em época muito posterior, verifica-se que êstes, embora de colorido mais rico, são mais primários, mais grosseiros e com acentuada falta de perspectiva. Alguns afrescos maias, em compensação, como por exemplo, os de Tulum, provocam real interêsse sob o ponto de vista artístico.

A organização do estado maia atingiu elevado grau de perfeição. O exército, especialmente, estava sob a autoridade de um corpo de oficiais especializados.

Quanto às colossais pirâmides maias, foram elas edificadas, não sòmente com um fim religioso, mas também para servir a observações astronômicas. Quando se as contempla não se pode deixar de pensar nas riquezas de ordem científica que a Grande Pirâmide de Gizé também dissimula sob as suas formas geométricas! Um exame atento das pirâmides da América Central, especialmente da de Oaxaca, provou existir uma relação direta entre o plano das cidades maias e a orientação das pirâmides vizinhas. Foi com efeito observado que todos os edifícios maias são rigorosamente orientados de leste a oeste. Esta regra é constatada não sòmente no Iucatã como também em Guatemala e no Estado mexicano de Chiapas, onde no entretanto se observa um ligeiro desvio em algumas das fachadas. Em cidades construídas no mesmo paralelo, tais como por exemplo, Xichen-Itza e Tenaiuca havia na praça principal, geralmente situada no centro, pirâmides cujas bases apresentavam a particularidade de ter a diagonal orientada segundo um ângulo de 17° com o meridiano do lugar. Exames efetuados nas pirâmides maias demonstraram igualmente que elas tinham papel de destaque nos cálculos cronológicos. O ano maia começava a 26 de Julho.

T. A. Joyce provou que a zona na qual predominou a influência cultural dos maias era muito mais dilatada do que a que estava sob o influxo da antiga Grécia. Com efeito, enquanto que esta, mesmo incluindo Creta e as colônias da Ásia Menor, não excedia de 8 graus mais ou menos, seja em latitude como em longitude, a civilização maia estendia-se sôbre 20 graus de latitude e mais de 10 graus de longitude. De fato ela se estendia do mar das Antilhas às praias do Pacífico, e de Honduras ao rio Panuco, no México.

A península de Iucatã e a maior parte da Guatemala são ainda hoje, habitadas pelos maias, entre os quais no entanto se infiltraram outras tribos americanas. Entre estas convém mencionar especialmente a dos naoas, pois esta

teve, em tempo, sua própria civilização. Pensam alguns antropologistas que os naoas e os toltecas tinham invadido a América Central cêrca de 800 anos depois de J. C. Por sua vez acredita Joyce ter sido extinta a hegemônia dos toltecas pelo ano 1100 da nossa era. Julgam outros que o império tolteca, fundado no século II antes de J. C., teria subsistido até pelo ano 400 da nossa época. Isto prova a que ponto ainda é incerta a cronologia mexicana e o quanto é discutível. Os americanistas dividem o que se conhece da história dos maias em dois períodos, que chamam o antigo e o novo Império. O primeiro atingiu o seu apogeu cêrca de 500 antes de J. Cristo e dominava até Copã em Honduras atual. Porém no 4° século antes da nossa era, os maias abandonaram Copã e então começou o novo Império.

Igual incerteza existe na cronologia dos principais edifícios que nos legaram os maias. Enquanto que uns arqueólogos pensam que êles não provêm de antes do primeiro século da nossa era, outros não hesitam em atribuí-los ao terceiro antes de Cristo. Joyce acha que até os monumentos megalíticos de Lubaantum, no Honduras britânico, são anteriores ao antigo império. Todavia as recentes descobertas do Dr. F. Blohm, em Iucatã fizeram com que os arqueólogos atribuíssem mais 400 anos de antiguidade ao início da civilização maia; e eu acredito que novas descobertas talvez a façam recuar ainda mais. E desde já não preciso mais provas do que a pasmosa semelhança, quase identidade, existente entre certos desenhos maias e a mais arcaica arte hindu. Assim, por exemplo, pode-se ver no Códex Troano a figura de um deus, de cabeça elefantina, tendo feixes de raios na mão e a seus pés uma enorme serpente. Ora êste desenho maia reproduz fielmente o relato, que se encontra no Rig-Veda, do combate do deus do sol, Indra, contra a serpente Vritra. Outro desenho do mesmo Códex apresenta mais um episódio do aludido combate: o deus fazendo verter torrentes sôbre a cabeça da cobra. Encontra-se ainda no Códex Troano a imagem do deus hindu Ganexa. Muitos desenhos, baixo-relevos, cerâmicas encontrados entre as ruínas maias, dão que pensar em um certo parentesco com a arte e mitologia indostânica: a maneira de tratar os macacos, por exemplo. Nas ruínas de Copã, o mesmo Dr. Maudsley encontrou um desenho que lembra muito a arte de Cambodje e de Java. Recìprocamente, vê-se no templo javanês de Boro-Budur um penteado idêntico ao de certos figurinos de Copã, o mesmo que usam os imperadores de Aname. Em monumentos indochins têm sido aproveitados como elementos decorativos orelhas de elefantes, como se encontram nos alto-relevos de Honduras. Não resta mais dúvida quanto à influência da Ásia sôbre a arte maia. Entre os numerosos monólitos pré-históricos encontrados em Guatemala, nos distritos de Baul e Pantaleon há dois de excepcional importância. Um dêles é um colossal alto-relêvo, representando uma cabeça humana com um curioso penteado. A pedra tem sete metros de altura, mas está enterrada no chão até a altura do queixo da figura. O rosto desta é muito expressivo, as pálpebras semicerrados, os lábios fechados. faces encovadas, o nariz levemente achatado e o sobrecenho muito proeminente. O tipo não é de todo americano, nem inteiramente mongol. O reverso do monólito é liso e coberto de hieróglifos que ainda não se conseguiu decifrar. A altura do outro monumento varia de 6 a 7,50 metros. Representa um animal deitado, com a cabeça desmesurada e patas muito curtas, de fauces escancaradas mostrando uma cabeça humana no seu interior. O seu pedestal também está coberto de hieróglifos. Existe em Quiriguá, ainda em Guatemala, um monólito que deve representar um rei ou um padre. A estátua está envolta em um manto bordado, tem quase quatro metros de altura, e ostenta uma magnífica tiara. O rosto não tem os traços habituais dos maias e lembra antes um imperador romano.

Já dissemos que a pequenina república de El Salvador na América Central é riquíssima em monumentos provenientes de tempos remotos. Acharam-se sobretudo em Siuatã, obras de arte evidentemente antiquíssimas, que não se podem encaixar em civilização alguma nossa conhecida. São deveras notáveis tanto em técnica, como em execução. Fica-se tentado de atribuir-lhe origem naoense. Mas os naoas, embora praticando o totemismo, não eram zoólatras e os objetos de arte referidos revelam crenças zoolátricas pronunciadas, como não existe outra, em tôda a América. Seria preciso remontarmos aos tempos da adoração dos animais pelos egípcios. Aliás, a analogia entre o Egito e a civilização siuatana, não se limita à religião. Ela estende-se também à arte. As estatuetas siuatanas com cabeças de lôbo, lembram exatamente as de Anúbis. (*) Estas descobertas, assim como as que foram feitas em vários outros

(*) Divindade que os egípcios adoravam em figura de cão.

países da América Central ou do Sul, fornecem sólidos argumentos em favor da nossa conjetura acêrca da origem americana dos pré-egípcios.

Recentemente foi encontrada por acaso em Siuatã, sob uma colina coberta de espêssa vegetação, uma pirâmide de grandes dimensões; e, como êstes outeiros abundam no mesmo país, pode-se contar com outras descobertas futuras no gênero.

A pirâmide que mede um pouco mais de 18 metros de altura e cuja base forma um retângulo de 18 metros por 12, está orientada com exatidão. Como a antiquíssima pirâmide mexicana de Penha Pobre, a sua parte interna é feita de terra e de cascalho, revestidas de pedras, dispostas em degraus, como a célebre pirâmide egípcia de Sacará. Uma das mais curiosas particularidades da pirâmide de Siuatã é talvez o fato de que tôdas as suas dimensões podem ser expressas em metros justos, sem fração, quando então, em todo o Salvador, não eram usados como unidades de medida, senão pés e passos. Arqueólogos nacionais datam a pirâmide de Siuatã a 2500 anos antes da era cristã.

Além do conjunto de ruínas e da pirâmide, vi ainda em Siuatã certos objetos muito curiosos, especialmente duas estatuetas que se parecem de maneira admirável, às múmias egípcias e cujos pedestais contêm inscrições em caracteres desconhecidos que lembram a escrita cuneiforme. Essas estatuetas são atualmente propriedade do arcebispo de Salvador, que julga serem as inscrições em língua caldéia. Seria interessante conhecer a opinião dum especialista no assunto.

Na pequena localidade de La Liberdad existe um vasto monólito com a superfície de 24 metros quadrados, coberto de textos escritos num gráfico que me pareceu ter alguma semelhança com os caracteres mongóis ou tibetanos.

Pude ver em Salvador, na coleção do sr. Justo Armas, um manuscrito sôbre fôlhas de palmeira que êsse sr. comprara, a um indígena de Xiquimulca, em cuja família estava há vários séculos, dizia êle. As palmas sôbre as quais o texto estava escrito, tinham evidentemente passado por uma preparação especial; quanto ao manuscrito redigido em linhas regulares, parecia dividido em hexâmetros e escrito em redondilhas. O conjunto lembrava os manuscritos que tive ocasião de ver nos mosteiros budistas do Ceilão.

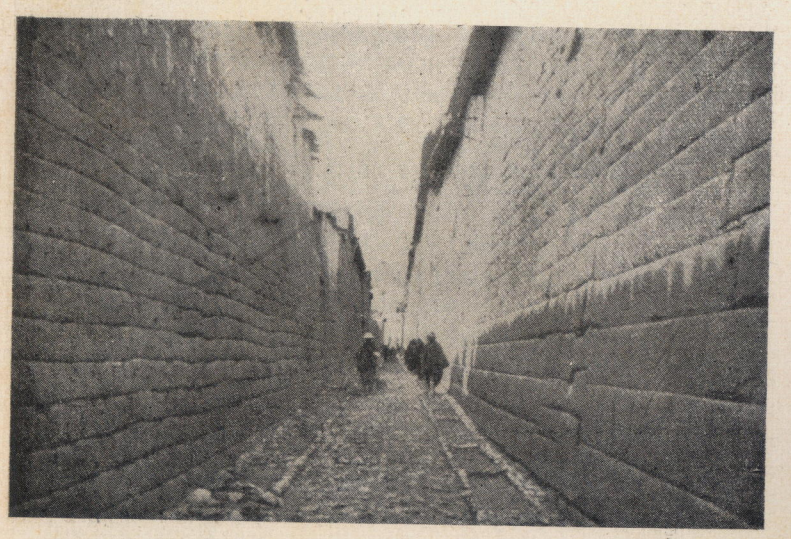
A descoberta mais interessante porém, feita na república do Salvador, é sem dúvida um prato de argila que atualmente pertence a um arqueólogo amador naquele país. A

Ur dos Caldeus.

Figurinhas de terracota do período Al'Ubaid, representando divindades adoradas antes do dilúvio.

Moeda do Século XV mostrando o Minotauro e o Labirinto.

Escadaria monolítica de Kalasasaya, em Tihuanaco.



Passagem de Loreto, em Cuzco: à esquerda, palácio do inca Huayna Capac; à direita, mosteiro das virgens do Sol.

pintura dêsse prato representa um grupo de palmeiras e de homens que as sobrevoam em curiosas máquinas, que parecem ir deixando um rastro de fogo e fumo. Uma notável cientista americana, a sra. Osborne, é de opinião que êste prato é proveniente de uma alta antiguidade, da época em que a América Central fruía duma civilização requintada e que o desenho representa aparelhos voadores então em uso. Essa pintura pode não ser senão a ilustração de um conto de fadas, mas ao vê-la, não se pode deixar de pensar no alto grau de civilização a que talvez tinham chegado os atlantes, nem de recordar o mito cretense de Ícaro.

Um dos mais recentes Códices maias é o célebre "Livro de Xilam Balam" encontrado em Xumaiel e sem dúvida alguma escrito antes da chegada dos espanhóis no Iucatã. Tive a satisfação de conhecer o sr. A. M. Bolio que foi o primeiro a decifrar e traduzir para o espanhol êsse notável manuscrito. Índio maia, nato, é o sr. Bolio um insigne lingüista e um erudito muito versado na história do seu povo. E' de se felicitar a ciência moderna por contar entre seus representantes mais ilustres, um membro da grande família maia, ufano de sua origem e perfeitamente ao corrente de todos os ramos da filologia moderna. Seria impossível encontrar um sábio mais autorizado para empreender a tradução do "Livro de Xilam Balam" e para decifrar êsses misteriosos textos.

Para o estudo das questões que constituem o assunto da presente obra, oferece o quinto capítulo do "Livro de Xilam Balam" interêsse maior. Bolio descobriu nêle indicações, na verdade um pouco vagas, sôbre uma grande catástrofe que teria assolado o nosso planêta, da qual os sacerdotes e os cronistas maias parecem ter conservado uma lembrança relativamente precisa. Na realidade, Bolio não hesita em ir mais longe, e no decorrer da conversa que com êle tive o prazer de entreter, não ocultou que, na sua opinião, o quinto capítulo do "Livro de Xilam Balam" contém a narração da catástrofe que destruiu a Atlântida de Platão. Assim como o general Carlos G. Dawes que foi vice-presidente da República dos Estados Unidos, Bolio admite que não puderam deixar de existir laços orgânicos entre maias e atlantes. Pensa o general Dawes que após a catástrofe da Atlântida, os maias colonizaram o Iucatã assim como os outros países da América Central e que é permitido ver nos monumentos do Iucatã espécimes do estilo arquitetônico dos atlantes. E' interessante notar, a propósito,

que os maias conservaram até os nossos dias tradições relativas à chegada ao Iucatã dos seus remotos antepassados os quais teriam vindo duma terra situada a leste, que foi posteriormente submersa pelo Oceano.

O "Livro de Xilam Balam", que está escrito em letras latinas e não mais em hieróglifos é um dos mais importantes documentos maias jamais encontrados. E' constituído por uma coleção de textos de diversas épocas, escritos em diversos estilos. E no entanto admite-se geralmente que é todo obra dum indígena originário de Xumaiel, chamado Juan José Hoil e cujo nome figura à página 81 do manuscrito com a data de 20 de Janeiro 1782. Mas não é impossível que Hoil tivesse tido colaboradores ,indígenas como êle. Seja como fôr, o manuscrito, descoberto em Zumaiel (Iucatã) por 1860, foi oferecido ao bispo Don Crescêncio Carrillo y Ancona, o notável historiador do Iucatã; tempos depois fotografado e dado à publicidade pela Universidade de Fidadélfia. Com a morte do bispo, foi ofertado à biblioteca Cepeda em Mérida (Iucatã). Infelizmente o original desapareceu em 1916 em condições até hoje misteriosas e os sábios que na atualidade desejam estudar êsse incomparável documento têm que fazê-lo pelo "fac-simile" publicado pela Universidade de Filadélfia. E' provável que um maia, patriota melindroso, não tenha querido que o original ficasse nas mãos de pessoas que não tinham, a seu ver, nenhum direito a isso.

A maior parte da obra é de caráter místico mas encontram-se nela também mencionados diversos acontecimentos da história dos maias e mesmo alguns quadros cronológicos, ditos, "séries de Catuns". Alguns trechos contêm as formas simbólicas, muito curiosas, usadas na consagração dos sacerdotes, e no fim do manuscrito estão reproduzidas citações tiradas das profecias do célebre profeta Xilam Balam e de outros de menor importância. O nome de Xilam Balam, que foi outrora grão-sacerdote dos maias, é dado em geral a todos os livros de profecias e, para distinguí-los entre si, acrescenta-se-lhe o nome da cidade onde foram escritos. E por isso denominam o manuscrito traduzido pelo sr. Bolio "O Livro de Xilam Balam de Xumaiel". Alguns trechos dêle não são evidentemente senão reproduções de cantos e poemas que eram transmitidos oralmente, de geração em geração, antes da invasão dos espanhóis. Quando os sacerdotes maias aprenderam o alfabeto latino, escreveram secretamente um livro com aquêles cantos e poemas esperando ao transcrevê-los para o latim, preservá-los do

furor dos conquistadores que destruíam impiedosamente todos os textos escritos em hieróglifos, essa "escrita do demônio". E é essa a origem dêsses livros maias, dêsses "ianaltes" que seus possuidores conservam religiosamente, conformando-se assim com a tradição nacional que atribui ao mais modesto livro um valor místico.

Embora seja a caligrafia do "Livro de Xilam Balam" excepcionalmente caprichada, o texto é difícil de decifrar pela maneira bizarra com que as palavras estão separadas e também pelas fantasias da pontuação. Enquanto que algumas palavras estão fragmentadas, outras, pelo contrário, estão unidas. Como além disso a língua maia já é por si muito difícil, essas circunstâncias ainda complicam muito a leitura do documento. Depois, no tempo em que o manuscrito foi compilado, os sons maias que faltavam no espanhol foram representados por combinações inteiramente arbitrárias de sinais latinos, que hoje não se lêm mais como antigamente. Enfim faltavam já as primeiras páginas do manuscrito quando foi adquirido pelo bispo Dom Crescêncio e o sr. Bolio teve pois que principiar pelo difícil trabalho de pôr em ordem e classificar o manuscrito.

Digamos desde já que a tradução espanhola que êle conseguiu levar a cabo é de difícil compreensão, pois está repleta de trechos obscuros e, à primeira vista, absurdos. O leitor, porém, não deve esquecer que a psicologia dos maias difere visceralmente da dos europeus e sobretudo da dos hodiernos. Bolio percebeu com grande pesar ser muito difícil, por causa da relativa pobreza do vocabulário espanhol, reproduzir em tôda sua plenitude o sentido esotérico e profundo, de numerosos trechos. As concepções místicas dos indígenas já de si são em geral difíceis de compreender, mas depois de trezentos anos, quando o sentido de certas fórmulas ou de certas alegorias está obliterado, um texto dêsses torna-se para nós um enigma. Percebe-se de resto claramente que o autor do livro pertencia à casta dos sacerdotes, pois que se exprime em linguagem alegórica e propositalmente obscura. Essa linguagem nunca foi assimilada pelo povo e, uma vez extinta a casta sacerdotal, e ninguém mais possuindo a chave, torna-se extraordinàriamente difícil a tarefa dos tradutores. De fato, só com muito tempo e paciência se consegue atingir o fim. O sr. Bolio escolheu para epígrafe do seu trabalho um trecho do livro de Xilam Balam que exprime admiràvelmente o que acabamos de dizer. "Cada um dêles fala o seu modo, tanto que acontece não se entenderem. Tudo porém será explicado. Nada

do que aqui está consignado é evidente por si. Ignora-se a época em que tudo será esclarecido, os que o sabem, porém, pertencem à nossa grande raça maia. Êles compreenderão tudo o que aqui está escrito e um dia virá em que todos o compreenderão, com êles. E então tudo ficará esclarecido." Bolio pensa com acêrto que às pessoas afeitas pela geral orientação do próprio espírito às formas de pensamento místico e esotérico e às quais o ocultismo é familiar, são mais aptas para compreender o Livro de Xilam Balam, do que as que receberam apenas uma formação arqueológica e histórica.

O quinto capítulo do livro é o que contém, escrito em um estilo bíblico, pomposo e ingênuo ao mesmo tempo, os textos que apesar da sua relativa obscuridade deixam ao leitor desprevenido a impressão do relato duma catástrofe ocorrida em tempos muito remotos. Eis os trechos mais iteressantes do capítulo:

"No decorrer do décimo primeiro Aau Catum, A-Musem Cabe saiu para fechar os olhos dos treze Deuses. Ninguém lhe sabia o nome. Apenas as irmãs e filhos pronunciavam-no entre si, mas mesmo êles nunca tinham-no podido contemplar face a face. Deu-se isso quando a Terra apenas despertava. Ninguém sabia o que ia suceder.

"E os treze Deuses foram capturados pelos nove. E uma chuva torrencial desabou, e caíram as cinzas, e os rochedos e as árvores tombaram ao chão. E Êle bateu com rochas e árvores, umas contra as outras. E os treze Deuses foram presos, decapitados, esbofeteados nas faces e maculados, e grandes pesos carregados em seus ombros.

"E a sua Grande Serpente foi arrancada aos céus com sua cauda de escamas chocalhantes e as plumas de Quetzal. E foram ingeridos feijões guizados com as sementes e o miolo, e também semente de abóboras pequenas e grandes, guisadas. E o que é Eterno os envolveu, tudo juntou e tornou a subir ao décimo terceiro Céu.

"Então, a pele e ossos dos treze Deuses estraçalhados caíram à terra, porém o coração escondeu-se, porque os Deuses não queriam abandonar o coração e a semente. E as flechas feriram os órfãos, os velhos, os viúvos, que viviam sem fôrças para viver.

"E foram sepultados nas areias da praia e sob as ondas do mar. E as águas se entrechocaram e as águas vieram. E quando a Grande Serpente foi raptada, o céu caiu e a terra sêca foi tragada. Então os quatro Deuses, os quatro Bacabes, destruiram tudo. E quando terminou a destruição total, em seu lugar puseram os Homens Amarelos.

"E a primeira Alva Planta ao norte se elevou, e um pássaro de alvo peito sôbre ela pousou. E apareceu um arco (*) que significava estar tudo aniquilado no plano inferior. Quando surgiu a primeira Planta Branca, apareceu também a Negra e um pássaro de peito negro pousou sôbre ela. E apreceu a primeira Árvore Amarela e, sinal de destruição, um pásssaro de peito amarelo sôbre ela pousou. E ouviu-se o passo dos Homens Amarelos, dos que amarelos parecem.

"E a Grande Mãe Seiba ergueu-se entre as lembranças da destruição da terra. Levantou-se e a cabeça ergueu, reclamando para si folhagem imperecível. E com seus ramos e suas raízes ela invocava o seu Senhor."

E' em tais têrmos que o quinto capítulo do Livro de Xilam Balam prossegue a narração dessa misteriosa catástrofe, mas, em vista da falta de espaço e também pelo caráter assaz estranho dessa terminologia, aqui damos fim à transcrição.

E' chegado o momento de recorrer aos comentários de Bolio, para esclarecimento dos textos. "A-Musem-Cabe" é o espírito maior que domina a parte oriental do mundo subterrâneo e êsse nome, traduzido literalmente, significa: "O Vermelho Misterioso da Terra". Entre os maias os pontos cardiais são caraterizados por diferentes côres: o norte é branco, o sul é amarelo; o oeste prêto e o leste vermelho. Como, segundo as crenças maias, o universo compreende três planos, o plano celeste, o terrestre e o subterrâneo e que cada um dos três tem seus próprios pontos cardiais, resulta que a cosmogonia maia conta doze pontos cardiais. Quatro espíritos, ditos os Quatro Bacabes, governam o plano terrestre, isto é a superfície da terra.

Os doze pontos cardiais repartidos em três planos, têm um centro comum que é, na ciência esotérica Maia, simbolizado pela árvore Seiba. Esta árvore, a "Grande Mãe Seiba", alcança pelas raízes até o centro da terra e pelo cimo, os treze céus (certos americanistas não admitem senão sete). As almas humanas sobem pelo tronco até atingirem a região da felicidade eterna, onde se confundem com a divindade. Na ciência ocultista maia o número treze simboliza o centro do mundo.

(*) Arco-íris, de certo. N. T.

A Serpente Alada, ou Serpente de penas, ou ainda Grande Serpente, cujo corpo está coberto de penas de Quetzal, são expressões freqüentemente encontradas nos textos maias e às quais foram dadas diversas interpretações. Segundo certos americanistas representa ela Quetzal-Coatl ou Cuculcã, o herói que trouxe a civilização às populações da América Central e que foi deificado por algumas tribos. O Quetzal é também o pássaro mais belo e mais raro da América Latina; assemelha-se a um papagaio e à ave da Nova Guiné denominada "Ave do Paraíso". A República de Guatemala, que garante sua proteção por uma legislação rigorosa, fê-lo figurar em suas armas. Segundo outros americanistas, simboliza a Grande Serpente às vêzes as fôrças da natureza e a vida humana. Cada vez que o autor do livro de Xilam Balam menciona uma grande desgraça ou morte, emprega a expressão: "A Grande Serpente foi arrebatada..." ou: "foi derrubada". Ela é habitualmente representada sob a forma duma vulgar cobra coral. Um arqueólogo propôs-me mesmo uma terceira interpretação; julga êle que originàriamente a cosmogonia tolteca dava o nome da Grande Serpente à constelação da Grande Ursa e que depois foi sendo aplicado a todos os corpos celestes, estrêlas, planêtas e principalmente aos cometas. A frase do Livro, "isto aconteceu quando a terra começava a despertar", significa, segundo Bolio, o comêço de certa grande época da história maia. Eu, porém, penso que estas palavras significam simplesmente que a calamidade se produziu na primavera. Pode-se ainda admitir que designe o princípio duma das grandes épocas da história do globo, tal por exemplo como o período pós-glaciário.

Os Treze Deuses e os Nove Deuses simbolizam, parece, dois grupos de fôrças cósmicas: o primeiro compreende os protetores dos maias e o segundo vela pela união do planêta. Nove e treze são de resto os números sagrados do ocultismo maia.

Os maias denominam-se a si próprios o "povo amarelo" mas na língua maia a palavra "amarelo" tem uma acepção assaz vaga. E' aplicada, por exemplo, à uma argila especial que se encontra no Iucatã, a qual em realidade é de côr francamente vermelha. E assim denominam os maias de "povo vermelho" os europeus por terem vindo de leste, que caracterizam por essa côr, como acabamos de ver. "Grãos" ou "sementes" devem ser tomados no sentido de "humanidade", a raça humana. E' assim que na Gênese a expressão "a semente de Abraão" significa tôda a descendência do patriarca.

Certos elementos do calendário maia e particularmente o têrmo "Catum" foram determinados com precisão.

Em lugar de meses os mais contavam os dias por período de vinte. Cada Catum terminava por um dia especial chamado Aau e era contado de 1 a 13. O número de Aaus servia para designar ao mesmo tempo a totalidade do Catum correspondente. O calendário maia era representado sob a forma dum círculo ou "Roda dos Catuns" e começava sempre no décimo primeiro Aau. Acrescentemos serem a cronologia e o calendário maias muito complicados e que os maias autorizados sábios não estão sempre de acôrdo sôbre a concordância das datas da história maia.

O primeiro capítulo do livro de Xilam Balam contém um trecho que nos oferece uma preciosa indicação sôbre as condições nas quais os maias substituíram o seu calendário solar, por um calendário lunar. Eis como se conta o fato: "O nome de Catum reinava quando, no oitavo Aau, mudaram-se os Catuns e os Aaus." A mudança do calendário coincidiu com a destruição da civilização Itza, por invasores que pertenciam a raça naoa, os quais fizeram profundas reformas, ao mesmo tempo religiosas e astronômicas. Foi então que o culto solar em vigor desde os tempos mais afastados começou a ser invadido por certos ritos lunares. Esta reforma do calendário veio ainda aumentar as complicações da cronologia maia. Eu ficaria admirado se esta mudança de calendário não tivesse sido provocada por algum fenômeno excepcional que se houvesse produzido no sistema solar. Procuraremos, esclarecendo, na medida do possível, o texto muitas vêzes obscuro do autor do livro de Xilam Balam, reconstituir a catástrofe mencionada no capítulo quinto. Mas antes de tudo convém citar a transcrição de Bolio:

"No decorrer dum dos diversos ciclos do calendário maia, o Espírito Vermelho subterrâneo saiu do seu covil com o fim de infligir um revés aos Treze Deuses que velam sôbre o povo maia. Êste acontecimento se deu no comêço duma época notável. Mas tudo o que aconteceu era inteiramente imprevisto: o grupo cósmico dos Nove Deuses assaltou o grupo dos Treze Deuses e venceu-o. Chuvas terríveis e cinzas caíram, a terra tremeu, os rochedos fenderam-se, as árvores tombaram. A Grande Serpente, símbolo de vida e de luz, para os maias, desapareceu do Céu.

Os homens pereceram em grande número e suas almas subiram no Décimo Terceiro Céu, a fim de reunir-se à divindade. A terra foi inundada e o céu tombou sôbre a terra. Os espíritos terrestres **bacabe** tudo destruíram. Quando a destruição terminou, os espíritos **bacabes** começaram a reconstituir o povo maia. A princípio foi tudo organizado no norte, depois no oeste, enfim no sul. Então os maias se reinstalaram em seu país. Arrependeram-se e dirigiram orações ao Todo-Poderoso."

Chamei a atenção há pouco para o paralelismo dos textos relativos a alguma grande catástrofe que é encontrada na Gênese dum lado, e no Livro de Xilam Balam, do outro. Da constatação dessas analogias à idéia de que as duas obras se inspiraram numa fonte comum, não há mais que um passo. Eis em todo o caso como eu estaria disposto a interpretar êsse quinto capítulo que tanta semelhança oferece, em alguns trechos, com passagens da Bíblia que descrevem o Dilúvio Universal.

Numa época muito remota, sem dúvida no fim do período pós-glaciário, deu-se uma subversão no sistema solar. Por alguma razão desconhecida, o satélite que até então acompanhara o nosso planêta, precipitou-se no espaço. Êste acontecimento ocasionou uma série de cataclismos que causaram a ruína de grande parte da humanidade. Um enorme meteorito caiu sôbre a terra, violentos terramotos fizeram sentir-se e a superfície do globo teve que sofrer uma série de profundas perturbações. Ilhas inteiras e até porções de continentes foram alterados nos seus contornos e algumas ilhas foram destruídas inteiramente.

O continente — ou ilha imensa, dirão outros — que era situado a leste de Iucatã, teve que sofrer transes violentos. Coberto a princípio de lavas e cinzas, foi finalmente tragado pelo oceano.

Êste cataclismo terrível repercutiu no mundo inteiro. Ao findar o período trágico, os homens poupados pelo desatre recomeçaram aos poucos a viver. Os que primeiro recobraram coragem foram os das tribos que viviam ao norte da zona devastada, em seguida tocou a vez aos povos do oeste, enfim aos do sul, entre os quais estavam os maias.

Foi no decorrer dessas convulsões que a lua atual fêz sua primeira aparição; e foi então que, impressionados por êste espetáculo novo, os povos pré-históricos modificaram o calendário e, edificando o nosso satélite, adotaram um calendário misto, solar e lunar. O sacerdote egípcio Maneton conta que os antepassados dos egípcios mudaram de

calendário durante o décimo segundo milênio. Aí está uma indicação precisa, porquanto fornece a prova de ter uma razão poderosa induzido os pré-egípcios a realizar uma reforma de tal alcance... Por outro lado é verdade que a data indicada por Maneton não concorda com a mencionada por Platão; pois que o filósofo grego fixa em 9.500 anos antes da nossa era a catástrofe da Atlântida. Há nisso uma diferença de cêrca de 2.000 anos, mas sabemos o quanto são incertos e às vêzes contraditórios os dados referentes à cronologia dessas épocas tão afastadas.

CAPÍTULO XIII

As escavações na República do Equador. A coleção Franco. Uma civilização com 20.000 anos. Os monumentos de Tiuanaco. A destruição de edifícios com 13.000 anos de idade. A suástica americana. As ruínas de Cusco. Os estudos de C. Bilau. A pedra de Chavin. A teoria de G. Hurley. O Amazonas nos tempos pré-históricos. O Mato Grosso, seus mistérios, suas ruínas. As descobertas de Lecointe.

Escavando-se o solo da República do Equador, foram descobertos por várias vêzes, os vestígios duma civilização pré-histórica já adiantada que permanece enigmática até hoje. Tive ocasião de ver no museu de Guaiaquil poltronas de pedra, que me disseram não serem raras no país. Existia mesmo, afirmavam arqueólogos do lugar, nos confins da Colômbia um campo circundado dêsses assentos. E' provável que êsse terreno tenha servido de assembléia aos caciques da tribo. Em todo o caso, as cadeiras assim dispostas em círculo, fazem logo pensar nos "cromlechs" célticos e nas ruínas de Stonehenge.

Poder-se-ia também indagar se não são obra da raça desconhecida à qual devemos as curiosas ruínas de Tiuanaco.

Segundo me disseram, existem em outra parte do Equador, monumentos que ostentam inscrições hieroglíficas e até alfabéticas; embora o professor Uhle tenha asseverado não existir nenhuma inscrição pré-colombiana na vertente do Pacífico da América do Sul. Eu lamento ter que contradizer o respeitável sábio, que de certo não pensou na pedra de Chavin, que descreveremos adiante, nem no pórtico do templo de Tiaunaco, no qual se vêm desenhos que parecem hieróglifos. No Equador tive oportunidade de examinar algumas coleções riquíssimas. De tôdas a mais notável é a do sr. Jijon, em Quito, que se compõe quase exclusivamente de monumentos incaicos, ao passo que a do sr. Ernesto Franco, que é a única no gênero, contém quase só peças pré-históricas.

Tendo o sr. Franco encontrado em sua propriedade, situada em La Esmeralda, no litoral norte do Equador, uma série de túmulos pré-históricos, despertou nêle um decidido gôsto pela arqueologia. Sua coleção conta hoje perto de 12.000 objetos, provenientes de uma cultura ainda indeterminada. Pode-se classificar em quatro categorias os achados dêste esclarecido amador: 1.° alguns objetos pertencentes à época dos Incas; 2.° os que datam dos tempos pré-incaicos; 3.° vestígios das épocas paleolíticas e neolíticas; 4.° espécimes provenientes duma antiga e misteriosa civilização, que, embora anterior à idade da pedra, já tinha atingido um certo nível elevado. A primeira e segunda categorias são de pouco interêsse para os nossos estudos; a terceira contém uns poucos machados e clavas de pedra, que se distinguem pelas suas proporções; porém a última, que é a mais importante em quantidade, conta objetos próprios para evocar reflexões dos sábios e dos historiadores. Desde o princípio observou o sr. Franco que os achados iam crescendo à medida que as buscas se aproximavam do mar. Tendo sido levado a pensar que a região de Esmeralda não passava da costa oriental duma terra outrora submersa, resolveu êle proceder a buscas na praia, abaixo do nível das águas, de pouca profundidade naquele ponto, que fica às vêzes coberto de bancos de areia. Os resultados excederam a expectativa! Recolheram-se assim do fundo do mar, numerosas estatuetas artísticas, alguns bustos de grandes dimensões e muitos objetos esquisitos esculpidos em esteatite, que na opinião do sr. Franco devem ser carimbos ou sinetes usados pelos povos ignotos que habitaram a região em tempos remotos. Esta conjetura parece justificar-se pelo fato de não se ter encontrado nem dois idênticos, entre centenas dêsses estranhos objetos. Os tais sinetes tem a forma de prisma retangular com três faces gravadas, sendo lisa a quarta.

As gravuras representam animais estilizados, hieróglifos ou figuras semelhantes a hieróglifos. Estas descobertas contradizem as asserções do professor Uhle, a menos que se conseguisse provar que êsses objetos foram trazidos da América Central para o Equador. De qualquer maneira são idênticos aos sinetes pessoais, igualmente de esteatite, de que ainda hoje se servem os chins, com a única diferen-

ça de que os sinetes nunca reproduzem figuras de animais. Talvez sejam também êsses objetos "tótens" das tribos. Seja como fôr, está hoje provado que numa época remota da pré-história os habitantes do Equador faziam uso de sinetes. Alguns puderam de resto servir, não só para autentificar quaisquer documentos, mas para executar tatuagens como se fazia com os sinetes pré-históricos achados nas Canárias e na Apúlia (Itália).

A maior parte das figurinhas encontradas em La Esmeralda pertencem a essa categoria de objetos denominados em França "bibelôts" e deviam servir para ornamentar as habitações ou de brinquedos para as crianças. Numerosas são as estatuetas de mulheres, tratadas com evidente tenção erótica. Os rostos não pertencem ao tipo caucásico, nem ao mongol, mas a um intermediário. Os olhos, por exemplo, são ligeiramente oblíquos e as maçãs do rosto mais salientes que na raça caucásica pura. Muitas dessas estatuetas se parecem, pelos vestuários e penteados, com estátuas de estilo egípcio muito arcaico, e a mesma semelhança apresentam os ornamentos que os sacerdotes, usavam sôbre o peito. Se se admite que as feições lembram o tipo egípcio, logo nos acode a idéia de que os pré-egípcios eram de origem americana.

O trabalho dêsses artistas primitivos é absolutamente incomparável, superior à melhor estatuária moderna. A presença de figuras lúbricas nessa coleção, indicaria que essas populações tinham atingido um grau adiantado de civilização, pois os povos primitivos descuram geralmente essas fontes de inspiração, às quais não recorrem senão quando em decadência, após séculos de cultura. Os eruditos nacionais presumem que a civilização de La Esmeralda deve ter 20.000 anos.

Na coleção Franco observei com muito interêsse uma série destinada ao ensino, pois que se encontram nela tipos das principais raças humanas. Foi assim que entre êles pude ver bustos representando um caucasiano, um mongol, um negro, um semita, um maia e também tipos de raças extintas. Entre êstes figurava um lembrando o tipo japonês e, parecendo ser oriundo de cruzameto de mongóis e de malaios, que merecia interêsse particular.

Possui ainda o sr. Franco em seu museu um espelho óptico de obsidiana negro-esverdeada. Êste espelho, que não mede mais de cinco a seis centímetros, provocava a admiração de todos os visitantes, porque é tão perfeitamente

polido, sua curvatura tão bem calculada, que a face humana nêle se reflete inteira, proporcionalmente reduzida e com tal clareza que se poderia contar os cabelos. Ora, todos sabem que o preparo duma lente exige conhecimentos matemáticos e não pode ser executado senão com instrumentos precisos e delicados. De que forma puderam os ópticos de época tão afastada levar a cabo um trabalho dêsses? Julga o sr. Franco que a raça ignorada que habitava La Esmeralda há vinte mil anos era estreitamente ligada aos Atlantes. Por mim, inclino-me a crer que La Esmeralda esteve também em relações seguidas com certas regiões da América Central, com Guatemala por exemplo, onde foram descobertas ruínas que atestam uma civilização pré-histórica muito adiantada.

Na Bolívia, estende-se o belo lago Titicaca, a 3.810 metros de altitude, com uma superfície de quase 25.000 quilômetros quadrados. Algumas ilhotas ornam êsse majestoso lago e entre elas se distinguiam as ilhas do Sol e da Lua, que encerram ruínas pré-históricas. Perto do pôrto de Huaqui encontram-se os vestígios duma cidade inteira, que conta milhares de anos e que constituem sem dúvida o conjunto pré-histórico mais interessante que se pode ver no mundo inteiro. E' Tiaunaco, a "Cidade dos Mortos" e a civilização cujo centro ela foi outrora chama-se a civilização de Tiuanaco.

Segundo indícios de que dispomos parece que a cidade foi abandonada pelos seus habitantes há cêrca de 13.000 anos. Em todo caso, parece averiguado que os Incas, ao invadirem a Bolívia, no século da nossa era, já encontraram as suas ruínas no estado em que estavam à chegada dos espanhóis, treze séculos depois. Os novos senhores do país penetraram na cidade inteiramente deserta, onde as ruas admiràvelmente pavimentadas, as praças, os restos dos edifícios magníficos, de templos e de aquedutos, atestavam solitários a grandeza passada e o brilho da civilização que reinara um dia nas margens do Titicaca. Entre as ruínas ainda se viam montes de pedras de cantaria, aparelhadas e prontas para a construção. Os espanhóis, por sua vez, ficaram pasmados ao depararem com êstes blocos enormes, dos quais muitos pesavam de 60 a 200 toneladas. Mas o que mais os espantou ainda, foi ver nas construções ainda de pé, os grandes blocos de cantaria de granito ligados entre si por fortes grampos de prata, dos quais alguns pesavam centenas de quilos. E' natural que os insaciáveis sequazes do feroz Pizarro não se detivessem em arrancar estas peças

de prata, contribuindo para apressar o desmoronamento das obras. E assim foram ràpidamente arrasadas pelos leais suditos de sua Majestade Católica, os edifícios soberbos que tinham resistido à ação dos séculos, respeitados pelos índios selvagens! Os terramotos tão freqüentes nessas serranias, abalaram os monumentos, despojados das ligações de prata que os mantinham, de modo que hoje em dia Tiaunaco difere profundamente do aspecto que devia apresentar ainda até ao comêço do século XVI.

Depois de se terem apoderado de tôda a prata existente, voltaram os aventureiros espanhóis suas vistas para as estátuas, que aos milhares povoavam as vias públicas da cidade, e impelidos pelos padres que acompanhavam a expedição, atiraram-se contra essas obras de arte, possuídos do seu primário fanatismo e da convicção de que era necessário destruir êsses ídolos infames.

Uma única efígie escapou e ainda está erguida. Ela representa um homem com barbas, cujos traços fisionômicos recordam as famosas estátuas da Ilha da Páscoa, no Pacífico. Esta estátua que é conhecida pela designação de Homem Barbado, propõe um enigma aos etnólogos pois que se admite em geral que jamais existiram homens de barbas na América pré-colombiana. Entretanto, como os profetas que levaram a civilização a tôda a América, como Quetzal-Coatl e Bochica, usavam todos, segundo a lenda, longas barbas, ocorre indagar se êles não teriam pertencido à raça representada por essa estátua de Tiuanaco. Como todos êstes heróis civilizadores eram indigitados vindos de leste, e da Atlântida, segundo tôdas as aparências; julgo-me autorizado a admitir que o continente de Platão era povoado, em parte pelo menos, por uma raça de barbas.

As ruínas de Tiaunaco cobrem uma superfície de três quilômetros quadrados, aproximadamente, contando muitos edifícios notáveis, dos quais o mais interessante é o templo do Sol, com um pórtico imponente, o qual se eleva em forma de tronco de pirâmide a uma altura de quase quarenta metros.

Assim como a cruz é entre os árias o símbolo mais divulgado, na época em que dominava a civilização de Tiaunaco, era a suástica (cruz gamada) que exercia a sua influência preponderante entre a maioria dos povos americanos. Existe, aliás, uma pequena diferença entre esta e a suástica indostânica. O professor A. Poznanski, de La Paz,

denomina-a por êste motivo o "signo escalonado". Êste emblema era o símbolo da evolução gradativa dos sêres, que se elevam aos poucos até à Divindade, que é a absoluta perfeição. A existência de um misticismo tão profundo, em época afastada, prova, na minha opinião, que a humanidade deve ser muito mais antiga ainda, do que geralmente se imagina; porque só uma sociedade que já transpôs um longo passado de cultura pode elevar-se a semelhantes concepções filosóficas e formular a idéia da fusão em Deus. Consideremos que em tôda a América, do Alasca à Patagônia, foram encontradas cerâmicas com êste signo escalonado. Às vêzes variam nas minudências, mas em geral compõem-se de uma espécie de escala, cujos degraus terminam por uma cabeça de animal. Êste signo é encontrado com pequenas modificações nos monumentos dos maias. Acho até que a civilização criadora do chamado "estilo epigonal de Tiaunaco" carateriz ou-se pela presença da suástica em um grande número de objetos da época pré-incaica.

A cidade de Cusco, situada a 3.600 metros de altitude, foi também fundada muitos milênios antes do advento dos Incas. Êstes, porém, a embelezaaram e lhe deram o aspecto que até hoje causa surprêsa aos sábios e aos viajantes que a visitam. E' uma cidade de ruas amplas, vastas praças e edifícios lindos. Difere tanto de tôdas as outras cidades que o turista tem, ao visitá-la, a impressão de achar-se em outro planêta, em condições de vida inteiramente nova...

No centro da capital pré-histórica eleva-se o templo ao Sol, edifício verdadeiramente único, de que os violentos terramotos, que devastam periòdicamente o Peru, não puderam ainda abalar as sólidas cantarias. E' um edifício ciclópico feito de enormes monólitos, arredondados nos cantos. Arqueólogos há que julgam que os seus construtores devem ter sido da mesma raça dos que levantaram os majestosos monumentos de Tiaunaco.

Junto ao templo se pode admirar o célebre monólito de 820 toneladas, conhecido pelo nome de "La Piedra Cansada". Foi-lhe dado êste nome, porque, estando a princípio em posição vertical, agora jaz estendido com a maior dimensão horizontalmente sôbre o solo, como fatigado da primitiva posição.

Por tôda a parte, em Cusco, encontram-se ruínas de edifícios incaicos ou pré-incaicos. De tôdas as mais interessantes, são incontestàvelmente as que restam de um aque-

duto, construído em época ainda incerta, mas que revela como os arquitetos pré-históricos do Peru souberam resolver o problema da captação das torrentes que se despenham da Cordilheira, para abastecer uma região de natureza árida e a própria cidade, com água abundante. Os vestígios das fortalezas que se encontram ainda em tôrno da antiga capital do Império mostram que os guerreiros daquele tempo conheciam perfeitamente a estratégia e arquitetura. Segundo Poznanski, estas fortificações devem ter sido obra da mesma raça que edificou Tiaunaco. R. Mueller e Poznanski, visitando estas ruínas ficaram impressionados com o engenho evidenciado por certas partes destas construções. Com efeito, acharam alí armazéns de provisões, encanamentos dágua e enormes cisternas que tornavam possível à guarnição resistir a um longo cêrco. Julga o sr. Poznanski que as gigantescas construções pré-incaicas de Cusco estão também ligadas à civilização de Tiaunaco.

Não se prestando a topografia dos vales andinos à agricultura, a raça de Tiuanaco dispôs os declives das montanhas em terraços cujo desenvolvimento é tal que o seu comprimento é igual ao do equador terrestre.

O professor Artur Poznanski, que há mais de quarenta anos estuda as antiguidades peruanas e bolivianas, descobriu vestígios duma raça desconhecida, mas sem dúvida muito civilizada, em Mátchu-Pítchu, em Olã-Taitambo, em Pisac e em Plateriaio. Algumas ruínas estão cercadas de tais precipícios que o acesso se torna hoje impossível, tendo sido necessário examiná-las através do telescópio. E' principalmente, o caso de Matchu-Pitchu que, situado no cume duma alta montanha, é ainda mais admirável que Cusco. A aparição repentina dêsses edifícios, dêsses palácios e templos da brancura da neve é um espetáculo de sonho; julga-se estar ante uma lenda petrificada. Os arqueólogos, que ainda debatem qual foi a raça que ergueu êsses magníficos e fantásticos edifícios, não conseguem explicar como foi possível içar a tais alturas materiais e operários. A cidadela de Mátchu-Pítchu parece na verdade milagrosamente suspensa nos ares, circundada por terríveis e profundos abismos, no fundo dos quais vê-se saltando espumoso sôbre as rochas, o rio Urubamba. A única explicação possível, na opinião de Poznanski, é que na ocasião em que foram construídos todos êsses monumentos, o nível geral do solo era

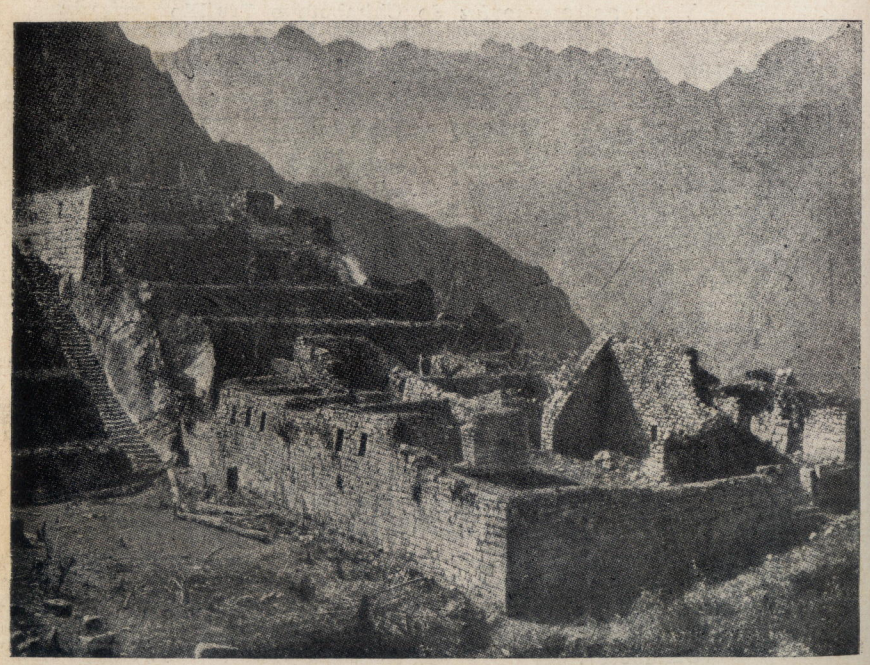
Vasos antropomorfos de Chimbote e Trujillo

Vaso reproduzindo a cabeça de um homem enfermo (Chimbote).

Vaso representando um guerreiro com maça. (Chimbote).

(Coleção Baessler).

Ruínas do Templo de Viracocha, em Cuzco.



Ruínas da fortaleza de Machupichu, no alto vale do Ucayali.

muito menos alto que agora. Mencionemos ainda os restos dum observatório astronômico encontrados junto a estas ruínas.

Um corpo de arqueólogos trabalha atualmente nas ruínas de Intiuatã situadas a 130 quilômetros de Cusco. Ali são freqüentemente desenterradas dessas cerâmicas pré-históricas chamadas huacos, múmias, objetos de ouro e ornamentos diversos. Um alemão que trabalha nas escavações, mostrou-me uma grande coleção de pequenos tubos que encontrou entre os destroços de Intiuatã. Êsses tubos são feitos de matéria semelhante ao vidro, mas da qual não se conhece ainda a verdadeira composição química. Ora, nem os habitantes do Peru e da Bolívia pré-históricos, nem os próprios incas, conheciam o vidro que usamos. Teriam pois provàvelmente inventado uma composição qualquer equivalente e que tinha as mesmas propriedades.

Um arqueólogo peruano, Júlio Tello, descobriu em 1933, perto de Trujilo, um obelisco pré-histórico coberto de desenhos multicôres, que é um dos achados mais curiosos feitos desde o comêço do século XX.

Graças às buscas de sábios alemães, está hoje provado que a Cordilheira dos Andes era outrora muito menos alta do que atualmente. No distrito de Titicaca pode-se mesmo determinar com bastante exatidão o valor dêsse levantamento das terras. E' assim que Curt Bilau demonstrou que uma faixa de terreno de 550 quilômetros era 3.500 metros mais baixa antigamente. Êle baseou-se para sua demonstração, num fato curioso e fácil de observar. Nessa parte das terras altas andinas a montanha apresenta, na altitude de 3.500 metros sôbre 550 quilômetros de extensão, uma faixa branca horizontal que parece ter sido traçada a giz. Ora, constatou-se pelo exame ser essa banda feita de formações calcárias depositadas por certas algas marinhas que não crescem senão em profundidades inferiores a dois metros. Eis aí pois a prova de que em determinado período tôda essa parte da Cordilheira era muito mais baixa, uma vez que essa lista branca constituía o primitivo litoral justo ao nível do mar. A descoberta das embocaduras dos rios que então se lançavam ao Oceano nesse mesmo nível vem também em apoio dessa tese.

Guiando-se por certos hiéróglifos que ornamentam o Templo do Sol em Tiuanaco, puderam os astrônomos do observatório de Potsdam determinar a posição do sol na

época da construção daquele edifício. Dessa forma conseguiram provar que não estava ainda terminado em 9.550 antes de J. C. Perto dêsse templo pode-se ver os vestígios dum pôrto marítimo por concluir, o que testemunha que nessa época Tiuanaco estava situada à beira-mar. Encontram-se de resto no solo dos arredores de Tiuanaco, enormes e numerosos monólitos, e como ao serem descobertas as ruínas dessa cidade, foram achadas muitas ferramentas de pedreiros, pode-se deduzir que os operários tiveram que abandonar repentinamente o trabalho e fugir precipitadamente.

Fato bastante estranho: a data de 9.550 antes J. C. coincide com a que Platão indica como sendo a da catástrofe da Atlântida baseando-se nas informações fornecidas a Sólon, pelos sacerdotes de Sais. Pode-se pois admitir que os dois acontecimentos tiveram uma causa comum e que um fenômeno cósmico de grande amplidão provocou simultâneamente a destruição do continente de Platão e o súbito abandono de Tiuanaco. Ao mesmo tempo a Costa Pacífica da América do Sul elevava-se sùbitamente de 0 a 3.500 metros. Essa última conjetura está confirmada pelo fato de se ter encontrado na Colômbia, perto de Bogotá, à mesma altitude mais ou menos, um vasto planalto a que se deu o nome de "Campo dos Gigantes" e que está literalmente coberto de ossos petrificados de numerosos mastodontes. E' bem evidente que êsses enormes paquidermes foram mortos pelo frio e pela rarefação do ar, conseqüente à súbita elevação de 3.500 metros, das terras onde pastavam.

O professor Poznanski, atualmente uma das mais altas autoridades em matéria de pré-história da Bolívia, afirma em suas numerosas obras sôbre essas questões que Tiuanaco era outrora, quando a cidade estava à beira-mar, habitada por uma população muito civilizada. O apogeu dessa civilização devia ser mais ou menos pelo ano 11.000 antes da nossa era.

A suposição de se ter dado a elevação dos Andes há doze mil anos é confirmada pelos geólogos, os quais julgam que a convulsão que levantou aquela região a 3.500 metros, contribuiu ao mesmo tempo para a formação dos lagos vulcânicos de Titicaca e Poopo. Talvez o mesmo cataclismo tenha causado em sentido inverso o rebaixamento ao qual anteriormente nos referimos, do distrito de La Esmeralda e a submersão duma região relativamente extensa. Segundo cálculos do professor R. Mueller que, como Poznanski, percorreu os altos platôs andinos, cálculos êsses que concordam mais ou menos com os do seu colega boliviano, resulta que a civilização de Tiuanaco florescia há quatorze mil anos. Os povos daquele tempo conheciam as matemáticas e a astronomia. tinham seu próprio alfabeto e um calendário mais exato do que o nosso. O professor Poznanski julga que a raça de Tiuanaco estava à testa da civilização daquele tempo, e que desempenhava no mundo da época, o mesmo papel da raça ariana no mundo atual. Acredita também que saíram dela as outras grandes civilizações americanas, como por exemplo a dos toltecas e maias. A raça pré-histórica de Tiuanaco falava a língua "arovaque" a qual com certas alterações é ainda empregada por algumas tribos indígenas da América Central e Meridional. Os tiuanacos parece terem vindo do Norte e, se pensamos como o professor Poznanski, os últimos descendentes, muito degenerados, dessa raça em outros tempos tão civilizada, formariam a tribo indígena dos Urus, na Bolívia. Digamos para terminar, que em muitas cerâmicas encontradas nas ruínas de Tiuanaco vêem-se desenhos representando animais de espécies extintas. E' mais uma prova da grande antiguidade da raça e da cultura tiuanaca.

No vestíbulo de entrada do Museu Nacional de Lima vê-se uma alta lage de pedra coberta de esculturas e de desenhos simétricos dum real valor artístico. E' a famosa **Piedra de Chavin,** cuja origem constitui um dos mais palpitantes problemas da nossa época. As esculturas e os ornamentos que recobrem essa pedra não são entalhados tão profundamente como os que figuram nos monumentos da América Central; dão antes a idéia dum trabalho de gravura. Essa estela foi descoberta em 1840 em Chavin de Huantara, entre destroços de edifícios incas, construídos também sôbre ruínas ainda mais antigas datando da civilização de Tiuanaco. Quando os incas ocuparam o Peru e a região do Alto Marañon, acharam em Chavin de Huantara ruínas antiquíssimas e serviram-se dos blocos de pedra sôbre elas espalhados para construir uma nova fortaleza em cuja fachada embutiram a famosa pedra. Quando os espanhóis destruíram estas fortificações, ela caiu ao chão, onde de novo a descobriram em meio de tôda a espécie de destroços.

G. Hurley é de opinião que as ruínas pré-incaicas de Chavin têm 21.000 anos de existência, mas Bartolomeu Mitre não lhes atirbui mais de 12.000. A Pedra de Chavin

de tôda a maneira procede da mais remota antiguidade e é indubitàvelmente um dos monumentos mais antigos atualmente conhecidos.

A laje, que mede 1,80m de altura por 45 centímetros de largura é de diorito. Ao centro está esculpido um homem que lembra um pouco os que se vêem nas pinturas egípcias. Cada mão do personagem segura um cetro-tridente e ambos os cetros estão compreendidos num paralelogramo cheio de hieróglifos ou pelo menos de desenhos hieroglíficos, que até agora não foram decifrados. Os pés da mesma figura têm a forma de raízes de árvore e a cabeça está rodeada de dez serpentes que a fazem assemelhar-se a uma cabeça de Medusa. Em tôrno da figura estão também gravadas serpentes dispostas com simetria; à cabeça ela traz uma espécie de tiara feita de pequenas cabeças humanas e guarnecida de ornamentos diversos. Clemente R. Markham encontra nesse personagem uma certa parecença com os desenhos do célebre pórtico do Templo do Sol em Tiuanaco. G. Hurley acredita representar a pedra de Chavin o deus do Amazonas e que as serpentes que cercam o motivo central simbolizam os numerosos afluentes do grande rio.

Os geólogos mais ilustres concordam em opinar que o "planalto de Roosevelt", que se estende nos confins dos Estados brasileiros do Amazonas e do Mato Grosso, esteve sempre emerso, ao menos desde o último período glaciário e talvez mesmo há ainda muito mais tempo. Êste platô não é com efeito senão a continuação do planalto de Goiás. o qual com o "continente de Angara" — (as províncias siberianas de Yakutsk e Ircoutsk) — é uma das duas únicas porções da superfície do globo que jamais estiveram submersas. Ora a entomologia confirma essa opinião, pois um sábio russo, G. Bondar, descobriu um representante da espécie Brasilaphis Bondari. espécie de piolho da madeira que vive só nas duas províncias siberianas a que me referi e no planalto de Goiás. Os piolhos de madeira são, ao que parece, dos mais antigos insetos do mundo e vivem na parte inferior das plantas. Como a mais leve imersão bastaria para destruir êsse parasita, o fato de ser êle ùnicamente encontrado no Continente de Angara e no platô de Goiás, do qual o planalto de Roosevelt é o prolongamento, parece provar que aquelas duas regiões, embora tão distantes uma da outra, são da mesma idade sob o ponto de vista geológico.

O planalto Roosevelt faz-se notar além de tudo pela predominância das rochas vulcânicas e pela ausência total de qualquer revestimento sedimentário. Reina ali um clima excepcionalmente salubre e por isso R. O. Marsh pensa também que essa região pôde ter sido, nos tempos pré-históricos, habitada por uma raça civilizada, sem dúvida aparentada aos atlantes. Os indígenas moradores nas proximidades narram a diversos exploradores que em antigos tempos um poderoso império ali se tinha desenvolvido, estendendo o seu domínio não sòmente às tribos que habitavam o Brasil, mas também àquelas que povoaram as margens do oceano Pacífico. E' incontestável que, sob a pujante vegetação, as ervas, cipós, as orquídeas, as sarças e as árvores que cobrem inteiramente essas terras altas, vê o viandante às vêzes aparecerem vestígios de estabelecimentos pré-históricos, testemunhas derradeiras duma civilização até hoje ignorada. De longe aparecem também, nos rochedos que pendem sôbre as torrentes e que margeiam as cachoeiras, inscrições de caracteres misteriosos, estranhos desenhos, hieróglifos ou ideogramas. Nos restos desmoronados de cidades pré-históricas foram achados objetos de cobre, de bronze, armas, utensílos domésticos e cerâmicas. Os ousados pioneiros que se arriscaram até as regiões desertas do Mato Grosso contam ali terem visto ruínas de grandes metrópoles com as ruas ainda nìtidamente visíveis e os restos de majestosos edifícios

Na opinião de Marsh, as civilizações inca e maia se originaram dêsse império pré-histórico. Êle chega a provar que os povos outrora habitantes do planalto Roosevelt eram versados em astronomia e conheciam principalmente as constelação do zodíaco sob os nomes que ainda conservamos. Êsses nomes que para nós não têm mais sentido, tinham-no e muito profundo. para êsses astronomos pré-históricos. Mais tarde essa terminologia passou para os toltecas, maias, fenícios, sumerianos e emfim chegou até nós. Destarte é às tribos que viviam há milhares e milhares de anos no platô de Roosevelt que seríamos devedores dos primeiros rudimentos da nossa astronomia.

Tive o prazer de em 1923, encontrar no Pará o cônsul geral da França, sr. Lecointe, notável explorador que consagrou dezoito anos de sua vida a estudar a bacia do Amazonas e que escreveu sob o título "A Amazônia" um livro muito interessante dedicado inteiramente a essa curiosa região. Contou-me êle que em suas explorações pelos matagais encontrara enormes discos de pedra divididos em de-

zesseis setores e cobertos de hieróglifos. Cada setor tinha um símbolo particular. Depois de observar as fotografias dêsses discos, que êle denomina em seu livro "pedras solares" penso também que serviam de mesas de cálculo aos astrônomos das regiões da Amazônia pré-histórica. Êsses discos têm alguma semelhança com o célebre "relógio de Montezuma" que se pode apreciar no Museu Nacional do México.

Os principais arqueólogos que percorreram o Mato Grosso são os srs. R. O. Marsh, o general C. Rondon, o dr. Barboza, Bernardo da Silva Ramos, Lecointe, A. Frot. Ramos e Frot descobriram naquele Estado inscrições rupestres em fenício, em egípcio e até em língua sumeriana, assim como textos escritos em caracteres alfabéticos análogos aos empregados antigamente em Creta e Chipre. Certamente são surpreendentes essas descobertas, porém Marsh chegou à conclusão de que o Mato Grosso encerra vestígios duma civilização muito mais antiga que a dos fenícios e cárias. Como já disse anteriormente, as tradições correntes entre os indígenas falam num grande e poderoso império que se estendia em tempos muito afastados, para o oeste e o norte de Mato Grosso e nessas lendas parece haver fundamento. Teria havido uma época na qual, no lugar da grande floresta mato-grossense existia um Estado civilizado. Por motivos ignorados — calamidades públicas, invasões? — a população de Mato Grosso desapareceu, seja por emigração ou extinção. Tudo isso, porém, remonta a um passado muito remoto... e quando os homens partiram ou foram aniquilados, os animais selvagens e os répteis gigantes se instalaram entre as ruínas e a invencível vegetação tropical foi pouco a pouco revestindo todo o país com o seu manto de eterna verdura.

A superfície total do planalto de Roosevelt é avaliada em cêrca de 4.000.000 de quilômetros quadrados; é uma das partes do mundo menos conhecidas, e, a dar crédito aos rumores correntes em seus confins, seriam encontrados ainda hoje em seus rios, em suas florestas, em seus pântanos, alguns dêsses sáurios gigantes há milhões de anos extintos no resto do mundo.

EPÍLOGO

Sem querer insistir mais a respeito da data do cataclismo pré-histórico que destruiu o país dos Atlantes, centro da civilização do mundo antigo e por assim dizer o seu coração, sob o ponto de vista político, tentarei descrever a própria catástrofe. O quadro que vou traçar é evidentemente de pura imaginação, mas talvez possa orientar o leitor a fim de fazer uma idéia da maneira pela qual teria desaparecido a Atlântida.

Viviam os atlantes na felicidade e na abundância, sob a égide do deus Posseidon cujo magnífico templo coroava o cimo duma montanha com três cumes. Na capital superpovoada exerciam os habitantes suas atividades, os sacerdotes e funcionários asseguravam o exercício do culto e o andamento dos negócios públicos do imenso país; crianças e adolescentes enchiam as escolas e universidades e, quando o disco do sol quase no ocaso desaparecia atrás das montanhas, uma animada multidão invadia as ruas da grande metrópole...

No entanto,os astrônomos e magos, que seguiam sem cessar os astros do alto do observatório erguido no monte Posseidon, pareciam preocupados: tinham percebido no céu estranhos fenômenos que começavam a inquietá-los. O encantador planetazinho, único satélite que tôdas as noites iluminava o céu da Atlântida, brilhava desde algum tempo com mais vivo clarão e, quase na mesma ocasião, aparecera no horizonte uma claridade singular. Das províncias do império chegavam notícias de tremores de terra e erupções vulcânicas. O mar estava agitado e as marés atingiam uma extraordinária amplidão. Eram as primeiras conseqüências da aproximação do cometa fatal.

E êle surgiu na noite seguinte, hóspede inesperado, na constelação de Câncer, sob a aparência de um traço luminoso relativamente curto, mas muito brilhante e cujas dimensões aumentavam com rapidez. A população, aglome-

rada nas ruas, nos jardins públicos e praças, admirava o fenômeno com curiosidade, mas observava com igual interêsse uma nova estrêla de fulgor excepcional, que cintilava no céu, não longe de Héspero.

Os sacerdotes permaneciam silenciosos, mas no santuário se desenrolavam contìnuamente misteriosas cerimônias.

Ao terceiro dia transforamara-se o cometa numa larga faixa de incomparável esplendor e sua cauda magnífica, como um grande leque de fogo, encobria já muitas constelações bem conhecidas. O pequeno satélite e a nova estrêla pareciam apagar-se aos poucos. Embora fizesse um tempo calmo e não soprasse vento algum, o oceano se atirava de assalto às praias, ameaçando as tôrres de atalaia, que se erguiam de distância em distância. Ao mesmo tempo a terra começou a tremer, e terríveis convulsões vieram devastar o solo e os arredores da capital. Numerosos vulcões, entrando em erupção, derramavam nos campos torrentes de lava em fusão. Por tôda a parte e até no meio das ruas, surgiam gêisers de água quente e, enquanto lagos secavam, abriam-se nas montanhas outros de água transparente. Do próprio seio do oceano surgiam ilhas, onde crateras menores vomitavam incessantemente lama e água salgada em ebulição. O crepúsculo, acrescido pelas cinzas vulcânicas em suspensão na atmosfera, tomou um aspecto sinistro e inaudito. Ondas eletromagnéticas extremamente poderosas produziam no céu fenômenos análogos às auroras boreais.

Em breve se foram elevando as vozes profundas de todos os vulcões da terra como em aclamação ao pederoso visitante, vindo dos espaços interplanetários...

Notícias alarmantes, entretanto, chegavam das províncias distantes: os chefes locais anunciavam por meio de um telégrafo ótico erupções em vulcões que se julgavam para sempre extintos, os quais lançavam de novo fumo, fogo e lava. Cidades inteiras tinham sido arrasadas pela enchente brusca das águas do mar ou por tremores de terra; campos e culturas devastados pelas chuvas torrenciais e, por tôda a parte, as populações, tomadas de pânico, se refugiavam nos montes... O governador duma província perdida nos confins da América do Sul anunciava que uma cadeia de montanhas inteira acabava de surgir e que essa repentina convulsão destruíra a capital de Tiuanaco e seu pôrto ainda em obras; e, quase ao mesmo tempo, o rei das províncias mediterrâneas enviava um despacho para avisar que o

istmo ibérico acabara de romper e que o seu reino estava sendo invadido pelas águas do oceano. Mas o correio nunca chegou ao destino...

No dia seguinte o cometa alcançara gigantescas dimensões; a sua cauda parecia encobrir metade do céu. A atmosfera carregara-se de eletricidade e muita gente manifestava ressentir os efeitos nocivos das irradiações emitidas pelo núcleo do astro. Logo o céu se encheu de nuvens negras e desencadeou horrível tempestade. Não se ouvia mais o surdo ribombar do trovão, tal era a violência das explosões subterrâneas e vulcânicas, que se sucediam sem interrupção. Correntes de lava isolavam cidades e seus subúrbios. Multiplicavam-se os incêndios e fogueiras, logo, porém, extintos por torrentes dágua, misturadas às cinzas vulcânicas que se derramavam na terra.

Foi então que o desespêro se apossou da população. Cada vez mais alarmantes vinham notícias de tôda a parte do império e dos Estados vassalos. Do interior chegavam sem cessar grupos de campônios que se vinham abrigar ao pé do santuário de Posseidon. Crescia de hora em hora a excitação. Homens exaltados, profetas imrpovisados, iam pelas ruas, incitando a multidão, já prêsa duma loucura coletiva, ao arrependimento; enquanto outros, ao contrário, não mais hesitavam em blasfemar contra os deuses e Posseidon. Via-se gente que se precipitava em delírio de cabeça para baixo nos rios de lava, que caíam das montanhas, e desaparecerem consumidos à vista dos amigos. Ainda outros, escalando as penedias, atiravam-se ao mar, com riso convulsivo. A polícia e as autoridades sentiam-se impotentes ante calamidades tais; gatunos e bandidos invadiam as tavernas e estabelecimentos públicos, grupos de ébrios dançavam defronte às casas em chamas, agrediam os sacerdotes ou injuriavam mulheres, em plena rua.

E apesar de tôda essa desordem, no meio do pânico geral, havia ainda gente que continuava sua vida habitual. Lojas e mercados mantinham-se abertos, os ociosos enchiam os banhos públicos e teatros, e mesmo escolas continuavam a ter freqüência. Parecia que a civilização, em marcha havia milênios, não podia estacar; o ódio e o amor subsistiam, como os grandes móveis da humanidade e o temor do perigo eminente. O irromper de tôdas essas calamidades não conseguia vencer os impulsos humanos. Se por um milagre, tivesse sido possível perguntar aos nossos remotos antepassados quais os pensamentos que lhes inspirara a vista de tantos horrores, é provável que respondes-

sem: "Certamente a desgraça dos tempos é grande, mas tudo passará... as fôrças da natureza, atualmente desencadeadas, acabarão por se aquietar e a vida vai retomar seu curso. Seria prova duma estranha aberração entregar-se ao desespêro e abandonar suas ocupações. Continuemos a enriquecer."

O imperador Noé e sua família, os membros do govêrno e o alto clero tinham embarcado num navio que não esperava senão as ordens supremas para fazer-se de vela em plena tempestade; Noé sempre com a esperança de que findasse o cataclismo, de um momento para outro, retardava a partida... Enfim, não podendo mais se opor às súplicas dos cortesãos desvairados, deu ordem de largar o pano... E' ocioso esclarecer que a população estava na ignorância da partida do soberano e ministros.

Repentinamente, quando o dia ia alto e o céu estava encoberto de negras nuvens, as ruas da capital repletas da multidão de seus habitantes e refugiados, as tavernas regorgitando de ébrios, em meio ao delírio geral, a crosta do planêta foi inteiramente abalada por um choque de inaudita violência. O astro que minutos antes ainda brilhava, luminoso satélite, no céu da nossa terra, acabara por tombar no oceano, tal gigantesco meteorito, além, muito longe para o oeste...

Com êste choque a velha terra teve um sobressalto; ilhas inteiras, partes de continentes, desapareceram imediatamente no fundo dos mares, pois uma vaga gigantesca, produzida pela queda do moteorito, propagando-se com rapidez incrível, lançava suas volutas repetidamente em tôrno da terra, tudo submergindo à sua passagem.

Foi assim que a soberba Posseidônis desapareceu para sempre arrastando consigo para o abismo a magnífica civilização dos atlantes. Palácios, templos, museus e as bibliotecas que encerravam tesouros do saber humano e as crônicas das idades mais remotas, tudo foi em um instante tragado pelas águas espumantes.

E no momento em que as vagas começavam a submergir as tôrres e a cúpula dourada do templo de Posseidon, enquanto o ar ressoava de gritos horríficos dos que viam a morte se aproximar, e que as mães com os filhos ao colo tentavam refugiar-se no declive da montanha de três cumes de Posseidon, o navio de Noé, literalmente coberto de pássaros apavorados, fugia ao furacão e dirigindo-se com a rapidez imposta pela tempestade, para as colônias semibarbaras que os atlantes haviam fundado na longínqua Europa... As nuvens tinham-se afastado por momentos e os passageiros da nave real puderam distinguir no céu soturno o enorme disco resplandescente da lua, o nosso novo satélite, cuja face vagamente humana parecia, como uma divindade estranha e carrancuda, ameaçar o pobre universo pré-histórico com novas calamidades, enquanto no horizonte oposto brilhava ainda o terrível visitante da véspera, o cometa com a sua luminosa coma. Cada vez menor, pois que tinha já transposto o seu periélio, mergulhava êle, obedecendo às ordens do Senhor Supremo, com rapidez prodigiosa nos longínquos limites do sistema solar.

Os milênios foram passando, uns após outros, e a humanidade conservou apenas uma lembrança esmaecida do terrível. cataclismo. Pouco a pouco foi sendo olvidada a própria existêencia dos atlantes e pouco a pouco desapareceram os últimos descendentes da raça poderosa e altamente civilizada, que havia sido soberana no mundo. Longe, nos confins da América Meridional, a floresta virgem retomou lentamente posse dos destroços das metrópoles outrora florentes cujos monumentos cediam às garras do tempo. Com o passar dos séculos as camadas de aluvião, cada vez mais espêssas, vinham recobrí-las com um manto que parecia querer para todo o sempre ocultá-las aos olhares das gerações vindouras. Vastos territórios, em antigos tempos cultivados e povoados, transformaram-se em desertos bravios e desolados. Hoje a parte central do império dos atlantes, a ilha de Posseidon, jaz no fundo do mar, sob as águas azuladas, e seus templos e palácios foram invadidos pelas algas. Animais marinhos de vivas côres evoluem por entre as colunatas de pórfiro e penetram nas vastas salas que ainda abrigam os esqueletos de criaturas que viviam há doze mil anos e pacientemente esperam que os homens do século XX, utilizando suas portentosas invenções, os descubram para coligirem as provas e os últimos testemunhos dessa sombria tragédia das grandes fôrças cosmicas na antiguidade.

O ritmo da vida porém prossegue infatigável; às velhas raças sucedem as novas, instalando-se nos próprios túmulos das precedentes. As terras abandonadas repovoam-se de colonos, descendentes dos bárbaros de outrora; a cadência do machado ressoa de novo nas florestas virgens, e novas cidades surgem do solo até que um dia a picareta dum arqueólogo de mais sorte venha descobrir, sob as construções novas, os vestígios e ruínas das cidades magníficas de outros tempos.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS ANTIGAS:

Santo Agostinho — DE CIVITATE DEI
Didoro da Sicília — HISTÓRIA.
Plutarco — TRATADO DAS MANCHAS DA LUA
Aélio — HISTÓRIA.
Herôdoto — MELPOMENA.
OS VEDAS.
O BAGAVAT-PURANA.

OBRAS INGLÊSAS:

Wishaw — ATLANTIS IN ANDALUCIA.
I. Donnely — ATLANTIS THE ANTEDILUVIAN WORLD.
J. Short — THE NORTH AMERICANS OF ANTIQUITY.
L. Spence — PROBLEM OF ATLANTIS & THE HISTORY OF ATLANTIS.
Lord Kingsborough — THE ANTIQUITIES OF MEXICO.

OBRAS PORTUGUÊSAS:

P. M. Lima — IBEROS E BASCOS — 1902.
Gustavo Barroso — AQUÉM DA ATLÂNTIDA — 1932.
H. Onffroy de Thoron — ANTIGUIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO — (Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará — T. IV — 1925).
C. Costa — AS DUAS AMÉRICAS.
L. Schwennhagen — ANTIGA HISTÓRIA DO BRASIL — 1928
Varnhagen — HISTÓRIA DO BRASIL.
G. Cruls — A AMAZÔNIA QUE EU VI — 1930.

J. Hurley — A AMAZÔNIA CICLÓPICA — 1931.
B. da Silva Ramos — INSCRIÇÕES E TRADIÇÕES DA AMÉRICA PRÉ-HISTÓRICA — 1932.

OBRAS ALEMÃS:

A. Poznansky — DIE OSTERINSEL UND IHRE PRAEHISTORISCHE MONUMENTE.
" " — DIE ALTERTUEMER VON TIHUANACO.
" " — PRAEHISTORISCHE IDEENSCHRIFTEN IN SUEDAMERICA. —
" " — KULTURVORGESCHICHTLICHES UND DIE ASTRONOMISCHE BEDEUTUNG DES GROSSEN SONNENTEMPELS VON TIHUANACO.
" " — DER MENSCH VOR 13.000 JAHREN.

A. Herrmann — DIE ERDKARTE DER URBIBEL — 1931.

OBRAS FRANCÊSAS:

Moreux — L'ÁTLANTIDE A-T-ELLE EXISTÉ? — 1924.
" — OU ALLONS-NOUS?
" — LA SCIENCE MISTÉRIEUSE DES PHARAONS.
Lecointe — L'AMAZONIE.
Berlioux — L'HISTOIRE DES ATLANTES — 1883.
A. Bessmertny — L'ATLANTIDE — 1935.

OBRA ITALIANA:

Genaro D'Amati — I DOCUMENTI ARCHEOLOGICI DELL' ATLANTIDE E LA LORO RIPERCUSSIONE NEL CAMPO DEL SAPERE — 1924.

OBRAS ESPANHOLAS:

M. Triana — LA CIVILIZACIÓN CHIBCHA.
Herera — DÉCADAS.
L. Thayer Ojeda — CUESTIONES RELACIONADAS CON LA HYPOTESIS DE LA FORMACIÓN DEL MEDITERRANEO — 1919.
" " " — LA GEOGRAFIA MEDITERRANEA — 1929
" " " — LA CRONOLOGIA MITOLOGICA.
" " " — LA PREHISTORIA DE ESPAÑA A TRAVES DE LOS MITOS — 1932.

L. Thayer Ojeda — CUESTIONES RELACIONADAS CON LA HY
" " — RAZAS Y MONUMENTOS PREHISTORICOS DEL ALTIPLANICIE ANDINO.
" " — MONUMENTOS PHERISTORICOS DE TIHUANACO.
" " — TIHUANACO.
" " — BREVES REFLEXIONES SOBRE EL ORIGEM DE LOS INCAS.
" " — EL SIGNO ESCALONADO.
" " — UNA METROPOLI PREHISTORICA EN LA AMERICA DEL SUR.
" " — EL GRAN TEMPLO DEL SOL EN LOS ANDES
" " — LA EDAD DEL GENERO HUMANO.
" " — UNA CIUDAD PREHISTORICA EN EL BENI
" " — LOS URUS.
" " — Y ASI HABLA LA ESFINGE INDIANA.
C. R. Markham — LOS INCAS DEL PERU.
A. Mediz Bolio — LIBRO DE CHILAM BALAM DE CHUMAYEL 1930.
E. Vilamil de Rada — ANALOGIAS FILOLOGICAS.
Dr. Chil — OBRAS SOBRE LAS ISLAS CANARIAS.
N. R. Colman — NANDE IPE CUERA — 1929.

TÁBUAS DAS MATÉRIAS

PREFÁCIO 5

CAPÍTULO I

Os diálogos de Platão. Hipóteses acêrca da Atlântida manifestadas durante a Idade Média e nos tempos modernos. A Civilização atlanteana. A África do Norte. Antigas civilizações da América e do Mar Mediterrâneo. O que sabemos da ação dos atlantes. Ideogramas e hieróglifos. O Códex Troano e a pirâmide de Xoxicalco. Os iniciadores da América. Quetzal-Coatl. O culto de Tlaloc. Manco-Capac. Bochica. A civilazação dos Chibchas. Alusões à Atlântida. O Códex Popol-Vu. As tradições venezuelanas. Os negros da América pré-histórica. A misteriosa tribo dos Saramacas. Os documentos-Indus. O relato de Timágenos sôbre os gauleses. O Livro dos Mortos. O testemunho dos autores clássicos. A narração de Teopompo. Expedição ultramarina de antanho. Chegada de um grupo de índios à Europa no ano 62 da nossa era. As conjeturas de L. S. Schwennhagen e de E. Onffroy de Thoron. A narração de Platão. O que diz o filósofo grego da cidade da Posseidônis. 13

CAPÍTULO II

As hipóteses de A. Schulten e de Berlioux. As descobertas do Dr. Herrmann. A descoberta do professor Baudouin. As provas a favor da narração de Platão. A origem do âmbar. A Lemúria. As investigações de Stanley Gardiner. A teoria de Wegener. A teoria das pontes. As migrações dos lemingues. 53

CAPÍTULO III

Os argumentos fornecidos pela sismologia. Os argumentos tirados da batimetria. As conjeturas de C. Bilau. Os argumentos tirados da biologia. A reprodução das enguias. O problema da banana. 73

CAPÍTULO IV

As catástrofes mundiais. A aparição de novas estrêlas. Os choques dos corpos celestes. Os aerólitos. O meteoro gigantesco caído na Sibéria em 1908. A aproximação de Antero. O lugar da lua no folclore dos diversos povos. Os mitos de Faetonte e de Tifon. O dilúvio de ógiges. As contradições da cronologia. A nutação. Os mamutes siberianos. Os cemitérios de elefantes. A formação da Austrália. A hipótese de Carli. A terra há 12.000 anos passados. Os êxodos atlanteanos. 01

CAPÍTULO V

A teoria de Adhémar. Os períodos glaciários. O dilúvio Universal. As lendas sumerianas e as descobertas arqueológicas. Hipóteses e teorias relativas ao dilúvio. A formação do estreito de Gibraltar. O monumento de Tarragona. A lenda de Hércules. Suas viagens para o Ocidente. As causas do dilúvio de ógiges. As investigações sôbre o Mediterrâneo de L. Thayer Ojeda. . . 123

CAPÍTULO VI

De onde vem a civilização dos árias. Os fenícios. As suas viagens distantes. As suas colônias na América. As descobertas nos Açores. Os Guanches. A inscrição da Gávea. Os petróglifos da América do Sul. As descobertas de A. Frot. A ilha das Sete Cidades. 149

CAPÍTULO VII

Os cárias. A lenda de Car. O culto de Pan e de Cibele. As expedições dos cárias. O que resta na América. O culto de Tupã. A origem dos tupis e dos guaranis. Algumas palavras de lingüística. Os Jônios, os Cárias e os Troianos. A pré-história dos guaranis. A descoberta do Dr. Colman. Hieróglifos egípcios na América do Sul. 169

CAPÍTULO VIII

Etruscos e Pelasgos. Gauleses e Celtas. A teoria de Lewis Spence. Bascos e Japonêses. 187

CAPÍTULO IX

As origens da civilização egípcia. Atlantes e Etíopes. As opiniões dos antigos sôbre a Etiópia. A esfinge de Argoba. A origem americana dos pré-egípcios. Os hieróglifos. A descoberta de Champollion. As investigações do professor F. Reck. Os hieróglifos da América do Sul. As migrações dos pré-egípcios. A África do Norte na pré-história. As descobertas do professor L. Frobenius e do conde de Prorok. Os afrescos do Dierat. Os garamantes. 197

CAPÍTULO X

Os Semitas e suas migrações pré-históricas. Caim e Abel. As excavações da Palestina. A origem dos Árabes. Moisés e a Gênesis. O Livro de Enoc. A influência de Babilônia. A influência do Egito. A localização do Paraíso. A lenda do Paraíso terrestre na Idade Média. As teorias de A. Hermann. Lendas relativas aos gigantes. O mito Asteca sôbre a criação do sol e da lua. 219

CAPÍTULO XI

A grande pirâmide do Egito. Sua significação. As profecias que encerra. Sua mística. De quando data ela? A ciência dos seus construtores. 241

CAPÍTULO XII

A cidade de Teotiuacã. As pirâmides americanas. O Iucatã e os Maias. A influência da índia. As descobertas na República do Salvador. O livro de Xilam Balam. Descrição de uma catástrofe. 253

CAPÍTULO XIII

As excavações na República do Equador. A coleção Franco. Uma civilização com 20.000 anos. Os monumentos de Tiuanaco. A destruição de edifícios com 13.000 anos de idade. A Suástica americana. As ruínas de Cusco. Os estudos de C. Bilau. A pedra de Chavin. A teoria de G. Hurley. O Amazonas nos tempos pré-históricos. O Mato Grosso, seus mistérios, suas ruínas. A descoberta de Lecointe. 271

EPÍLOGO

Como desapareceu a Atlântida. Tentativa de reconstituição da catástrofe 287

BIBLIOGRAFIA 295

250